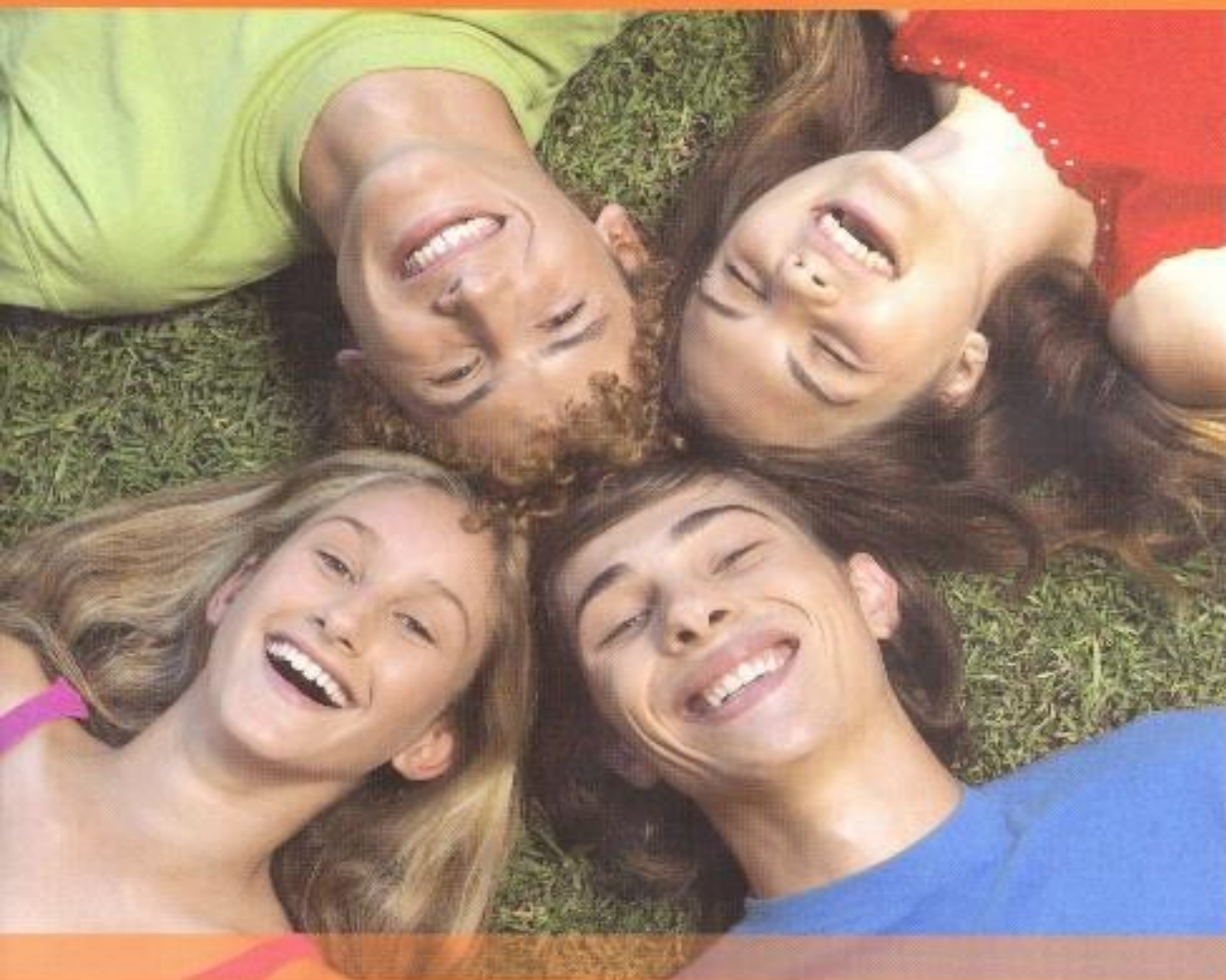


8

# SOMOS+



*guia do catequista*

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

# SOMOS+

## CATEQUESE DA ADOLESCENCIA

A Comissão Episcopal da Educação Cristã, por delegação da Conferência Episcopal Portuguesa, publica o Catecismo "SOMOS +", correspondente ao 8º ano do Programa de Catequese da Infância e Adolescência.

*Lisboa, 09 de Julho de 2007*



Bispo Auxiliar de Lisboa

Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

## SIGLAS

- ATV *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual* (2005)
- CIC *Catecismo da Igreja Católica*, 1993
- CT *Catechesi Tradendae*, exortação apostólica de João Paulo II, 1979
- DCE *Deus Caritas Est*, carta encíclica de Bento XVI, Natal do Senhor, 2005.
- DH *Dignitatis Humanae*, exortação apostólica de Paulo VI, 1965.
- DGC *Directório Geral de Catequese*, 1997
- DV *Dei Verbum*, constituição conciliar, Concílio Ecuménico Vaticano II.
- EEu *Ecclæsia de Eucharistia*, carta encíclica de João Paulo II, 2003.
- EN *Evangelii Nuntiandi*, exortação apostólica de Paulo VI, 1975
- GS *Gaudium et Spes*, Concílio Ecuménico Vaticano II
- LG *Lumen Gentium*, Concílio Ecuménico Vaticano II
- NMI *Novo Millenio Ineunte*, carta encíclica de João Paulo II, 2001
- RH *Redemptor Hominis*, carta encíclica de João Paulo II, 1979
- SRS *Sollicitudo Rei Socialis*, carta apostólica de João Paulo II, 1987.
- VS *Veritatis Splendor*, carta encíclica de João Paulo II, 1993

*Assim, a catequese, como consequência da fidelidade a Deus, deve manter também uma atenção constante ao ser humano; auscultando "as suas experiências mais profundas" (DGC 78); deve respeitar a mensagem e a pessoa concreta "por uma diligente adaptação" (DGC 112) e, num esforço constante de inculturação que respeite a integridade da fé, deve tornar o Evangelho "acontecimento verdadeiramente significativo para a pessoa humana" (DGC 97).*

(ATV - Orientações 6)

# ITINERÁRIO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (6-16 ANOS)

## INFÂNCIA

### I ETAPA – Inserção na comunidade

1º Ano	JESUS GOSTA DE MIM	Festa do Acolhimento
2º Ano	ENSINA-NOS A REZAR	Festa do Pai-Nosso
3º Ano	EM TI, VIVEMOS	Festa da Eucaristia

### II ETAPA – A vida da fé

4º Ano	AO ENCONTRO... de JESUS	Entrega da Bíblia
5º Ano	À DESCOBERTA... do PAI	Entrega do Credo
6º Ano	NA FORÇA... do ESPÍRITO	Festa da Fé

## ADOLESCÊNCIA

### III ETAPA – Sentido cristão da vida

7º Ano	PROJECTO MAIS	Bem-aventuranças
8º Ano	SOMOS MAIS	Festa da Vida

### IV ETAPA – Compromisso cristão

9º Ano	O DESAFIO DE VIVER	Celebração de Compromisso
10º Ano	A ALEGRIA DE CRER	Festa do Envio

## **DEZ ANOS DE CATEQUESE – QUATRO ETAPAS**

O Programa de Catequese da Infância e Adolescência foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em Abril de 1988. A mesma Conferência Episcopal aprovou a renovação deste Programa, que procura ter como grande referência o Catecismo da Igreja Católica, em Abril de 2005. Em Junho do mesmo ano, publica o documento com o título: *“Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual”*, que apresenta a fundamentação teológica, catequética e pastoral do itinerário de 10 anos, tal como é apresentado nos catecismos publicados no ano de 2005 e seguintes. Assim, pode-se dizer dos 10 Catecismos (e respectivos guias) que apresentam “a fé da Igreja que nos gloriamos de professar”. A docilidade a este programa é, pois, um concreto sinal de autêntica comunhão eclesial.

### **1ª Etapa – Inserção na Comunidade**

É uma fase de acolhimento por parte de toda a Comunidade Cristã, que visa a progressiva inserção na vida da fé da Igreja.

### **2ª Etapa – A vida da fé**

Esta etapa é dedicada à primeira síntese da fé cristã. Ser cristão é seguir Jesus e viver à maneira da comunhão trinitária.

### **3ª Etapa – O sentido cristão da vida**

É uma fase de descoberta de Jesus Cristo como o amigo, a grande referência para o sentido da vida e para a resolução das grandes questões existenciais.

### **4ª Etapa – O Compromisso cristão**

Esta última etapa do itinerário de dez anos quer ajudar os adolescentes a realizarem o seu compromisso comunitário e eclesial. Tem ainda em conta a necessidade de uma nova síntese da fé, agora no horizonte adolescente e juvenil.

# INTRODUÇÃO

## SENTIDO CRISTÃO DA VIDA

### I. O QUE É A CATEQUESE

A catequese é uma acção eclesial, é a Igreja no seu todo que faz a catequese, cumprindo a sua missão de ser continuadora da missão de Jesus Cristo: levar a Boa Nova a todos os povos. A Igreja, animada pelo Espírito Santo, conserva no seu coração, anuncia, celebra, vive e transmite o Evangelho através da catequese (cf DV 8).

A comunidade eclesial é a *origem* porque o catequista não actua em nome próprio, mas em nome da comunidade cristã e, por isso, em nome de toda a Igreja (cf EN 60). O catequista pode e deve dizer como São Paulo: "Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi" (1Cr 15,3). Este anúncio não pode prescindir da família, do ambiente em que o catequizando vive. Quando falamos em família – como principal transmissora da fé – referimo-nos à família cristã que "tem uma função primária, porque nela se pode realizar o anúncio da fé num clima de acolhimento e de amor, que, melhor do que qualquer outro, confirma a autenticidade da Palavra" (DGC 188). Contudo é preciso ter em conta que muitas famílias não são cristãs, no sentido de que são incapazes de transmitir a fé, por variadíssimas razões. Aqui, o catequizando há-de ser acolhido por uma comunidade cristã, onde encontre um clima fraterno e acolhedor, que lhe faça ver a alegria de ser cristão, capaz de lhe suscitar o desejo de seguir Jesus Cristo. O grupo de catequese, como grupo primário, é uma boa porta de entrada na família paroquial.

A comunidade é o *âmbito* ou *lugar* normal da catequese. É como o seio materno onde se gera o homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos de Iniciação cristã. O testemunho da comunidade é fundamental: a catequese transmite com mais facilidade aquelas realidades e vivências que realmente existem na comunidade.

A *meta* da catequese é também a comunidade, pois é esta que acolhe os que são iniciados na fé. A catequese correria o risco de se esterilizar se não houvesse uma comunidade viva que acolhesse cada catequizando. Por isso, a comunidade é duplamente responsável: tem a responsabilidade de catequizar cada um dos seus membros; e também de os acolher, de modo a que possam viver o mais plenamente unidos Àquele a quem aderiram (cf CT 24). Por último, é a catequese que renova a comunidade, pois através da Iniciação cristã a Igreja

gera filhos no Filho e conduz à maturidade da fé tanto das comunidades como de cada fiel (cf DGC 21).

Depois do acima dito torna-se claro que a catequese, se quer cumprir os seus objectivos, tem de introduzir o catequizando na vida da comunidade, fazendo dela a sua comunidade de referência.

### **Finalidade da catequese**

O objectivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão e intimidade com Jesus Cristo (cf CT 5). Pela sua própria natureza, "a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus seu Pai, que O enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, Seus irmãos e irmãs, de cuja sorte quis partilhar" (DGC 81).

A comunidade, família de famílias, tem um lugar de destaque, pois são precisas comunidades que mostrem a fé em que acreditam e acolham aqueles que querem aderir a Cristo. A vida litúrgica e de comunhão, o testemunho alegre e o acolhimento caloroso, são expressões de comunidades missionárias que convocam à fé e geram espaços de acolhimento para aqueles que querem aderir ao Reino de Deus.

### **Tarefas da Catequese**

Para que a pessoa se realize, precisa de encontrar um horizonte de sentido. Trata-se de descobrir a dimensão mais profunda da pessoa, aí, onde se descobre como que uma abertura ao infinito. Dizer que a pessoa sai de si, é dizer que a pessoa é um ser de relações: ser que se questiona; que reflecte; e que procura a sua origem e o seu fim, para se realizar como pessoa. Nós, crentes, sabemos que só em Cristo se pode encontrar a realização plena.

Para conseguir este objectivo, a catequese deve seguir o modo como Jesus formava os seus discípulos, realizando estas tarefas fundamentais: conhecer as dimensões do Reino, ensinar a orar, transmitir atitudes evangélicas e iniciar à missão (cf DGC 82-87).

A catequese é responsável por educar nas diversas dimensões da fé: a fé professada, a fé celebrada, a fé vivida, e a fé rezada; tudo inserido numa comunidade e com sentido missionário. Neste processo de educação da fé, há intervenientes que têm um lugar de destaque. São eles a família e a comunidade cristã.

**O conhecimento da fé:** a catequese deve conduzir à apreensão de toda a verdade do desígnio salvífico de Cristo. A compreensão da Sagrada Escritura, do Credo e demais documentos da fé da Igreja expressa e realiza esta tarefa.

**A educação litúrgica:** a comunhão com Jesus Cristo leva à celebração da Sua presença nos sacramentos, pelo que a catequese "além de favorecer o conhecimento do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo 'para a oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces confiantes, para o sentido comunitário,

para a percepção justa do significado dos símbolos...', uma vez que tudo é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica"(DGC 85).

**A formação moral:** A conversão a Jesus Cristo tem como consequência que o discípulo siga o caminho do Mestre. A catequese deve favorecer uma educação que propicie ao catequizando atitudes próprias do cristão, que lhe transmita a vida em Cristo, concretizada em atitudes e opções morais.

**Ensinar a rezar:** A comunhão com Jesus Cristo leva a que os seus discípulos assumam o carácter orante e contemplativo do Mestre, conseguindo, deste modo, que a vida cristã seja vivida em profundidade. Aprender de Jesus a sua atitude orante "é rezar com os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da Sua glória"(DGC 85).

**Educar para a vida comunitária:** A educação para a vida comunitária implica que o catequizando tenha condições para se ir envolvendo de uma forma progressiva na vida da comunidade, assumindo responsabilidades e comprometendo-se com esta. Para isso, a catequese deve fomentar atitudes próprias (cf DGC 86).

**A iniciação para a missão:** Só se adquire a maturidade da fé quando se tem capacidade e necessidade de testemunhar essa mesma fé, nas diversas circunstâncias da vida. A catequese, ao educar para o sentido missionário, capacita os discípulos para a sua missão na sociedade, na vida profissional, cultural e social.

## II. O SENTIDO DA VIDA NA ADOLESCÊNCIA

De acordo com o documento da Conferência Episcopal Portuguesa "*Para que acreditem e tenham vida - Orientações para a catequese actual*", a terceira etapa do itinerário da catequese da infância e adolescência está centrada no "**sentido da vida**" (cf ATV - Orientações 6). Assim, o 7º e o 8º anos do itinerário visam ajudar o pré-adolescente na sua busca de sentido para a vida. Se é verdade que "o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente" (GS 22), do mesmo modo, o ser humano, no início da adolescência, precisa urgentemente da luz do Evangelho para poder interpretar e integrar a nova situação de mudança que brota do próprio crescimento.

Em que consiste o **sentido da vida**?

Na grande parte dos casos, o pré-adolescente dos nossos grupos de catequese está a fazer uma caminhada na estruturação e maturação da fé. Os últimos anos da infância permitiram aprofundar a iniciação cristã, pelo desenvolvimento da fé e celebração dos sacramentos. Pode haver, entretanto, casos em que alguém tenha iniciado a catequese



mais tardiamente, pelo que é preciso dar atenção ao caminho próprio de cada um, não esquecendo nunca a dimensão fundamental da conversão.

De um modo geral, o homem é um ser que se interroga, que constantemente formula os seus “porquês” e “para quês”. O ser humano constantemente procura descobrir o sentido do existir e do peregrinar sobre a terra.

O pré-adolescente, mesmo a realizar uma caminhada de fé, não foge a esta regra. Pelo contrário, somam-se ainda as questões típicas da idade, em que se reconhece numa etapa diferente em relação à infância, mas ainda longe da maturidade do adulto. Por isso se questiona a si mesmo e aos que o rodeiam.

Por essa razão, a catequese, se por um lado continua o mesmo caminho de iniciação cristã, por outro tem em conta as transformações físicas e psíquicas que o adolescente está a viver, na dupla fidelidade a Deus e ao ser humano.

### **O sentido cristão da vida**

Essa atenção constante ao catequizando tem em conta as experiências de âmbito psicológico, mas sem esquecer o contexto cultural em que se desenvolvem essas experiências. Na catequese, procuramos ler criticamente a cultura, para realçarmos os valores e apontarmos os contra-valores, em espírito de verdadeiro discernimento. O cristão tem uma atitude construtiva perante a cultura, mas sem deixar de exercer o discernimento crítico que lhe vem do Evangelho, tendo em conta um “esforço constante de **inculturação** que respeite a integridade da fé” (ATV-Orientações 6).

Nesta fase, valoriza-se a ânsia de mudar o mundo e de transformar a sociedade. Esse foi também o projecto de Jesus, presente nas bem-aventuranças, que os cristãos são hoje convidados a viver. “É forte e impetuoso, em muitos jovens, o impulso para a procura de sentido, para a solidariedade, para o empenhamento social, para uma experiência religiosa pessoal” (DGC 182).

No 2º ano desta etapa (8º ano), o diálogo é apresentado como condição de relação com os outros e procura-se que o adolescente seja capaz de ver o mundo que o rodeia com olhos de fé.

Como é que a fé cristã ajuda na busca do sentido para a vida? Como diz o Concílio Vaticano II, “o homem sempre desejará saber, ao menos confusamente, qual é o significado da sua vida, da sua actividade e da sua morte. E a própria presença da Igreja lhe traz à mente estes problemas. Mas só Deus que criou o homem à sua imagem e o remiu, dá plena resposta a estas perguntas, pela revelação em Cristo, seu Filho feito homem. Aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se mais homem” (GS 41).

Como vemos, a especificidade da fé cristã está em que não apenas considera as perguntas, mas coloca-as com profundidade e ajuda a encontrar as respostas, respostas essas que

nos vêm da luz da revelação, da comunicação que Deus faz de si mesmo, por sua iniciativa de amor.

### **A procura adolescente do sentido da vida**

Em suma, pode-se dizer que, no programa da adolescência, se parte das interrogações tipicamente adolescentes, para, num segundo momento, chegar às questões existenciais mais profundas, equacionando-as numa perspectiva cristã.

É assim que algumas catequesees podem ser vistas quase como uma introdução à antropologia cristã e também à eclesiologia.

O cristão não enfrenta as interrogações da vida de forma individualista, mas em comunidade, ligado aos outros, em grupo, na paróquia, sentindo-se Igreja de Jesus Cristo.

Muito importante será realizar tudo isto sem perder de vista que caminhamos com pré-adolescentes, usamos a sua linguagem. Ao mesmo tempo, procura-se uma ponte para a linguagem da fé cristã, propõe-se experiências que despertem abertura para o mistério, indicam-se actividades ajustadas à idade, rezamos de uma forma adaptada. Numa palavra, colocamo-nos no seu lugar como companheiros de viagem, embora sabendo que nos cabe a função de guias e irmãos mais velhos.

## **III. DESTINATÁRIOS**

### **3.1. Sobre a adolescência**

A característica central do desenvolvimento da religiosidade na adolescência está associada às mudanças psicológicas, profundas e globais, que o sujeito sofre nesta etapa, e às diferenças de postura face ao facto religioso no contexto social, isto é, ao confronto entre a crença desenvolvida durante a infância e a prática religiosa. Associa-se frequentemente a adolescência à ideia de **crise desenvolvimental**, mas aquilo que se observa, na maior parte dos casos, é um conjunto de mudanças súbitas e profundas que ocasionam uma experiência de transição e acesso à vida adulta.

O despertar da sexualidade genital tem alguma importância. Gera angustia, provocada pela transformação do corpo e pelo desejo sexual, o que influencia a estrutura do carácter. Alguns adolescentes tendem a evidenciar mecanismos de defesa do Eu, como seja a repressão<sup>1</sup> desses sentimentos ou a sua sublimação,<sup>2</sup> através de actividades que lhe parecem socialmente mais aceitáveis, como a prática insistente de um desporto

<sup>1</sup> Repressão: defesa automática e inconsciente pela qual o eu rejeita (recalca) uma motivação, emoção, ou ideia, penosa ou perigosa,, movido pela angustia e/ou vergonha que provocam.

<sup>2</sup> Sublimação: defesa do eu, em que as pulsões pré-genitais são integradas na personalidade, graças à substituição dos seus fins e dos seus objectivos primitivos por fins e objectivos que representam um valor social positivo.

ou um investimento exagerado nos estudos. Outros, atribuem uma importância excessiva a essa dimensão da personalidade, incentivados pela crescente erotização social dos comportamentos.

A adolescência, talvez mais do que outras etapas da vida, sofre uma razoável influência social e cultural, que determinam ou, pelo menos, configuram, as suas características e a sua duração, pois o adolescente é confrontado com exigências diversas na assunção do papel social de adulto, de acordo com as práticas do seu grupo social. Além disso, os estereótipos veiculados pelos meios de comunicação social, o prolongamento da escolarização, o desemprego e a acrescida dependência face à família, também colaboram no desenvolvimento adolescente. O Directório Geral da Catequese reconhece que "tudo isso contribui para a definição do mundo da juventude como o mundo da expectativa e, muitas vezes, o mundo do desencanto, do tédio e até mesmo da angústia e da marginalização. O distanciamento da Igreja, ou, pelo menos, uma atitude de desconfiança em relação a ela, é em muitos jovens um comportamento de fundo. A causa disto é, com frequência, a carência do amparo espiritual e moral das famílias e as fraquezas da catequese recebida."<sup>3</sup>

Esta é uma idade marcada pela tendência para a passagem ao acto, a impulsividade e a probabilidade de aigum, episódico, descontrolo emocional, proporcionado, mais do que pelas alterações hormonais, pela instabilidade da sua vida, os desafios ainda por ultrapassar e o futuro adiado. Nuclear na resolução destes conflitos é a **construção da identidade**: escolha do papel social e desenvolvimento vocacional. Desta dependem a capacidade para tomar decisões estáveis e de constituir uma família. A necessidade de reestruturar os laços com a família de origem (luto e perda da infância, construção de uma relação de equidade, assumir postura crítica face ao Eu infantil) é central e daí a importância do grupo de pares – os amigos – como a nova referência e, às vezes, a nova família psicológica.

### **3.2. A fase inicial da adolescência (12-14 anos)**

Alguns autores consideram que o maior impacto na adolescência é o acesso às operações formais, com radical alteração do funcionamento intelectual: abstracção, raciocínio hipotético-dedutivo. O adolescente adquire a possibilidade de perspectivar a realidade e o possível de um modo muito mais amplo que anteriormente, descobrindo, por isso, como o mundo social e cultural está cheio de possibilidades e de uma imensa diversidade de perspectivas, às vezes contrárias e conflituosas. Assumir o facto da realidade ser diversa e oferecer grande número de opções, algumas delas contraditórias, constitui um desafio essencial no desenho de um projecto pessoal de vida. Trata-se de fazer uma escolha profissional, autonomizar-se dos pais, definir modelos adultos de

---

<sup>3</sup> DGC 182.

conduta sexual, desenvolver uma escala de valores individual e dar um sentido de direcionalidade à sua vida.

Todo este processo é acompanhado de um desenvolvimento cognitivo em que os interesses intelectuais são crescentes e progressivamente mais abstractos. O adolescente aperfeiçoa o seu espírito crítico, racional e discute, exigindo necessidade de segurança doutrinal, como base para os primeiros esforços de criar uma opinião própria sobre as diversas realidades que vai descobrindo, assim como das já conhecidas mas que, entretanto, ganharam uma nova perspectiva. Esta fase é igualmente a do início do sentido histórico, associado ao reconhecimento de que “se teve uma infância” e, que agora, se fará uma aproximação à escolha vocacional e à construção da identidade.

Também é uma etapa imaginativa e o devaneio é um mecanismo natural e eficiente de projecção no futuro e de experiência da personalidade. A par destas experiências “virtuais”, desperta o sentido de emancipação e liberdade. Assim, observa-se uma certa crise de independência, de afirmação da personalidade, marcada por alguma contração em si: desejo de solidão e egoísmo protector. Paralelamente, redescobrem-se as amizades e o valor da amizade e dos amigos como novo grupo de referência, com os quais se ensaia a procura da fidelidade (a si e aos outros) como virtude básica do eu em construção. Este processo torna os heróis atractivos, como projecção das suas ideias sobre o que é a vida adulta.

Sob o ponto de vista sexual, a puberdade constitui, de facto, a etapa do deflagrar da maturação sexual, evidenciada no aparecimento dos caracteres sexuais secundários, mas a adolescência é um fenómeno de ordem psicológica essencialmente desencadeado por mecanismos de ordem social e cultural. Assim, não é a dimensão fisiológica do acesso à sexualidade activa que afecta o adolescente, mas a perspectiva simbólica que essa mudança física oferece. A percepção de que se pode ser sexualmente activo e a evidência progressiva de que se tem desejo sexual é acompanhado e integrado pelas mudanças que ocorrem, também, a nível moral. Assim, observa-se uma necessidade de liberdade e emancipação que radica em novos valores: a procura de interesses e modelos extra-familiares e a exploração de novas possibilidades de acção e de pensamento, que não são estranhos alguma necessidade de luto pelos laços que os uniam aos pais e que agora devem mudar e ajustar-se. Um certo moralismo aflora, com tendência para julgamentos intransigentes face a pessoas e acontecimentos e é possível que, pelo menos episodicamente, surjam alguns sinais exteriores de originalidade, em consequência da necessidade de afirmação pessoal.

### 3.2.1. Desenvolvimento Religioso

O Directório Geral da Catequese salienta que “é preciso observar que a crise espiritual e cultural que oprime o mundo faz as suas primeiras vítimas nas gerações mais jovens. Também é verdade que o empenhamento em favor de uma sociedade melhor encontra nelas as suas melhores esperanças.”<sup>4</sup>, destacando a importância da catequese para estas idades, e de como esta implica coragem e criatividade. E “Se, por um lado, a Igreja vê os jovens como «esperança», por outro, também os sente hoje como «um grande desafio para o futuro da própria Igreja»<sup>5</sup>.” Mas acrescenta que “Por outro lado, é forte e impetuoso, em muitos jovens, o impulso para a procura de sentido, para a solidariedade, para o empenhamento social, para uma experiência religiosa pessoal.”<sup>6</sup>

Esta é a primeira **Fase de Personalização da Fé**. Ao adolescente coloca-se-lhe o problema do destino, agora que tomou consciência de que tem um futuro pela frente e de que deve organizar-se para o encarar e construir. Este processo raramente acontece sem que surjam algumas dúvidas de fé. A tendência para a culpabilidade, associada ao desenvolvimento sexual, questiona a sua consciência, pressionada no sentido de “pensar pela sua cabeça” e responsabilizar-se pelos seus actos, porque “já não é criança”. É nestes termos que aflora uma recusa da doutrinação imposta e, nas questões que coloca, a necessidade de credibilidade e justificação das fontes de informação, pais, professores e catequistas.

A oração permanece instrumental, procurando apoio de Deus para as tensões quotidianas. Quanto ao **pensamento religioso**, verifica-se que o conceito de Deus é produto da assimilação das noções religiosas e purificação dos restos infantis pela capacidade crescente de abstracção, progredindo para uma capacidade de abordar Deus pessoalmente. A dimensão espiritual de Deus adquire toda a sua transcendência, sem abandono da proximidade e relação interpessoal anterior. Há progressão de uma representação com símbolos culturais ou pessoais para uma mais abstracta e espiritual.

Deus tem uma esfera própria de acção, isto é, nesta idade verifica-se uma quebra no antropomorfismo presente na infância e Deus é concebido como “alguém”, real, diferente do ser humano, mas próximo e com o qual é possível comunicar. Quando há representações antropomórficas nesta fase, tal implica uma conceptualização de Deus infantil, descritiva, convencional e simbolicamente pobre. A pobreza no desenvolvimento do conceito de Deus é sinal de uma futura estruturação religiosa em torno da indiferença.

---

<sup>4</sup> DGC 181.

<sup>5</sup> DGC 182, GE 2, Ch L 46.

<sup>6</sup> DGC 182.

A representação de Deus pode apresentar modalidades diversas, conforme o maior ou menor desenvolvimento do adolescente: um Deus da criação, causa primeira de tudo quanto existe, cósmico, longínquo e sem relação pessoal e que não tem implicação ética na vida do adolescente; um Deus do homem, de relação pessoal, participante, que dá sentido à vida, revestido de afecto, mas que nem sempre tem implicação ética, pois pode ser um refúgio; e um Deus da revelação, com traços específicos do cristianismo, cristocêntrico e de implicação ética. Este último constitui a perspectiva mais estável e prometedora de um amadurecimento da fé.

Quanto às atitudes religiosas, verifica-se que a personalização religiosa é tanto uma tomada de posição face à afirmação de Deus como à sua não existência (crença, indiferença ou agnosticismo), mas esta deve ser tomada com seriedade, pois a auto-definição **religiosa é a característica central da religiosidade adolescente**. Promove uma síntese pessoal e coerente.

A tomada de consciência da diversidade de discursos interpretativos da realidade (religioso, científico, racional), desperta a **dúvida** mas também promove a sua resolução. Aos onze, doze anos, já há sinais, inconscientes, normalmente face a um único aspecto, de ordem ética, doutrinária ou eclesial. Aos catorze anos, a dúvida já é global: o adolescente é pressionado a questionar a sua escolha de fé ao observar a contradição entre o discurso intelectual e escolar, e o religioso (visto como ingénuo e não científico). A dúvida de fé também pode ter origem afectiva: lonjura ou ausência de Deus, não sentido, não presente, que ocorre em adolescentes que nunca tiveram uma experiência de Deus, este presente na sua vida apenas a nível conceptual. A crise de fé tem essencialmente três características: consciência da disfuncionalidade da religiosidade infantil; contraste entre a crença e o pluralismo cultural; ritualismo da prática religiosa, em confronto com as experiências actuais, mais emotivas e afectivas. Também há adolescentes que partem para a personalização da fé através de um idealismo utópico, mas acompanhado de um óbvia incoerência moral.

### 3.2.2. As necessidades da Educação da Fé

Esta é, claramente, a etapa da **Catequese da Personalização**, marcada pela primeira grande escolha de atitude e tomada de posição perante a fé. Ser ou não ser crente faz parte do conjunto de escolhas, tendentes à construção da identidade, que o adolescente deve fazer. Do ponto de vista religioso, trata-se de **pôr o Senhor no centro da existência humana**, numa etapa desenvolvimental em que tudo são escolhas pessoais. A capacidade do adolescente conseguir uma personalização da religião está associada à maior ou menor sensibilidade face à amizade com Deus. Os mandamentos, porque codificam a atitude moral da escolha de fé, deve ser trabalhados como meios de libertação face ao imediato e às exigências sociais, frequentemente vistas, pelo adolescente, como cínicas ou desajustadas. Não será uma novidade,

mas o êxito educativo desta etapa centra-se muito na pedagogia do testemunho, pois que se trata de uma fase da vida particularmente carente de modelos e sensível à descoberta das atitudes heróicas e exemplares. Pela necessidade de descobrir e de se confrontar com a realidade, exige também uma pedagogia activa e participada, mas sem esquecer a importância do rigor conceptual e a coerência de atitudes no educador.

O objectivo da Personalização da Fé é conseguir uma **escolha estável e pessoal da crença religiosa**, pelo que é essencial apoiar a formação religiosa na experiência pessoal, ajudando os adolescentes a interpretar os acontecimentos e experiências com uma grelha de leitura cristã. Neste procedimento pedagógico inclui-se a necessidade de promover a adopção de atitudes cristãs de vida, fruto dessa adesão pessoal. Partir da experiência dos catequizandos significará valorizar, como ponto de partida, a vida em casa e na escola, ambientes que constituem os seus universos de referência.

O educador deverá observar o percurso de cada um e fomentar, com delicadeza e energia, as etapas da maturação:

- 1) a experiência geral de crescimento e mudança;
- 2) a experiência de procura e construção da identidade;
- 3) a experiência de procura de identidade vivida na relação com os outros e com o mundo;
- 4) a experiência de procura da própria identidade cristã.

Esta última meta de crescimento não será alcançada sem as restantes. Ignorá-las significa disponibilizar o adolescente para um adiamento da escolha religiosa, ou seja, para a adopção de uma atitude de indiferença.

Como o pensamento formal não está plenamente adquirido, a catequese deve dar lugar a uma abordagem sintética, sem excessiva preocupação de abstracção, partindo da análise dos acontecimentos pessoais e sociais. Deve evitar-se a dissociação entre a formação humana e cristã, cimentando, como vimos, a unidade funcional do adolescente na procura de sentido de si mesmo, da descoberta da vida. Este precisa de ir compreendendo que a sua personalidade emergente é articulada e será potenciada pela presença real de Cristo no seu coração e na sua vida, num processo de simbiose. É essencial sublinhar a importância da linguagem litúrgico/catequética, promovendo a participação activa na celebração da fé e o encontro pessoal com o mistério salvífico, explicando correctamente a sua orgânica, simbologia e sentido. Estes esforços, regulares e consistentes, devem potenciar a recepção frequente dos sacramentos, promovendo a ocasião para um diálogo íntimo com Cristo, através da oração.

A reestruturação da personalidade, a construção da identidade, a influência dos pares e a descoberta das possibilidades de escolha que a sociedade oferece, exigem um trabalho orientado para o desenvolvimento das virtudes morais e a formação da consciência. É eficiente que as atitudes de compromisso moral sejam despertadas e reforçadas a partir do natural idealismo reformador e generosidade próprios da adolescência, mas é importante que os educadores entendam que esta nova concepção da realidade nasce, essencialmente, do desenvolvimento intelectual, pelo que a educação moral se faz, em grande parte, pelo fundamentado debate de ideias e pela organização de actividades de participação social. O treinar dos hábitos de comportamento e da concretização das metas assumidas, recorrendo ao entusiasmo e calor motivador, deve prosseguir metodicamente.

Também se torna necessário promover a orientação espiritual, através de conversas regulares e pessoais, incentivando a forma como o adolescente luta com os hábitos antigos e os novos desafios, reforçar a aproximação à graça pelo exame de consciência e o sacramento da reconciliação, administrado como uma experiência libertadora.

O educador procurará, ainda, estimular e animar a aplicação na conduta das exigências da fé, evitando o pessimismo e compreendendo, sem justificar, as suas falhas. Promovendo uma educação da fé enraizada na vida dos adolescentes, esta não pode negligenciar o seu contributo para a formação de critérios acerca da sexualidade, focando-a como educação para o amor e integrando as vertentes biológica, psicológica, social, moral e religiosa. Em todas as actividades é relevante destacar a importância da juventude para a Igreja, fomentando, assim, a integração eclesial dos jovens.

#### IV. OBJECTIVOS

Para a definição de objectivos, convém ter em conta algumas considerações fundamentais:

- Partindo da situação anterior de crescimento pela catequese da infância, **esta fase há-de permitir sobretudo a personalização da fé.**
- Importa ajudar o pré-adolescente a **construir a sua personalidade à luz do evangelho**, no contexto próprio da busca de sentido.
- Partindo das experiências quotidianas, queremos facultar a **possibilidade de iluminar a sua vida com os valores do Reino.**
- A catequese desta etapa há-de ter em vista a construção do próprio projecto de vida, um **“projecto de vida +”** assente no projecto de felicidade de Jesus.
- Trata-se de propor uma catequese activa que permita ao adolescente fazer uma caminhada na **descoberta da presença do Outro (Deus) e dos outros, em comunidade.**



## OBJECTIVOS GERAIS DA FASE

- Descobrir o **sentido cristão da vida**;
- **Acolher o «projecto» de Jesus** de modo a integrá-lo, progressivamente, no projecto individual e de grupo;
- **Renovar o sim a Jesus** como atitude iluminadora da existência adolescente.

Assim, os Objectivos Gerais desta fase, por um lado propõem fazer a descoberta do sentido cristão da vida, por outro a gradual personalização da fé.

## OBJECTIVOS GERAIS DE CADA ANO

### 7º Ano

- Construir o próprio projecto de felicidade segundo os valores de Jesus, integrando as transformações específicas da pré-adolescência;
- Saber viver em grupo, experimentando a originalidade de ser **pessoa**;
- Aderir a Jesus, reconhecendo-O como companheiro da viagem da vida.

### 8º Ano

- Descobrir o outro como pessoa, pelo diálogo e relação;
- Viver a alegria e a esperança, em comunidade (Igreja), como expressão da adesão ao projecto de Jesus Cristo;
- Comprometer-se a ser sal e luz na sociedade em que vivemos.

Nesta apresentação dos objectivos, nota-se que o **7º Ano** está mais voltado para a **descoberta da identidade pessoal**, adquirindo particular importância a descoberta do sentido cristão da corporeidade e a definição de um projecto de vida, pela interiorização dos valores fundamentais.

Por outro lado, o **8º ano** está mais voltado para a **dimensão relacional e comunitária de todo o ser humano** e em particular do pré-adolescente.

É de sublinhar, contudo, que, nos dois anos, o centro de que parte todo o crescimento numa fé pessoal e comunitária é Jesus Cristo, que continua a iluminar com a sua Palavra e a renovar a Igreja com o seu Espírito Santo.

Estes objectivos são propostos a partir de 15 catequese anuais, desenvolvidas ao longo de dois momentos (primeiro e segundo encontro) e distribuídas por três blocos em cada ano.

## V. CONTEÚDOS

Depois da síntese proporcionada pela catequese da infância, os conteúdos do 7º e 8º anos têm em conta sobretudo a procura do sentido para a vida em contexto pré-adolescente, procurando integrar as mudanças próprias da puberdade e lendo-as na chave da cultura actual, com as suas luzes e sombras.

### 7º ANO – “PROJECTO+”

#### **A vida como projecto**

No primeiro bloco de catequese, os catequizandos são convidados a aprofundar alguns traços fundamentais da identidade pessoal seja pelo olhar para si seja pelo olhar para o outro. O “quem sou eu?” resolve-se incluindo o “quem somos nós?”.

Neste tempo, vive-se o tempo litúrgico do Advento e Natal. A catequese deve encontrar formas de sintonizar com a liturgia, que é a grande bússola da caminhada de fé.

#### **O Projecto de Jesus**

No segundo bloco, propõem-se os grandes valores do Reino, como vêm indicados no prefácio da solenidade de Cristo Rei (Reino de verdade, justiça, amor...). A última parte deste bloco coincide com a Quaresma e Páscoa. A Páscoa é o verdadeiro coração do ano litúrgico. A caminhada catequética há-de ser uma verdadeira conversão aos valores de Jesus, à vida que Ele nos propõe, aceitando ir com Ele em peregrinação pela vida.

#### **Anúncio de alegria**

Os últimos encontros do catecismo estão pensados em contexto de tempo pascal, tendo como horizonte a grande solenidade do Pentecostes. Por isso, todo este tempo é pneumatológico (tem a marca do Espírito). O grupo de catequese é desafiado a fazer a experiência comunitária, em volta da celebração semanal da Páscoa, que é a Eucaristia de domingo. É pela experiência da presença do Senhor no meio de dois ou três dos seus discípulos (cf Mt 18,20), que os catequizandos hão-de descobrir a urgência e possibilidade de serem testemunhas do Ressuscitado.

### 8º ANO – “SOMOS +”

Os temas do 8º ano inserem-se na sequência da experiência realizada no 7º ano. Há, desse modo, alguma continuidade, mas, ao mesmo tempo, um passo em frente.

### **Somos seres em relação**

Neste primeiro tempo de catequese (até ao Natal), desenvolve-se o diálogo como grande característica do ser pessoa e, simultaneamente, uma marca da identidade cristã. Em definitivo, o diálogo humano não é mais do que uma consequência de sermos imagem e semelhança de Deus (cf Gn 1, 26-27), imagem de Deus que é amor (cf 1 Jo 4, 8.16), semelhança de Deus que é diálogo e circularidade de vida na unidade da Santíssima Trindade. A própria vivência do Advento e Natal significa a celebração do diálogo novo, que Jesus, o grande Enviado dos últimos tempos, vem iniciar entre Deus e a humanidade.

### **Somos sal e luz**

A vida humana é feita de escolhas. Há uma, porém, que é nuclear: é a chamada “opção fundamental” e que indica a direcção fundamental da vida, o rumo que, consciente ou inconscientemente, cada um dá ao seu viver. Essa escolha pode ter muitos nomes: opção pelo amor, pela justiça, pelos pobres, isto é, pelos valores do Reino. Todavia, se é positiva, é sempre uma escolha de Deus. Ao contrário, há sempre a possibilidade de a pessoa se fechar em si mesma e fazer opções pelo ódio, inveja, injustiça, numa palavra pelo egoísmo. A catequese destes meses convida a optar por Deus, com Jesus (ligados a Ele), e a ajustar todas as escolhas morais a essa grande opção.

A Quaresma é um tempo de conversão, isto é, de verificarmos como está a nossa grande opção e se as nossas escolhas estão de acordo com o grande ideal que é Deus, cujo amor infinito celebramos na Páscoa.

### **Somos testemunhas da esperança**

Ser testemunhas é dar conta do que contemplámos, experimentámos e transformou a nossa vida: “o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco”(1 Jo 1,3 s). Não se trata de comunicar uma experiência qualquer, mas de transmitir, com a palavra e a vida, a maravilha que é encontrar o Verbo da vida (que significa o próprio Jesus na linguagem de S. João). A presença de Deus em nós torna-se “visível” sobretudo no amor recíproco.

O verdadeiro testemunho não é apenas individual, mas feito pela comunidade. O terceiro bloco de catequese do VIII ano pretende ser uma pequena eclesiologia, fornecendo as principais chaves de leitura do mistério da Igreja, como foram dados pelo Concílio Vaticano II, sobretudo nos conceitos de Igreja: Povo de Deus, Sacramento do Reino, Corpo de Cristo. Aí se descobre a centralidade da compreensão da Igreja como comunidade construída na comunhão.

Uma vez que a experiência do encontro com Jesus é a grande fonte de esperança para cada pessoa e para o mundo inteiro, os cristãos adolescentes são chamados a ser testemunhas anunciadoras do amor de Deus, manifestado em Jesus.

## VI. ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

A pedagogia catequética tem de estar ao serviço do encontro do homem com Deus. Como diz o Directório Geral da Catequese, *"a tarefa do catequista é proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele"* (DGC 139).

A pedagogia catequética, inspirada e modelada pela pedagogia de Deus, consiste essencialmente em ligar o homem a este caminho da história do povo de Deus e educá-lo no seguimento de Cristo. A Pedagogia divina – a pedagogia do dom, a pedagogia da encarnação e a pedagogia do sinal – é fonte inspiradora da Pedagogia da Fé (cf DGC 143).

Segundo esta pedagogia, parte-se dos acontecimentos para se entender o significado e o sentido da vida cristã, num percurso da realidade para o mistério; da experiência humana para a Palavra de Deus. Este método (indutivo) assume particular relevo na catequese da adolescência, onde se procura (re)ligar a vida e a fé. Assim, para aprofundar a vida e criar aberturas à fé, cada catequese está dividida em duas partes ou dois encontros.

### 1º Encontro – Experiência humana

O primeiro encontro está estruturado a partir de experiências humanas verdadeiramente significativas para os adolescentes desta idade: a amizade, a alegria de viver, a atracção para os grandes valores, a sensibilidade frente às injustiças, a aventura, o futuro, a esperança, a vida em grupo.

É inútil dar uma resposta quando não existe uma pergunta. E o Evangelho, a mensagem cristã, é, antes de mais, uma resposta ao mistério do homem, que necessita de um sentido para a vida, que busca a felicidade. Se, em vez de uma pergunta existencial, existe apenas indiferença, a mensagem perde-se num mero intelectualismo, sem ligação à vida. Por tudo isto, o catequista tem de tomar a sério a experiência humana. Todo o homem é imagem de Deus, está aberto ao Mistério. Precisamente por isso, quando aprofunda a sua experiência, sente que tem sede de algo mais. É nessa sede que se insere a vida que jorra do mistério de Cristo, é nessa pergunta que Deus aparece como sentido para o ser humano. Na verdade, o que está em causa é a "atenção constante ao ser humano" (ATV-Orientações 6).

Contudo, nestas catequese, não existe rigidez neste campo, pois, muitas vezes, é preciso como que um espaço intermédio entre a experiência humana e o Evangelho. É por isso que aparecerão, já no primeiro encontro, aberturas explícitas à mensagem, procurando concluir com um pequeno momento de interiorização e oração. Se alguma vez houvesse necessidade de realizar as duas partes da catequese num só encontro, omitir-se-ia o momento "PARA

INTERIORIZAR", no final do primeiro encontro. Nesse caso, o catequista poderia considerar a oração aí proposta como mais um alternativa para o momento da expressão de fé.

Porque se trata de uma catequese activa na qual o adolescente é protagonista do seu crescimento, sugerem-se actividades variadas, com duas propostas alternativas no momento da experiência humana.

## **2º Encontro – Palavra de Deus e Expressão de Fé**

No segundo encontro, a Palavra de Deus, que geralmente é do Novo Testamento, vem iluminar a experiência humana. Cristo é o Verbo de Deus. A catequese "deve estar totalmente impregnada pelo pensamento, o espírito e as atitudes bíblicas e evangélicas, através de um contacto assíduo com os próprios textos" (CT 27).

Mais do que exegese (embora recorrendo a ela) a Palavra é interiorizada à maneira da "meditação" da *Lectio Divina*: "A catequese, em síntese, deve ser «uma autêntica introdução à *Lectio divina*, isto é, à leitura da Sagrada Escritura feita "segundo o Espírito" que habita na Igreja» (DGC 127).

Os adolescentes entram em contacto com o Evangelho para se deixarem interpelar por ele, para o conhecerem em profundidade e para o viverem no seu quotidiano. E as catequese procuram que eles adquiram uma visão global e orgânica da mensagem cristã e da vida evangélica.

Este segundo encontro conclui-se com a expressão de fé. Nesta expressão, englobam-se os seguintes elementos: profissão de fé, oração, compromisso.

Quando o catequizando é capaz de confessar a fé na sua vida, em Igreja, com a sua memória, inteligência e coração, o processo catequético chegou ao seu cume. Porquê? É que a confissão de fé é uma manifestação do encontro e comunhão com Jesus Cristo.

As notas psicológicas apresentadas indiciam a necessidade de uma pedagogia activa, participativa e dinâmica, onde se desenvolvam as competências de interpretação (as metáforas e as analogias), de descoberta, raciocínio, de leitura simbólica, as dinâmicas de grupo, o uso do audiovisual; as actividades artísticas (a pintura, o drama, a dança e a música).

Nesta etapa de crescimento, fazer e construir é mais eficaz do que ver ou assistir, porque se trata de catequizandos já bastante conscientes do seu próprio processo de construção. Por exemplo, participar numa dramatização é mais eficaz do que assistir.

É este o sentido que damos ao que se designa por "Pedagogia Activa".

## VII. ENTRE CATEQUESES

Para além dos dois encontros habituais na catequese com adolescentes (um sobre a experiência humana e outro sobre a Palavra e expressão de fé), o guia do catequista apresenta um conjunto de propostas a desenvolver entre catequeses. Com efeito, é de toda a conveniência que o grupo procure, pelo menos de vez em quando, reunir-se fora dos encontros normais de catequese. Esses encontros extra podem ajudar a fortalecer os relacionamentos entre os membros do grupo e de cada um com o catequista. Podem ainda contribuir para desenvolver a *motivação em relação aos encontros semanais*. Importa que seja um tempo construtivo.

Das sugestões apresentadas, os catequistas verão o que se pode ou não aplicar ao seu grupo concreto. Se não forem viáveis poderão, pelo menos, inspirar algo de semelhante. Em caso de dúvida, deverão sempre contactar o pároco. De qualquer modo, é sempre importante informá-lo do que vão fazendo e escutar a sua orientação.

Quando aqui se propõem filmes ou outros audiovisuais não significa uma aprovação pura e simples do seu conteúdo. Daí a importância da orientação do catequista e do desenvolvimento de espírito crítico. Também não queremos fazer publicidade, mas apenas sugerir algo na linha da obra mencionada.

## VIII. PERFIL DO CATEQUISTA

O catequista da adolescência cumpre uma missão concreta: anunciar Jesus Ressuscitado e o projecto de Deus para todos os homens. É, pois, porta-voz duma mensagem de Deus para os adolescentes.

A presença do catequista num grupo de adolescentes há-de ser um convite a cada um, para que, a partir da sua situação pessoal, se comprometa no processo de amadurecimento da sua fé, inserindo-se, sempre mais, na comunidade cristã.

### **a) Fidelidade a Deus e atenção ao grupo**

O catequista da adolescência deve tornar presente no grupo a mensagem de Deus e fazê-lo de modo fiel, ainda que adaptado. A adaptação na comunicação da Palavra revelada "deve permanecer a lei de toda evangelização" (DGC 169). O catequista partilhará a sua fé, aprenderá e deixar-se-á transformar, na medida em que for fiel ao Evangelho que anuncia. Esta fidelidade vive-se respeitando o sentido original e mais profundo da Palavra, como ela é entendida pela Igreja. A Palavra não pode estar sujeita a interpretações particulares, modas passageiras ou preferências subjectivas.

Esta fidelidade implicará também que o catequista não seleccione os aspectos mais fáceis de comunicar deixando os outros no esquecimento. A fidelidade implica uma grande humildade diante da Palavra, deixar-se julgar por ela, ajustar-se a ela e não o contrário.

O catequista é também fiel ao grupo. A sua presença é de acolhimento e de escuta a cada um dos adolescentes que lhe está confiado. O catequista é um adulto amigo, que valoriza as descobertas e atitudes de cada um, ainda que estas por vezes sejam incompletas e ambíguas.

Ser fiel ao grupo exige levar a sério as suas experiências de vida, esforçar-se por chegar ao adolescente concreto, com as suas interrogações, recusas e anseios. Ser fiel supõe respeitar a liberdade do adolescente e as etapas por que passam a sua vida e a sua fé. Ser fiel ao grupo supõe o respeito por todas as opiniões dos elementos do grupo e a capacidade de não se constituir em juiz. As falhas, cansaços e desilusões hão-de ser vistos pelo catequista como passos necessários dentro do longo processo de amadurecimento dos adolescentes. Desta forma, a maturidade do catequista ajudará a lidar com os erros dos catequizandos e a integrar, adequada e sensatamente, as suas opiniões. O catequista é, sobretudo, alguém que testemunha a sua fé com clareza, convicção e alegria.

**b) A atitude do catequista da adolescência: espontaneidade ou directividade?**

A forma de actuar do catequista da adolescência – a sua atitude no grupo, a sua maneira de estar e de se relacionar, o modo como apresenta a mensagem – é absolutamente fundamental para a educação da fé. Há duas posturas antagónicas e que podem caracterizar-se pelo “deixar fazer” ou pelo dirigismo. Qual escolher? Qual o estilo de relação próprio do catequista da adolescência?

Em catequese, a atitude pedagógica correcta não pode ser a do simples “deixar correr”. Favorecer ao máximo a expressão individual e grupal significa criar um ambiente de confiança e liberdade; fazer com que cada membro do grupo se sinta reconhecido e aceite e possa participar de acordo com as suas capacidades. Há que desenvolver um clima que convide à criatividade e à participação empenhada. Ao mesmo tempo, a educação da fé precisa de um rumo definido e objectivos claros. A atitude do “deixar correr”, da pura espontaneidade, do “entreter”, é um perigo para o equilíbrio dos catequizandos e um risco para o amadurecimento das atitudes cristãs fundamentais, podendo conduzir a uma desinteressante perda de tempo.

Por outro lado, a atitude dirigista provoca um tipo de relação onde tudo está pensado, feito e dirigido pelo catequista e em que a opinião e postura do grupo é secundarizada.

Há uma excessiva submissão e paternalismo. Esta atitude não educa. Gera ressentimentos, além de ser extremamente desmotivadora.

Há que reconhecer que é difícil atingir e manter o equilíbrio. O catequista deve conservar a sua autoridade, através de uma presença discreta, mas activa e dinâmica, orientada em favor do grupo. Esta autoridade cria as condições para se poder propor com clareza os objectivos a alcançar, apresentar os temas a desenvolver, procurar as dinâmicas de trabalho mais adequadas.

Os adolescentes preferem sempre a clareza nos planos de trabalho e nos programas a desenvolver. Isto não significa que as propostas e os projectos lhes sejam apresentados como definitivos e irrevogáveis, mas a clareza não só autoriza quem propõe, como incentiva à participação e personalização. É sabido como os adolescentes apreciam ter espaço para opinar e condições para pôr em prática as suas ideias. São os catequizandos os verdadeiros protagonistas da catequese e os autores fundamentais do seu processo de amadurecimento na fé. Tal exige a mestria pedagógica do catequista e uma grande sensibilidade face aos sujeitos do grupo de catequese. Em suma, é preciso convidar à participação e criatividade, mas sem perder de vista a meta a alcançar. Por isso, nem dirigismo, nem desorientação. O catequista saberá integrar toda a participação dos adolescentes, orientando-a sempre na direcção que a Igreja propõe.

### **c) Um novo estilo de relação**

O catequista da adolescência, liberto das tentações do "deixar fazer" e do "dirigismo", terá que ensaiar um novo estilo de relação, uma atitude que seja criadora de comunidade, que suscite, em todos os membros do grupo, a vontade de participação. Trata-se de realizar um trabalho comum, dentro duma relação de sadia convivência, ciente de que a pessoa se constrói na relação e que a fé amadurece num clima comunitário autêntico.

Para tal, é necessário:

- Superar as dependências infantis. Os membros do grupo movem-se entre formas de relação infantis e outras mais maduras. O catequista saberá distingui-las e ajudar a superar as que não indiciam crescimento. Sinal da dependência infantil é a excessiva identificação do adolescente com o catequista, que se converte em ídolo, que sabe tudo, decide tudo e concretiza tudo. Uma postura dogmática e autoritária, por parte do catequista, ou uma atitude paternalista manifestam-se na dificuldade, que alguns adolescentes experimentam, em assumir as responsabilidades relativas às suas escolhas, o que não ajuda a crescer. Em consequência, o adolescente é impedido de ser a pessoa que é e de mostrar a sua maneira própria de ver as coisas. A identidade que assume não é a sua, mas resulta de um "empréstimo" feito pelo adulto (o catequista, neste caso).



O catequista realiza verdadeiramente a sua missão, se, por um lado, aprende a “desaparecer”, continuando presente e próximo do grupo e de cada um. Fá-lo quando procura que, no grupo, cada um construa a sua própria personalidade.

A pedagogia de Deus, revelada em Jesus (pedagogia do dom, da proposta, do respeito pela pessoa e seus dinamismos), é o caminho da pedagogia com adolescentes.

— Criar uma relação libertadora. O estilo de relação em que apostamos é aquele que permite aos membros do grupo ser actores principais da sua própria educação. Trata-se duma educação na fé libertadora, de promoção humana dentro do plano de Deus (cf EN 30-39). Isto supõe que o catequista deve:

- Convidar à acção e à necessária reflexão. Motivar os adolescentes a descobrirem as coisas por si mesmos, a desenvolverem atitudes e capacidades, a criarem formas originais de expressão de fé, perdendo o medo de se relacionarem e de comunicar. Mas a acção perde-se no momento se não é interiorizada pela reflexão. Os adolescentes necessitam de aprender a pôr questões e, sobretudo, a questionar-se a si mesmos. Para tal, também necessitam de aprender a fazer silêncio e a deixar-se interpelar pela Palavra. O catequista procurará estar atento a esta dimensão fundamental da catequese.
- Estar ao lado de cada adolescente e atento a cada um é uma atitude fundamental. O catequista tem de estar disponível para partilhar a vida e animar quando há dificuldades. Esta acção não se esgota no momento do encontro, mas continua durante a semana, num clima de amizade.
- Ser autêntico. Na sua actuação, deve manifestar a consciência da sua identidade de adulto na fé, que cumpre uma missão específica, com entusiasmo, sentindo-se testemunha e profeta, em nome da Igreja.
- As atitudes do catequista que constroem um relacionamento libertador são: alegria de viver; exigência e, simultaneamente, compreensão; justiça com todos; aceitação de si próprio e ajuda aos outros.

Esta relação libertadora exige, no campo da fé, aceitar o seu nível de maturidade cristã e deixar-se interpelar pelo grupo, como sinal da voz do Espírito.

#### **d) Atitudes básicas do catequista dos adolescentes**

O catequista da adolescência deve, pois, desenvolver algumas atitudes básicas:

##### **Confiar**

Quem confia verdadeiramente reconhece os valores pessoais do adolescente, ainda que estejam envolvidos por muitos defeitos. Os adolescentes intuem com facilidade esta confiança. A confiança não se diz, manifesta-se. O catequista saberá dar um apoio

especial nos momentos críticos. O catequista saberá valorizar o desejo de descobrir, a capacidade de iniciativa, o sentido crítico, o desejo de mudar o mundo.

### **Respeitar**

O catequista da adolescência não pode cair na tentação de manipular as pessoas, de impor saberes, maneiras de ver, critérios de actuar, mesmo que lhe pareça o mais adequado. Deve sim saber propor os critérios que brotam da Palavra, suscitando uma vivência da liberdade na escolha do bem, sem esquecer que não há resposta de fé fora da liberdade.

O catequista deve esforçar-se por aceitar o adolescente como é: não cai na facilidade de julgar e condenar, evita rotular os outros, pois acredita no poder salvador de Cristo. E, como Ele, opta por uma atenção personalizada. Do mesmo modo, sabe ter uma imensa paciência.

### **Criar um clima propício à comunicação**

O grupo avançará quando os membros se sentirem bem e experimentarem liberdade para expressar o seu mundo interior, as suas ideias, sentimentos, projectos, dúvidas e interrogações, o que são e o que vivem.

Por isso, é necessário encarar os adolescentes com seriedade, mesmo que pareçam infantis ou inconsequentes; valorizar as suas experiências, ainda que pareçam ambíguas ou demasiado simples; interessar-se pela pessoa, em todas as dimensões da sua personalidade e comportamento.

Isto exige: um clima de comunicação, sinceridade, atenção aos pequenos detalhes, captando o momento que está a viver; não ter medo de "perder tempo", escutando e partilhando. O catequista da adolescência não se impacienta, cultiva a serenidade e tem um coração grande onde cabem todos os catequizandos que lhe estão confiados.

### **Ser testemunha da fé**

O catequista é um homem ou mulher com experiência de fé, capaz de a comunicar e de a partilhar com o grupo. Educa pela sua presença. Contagia pelo testemunho alegre da sua própria vida. É alguém que vive em comunidade e educa para o sentido comunitário da fé e da vida. O catequista é o rosto e o porta-voz da Igreja e testemunha da experiência de fé da comunidade (ATV-Orientações 5).

### **e) Em síntese**

O catequista da adolescência cumpre uma missão: testemunhar o amor de Deus e ser portador da sua mensagem para o adolescente concreto, neste momento histórico. Aceita

o papel de educador autêntico, com o que isto significa de risco, de desafio, de esforço e de compromisso. É alguém com uma experiência profunda e completa de fé e que é capaz de a partilhar, como algo imprescindível e valioso.

## **IX. O “CATECISMO” (DO CATEQUIZANDO) E OS MATERIAIS DE APOIO**

O catecismo ou livro do adolescente é indispensável no encontro catequético, pois contém os textos principais que serão utilizados nos momentos de reflexão individual ou de grupo, tanto no primeiro como no segundo encontro. Também apresenta salmos, orações, cânticos e outros documentos para a expressão de fé; integra breves sínteses de fé e apresenta um conjunto de fotografias e imagens que servem para motivar e até dinamizar o encontro catequético. O catecismo contém, também, uma página destinada ao trabalho individual ou de grupo.

Convém, a este propósito, ter sempre presente a afirmação dos nossos bispos: “A função do catecismo é servir de apoio a uma experiência de fé que nasce e cresce, proporcionando-lhe desenvolvimento e expressão. Não substitui uma experiência de iniciação. Deve, antes, apoiá-la enquanto ela exige inteligência e conteúdo. Por isso, deve ser de estilo “mistagógico”, no sentido de conduzir ao encontro vivo com Cristo” (ATV – Orientações 7).

Os materiais de apoio deverão ser abundantes e adequados. As músicas, em CD, têm especial atractivo, sublinhando a dimensão estética do crer. As imagens e os dísticos, em suporte informático ou outro, favorecem a interiorização do essencial da mensagem. As músicas devem ser adequadas, em estilo, ritmo e letra, à idade e ao conteúdo da catequese. É de toda a conveniência que os materiais de apoio sejam regularmente actualizados.

## O DIÁLOGO – CONDIÇÃO DE RELAÇÃO

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. O diálogo

O diálogo, já na sua etimologia, é a palavra entre duas ou mais pessoas que, mutuamente, manifestam as suas ideias ou sentimentos. Cada interveniente está convencido de que nenhum deles tem o monopólio da verdade, mas que esta se encontra para além de si. No mundo em que vivemos, muitas vezes, não existe diálogo. Há monólogos, há discussão, porque cada um quer impor ao outro a sua razão como sendo a única verdade. Muitos são os obstáculos ao diálogo: a auto-suficiência, a resignação, o narcisismo, o egoísmo, o isolamento...

Todavia, para que cada ser humano se descubra como pessoa necessita de se abrir ao outro e de o acolher. Quanto mais se conhece, melhor percebe que não se pode construir isoladamente. Existem factores inerentes ao ser humano que apelam permanentemente ao diálogo: a auto-suficiência, a complementaridade, a descoberta e a escuta do outro, o seu acolhimento e a aceitação da diversidade. Cada pessoa, ao superar os obstáculos e potenciar os elementos positivos, faz-se palavra e mensagem, isto é, toma-se relação, cria diálogo.

O diálogo, como se compreende, conhece graus, admite progressos, tem muitas vezes princípios muito humildes e sabe recomeçar sempre.

Dialogar é abrir-se sinceramente ao outro pela palavra que se escuta e se profere.

Só falar ou só ouvir não é dialogar.

##### 2. Jesus Cristo, mestre do diálogo

"Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho" (Hb 1, 1-2). Toda a revelação é um permanente diálogo entre Deus e a humanidade. É um diálogo da salvação, porque partiu espontaneamente da caridade e da bondade divina: "Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único" (Jo 3, 16).

Para se revelar a nós, Deus escolheu um povo, com uma história concreta, para, através dele, se dar a conhecer. Fê-lo através da aliança, de modo a levar a humanidade a uma vida de comunhão com Ele. Nisso, é Deus que tem a iniciativa de se dar a conhecer a si mesmo, a sua vontade, dando assim ao homem a capacidade de lhe responder no conhecimento e no amor. A Bíblia expõe esse diálogo, longo e variado nas formas, entre Deus e os homens.

Este diálogo amoroso atinge a sua plenitude em Jesus Cristo, Verbo Incarnado. Cristo é a Palavra (em grego: "logos") (cf Jo 1, 1.14) que estabelece como ninguém o diálogo entre Deus Pai e os homens, a palavra viva que chama o homem à conversa. Jesus Cristo é, pois, a origem última e o modelo do diálogo entre Deus e os homens e dos homens, uns com os outros. Todo Deus e todo Homem, numa relação de amor total nas duas direcções. Mas a base está na sua origem divina.

### 3. O diálogo na catequese

A catequese é um dos lugares ideais para exercitar o diálogo ao estilo de Jesus Cristo. Para isso é fundamental o ambiente que se cria no grupo: a paz e tranquilidade do coração, a sinceridade de espírito, a disponibilidade de tempo, a escolha do lugar adequado são condições para que o diálogo seja fecundo. As atitudes e posturas de educação, respeito, correcção, dão profundidade ao diálogo; ao invés, a rudeza, a falta de tacto, dificultam-no.

A discrição é uma das maiores virtudes para se saber dialogar.

O Papa Paulo VI, na encíclica *Ecclesiam Suam*, fala das características do diálogo. Destaquemos algumas das principais:

- **Clareza.** O diálogo supõe e exige compreensibilidade, é transmissão do pensamento, é estímulo do exercício das faculdades superiores do homem.
- **Mansidão.** Aprende-se na escola de Cristo, como Ele nos recomendou: "Aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 29).
- **Confiança.** Exprime-se tanto na eficácia da palavra-convite como na receptividade psicológica e moral de quem ouve (cf Mt 7, 7-11).

E nós, catequistas, sabemos dialogar, deste modo, ao estilo de Jesus? Começemos por aprender dele, escutando a sua palavra e a palavra que dele nos fala para depois lhe respondermos em oração! Façamo-lo já, na preparação deste primeiro encontro do ano, um encontro que deve marcar, pela positiva, todos os que se irão seguir.

### OBJECTIVOS

- Compreender a importância do diálogo nas relações humanas.
- Descobrir a profundidade dos diálogos de Jesus, na sua relação com Deus.
- Comprometer-se na vivência de um diálogo ao estilo de Jesus com as pessoas que nos rodeiam.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

As técnicas de motivação propostas têm como principal finalidade possibilitar um reencontro com o outro através da comunicação verbal e não verbal. Pretendem levar o adolescente a descobrir que as pessoas comunicam não só com palavras, mas também através de expressões do rosto, gestos, mãos, olhos, etc..

Por outro lado, estimula-se a aquisição, por parte dos adolescentes, de competências que lhes permitam dar largas à imaginação e à capacidade de expressão, fomentar o diálogo entre eles, e contribuir para o aumento do conhecimento mútuo. Se se optar pela segunda alternativa, deve ter-se em conta o número total de participantes, porque, embora se lhes diga no início que vão disputar um prémio, no final esse prémio será igual ou semelhante para todos, uma vez que todos participaram.

## **MATERIAIS**

- CD / cassete com música suave (1ª alternativa);
- Rádio leitor de Cd/cassetes (1ª alternativa);
- Chocolates ou qualquer prémio do género (2ª alternativa);
- Folhas de papel branco para os dísticos com os pontos (2ª alternativa);
- 2 folhas de cartolina e marcadores;
- Dísticos: "COMUNICAR" e "DIALOGAR"; "Dialogar é preciso, mas é fundamental saber fazê-lo".

## **MÚSICAS**

- "Deixa Deus entrar";
- "Cristo Jesus";
- "Sou quem és".

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **1º Encontro – SEM DIÁLOGO NÃO HÁ RELAÇÃO**

#### **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

##### **1. Estamos de volta com o desafio de um novo ano pela frente.**

Como já não nos encontramos há alguns meses, convido-vos a que digam brevemente como foram as férias. Se descansaram, fizeram aquilo de que mais gostam, estiveram com os amigos, fizeram alguma viagem, etc..

Mas, para facilitar a partilha, proponho que se faça um pequeno jogo. É simples: basta estarem atentos ao que o outro diz. Podem ainda dizer como está a ser o início do ano escolar e quais as vossas expectativas para este ano de catequese.

Vou explicar as regras do jogo e de seguida iniciaremos o diálogo.

*(Neste diálogo aplica-se uma estratégia de motivação para a comunicação no interior do grupo, iniciando-se ao mesmo tempo a vivência da experiência humana adequada ao desenvolvimento posterior do encontro. Para realizar cada uma das propostas, são precisos pelo menos 15 minutos ou mais, dependendo do tamanho do grupo).*

**1º**

### **Alternativa**

Vamos fazer uma roda (*esperar que se faça*). Agora um de nós (1º) começa o jogo, fazendo uma pergunta, relativa às férias, ao colega do lado (2º), mas este não responde à questão. Em vez disso, faz também uma pergunta sobre as férias ao seu colega do lado (3º) o qual não lhe responde. Em vez disso, faz uma pergunta, também sobre as férias, ao seu parceiro a seguir (4º) e responde à questão que foi colocada pelo 1º. O 4º terá que responder à questão colocada 2º e, de seguida, faz ele por sua vez uma outra pergunta ao colega que está a seu lado (5º). O jogo continua até que todas as questões sejam respondidas.

Alguma dúvida?

Uma vez que as respostas estarão sempre atrasadas em relação às questões, teremos que estar muito atentos para saber a pergunta a que temos de responder.

*(O catequista vai dando sugestões, para que os adolescentes não se afastem do tema. Pode colocar-se uma música muito suave, para ambientação.)*

**2º**

### **Alternativa**

#### **Jogo da Comunicação**

Para este jogo é necessário que se dividam em dois grupos e haja um voluntário para tomar conta da pontuação: o 1º grupo tem três elementos, que vão desempenhar o papel de juizes; o 2º grupo tem os restantes que serão os concorrentes. Enquanto os três juizes definem um sistema de pontuação baseado, por exemplo, nos seguintes critérios – capacidade de expressão, clareza de discurso, imaginação e criatividade, capacidade de criar empatia –, os outros preparam-se para, num minuto, falar sobre as suas férias e/ou as expectativas que têm para o novo ano de catequese.

O que obtiver melhor pontuação, terá direito a um prémio surpresa!

Alguma dúvida?

*Qualquer que seja a hipótese escolhida, continuar o encontro:*

Eu sei que temos muito mais para partilhar. Mas, agora, gostaria de vos convidar a reflectir sobre as dificuldades sentidas no processo de comunicação utilizado: timidez,

dificuldades de expressão, de clareza, de criar empatia no grupo, de capacidade de escuta e de respeito... Sentiram algumas destas coisas? (*Ouvir os adolescentes*)

2. Proponho agora que, em pequenos grupos, encontrem as respostas para as questões que vêm no vosso catecismo, sobre estas duas palavras: **COMUNICAR** e **DIALOGAR**. Para isso têm 10 minutos, após os quais comunicarão as vossas opiniões.

*(No final, cada grupo expõe o seus pontos de vista. Depois, o catequista faz uma síntese dos aspectos mais relevantes referidos pelos adolescentes. As conclusões da reflexão poderão ser escritas em cartolina/papel de cenário, previamente dividido em duas partes: COMUNICAR e DIALOGAR. Neste caso, serão retomadas no início do próximo encontro.*

*(Durante a síntese, o catequista acentuará os seguintes aspectos:)*

- A pessoa é um ser em relação.
- O homem faz a experiência de quem é, quando se abre ao outro.
- Ser pessoa é "ser para" ... e "ser com" ...
- A pessoa só se realiza em comunhão com o outro.
- A Igreja diz-nos:  
“(...) De tal modo se preparem os adolescentes para tomar parte na vida social, que, devidamente munidos dos instrumentos necessários e oportunos, sejam capazes de inserir-se activamente nos vários agrupamentos da comunidade humana, se abram ao diálogo com os outros e se esforcem de boa vontade por cooperar no bem comum” (GE 1).

3. Durante todo o encontro falámos uns com os outros. Será que houve diálogo, comunicação entre nós, ou apenas uma troca de palavras? Não respondam!

A resposta a esta questão será encontrada no final do próximo encontro. Para nos ajudar a reflectir, gostava de vos contar uma história. Para que nada percam, podem seguir a leitura pelo vosso catecismo.

*(Se no grupo existir um adolescente que seja capaz de ler bem a história, o catequista pode convidá-lo para ser ele a fazê-lo. Mas tem de o conhecer e prepará-lo previamente)*

### **Aprender a dialogar**

Dois pássaros estavam muito felizes sobre a mesma planta. Um deles estava mais acima e o outro mais abaixo. Passado algum tempo, o pássaro de cima disse para o outro:

- Que lindas são estas folhas verdes!

O pássaro de baixo respondeu, irritado:

- Estás cego? Não vês que são brancas?

O de cima continuou:

- Tu é que estás cego. São verdes!



Continuou o outro:

- Aposto contigo que são brancas. Tu não percebes nada de folhas de árvores!

Irritado com esta discussão, o pássaro de cima atirou-se contra o adversário, para lhe dar uma lição. Mas este não se moveu. Quando estavam próximos um do outro, tiveram a lealdade de olhar os dois na mesma direcção, antes de começar o duelo. O pássaro que tinha vindo de cima ficou surpreendido:

- Que estranho! Afinal são brancas!

E convidou o seu amigo:

- Vem cá acima, onde eu estava antes.

Voaram para o ramo do alto e desta vez disseram os dois em coro:

- Que estranho! Afinal são verdes!

Darci Vilarinho

Fonte: [www.fatimamissionaria.pt](http://www.fatimamissionaria.pt)

*Criar um breve silêncio para interiorização.*

*O catequista, com voz suave, de forma a criar clima de oração, lança as questões para as quais cada um procura a resposta no seu íntimo:*

- E eu, quantas vezes insisto com os outros, para fazer prevalecer a minha opinião?
- Quantas vezes me irritam, quando insistem comigo?
- Serei capaz de olhar pelos olhos dos outros e colocar-me no seu lugar?

*(Depois de algum silêncio:)*

Querem partilhar com o Senhor algo do que estão a pensar? Vamos dialogar com Ele. Começemos por responder ao chamamento que Ele faz a cada um de nós. Cantemos o cântico: **"Cristo Jesus, tu me chamaste"** (Só o refrão).

### **PARA INTERIORIZAR**

Sê a minha luz, Senhor,

tu me guias e me conduzes.

Quando me chamam e não quero escutar,

sê minha luz, Senhor.

Quando tenho medo de dizer a verdade,

sê minha luz, Senhor.

Quando tenho vontade de me irritar,

sê minha luz, Senhor.

Quando não me apetece ir ao encontro de quem passa por necessidades,

sê minha luz, Senhor.

Quando me recuso a respeitar os outros,

sê minha luz, Senhor.

Quando não me apetece rezar,

sê minha luz, Senhor.  
Quando não amo os outros,  
sê minha luz, Senhor.  
Quando... (outras dificuldades),  
sê minha luz, Senhor.

*Pode cantar-se de novo o cântico "Cristo Jesus, tu me chamaste"*

*No final sugira-se aos adolescentes que estejam atentos, durante a semana, às suas atitudes no diálogo com os outros.*

## 2º Encontro – OS DIÁLOGOS DE JESUS

*Antes de os adolescentes entrarem na sala, o catequista afixa em lugar de destaque:*

- *as conclusões da reflexão do encontro anterior sobre o significado das palavras: **COMUNICAR** e **DIALOGAR**;*
- *o dístico "Dialogar é preciso, mas é fundamental saber fazê-lo".*

1. *Inicia-se o encontro, retomando as conclusões a que chegaram na catequese anterior, lembrando o que descobriram durante a semana, no que respeita às suas atitudes face ao diálogo com os outros, e, se necessário, lendo de novo o conto. Destacar as dificuldades de estabelecer diálogo, que por vezes surgem no grupo e na sociedade; dificuldade em saber escutar o outro, em aceitar opiniões diferentes.*

### II. PALAVRA

2. *Jesus entrava facilmente em diálogo com as pessoas. São muitos os casos narrados nos Evangelhos. São célebres, por exemplo, os diálogos com Nicodemos, a Samaritana, Zaqueu.*

*Mas, hoje vamos analisar o diálogo de Jesus com o homem rico. Querem fazer primeiro uma leitura pessoal? A passagem, podem encontrá-la no catecismo (ou na Bíblia em **Mc 10, 17-22**).*

*(Depois do tempo suficiente para a leitura pessoal:)*

*Podem fazer uma leitura dialogada. Quem de vós quer fazer de narrador, Jesus e o homem rico?*

*(Nesta, como nas restantes catequese, os textos bíblicos sejam lidos, tanto quanto possível, directamente da Bíblia).*

*"Quando se punha a caminho, alguém correu para Ele e ajoelhou-se, perguntando: «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?» Jesus disse: «Porque me*

chamas bom? Ninguém é bom senão um só: Deus. Sabes os mandamentos: Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunho, não defraudes, honra teu pai e tua mãe.» Ele respondeu: «Mestre, tenho cumprido tudo isso desde a minha juventude». Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele e disse: «Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me». Mas, ao ouvir tais palavras, ficou de semblante anuviado e retirou-se pesaroso, pois tinha muitos bens”  
(Mc 10, 17-22).

Para começar convido-vos a completarem, dois a dois, o quadro que está no catecismo. Temos 10 minutos.

3. Estão prontos para partilhar as respostas? (*Ouvir os adolescentes, prestando especial atenção aos seguintes pontos:*)

- Um homem, que pensa na vida e no futuro, manifesta confiança em Jesus (Bom Mestre!) **coloca-lhe um problema fundamental**: que fazer para alcançar a vida eterna? Isto é **questiona-O sobre a felicidade suprema**.
- Jesus replica “Porque me chamas bom?” E remete para a fonte da vida: «Ninguém é bom senão um só: Deus». Aparece assim a ligação de Jesus com o Pai, que faz com que o que Ele diz de Deus se manifesta na sua atitude. Proclama, ao mesmo tempo, **a soberania absoluta de Deus e a sua abertura aos homens**. De tal modo que é **o próprio Deus a falar em Jesus** que, assim sendo, também Ele é bom.
- Jesus recorda os **mandamentos relativos ao amor ao próximo**, que qualquer bom israelita sabia e procurava praticar. Por isso o rico não encontrou novidade na resposta.
- Novo foi o olhar e a ternura de Jesus para com ele: é Jesus o porta-voz do acolhimento e da misericórdia de Deus.
- Por que é que o homem se foi embora? Porque não foi ele capaz de vender os bens e dar o dinheiro aos pobres? Se ele cumpria os mandamentos! Reparem que Jesus falava apenas dos mandamentos da 2ª parte do Decálogo. Faltavam os que desafiam ao amor de Deus sobre todas as coisas. Por outras palavras: **as riquezas eram um deus para o rico**. Idolatrava-as tanto, que não era capaz de fazer o que Deus faz: **dar a vida, partilhar os bens pelos outros**. Jesus vivia **totalmente para os outros**; partilhava como eles tudo o que tinha. E fê-lo, **porque amava a Deus sobre todas as coisas**. Tanto, que Deus estava presente nele. Foi a **revelação mais viva da misericórdia de Deus**. E foi o homem mais feliz: pela entrega da vida na cruz, ganhou a vida eterna. Numa palavra: **só em Deus é possível ser bom, partilhar a vida, entrar em diálogo de vida com todos**.

- Mas Jesus respeita a liberdade de dizer não. Porque o **sim tem de ser sincero**, vir de um coração possuído por Deus. Felizmente outros disseram sim: Pedro, André, Mateus, Zaqueu...

Reparem na capacidade de diálogo de Jesus: sabe ouvir, fala no momento oportuno, faz avançar o diálogo, propondo algo de novo e respeita a liberdade da pessoa. E sobretudo mostra, ao vivo, o fundamento, a origem do verdadeiro diálogo: Deus!

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Ao contrário do homem rico, **Santo Antão**, como Pedro e tantos outros, ao ouvir as palavras de Jesus, não hesitou em abandonar todos os seus bens e seguiu-o. (*Expor resumidamente a biografia remetendo para o catecismo*)

Santo Antão, abade, nasceu no Alto Egito, em 250 ou 251, de uma família cristã abastada. Pelos 20 anos, morreram-lhe os pais e herdou grandes bens.

Entrando numa igreja, ouviu as palavras de Jesus ao homem rico: "Se queres ser perfeito, vende o que tens, dá-o aos pobres e segue-me" (Mt 19, 21).

Assim fez, distribuindo pelos habitantes da região as propriedades herdadas (possuía trezentos campos). Vendeu também os móveis e distribuiu o dinheiro pelos pobres, reservando apenas uma pequena quantia para sustentar a irmã menor.

Mas, tendo entrado de novo na igreja, ouviu ler no Evangelho: "Não vos preocupeis com o dia de amanhã". Então, até o pouco que guardara, distribuiu pelos pobres, confiando a irmã a uma comunidade de virgens consagradas.

Em seguida, retirou-se para a Tebaida, no deserto da Líbia, onde viveu, na penitência e na contemplação, para além dos 100 anos, renunciando continuamente a si mesmo, lutando contra as forças do mal, orando e amando a Deus e aos irmãos. Isso trazia-lhe grande alegria.

Aconselhava também os seus seguidores, que foram numerosos, a viverem na Igreja, na presença do Senhor: "Servi o Senhor com santa alegria e caminhai sempre na sua presença".

Este "amigo de Deus" morreu em 356, na "juventude" dos seus 105 anos, sinal de que o deserto e a austeridade de vida não lhe fizeram mal.

A sua festa celebra-se a 17 de Janeiro.

Este testemunho vem dos primeiros tempos do cristianismo, mas não é único. Ao longo dos tempos, muitos foram aqueles que responderam positivamente a Jesus e, como Ele, demonstraram capacidades especiais para o diálogo com os outros. Diálogo não apenas na partilha da palavra, mas de toda a vida. Só assim há diálogo, como o de Jesus. (*Desafiar os adolescentes a descobrirem outros casos:*)

*(Depois de os escutar convida-os à oração:)*

Como vêm, é fundamental a nossa relação com Deus. Só com o Seu amor em nós, nos podemos abrir verdadeiramente aos outros. Convido-vos, por isso, a voltarmos para Ele com os olhos do coração. Primeiro numa oração pessoal e em silêncio. Para nos concentrarmos melhor cantemos o **cântico “Deixa Deus entrar”** (só o refrão).

*(Depois de um breve silêncio:)*

Agora oremos todos a uma só voz:

### **Oração**

Num mundo dividido,  
cheio de ódio,  
discórdias e má vontade,  
preconceitos e recusas ao diálogo e ao amor,  
eu quero, Senhor, ser artífice de paz:  
semear o amor,  
construir pontes entre as pessoas,  
ser elo de unidade,  
ser mestre de obras da amizade,  
gerar alegria e estima,  
fomentar a compreensão,  
criar espírito de família,  
sentar os inimigos à mesma mesa,  
promover o diálogo e a partilha.

Sei, Senhor, que sou pouco  
e a minha acção é simples fagulha.  
Mas acredito que esse pequeno fogo  
pode atear e fazer arder uma floresta.  
Acredito que essa semente de amor  
vai gerar amor,  
e o mundo, aos poucos,  
será um mundo melhor.

Senhor, que nada me faça desistir de amar,  
sem prazos nem horários!  
Para isso, ajuda-me a acolher o teu amor:  
só contigo em mim,  
eu posso ser o que tanto desejo:  
seguir Jesus  
e com Ele partilhar a minha vida  
pela vida de tantos que precisam do amor e da paz.

*Pode cantar-se de novo: “Deixa Deus entrar”*

***Para guardar na memória e no coração***

**“Toda a vida de Cristo foi um contínuo ensinamento, os seus silêncios, os seus milagres, os seus gestos, a sua oração, o seu amor pelo homem e a sua predilecção pelos pequenos e pelos pobres...” (CIC 561).**

2. Durante estes dois encontros tentámos descobrir as condições, para um bom diálogo, ao jeito de Jesus. Que descobertas fizeram? (*Ouvir os adolescentes*)

Convido-vos agora a comparar as vossas descobertas com as regras enunciadas nos 10 Mandamentos do Diálogo, que se encontram no catecismo. Depois formulem um **compromisso** que, no futuro, nos sirva de guia.

### III – DOCUMENTOS

#### Proposta de respostas para o quadro do Aprofundamento da Palavra

PERSONAGENS	O QUE DIZ?	SENTIMENTOS /ATTITUDES
HOMEM RICO	«Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?»	Curiosidade Admiração Procura de vida Respeito
JESUS	«Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão um só: Deus. Sabes os mandamentos: Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunho, não defraudes, honra teu pai e tua mãe.»	Jesus interessa-se pelo jovem e entra em diálogo com ele. Confronta-o com o cumprimento da lei de Moisés.
HOMEM RICO	« Mestre, tenho cumprido tudo isso desde a minha juventude.»	Consciência de cumprir os Mandamentos.
JESUS	«Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me.»	Fita o olhar no jovem. Sente afeição por ele. Faz-lhe um convite radical: amar a Deus sobre todas as coisas, como faz Jesus. Por isso ele chama a Deus “bom” – só em Deus se pode ser bom.
HOMEM RICO		Retira-se triste e pesaroso.

## IV – PROPOSTAS ENTRE CATEQUESES

*Algumas destas actividades aqui propostas podem ser sugeridas e desenvolvidas, durante a semana, entre o primeiro e o segundo encontro, em hora e local a combinar no grupo. O importante é que se situem em ligação com a temática dos encontros catequéticos.*

### ACTIVIDADES

Neste primeiro encontro propõe-se a realização de actividades que envolvam dinâmicas de abertura ao grupo. Estas técnicas possibilitam a integração dos vários membros do grupo, quer sejam eles já conhecidos ou recém-chegados.

#### “OS INQUILINOS”

##### Finalidade

Permitir o contacto físico e a interacção entre os adolescentes.

##### Desenvolvimento

Formam-se grupos de três elementos, devendo ficar um ou dois adolescentes sem grupo. Dos três elementos do grupo, dois irão ser as “paredes da casa” e o terceiro é o “inquilino”. As “paredes” dão as mãos, ficando frente a frente. O “inquilino” fica no meio dos dois. Há um narrador que irá contar uma história sobre uma casa. Quando o narrador disser a palavra “inquilino”, os “inquilinos” têm de deixar as “paredes da casa” onde se encontram e procurar nova “casa”. Os adolescentes que não têm “casa” vão tentar ocupar outra, tirando o lugar ao “inquilino”. Se o narrador disser “parede esquerda”, muda o adolescente que se encontra à esquerda do “inquilino” e o mesmo para a “parede direita”.

Todos têm que estar atentos. Para enriquecer o jogo, poderão ser introduzidas outras palavras que impliquem movimento dos adolescentes: por exemplo, “terramoto” (pode significar que todos os adolescentes têm que mudar de lugar e de papel).

Após este primeiro momento, pode-se convidar o grupo para participar noutra actividade.

#### “EU NO TEU LUGAR”

##### Finalidade

Criar uma maior relação de empatia entre os adolescentes.

##### Material

- Papel cortado de forma igual para distribuir pelos adolescentes.
- Canetas ou lápis.
- Chapéu/boné/caixa.



### **Desenvolvimento**

Distribui-se um pequeno papel a cada membro do grupo. Cada adolescente é convidado a escrever nele alguma dificuldade experimentada no momento de se relacionar com os outros. Dobram-se os papéis uniformemente, recolhem-se e distribuem-se, procurando que não calhe o papel a quem o escreveu.

De seguida convidam-se os adolescentes a ler, um de cada vez, em voz alta, a dificuldade escrita no papel e a dar a sua opinião para a ultrapassar. As soluções são sugeridas, utilizando a primeira pessoa, por exemplo: "Eu ..."

Após este primeiro tempo de partilha, passa-se a um segundo momento, no qual se partilham os sentimentos que despertaram durante o primeiro tempo. Aqui o animador poderá colocar as seguintes questões:

- Como te sentiste, ao ter que pôr a descoberto a tua dificuldade?
- Como te sentiste, ao ouvir a tua dificuldade explicada por outro? Será que foi entendida correctamente?
- Como te sentiste, ao ter que explicar a dificuldade de relação de outra pessoa? Foste capaz de te colocar na sua posição? Compreendeste verdadeiramente o seu problema?
- Como te sentes agora em relação aos outros membros do grupo?

### **OUTRAS CANÇÕES**

- "Quero caminhar contigo" (Cassete Paz e Bem, Ed. Paulistas).

## EU E A CRIAÇÃO

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Crise ecológica

"A questão ecológica nos dias de hoje assumiu tais dimensões, que nela está envolvida a responsabilidade de todos" (João Paulo II, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 1990).

A ecologia está no centro das preocupações actuais. E com razão. Está em causa a terra, a casa comum dos homens de hoje e de amanhã. Apontam-se diversos fenómenos preocupantes para o futuro da humanidade: o efeito estufa, o buraco do ozono, a desertificação e a poluição.

A relação do homem com o meio origina múltiplos problemas, até ao ponto de estarmos a tornar o planeta inabitável. Devido a uma exploração incontrolada da natureza, o homem corre o perigo de a destruir e de ser, por sua vez, vítima dessa degradação. Na realidade, existe uma «crise» generalizada do ambiente:

- O lixo tóxico que o homem produz provoca um desequilíbrio a nível físico, vegetal, animal e humano.
- Os gases poluentes, que provocam o buraco do ozono, diminuindo a protecção em relação aos raios ultravioletas, geram o efeito «estufa», com um aumento gradual da temperatura.
- A crise de energia e de matérias: a dependência do homem das fontes de energia levanta a questão de saber quanto tempo durarão essas fontes, com o uso desmedido que hoje delas se faz; igualmente, as matérias-primas são limitadas e podem esgotar-se.

Constata-se que algum caminho se vai fazendo neste campo. Está a surgir uma nova mentalidade e um novo estilo de vida: sempre que possível, muitas pessoas deixam a cidade poluída e procuram o ar puro das florestas, a água límpida, a beleza das paisagens. A escola, nos vários níveis de ensino, procura promover uma cidadania responsável em relação ao ambiente.

## **2. Criação: dom e tarefa**

O cristão, quando reflecte na relação do homem com a natureza, recorda sempre a primeira afirmação do Credo: "Creio em Deus, Pai todo poderoso, Criador do céu e da terra". Criação é a primeira palavra de amor de Deus aos homens. É dom de Deus que ama e dá valor às coisas que cria; é missão e tarefa para o homem, porque o Autor é sempre maior que o dom. É lugar da encarnação de Cristo, da redenção.

A Bíblia apresenta-nos, no livro do Génesis, a chave para o problema da relação homem – natureza: no primeiro capítulo diz-se que Deus criou o homem, mandando-o ser fecundo, encher a terra e dominá-la (cf 1, 28); no segundo capítulo, encontramos Deus a colocá-lo no jardim do Éden, "para o cultivar e, também, para o guardar" (2, 15). Conjugando estes aspectos, encontraremos o equilíbrio. O homem «domina», porque, como imagem de Deus, é senhor da criação. Não para a destruir ou explorar, mas para a tornar habitável, frutífera, humanizando-a. Este «dominar» significa que o homem tem para com a natureza a mesma solicitude e amor que Deus tem para com a criação. Os verbos «cultivar» e «guardar» acentuam a necessidade de completar a obra da criação, fazendo frutificar as suas potencialidades, não sendo lícito esvaziar o mundo do seu ser, da sua vida e da sua beleza.

Importa recordar o que diz S. Paulo: "Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus" (1 Cor 3, 23). Todo o universo é submetido a Cristo e por Ele conduzido ao Pai. Em Cristo encarnado aparece no mundo criado o homem perfeito, liberto do egoísmo, aberto totalmente a Deus e aos homens. Jesus é a meta da criação, o sim definitivo de Deus à sua obra e o sim completo do homem a Deus.

## **3. Espiritualidade ecológica**

No compromisso pela defesa do ambiente, a visão cristã não nos deixa cair nem na falta de preocupação nem num fundamentalismo ecológico, porque defende uma escala de valores que permite um equilíbrio entre natureza e cultura.

Temos obrigação de cuidar da casa comum que nos foi confiada e de a transmitir às gerações futuras, não como um deserto, mas como um jardim.

O cristão tem uma ética ecológica que o leva a defender a vida com base numa visão espiritual e moral. Exige-se hoje, mais do que nunca, um novo estilo de vida, na família, na escola, na aldeia e na cidade, a partir de uma espiritualidade ecológica que, à maneira de S. Francisco de Assis, leve a evitar tudo o que contamina ou destrói a natureza. Tal educação não pode basear-se simplesmente no sentimento, mas implica uma verdadeira conversão na maneira de pensar e no comportamento em relação aos outros e ao ambiente.

A Igreja e os seus grupos, nomeadamente de adolescentes, em colaboração com a comunidade, podem ter um papel importante, desenvolvendo acções concretas com sentido pedagógico.

É uma tarefa, a que este grupo de catequese não pode ficar alheio, a começar pelo seu catequista animador.

## **OBJECTIVOS**

- Descobrir a relação de cada um com a natureza.
- Contemplar a presença activa de Deus na obra da criação.
- Contribuir para o equilíbrio da relação do homem com a natureza.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Na primeira alternativa de experiência humana, é proposto um diaporama. Caso não seja possível usá-lo, o catequista poderá recorrer a imagens que traduzam a beleza da natureza e construir a partir delas o primeiro encontro.

Do mesmo modo, a segunda alternativa também pode ser adaptada, de acordo com o horário em que decorre o encontro. O ideal seria que se realizasse no espaço exterior. Mas, no caso de não ser possível, pode fazer-se sempre uma viagem imaginária ao sítio mais belo que conhecemos ou com que sonhamos. Para isso, convidam-se os adolescentes a fechar os olhos e a imaginarem uma viagem a um lugar de sonho. Esta dinâmica talvez resulte melhor, se se colocar uma música suave de fundo.

Partindo da profunda necessidade de relação, vivida pelo adolescente, pretende-se, com a contemplação inicial das maravilhas da criação e da agressão ao meio ambiente, levar à descoberta de que a permanente relação do homem com a natureza nem sempre é saudável e equilibrada.

O texto do Livro da Sabedoria é apresentado aos adolescentes como expressão singular desta relação do homem com a natureza, caminho de encontro com o Criador, afirmado na experiência religiosa tanto de Israel como de todos os homens.

Nas atitudes de Jesus em relação à natureza, os adolescentes podem descobrir como Ele, através dela, se relacionava com o Pai e como todo o cristão é chamado ao mesmo: a louvar a Deus pela criação (Salmo 8) e, a partir disso, a contribuir activamente para o equilíbrio entre o homem e a natureza.

## **MATERIAIS**

- Diaporama "Hino à vida" (António Ferreira);
- Fotocópias com a letra da canção;
- Leitor de CD/cassetes;
- CD/cassete com música suave;
- Cartolinas verdes e vermelhas;
- Marcadores, tesoura, cola;
- Imagens/fotografias sobre a poluição causada pelo homem;
- Imagens/fotografias com as maravilhas da natureza.

## **MÚSICAS**

- "Deus é Criador";
- "Louvado sejas;
- "Bendizeis o Senhor".

### 1º Encontro – EU E A NATUREZA

#### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Vimos nos encontros anteriores, que sem diálogo não há vida. Lembram-se? Pois bem, hoje vamos descobrir como dialogar com a natureza. Espantados? Sim, diálogo com a natureza!

No diálogo não utilizamos apenas palavras. Os nossos gestos, as nossas acções e todo o nosso corpo entram no processo de relação. É nesse sentido que vos convido a reflectir como é que cada um de nós se relaciona com a natureza, dialoga com ela.

1º

**Alternativa**

Vou mostrar-vos um diaporama com imagens da natureza: chama-se "Hino à vida" e é de António Ferreira (ou outro a que se tenha acesso).

*(Depois de verem e após uns momentos de silêncio.)*

Que impressões vos causaram as imagens que vimos? Qual é a palavra que vos vem à mente? *(Ouvir os adolescentes)*

Beleza, paz, grandiosidade .... Como o nosso mundo é belo!

Para completar estas sensações, vou passar-vos a canção "Deus é Criador". Para facilitar a reflexão, aqui têm a letra (Doc. 1). Em 2 minutos sublinhem a frase que mais vos tocou e coloquem a vós próprios a seguinte questão: como é a minha relação com a natureza (uso e abuso, indiferença, admiração, respeito, defesa.). *(O catequista, para não ficar de fora da partilha, deve realizar todas as tarefas que propõe ao grupo)*

Vamos lá às respostas:

- Que pensamento/frase sublinharam?
- Como é a relação de cada um com a natureza?

2º

**Alternativa**

#### **Passeio ao ar livre**

*Esta alternativa exige que, na medida do possível, todo o primeiro encontro se passe no exterior. Para isso, escolha-se antecipadamente um local que facilite ao grupo entrar em*

*relação com a natureza. Pode ser um parque florestal, um jardim, um bosque, um espaço com animais, água, plantas, flores, arbustos....*

Para isso, vamos dar um pequeno passeio. Querem?

Mas atenção: durante este passeio, procuremos olhar bem para tudo o que nos rodeia, excepto os nossos amigos. Isto é, gostava que fôssemos em silêncio, para melhor podermos admirar a natureza que nos rodeia.

*Depois de chegarem a um sítio calmo e aprazível:*

Vamos sentar-nos um pouco?

Que mais vos despertou a atenção? (*Ouvir os adolescentes*)

Como é a vossa relação habitual com a natureza? (uso e abuso, indiferença, admiração, respeito, defesa.) (*Ouvir os adolescentes*)

## 2. *Qualquer que seja a alternativa escolhida, o encontro deve continuar do seguinte modo:*

Infelizmente as relações do homem com a natureza nem sempre são as mais saudáveis e correctas. Quem quer apresentar casos que conheça? (*Ouvir os adolescentes*)

A relação homem-natureza é vital para a sobrevivência do homem e do nosso planeta. Se não for boa, pode dar origem a um desenvolvimento insustentável e até levar à destruição da vida no planeta. Não acham?

Tenho aqui duas cartolinas e algumas imagens: uma cartolina verde (para a criação) e outra vermelha (para a destruição). A vermelha é para cada um de vós, ou em grupo, escrever nela um pensamento/uma frase acerca do que vos parece estar mal na relação do homem com a natureza; na verde, escrevem o que acham que está bem entre o homem e a natureza.

*(No final:)*

Terminaram? Então olhem bem para o que fizeram... Que dizem a isto? (*Ouvir os adolescentes, realçando os pontos seguintes:*)

- Há tanta gente que altera, destrói o que nos rodeia, sem se preocupar com o outro e, no fundo, consigo mesmo. Só pensam em obter lucros, ter sucesso, etc..
- É urgente tomar consciência da relação recíproca entre o homem, a natureza e Deus.

## 3. Quem nos pode ajudar a isso e a levar a mensagem que aqui recebemos, sobretudo a pessoas que não respeitam a natureza? É o Autor da criação, não acham? Então, para já, vamos louvá-lo por tantas coisas belas que Ele cria para nós. Façamo-lo, inspirados no **Salmo 8**.

## **PARA INTERIORIZAR**

*(Recitar ou cantar muito calmamente – para facilitar a contemplação do Criador)*

**Refrão** - Ó Senhor, nosso Deus,  
como é grande o Vosso nome em toda a terra!

**Voz 1** - Contemplo os céus, obra das Vossas mãos,  
a lua e as estrelas que Vós fixastes.

**Voz 2** - Realmente, que é o homem para Vos lembrardes dele,  
o filho do homem para dele cuidardes?

**Voz 1** - E contudo, pouco lhe feita  
para que seja um ser divino:  
de glória e de honra o coroastes,  
destes-lhe domínio sobre as obras das Vossas mãos.

**Voz 2** - Tudo submetestes debaixo dos seus pés:  
os rebanhos e os gados sem excepção,  
até mesmo os animais selvagens;  
as aves do céu e os peixes do mar,  
tudo aquilo que vive nos mares.

(Salmo 8.4-10, adaptado)

*Pode cantar-se “Deus é Criador”*

Hoje deixo-vos esta tarefa para durante esta semana: cada um de vós vai tentar detectar e identificar as causas dos problemas ambientais (*lixo abandonado, poluição atmosférica, poluição sonora, etc.*) na zona onde mora e registar no catecismo o que descobrir. Não se esqueçam. É importante, até para o próximo encontro. Se o trouxeram feito é sinal de que entenderam o que vimos hoje.

## **2º Encontro – DEUS CRIOU...**

1. *Para iniciar o encontro, o catequista retoma o compromisso da semana anterior, pedindo para lerem o que escreveram. Pode ser feito diante de algumas imagens belas da natureza ao som do cântico “Deus é Criador”.*

*No final, o catequista faz uma síntese do que for dito e afixa a frase:*

**“Pela Criação podemos chegar ao Criador”.**

*Que pensam do conteúdo desta frase? (Ouvir os adolescentes e, no final dizer:)*

Para vermos se está certo o que acabaram de dizer, convido-vos a ouvir o que sobre isto escreveu o autor do Livro da Sabedoria. Podem abrir as vossas Bíblias em **Sb 13, 1-9**.

## II. PALAVRA

### 2. (Leitura feita por um, e com os outros de pé):

"Sim, insensatos são todos aqueles homens em que se instalou a ignorância de Deus e que, a partir dos bens visíveis, não foram capazes de descobrir aquele que é, nem, considerando as obras, reconheceram o Artífice. Antes foi o fogo, o vento ou o ar subtil, a abóbada estrelada, ou a água impetuosa, ou os luzeiros do céu que tomaram por deuses, governadores do mundo. Se, fascinados pela sua beleza, os tomaram por deuses, aprendam quão mais belo que tudo é o Senhor, pois foi o próprio autor da beleza que os criou. E se os impressionou a sua força e o seu poder, compreendam quão mais poderoso é aquele que os criou, pois na grandeza e na beleza das criaturas se contempla, por analogia, o seu Criador. Estes, contudo, merecem só uma leve censura porque talvez se extraviem, apenas por buscarem Deus e quererem encontrá-lo. Movendo-se no meio das suas obras, investigam-nas, mas deixam-se seduzir pela aparência, pois são belas as coisas que vêem. De qualquer modo, nem sequer estes são desculpáveis, porque, se tiveram tanta capacidade para poderem perscrutar o universo, como não descobriram, primeiro, o Senhor dessas coisas?"

(Sb 13,1-9)

*(Após uns momentos para interiorização, em que cada um, sentado, é convidado a reler pessoalmente o texto:)*

No início, o autor, começa por fazer uma crítica às religiões pagãs, seguidas pelos povos vizinhos do Povo de Israel. Qual é, na vossa opinião, a razão dessa crítica?

- Começa por criticar as práticas em que divinizam e prestam culto a elementos cósmicos (fogo, ar, água...), forças da natureza, astros. Rejeita essa forma de proceder, porque é uma forma de idolatria: colocam-se as criaturas no lugar do Criador de todas as



coisas. Será que ainda hoje acontece isso? (*deixar ouvir sobre os ídolos de hoje: dinheiro, carros, desporto... E os resultados entre outros: a poluição!*)

- Que diz o autor a seguir, a partir do versículo 3? Faz um apelo para que “aprendam **quão mais belo que tudo é o Senhor**, pois foi o próprio autor da beleza que os criou”.

O que nos diz isto sobre a **possibilidade de chegar a Deus pelas coisas da natureza**?  
Leiam os **versículos 4-5**. (*Deixar que se exprimam e concluir:*)

- Existe a possibilidade de conhecer Deus, contemplando a beleza das suas criaturas.
- Contemplando a criação bela e infinita (espaço), o homem reconhece que só Deus onisciente e onipotente poderia ter criado tudo.
- Olhando à sua volta, o homem, pode encontrar a resposta às perguntas de sempre: “de onde somos e para onde vamos?”

Concluindo: é importante **olhar para a natureza** com os olhos de Deus. Ou, se quisermos, **com os olhos de Jesus**. Como era a **relação de Jesus com a natureza**, na sua pregação? (*Ouvir os adolescentes*)

Recorria a elementos da natureza. Por exemplo:

- “O Reino do Céu é semelhante a um grão de mostarda”(…) (Mt. 13, 31).
- “Eu sou a videira; vós os ramos” (…) (Jo. 15, 5).
- Um semeador saiu a semear... a semente da Palavra de Deus (cf Mt 13, 1-23).

Ao estabelecer estas comparações, Jesus não se limita a referir a natureza como imagem, mas mostra-nos que está em íntima relação com ela. Olhando a natureza, Jesus encontra-se com o Pai Criador e convida os discípulos a uma atitude semelhante. Leiam o que Ele diz em **Lc 12, 27-28**:

(*Sugerir aos adolescentes que seja um deles a ler:*)

“Reparai nos lírios, como crescem! Não trabalham nem fiam; pois Eu digo-vos: Nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva, que hoje está no campo e amanhã é lançada no fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé!”

(Lc 12, 27-28)

Que dizem acerca destas palavras? (*Deixar que se pronunciem*)

Jesus observa atentamente a beleza da natureza (os pássaros, os lírios...). Mas, acima de tudo, **mostra-nos quão belas são as nossas vidas**, como irradiam a glória de Deus. Ele é solícito para com todas as suas criaturas, muito mais para com aquela (homem e mulher) que foi criada à sua imagem e semelhança. E porquê e para quê?

3. Isto é, para termos consciência da nossa importância em toda a obra criadora de Deus, que poderemos fazer?

Deus criou-nos à sua imagem e semelhança, para completarmos a Sua obra, no respeito pela natureza que nos envolve! Procuraremos que ela esteja ao serviço de todos, para bem de todos.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Jesus faz-nos hoje o mesmo convite a encontrar-nos com Deus através da contemplação das obras da criação... e não O trocarmos por criaturas que usemos só ao nosso serviço, até as esgotarmos e destruímos.

Há uma pessoa particularmente apta para nos ajudar neste campo:

#### **S. Francisco de Assis**

Nasceu em Assis (Itália) em 1182. Até aos 25 anos viveu como os jovens da sua idade, divertindo-se e exercitando-se nas artes marciais.

A certa altura, teve um sonho: apareceu-lhe uma bela dama que o chamava. Em Espoleto, ouviu nova voz que o desafiava: "Francisco, a quem é melhor servir: ao amo ou ao criado?" Ele respondeu: "Ao senhor." Logo a voz retorquiu: "Então, porque transformas o amo em criado?"

Voltou a Assis transfigurado. Peregrinou até Roma e pôs-se um dia a pedir esmola na praça de S. Pedro, para experimentar o que era a pobreza. Regressando a Assis, encontrou-se um dia com um leproso que lhe estendeu a mão. Desce do cavalo, beija-lhe a mão e abraça-o. A partir de então, visita e socorre outros leprosos.

Fora dos muros de Assis, havia uma igreja dedicada a S. Damião, que ameaçava cair em ruína. Francisco ouviu a voz do Crucificado: "Francisco vai e repara a minha igreja". Põe-se imediatamente a reconstruí-la. Arranjava dinheiro, pedindo esmola.

Deserdado por seu pai, Francisco pôde dizer que daí em diante só Deus era seu Pai. Entregou-se a uma vida simples de total amor a todas as criaturas. Fundou a ordem Franciscana, e, juntamente com Santa Clara, fundou a Ordem das Damas Pobres ou Clarissas.

Francisco é um irmão universal. Poderia ser o padroeiro de tudo e de todos. João Paulo II proclamou-o padroeiro dos ecologistas, pelo seu amor entranhado à natureza, onde tudo considerava como irmãos e irmãs.

Para termos o mesmo amor pela natureza, recitemos em dois coros o seu "**Cântico das Criaturas**". Está no catecismo.

*(Antes e depois desta oração, pode cantar-se "Bendize o Senhor")*

### ***Para guardar na memória e no coração***

**“Creio em Deus Pai Criador dos céus e da terra”**

**“Deus criou o mundo para manifestar e comunicar a sua glória. Que as criaturas partilhem da sua verdade, da sua bondade e da sua beleza – eis a glória, para a qual Deus as criou” (CIC 319).**

2. Recordam-se do desafio que vos deixei e que tão bem (*se for o caso*) realizaram? Pois, falta uma coisa.

É altura de tomarmos algumas decisões que possam resolver os problemas ambientais detectados por vós e registados no vosso catecismo.

Que posso eu fazer? Ou, o que podemos nós fazer como grupo, inseridos numa comunidade cristã?

Cada um, ou em grupo, escreve o modo como se **compromete** a contribuir, de forma concreta, para melhorar a relação entre o homem e a natureza.

DOCUMENTO 1

**DEUS É CRIADOR**

Letra e música: Vítor Pereira

Quem criou a vida e o universo?  
Quem criou o cosmos e as galáxias?  
Quem criou os dias e as noites?  
Quem criou a terra e o mar?  
É impossível não O ver...

Quem criou os prados e as sementes?  
Quem criou o sol e a lua?  
Quem criou todas as estrelas?  
Quem criou toda a criatura?  
É impossível não O ver...

**Mas eu tenho a certeza que Deus é o Criador (bis)**  
**E que revela aos homens seu amor**

Quem criou os pássaros e os bosques?  
Quem criou os peixes do mar?  
Quem criou os répteis e as feras?  
E todos os restantes animais?  
É impossível não O ver...

Quem criou o homem e a mulher  
e os fez à sua imagem e semelhança?  
Quem os abençoou e os fez fecundos?  
Quem lhe deu o poder de amar?  
É impossível não O ver...

### DIAPORAMA

- “A criação” (Logomédia).

### ACTIVIDADES

- Organizar um debate sobre a relação do homem com a natureza.
- Elaborar cartazes, para uma campanha a favor da sustentabilidade na terra.
- Recolher material para reciclar e para o qual ainda não se encontram Ecopontos, por exemplo: material electrónico, roupas, óleos, etc..
- Contactar “A Sociedade Ponto Verde” e descobrir onde se localizam os Ecopontos mais próximos.
- Ler alguma biografia sobre S. Francisco de Assis e descobrir mais pormenores sobre a sua relação com a natureza.

## RECEBESTE, DÁ!

### I - INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Discriminações e separações

No nosso país também há sinais de intolerância, racismo, xenofobia, exploração, marginalização e abandono.

Habitados às máquinas e aos resultados concretos, solicitados por tantos meios audiovisuais, perdemos o apreço pelo contacto pessoal. Vivemos a correr: com tantos programas e afazeres, tornamo-nos como autocarros superlotados em que não há lugar para mais ninguém, em que a presença do outro nos incomoda e estorva.

A agravar ainda mais este afastamento, vem a desconfiança que se instala no coração das pessoas, provocada por tantos abusos, enganos e crimes. Existe assim um empobrecimento da comunicação humana, um distanciamento mútuo das pessoas, uma diminuição contínua do acolhimento ao outro, tenha ele o rosto de imigrante, de cigano, de deficiente, de criança, ou idoso.

Perante as consequências desta situação, como não ansiar por encontrar comunidades e grupos? Realmente, a pessoa só se sente realizada e enriquecida no encontro e em comunicação com os outros.

##### 2. Jesus a todos acolheu

A Bíblia procura criar em nós a consciência de que ninguém se deve considerar estranho ou indiferente à sorte dos outros membros da família humana. Ninguém pode dizer que não é responsável pela sorte do seu próprio irmão. Damo-nos conta disso logo na passagem do livro do Génesis em que o Senhor diz a Caim: «Onde está o teu irmão Abel?» Caim respondeu: «Não sei dele. Acaso sou guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9). Esta experiência de marginalização e afastamento foi vivida voluntariamente por Jesus Cristo. «Ele veio para o que era seu e os seus não o receberam» (Jo 1, 11); foi rejeitado pelos homens do poder, tanto religioso como político. Jesus, porém, aproximou-se e acolheu os que eram marginalizados pela sociedade (publicanos, mulheres, estrangeiros, crianças, gente pobre e ignorante), porque veio procurar e salvar o que estava perdido.

Ultrapassou as barreiras divisórias de classe, religião ou política, e viu em cada pessoa o próximo: acolhe a mulher cananeia, uma estrangeira a quem acaba por curar a filha (cf Mt 15, 21-28); acolhe os leprosos, excluídos pela sociedade de então, e toca-lhes para os curar e reintegrar (cf Lc 17, 11-19); encontra-se e fala com a mulher samaritana, ultrapassando preconceitos e inimizades sociais e religiosas (cf Jo 4, 4-30); cura o servo do centurião, um comandante de exércitos inimigos e opressores, e até o apresenta como modelo de fé (cf Mt 8, 5-13).

Mais ainda: Jesus identifica-se como irmão dos pobres e humildes: "O que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim mesmo o fizestes" (Mt 25,40). Isto é, ninguém O pode acolher, ser Seu discípulo, sem acolher os outros, a começar pelos mais desfavorecidos (cf Mc 9, 37). Ele é o bom samaritano, que vem ao nosso encontro naquele que precisa de nós, está caído na beirada das estradas da vida, o estrangeiro, o diferente (cf Lc 10, 25-37). Ele aproxima-se de nós, para nos fazer próximos deles. E assim anuncia o Reino de Deus, que não tem fronteiras.

### **3. Todo o outro é meu irmão**

O discípulo de Jesus não se pode deixar contagiar pela indiferença e o anonimato que se vão instalando cada vez mais na nossa sociedade. Chamado e acolhido por Jesus, tem de se comprometer em criar um ambiente de fraternidade: por iniciativa própria ou colaborando activamente em tantas organizações e instituições que felizmente existem, dentro e fora da Igreja, para acolher, promover e dignificar os mais necessitados. Mais do que um dever, faz parte do ser cristão, como fazia parte do ser, da identidade de Jesus Cristo.

E o catequista não pode ficar de fora. Tanto mais que ele é um modelo para os catequizandos. A começar pela sua actuação nos grupos da catequese: grupos tantas vezes constituídos por crianças e adolescentes que sofrem marginalizações de toda a ordem.

### **OBJECTIVOS**

- Tomar consciência da diversidade dos seres humanos.
- Reconhecer e acolher o outro como imagem de Deus, à maneira de Jesus.
- Contribuir para viver a fraternidade, no respeito pelas diferenças.

### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

A necessidade vital para o adolescente de se relacionar e viver em grupo, para construir, cimentar e alicerçar a sua identidade, constitui a experiência em que se fundamenta este tema. Para isso, o primeiro encontro inicia-se com uma reflexão que os leve a tomar consciência disso.

O conto "Uma cidade perfeita" e o jogo "Abrigo subterrâneo" têm como objectivo auxiliar os adolescentes: primeiro a descobrir valores que têm de respeitar nas suas relações com os

que são diferentes deles; segundo, a tomar consciência de que todas as pessoas são únicas e irrepetíveis.

No segundo encontro, apresenta-se Jesus como modelo de acolhimento ao outro. Os adolescentes estão numa idade em que necessitam de exemplos a seguir. E quem melhor do que Ele, para lhes mostrar como ultrapassar as barreiras sociais, religiosas ou políticas que dividem os homens?

Para se consciencializarem da diversidade dos que nos rodeiam, são convidados a construir uma figura humana que englobe características diferentes, no que diz respeito à cultura, sexo, classe social, idade e raça. O catequista deve levar os materiais necessários e/ou solicitar o contributo dos adolescentes.

No final do segundo encontro, deve lançar-se brevemente o tema do encontro seguinte e solicitar aos adolescentes que tragam algum material sobre religiões não cristãs, para uma participação mais activa.

### **MATERIAIS**

- Gravador ou leitor de CD's;
- Cópias do documento 1 (1ª Alternativa);
- Cópias do documento 2 (2ª Alternativa);
- Projector multimédia para apresentação em powerpoint;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Revistas para recortar;
- Tesoura;
- Cola;
- Cartolinas;
- Marcadores grossos.

### **MÚSICAS**

- "Cristo quer a tua ajuda para amar";
- "Não sou digno".

## **II - DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **1º Encontro - SOMOS DIFERENTES**

#### **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

*O catequista inicia a sessão com um breve diálogo (cerca de 5 minutos) sobre a realização do(s) compromisso(s) assumido(s) no encontro anterior acerca sua relação com a natureza.*



1. Agora, convido-vos, a reflectir no modo como dialogamos, não com a natureza, mas com os outros, em especial com os que são diferentes de nós.

Pensem um pouco, individualmente e em silêncio, como se relacionam, por exemplo, com: ciganos, deficientes, pessoas de outra cor, imigrantes, idosos e crianças pequenas, marginais ...? Que tipo de diálogo estabelecem com eles?

Não dizer as respostas já. Di-las-ão mais tarde. Mas, para não se esquecerem, podem escrevê-las.

*(Silêncio)*

1ª

**Alternativa**

Nas folhas que vou distribuir está escrito o conto «Uma cidade perfeita» (Doc. 1). Proponho que seja um de vós a ler em voz alta, como quem conta a história. Quem se oferece? *(No final da leitura:)*

Que sentimentos despertou em vós este conto? *(Ouvir os adolescentes)*

No conto fala-se de bandeiras. Que outros nomes mais concretos podemos dar a essas bandeiras? *(Ouvir os adolescentes)*

Estas bandeiras podem representar atitudes de racismo, intolerância, marginalização, exclusão, desrespeito, todo o tipo de preconceitos sociais, culturais e religiosos.

Será que colocamos bandeiras dessas nos outros? *(Ouvir os adolescentes)*

Com que preconceitos nos deparamos, na sociedade em que vivemos: na turma, escola, na Igreja? Sobretudo quando aparece alguém de novo, que nós não conhecemos? *(Ouvir os adolescentes)*

2ª

**Alternativa**

Agora convido-vos a fazer um jogo. Chama-se “O abrigo subterrâneo”. Vão fazê-lo com a ficha que vou distribuir por cada um (Doc. 2).

Como se diz aí, imaginem que a nossa cidade (ou a nossa terra) está sob ameaça de um bombardeamento nuclear. Uma pessoa, que pode ser o Presidente da República, faz este comunicado: “Temos, apenas, um abrigo subterrâneo onde só cabem seis pessoas. Há que fazer uma escolha imediata: existem doze candidatos para entrar, e temos que escolher seis”.

Faz a tua escolha, da seguinte lista:

1. Um jovem toxicodependente, de 17 anos;
2. Um advogado, com 25 anos de idade;
3. A mulher do advogado, com 24 anos de idade, que acaba de sair do manicómio (ambos querem ficar juntos, ou no abrigo ou fora dele);

4. Um sacerdote, com 75 anos de idade;
5. Uma prostituta, com 34 anos de idade;
6. Um jovem, de 20 anos de idade, autor de vários assassinatos;
7. Uma universitária, que fez voto de castidade;
8. Um físico, com 28 anos de idade, introvertido, que só aceita entrar no abrigo, se levar consigo a sua arma;
9. Um deficiente motor, de 20 anos;
10. Uma menina, com 12 anos de idade e baixo QI (Quociente de Inteligência);
11. Um homossexual, com 27 anos de idade;
12. Uma débil mental, com 32 anos de idade, que sofre de ataques epilépticos.

*Depois de cada um responder, formam grupos de cinco e seis, para chegar a uma decisão de grupo, se possível consensual. Cada adolescente apresenta aos outros elementos do grupo as razões que regeram a sua decisão, no que diz respeito quer aos escolhidos para entrar no abrigo subterrâneo, quer aos excluídos. A partir daí, o grupo deve procurar unanimidade na escolha das seis pessoas para entrar no abrigo subterrâneo.*

### **Plenário**

*O catequista orienta o plenário levantando as seguintes questões:*

- Que dificuldades sentiram na escolha? *(Ouvir os adolescentes)*
- Que vos levou a excluir as pessoas? *(Ouvir os adolescentes)*
- Que vos levou a eleger as pessoas? *(Ouvir os adolescentes)*

*O catequista deve estar atento aos sinais de: racismo, intolerância, marginalização, exclusão, desrespeito, todo o tipo de preconceitos sociais, culturais e religiosos.*

2. *Qualquer que seja a alternativa escolhida, o encontro deve continuar da seguinte forma:*  
 Chegou o momento de voltarmos à questão inicial: E nós? Como nos relacionamos com os que são diferentes de nós: deficiente, imigrante, pessoa de outra cor ou raça, idosos e crianças pequenas, marginais? *(Ouvir os adolescentes)*  
 Dialogamos com todos da mesma forma, ou sentimos algum retraimento, quando nos encontramos com eles? *(Ouvir os adolescentes)*  
 E que sentimos nós, quando conseguimos relacionar-nos bem com todos, apesar de sermos diferentes? *(Ouvir os adolescentes)*

*Afinal é bom ou mau sermos diferentes uns dos outros? Porquê? *(Ouvir os adolescentes)**

*No fim do diálogo, o catequista realça as seguintes ideias:*

- Todos somos **diferentes**, porque cada um de nós é um ser único e irrepetível;
- A diversidade não deve ser motivo de divisão, mas de **complementaridade**;

- A relação e o **intercâmbio** com os outros ajudam-nos a descobrir e a desenvolver as nossas riquezas;
  - O mesmo acontece com os **grupos e comunidades**: enriquecem-se mutuamente na medida em que se abrem e acolhem os outros nas suas diferenças.
3. Portanto, todos temos dons e riquezas para partilhar com os outros: ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar, nem tão rico que não tenha algo a receber. Mas todos sabem que isto não é fácil. Basta vermos o que se passa por esse mundo além, de conflitos, divisões e guerras. E talvez bem perto de nós: na nossa terra, escola, Igreja.

Mas, se não estão de acordo com isso, convido-vos a entrar em diálogo com Alguém que a todos acolhe por igual, porque a todos criou como são: o nosso Deus. É uma oração pessoal, para que Ele entre em cada um de nós. Concentremo-nos n'Ele.

#### **PARA INTERIORIZAR**

"Ajuda-me, Senhor,  
a amar como Tu me amas  
e a compreender como Tu me compreendes.  
Ensina-me, Senhor,  
a aceitar os outros como Tu me aceitas,  
respeitando-os como Tu me respeitas  
e suportando-os com paciência,  
como Tu me suportas com paciência infinita.  
Ajuda-me, Senhor,  
a perdoar como Tu me perdoas  
e a fazer pelos outros  
todo o bem que fazes por mim.  
Senhor, Tu que me aceitas como eu sou,  
ajuda-me a ser o que Tu queres que eu seja.

Frei Anselmo Fracasso, O.F.M., adaptado

*(Silêncio)*

A que ireis estar atentos durante esta semana? *(Ouvir os adolescentes)*  
*Se o compromisso não surgir espontaneamente, o catequista convida-os a descobrir, no lugar onde vivem, situações/attitudes de marginalização ou de exclusão (ciganos, imigrantes, deficientes...) para serem apresentadas no próximo encontro.*

E se hoje terminássemos o encontro de uma maneira em que nos unimos nas nossas diferenças? Como? – Unindo as nossas vozes (diferentes) na mesma melodia e no mesmo texto. E para mais é um texto que nos convida a fazer o que já fazemos, cantando unidos. O cântico é este: **"Cristo quer a tua ajuda para amar"**.

## 2º Encontro – SOMOS IGUAIS EM CRISTO

Proponho que iniciemos este encontro como terminámos o último. Lembrem-se? (...) Exacto, com o **cântico**: “Cristo quer a tua ajuda para amar”.

E ainda se lembram das tarefas que prometeram realizar durante a semana?

Quais foram as situações/attitudes de marginalização ou de exclusão que descobriram no vosso meio?

*Caso os adolescentes não tenham sido capazes de identificar situações de exclusão, o catequista deve partilhar as suas descobertas, para que o encontro parta de situações reais. Esta partilha deve ser feita, na medida do possível, sem juízos de valor e sem procurar encontrar a solução, uma vez que será retomada após a escuta da Palavra.*

### II. PALAVRA

1. Por estranho que pareça, esta experiência de marginalização e de exclusão foi vivida voluntariamente por **Jesus Cristo**. Diz-se logo no início do Evangelho de S. João: “Ele veio para o que era seu e os seus não o receberam” (Jo 1, 11); **foi rejeitado** pelos homens do seu tempo, mesmo por aqueles que faziam parte do seu povo. E porquê? Em grande parte, **por Ele ter combatido e eliminado as divisões e rejeições** que existiam no seu tempo. Por Ele ter feito isso é que Ele próprio foi rejeitado. Mas vejamos mais em concreto o que Ele fez. Aliás vós próprios conheceis episódios da sua vida pública em que ultrapassou as barreiras de classe, religião ou política e viu em cada pessoa um irmão. Quem se lembra de episódios que possam ilustrar esta atitude de Jesus? (*Ouvir os adolescentes. Acrescentar, se necessário, os seguintes:*)

Podemos vê-Lo a acolher a **mulher cananeta**, estrangeira, a quem não recusa o dom da cura de sua filha (cf Mt 15, 21-28); a acolher os **leprosos**, tocando-lhes e curando-os (os leprosos que, até por razões higiénicas, eram completamente excluídos do convívio social) (cf Lc 17, 11-19); vemo-lo a encontrar-se com a **mulher samaritana**, que era, como mulher e samaritana, discriminada (cf Jo 4, 4-30).

Mas há um caso ainda mais grave, para o qual gostava de chamar a vossa atenção: o caso de um **centurião** que, não só era estrangeiro, mas comandava tropas romanas que tinham invadido e ocupado a Judeia e o resto da Palestina. Era um **estrangeiro e inimigo**. Ora bem, esse homem tinha um servo terrivelmente doente. Tinha ouvido falar de Jesus e do seu poder. E que fez ele? Escutemos, em leitura dialogada **Mt 5, 13**.

“Entrando em Cafarnaúm, aproximou-se dele um centurião, suplicando nestes termos: «Senhor, o meu servo jaz em casa paralítico, sofrendo hominamente.» Disse-lhe Jesus: «Eu irei curá-lo.» Respondeu-lhe o centurião: «Senhor, eu não sou digno de que entres debaixo do meu tecto; mas diz uma só palavra e o meu servo será curado.

Porque eu, que não passo de um subordinado, tenho soldados às minhas ordens e digo a um: 'Vai', e ele vai; a outro: 'Vem', e ele vem; e ao meu servo: 'Faz isto', e ele faz».

Jesus, ao ouvi-lo, admirou-se e disse aos que o seguiam: «Em verdade vos digo: Não encontrei ninguém em Israel com tão grande fé! Digo-vos que, do Oriente e do Ocidente, muitos virão sentar-se à mesa do banquete com Abraão, Isaac e Jacob, no Reino do Céu, ao passo que os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes». Disse, então, Jesus ao centurião: «Vai, que tudo se faça conforme a tua fé». Naquela mesma hora, o servo ficou curado».

(Mt 8, 5-13)

Então, como reagiu Jesus ao pedido daquele que era considerado, para além de estrangeiro, inimigo e opressor? *(Ouvir os adolescentes)*

Mas acham bem? Então Jesus não estava, deste modo, a colaborar com alguém que estava ali para destruir e oprimir? *(Ouvir os adolescentes)*

De facto, à primeira vista parece que Jesus colaborava com a opressão. Mas há um pormenor importante em que Jesus insiste: **a fé do centurião**. Aquele homem tinha-se convertido a Jesus. E quem se converte a Jesus e se entrega a Ele pela fé, tem que assumir a mensagem e a atitude de Jesus: a mensagem do Reino de Deus. E **para Deus não há ninguém excluído**. Até os inimigos de Deus são por Ele amados e acolhidos.

E se Deus se volta de modo especial para os pecadores e outros excluídos (estrangeiros, publicanos, mulheres, crianças, pobres), é porque eles precisam de mais amor. Era este Deus que Jesus anunciava e mostrava ao vivo naquilo que fazia. Não acham que é este o único caminho a seguir? *(Ouvir os adolescentes)*

Se calhar, alguns de vós perguntam: então, e se as pessoas não se convertem? Não será melhor deixar de lhes ligar e até de os desprezar e excluir? Que vos parece? *(Ouvir os adolescentes)*

No caso de Jesus, não. Porque **Jesus e, com Ele, Deus não faz o bem porque as pessoas são boas, mas para que as pessoas sejam boas**. Repararam na primeira reacção ao pedido do centurião: a primeira resposta foi: «Vou curá-lo». E depois até acabou por não ir. Curou o servo à distância: perante a fé e a conversão do centurião. É que as curas físicas de Jesus eram o caminho para uma cura total: no modo de pensar e agir. A cura para Deus.

E se, mesmo assim, as pessoas se não convertem? *(Ouvir os adolescentes)*

Nesse caso, o mal é delas. Por isso ele avisa no fim: os que se não converterem serão **excluídos do Reino de Deus**. Excluídos, **porque eles próprias se excluem**: não aceitam Deus, nem Jesus.

Jesus não condiciona o bem que faz à reacção das pessoas. Ama-as por elas próprias, pelo bem que lhes quer. E sem nada exigir em troca. Daí o seu amor especial pelos mais desprotegidos, que nada podiam dar em troca, a não ser a fé provocada pelo próprio Jesus.

Talvez percebam assim o que nos quer dizer **Jesus** com esta frase: "O que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim mesmo o fizestes" (Mt 25, 40). Ele **dá-se tanto aos mais desprotegidos que, quem os acolher, é a Ele mesmo que acolhe**. Isto é o amor mais puro. Como o Bom Samaritano, Jesus vem ao nosso encontro naquele que precisa de nós, Ele está presente naquele que está caído na berma das estradas da vida, no estrangeiro, no diferente. E é assim, no seu amor sem fronteiras, que todos se encontram, **se unem, se amam**: na sua dignidade de pessoas e de filhos de Deus.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Mas agora falemos de vós, do que se passa convosco. Digam-me: na vossa idade, não é fácil e usual fazerem juízos de valor sobre os vossos colegas, só porque eles são diferentes? E, às vezes, diferentes só no aspecto exterior. É verdade ou não? (*Ouvir os adolescentes*)

Ora bem, se isso acontece, há uma coisa de que se esquecem: **as diferenças são um bem!** Dizem-nos, para já, que cada ser humano tem uma personalidade, uma história, uma família e vivências próprias. Mas, é nesta diversidade que se encontra a riqueza da humanidade. Se todos fôssemos iguais, todos tínhamos o mesmo para dar. Nesse caso, ficaria muito por fazer. Todos temos um lugar e um papel específico a desenvolver neste mundo. E o mundo será melhor, mais rico, se cada um contribuir para ele com aquilo que, ele próprio, tem e é.

Que atitudes se deverão tomar então, perante as pessoas diferentes de nós? (*Ouvir os adolescentes*)

A exemplo de Jesus, a Beata Teresa de Calcutá, o Padre Américo e tantos outros, **acolhamos todos os homens**, desde os nossos colegas, de quem menos gostamos, até aos que nasceram deficientes ou assim ficaram por algum motivo (acidente/guerra). Como Jesus, tenhamos a certeza de que todos os homens são nossos irmãos, porque filhos de Deus. Demos pleno cumprimento ao mandamento de Jesus: "Amai os vossos inimigos" (Lc 6, 27). É assim que somos discípulos de Jesus e damos um contributo precioso e fundamental para a paz e o bem da humanidade.

Mas, como o Centurião, também todos nós temos consciência das nossas limitações e da nossa condição de pecadores. É por isso, para que Deus nos cure desses limites, que eu me atrevo a convidar-vos a **fazermos nossa a oração do Centurião**. É uma oração, aliás, que vós conheceis do momento em que mais nos unimos a Jesus: a comunhão na missa.

Querem dizê-la a pensar em Jesus e em todos os que Ele ama? Que somos nós e algumas pessoas a quem ainda não somos capazes de amar como Jesus. Rezemos-lhe com fé e inclinemos a cabeça:

**“Senhor, eu não sou digno de que entrels em minha morada, mas dizei uma palavra e eu serei salvo.”** (rezar 3 vezes)

*(Antes ou depois desta oração, pode cantar-se “Não sou digno”)*

### *Para guardar na memória e no coração*

**“Criados à imagem do Deus único, (...) todos os homens têm a mesma natureza e a mesma origem. Resgatados pelo sacrifício de Cristo, todos são chamados a participar da mesma bem-aventurança divina. Todos gozam, portanto, de igual dignidade”** (CIC 1934).

2. Para levar aos outros a mensagem de que todos os homens são iguais perante Deus, e que, portanto, devem ser iguais perante os homens seus irmãos, convidamos-vos a construir um cartaz com a imagem de um ser humano.

*(Para este trabalho podem recortar de jornais, revistas, ‘posters’, etc. diferentes partes do corpo de modo a elaborarem um quadro com a imagem de um ser humano com características diferentes. Por exemplo: cabelo africano, metade do rosto asiático e ocidental, braços de um índio e pernas metade saia e metade calças, etc..)*

Como vamos testemunhar o modo de viver de Jesus na nossa comunidade, na nossa casa e na nossa escola?

Que podemos fazer de concreto, para diminuir as situações de marginalização/exclusão por vós identificadas? *(O catequista deve guiar os adolescentes para descobrirem um compromisso concreto).*

Enquanto cada um pensa num **compromisso** concreto podemos escutar este cântico: **“Não sou digno”**.

## DOCUMENTO 1

## UMA CIDADE PERFEITA

Era uma vez, num futuro longínquo, uma cidade quase perfeita. Não existiam malfeitores ou preguiçosos, não havia poluição, trânsito ou degradação. À primeira vista tudo era perfeito. Na cidade quase perfeita, em frente de cada casa estava uma bandeira. As bandeiras podiam ser vermelhas, amarelas, brancas ou negras. E, apesar de não ser obrigatório, fazia parte do senso comum cada habitação ter a sua bandeira. E porquê? A bandeira indicava a cor da pele da família que aí vivia. E por existirem bandeiras com quatro cores possíveis é que a cidade era quase perfeita. Assim pensavam os seus habitantes. Mas, seria?

As pessoas de pele branca só gostavam de bandeiras brancas e orgulhavam-se da bandeira que tinham em frente da sua casa. Da mesma forma pensavam as pessoas de outras cores. As crianças de cores diferentes não brincavam juntas, os adultos de cores diferentes diziam 'Olá' e 'Bom dia', mas a conversa já não chegava ao "Como está?". Isto é, na cidade quase perfeita, a cor da bandeira servia para identificar quem eram os possíveis amigos.

Mas acontecia que, todos os meses, na cidade quase perfeita havia uma reunião com todos os habitantes da cidade. Era liderada pelo Presidente da Câmara e realizava-se num edifício do tamanho de dois estádios de futebol. O edifício chamava-se "O Individual". Era assim que se procurava manter a quase perfeição da cidade. O Individual, que tinha apenas uma grande porta, simbolizava o poder e a singularidade da cidade.

Num certo dia de Inverno, caía um forte nevão na cidade quase perfeita, mas nem por isso se adiou a grande reunião. Encontrava-se a cidade em peso no *Individual*, quando se ouviu um enorme estrondo, algo de sobrenatural. Um milésimo de segundo depois, todo o *Individual* ficou às escuras, gerou-se o pânico entre as 33000 pessoas que começara numa correria desenfreada para a grande entrada; só que a porta não abria.

Sem ver o seu auditório, o Presidente, com sangue frio, apercebeu-se do perigo da situação: nunca na cidade quase perfeita alguém tinha assistido a uma falha de electricidade; as pessoas atropelavam-se e poderia mesmo haver mortes por esmagamento. Rapidamente dá a mão à pessoa que estava a seu lado, que por sua vez percebeu a mensagem: formou-se um grande cordão humano dentro do *Individual*. "Calma, calma", ouviu-se. Sem olhar à cor da mão em que se segurava, apenas agarrando-a, sabendo que essa mão poderia salvar a sua vida, todos se acalmaram, e a extremidade do cordão ao pé da porta conseguiu arrombá-la. Lentamente, a multidão saiu do *Individual* para a neve gélida. Uma a uma, as



peessoas apercebem-se de que a mão que seguravam não era da sua cor. No entanto, agarraram-na com igual força.

Dentro do *Individual*, às escuras, o cordão humano tinha permitido que as pessoas, uma vez cá fora, se apercebessem de que a sua cidade só era quase perfeita. Até àquele dia, ninguém se tinha apercebido de que uma mão negra, branca, amarela ou vermelha tem a mesma força para agarrar, seja às escuras seja às claras.

Joana Rute, 15 anos

### Questões

- **Que vos diz esta história?**
- **Que nomes concretos dariam a essas bandeiras?**
- **Que bandeiras coloco eu nos outros?**
- **Que preconceitos tenho eu das pessoas que vejo, na sociedade em que vivo, na minha turma, no meu bairro?**

## DOCUMENTO 2

### JOGO "O ABRIGO SUBTERRÂNEO"

Imaginem que a nossa cidade, ou terra, está sob ameaça de um bombardeiro. Chega um homem que exige de vós uma decisão imediata. Existe um abrigo subterrâneo que só pode acomodar seis pessoas. Há doze que pretendem entrar. Escolhe seis pessoas da seguinte lista:

1. Um jovem toxicodependente, de 17 anos;
2. Um advogado, com 25 anos de idade;
3. A mulher do advogado, com 24 anos de idade, que acaba de sair do manicómio (ambos querem ficar juntos, ou no abrigo ou fora dele);
4. Um sacerdote, com 75 anos de idade;
5. Uma prostituta, com 34 anos de idade;
6. Um jovem, de 20 anos de idade, autor de vários assassinatos;
7. Uma universitária, que fez voto de castidade;
8. Um físico, com 28 anos de idade, introvertido, que só aceita entrar no abrigo, se levar consigo a sua arma;
9. Um deficiente motor, de 20 anos;
10. Uma menina, com 12 anos de idade e baixo QI (Quociente de Inteligência);
11. Um homossexual, com 27 anos de idade;
12. Uma débil mental, com 32 anos de idade, que sofre de ataques epilépticos.

## IV - PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

### FILMES

- ⇒ **Corrida (a)riscada** (Racing Stripes), com Bruce Greenwood e Hayden Panettiere, Warner Bros. Entertainment Inc 2005;  
Este filme mostra, em forma de fábula, os obstáculos e preconceitos que uma zebra tem que vencer para ser um cavalo de corrida. É uma comédia bem equilibrada, em que uma zebra tudo faz para ser aceite por um grupo de cavalos de corrida. Neste filme os animais sentem preconceitos e dificuldades em aceitar o diferente.
- ⇒ **Filho de um Deus menor** (Children of a Lesser God), William Hurt e Marlee Matlin (1986), 119 min. USA.  
Este filme é um drama, em que se conta a dificuldade de integração e de aceitação de uma jovem surda.

### ACTIVIDADES

- Ir ao encontro dos mais necessitados e marginalizados: desempregados, comunidade cigana, imigrantes, sem abrigo, etc., e fazer um levantamento das suas principais necessidades e problemas. Caso se opte por esta actividade, pode pensar-se em organizar uma acção de apoio que poderá culminar no Natal.
- ⇒ Fazer um levantamento de todos os SINAIS DE AMOR, ao jeito de Jesus, que se vejam na paróquia (ou comunidade).
- ⇒ Ler alguma biografia de Madre Teresa de Calcutá e/ou do Padre Américo. Descobrir como se relacionaram com os pobres e marginalizados.

### OUTRAS CANÇÕES

- "Se eu não tiver amor" – Frei Acílio Mendes;
- "Todos nós" – Kyrios (Álbum – Filhos de um Deus Maior).

### *Não esquecer para o próximo encontro*

- ⇒ Investigar sobre religiões não cristãs.
- Trazer para o encontro de catequese o resultado da investigação.

## JESUS, SALVADOR DA HUMANIDADE (diálogo inter-religioso)

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Quando as religiões se encontram

Vivemos num mundo pluricultural e plurireligioso. Mesmo fora das grandes cidades, é fácil ver, à nossa porta, um colorido de etnias, religiões e culturas. Não apenas na comunicação social, que pelos melhores ou piores motivos fala das religiões; também na nossa sociedade se cruzam sensibilidades religiosas diferentes das do Cristianismo. Esta situação interpele-nos. Por vezes, suscita atitudes de receio, de defesa, de afastamento, ou mesmo de confronto e desrespeito não faltando quem aponte o dedo às religiões como factor de divisão na comunidade humana.

A história, porém, diz-nos que, apesar dos percalços, a religião bem entendida é o grande factor de união da humanidade.

Muitos se recordam dos encontros de representantes das religiões, promovidos pelo Papa João Paulo II, em Assis e Roma, para rezarem pela paz no mundo. O primeiro, em 1986, foi justificado pelo Papa deste modo: existe um único desígnio para todo o ser humano que vem a este mundo, um princípio e um fim únicos, qualquer que seja a cor da sua pele, o local onde vive, a cultura em que cresceu ou se exprime. Estes encontros, confirmados pelo Papa Bento XVI, são o testemunho vivo do compromisso da Igreja Católica no diálogo inter-religioso.

O Encontro de Assis é paradigmático para sabermos, antes de mais, o que não é propriamente o diálogo inter-religioso:

- Não se trata propriamente de estudar as religiões do ponto de vista doutrinal e cultural, embora seja muito importante conhecer as várias religiões, para ultrapassar preconceitos e malentendidos.
- Não é um debate de religiões, em que cada um apresente as suas razões, tente convencer os outros de que estão errados e procure convertê-los à sua religião.

- Não se pretende criar uma “super estrutura” que esteja acima de todas as religiões, criar uma *frente comum* de religiões contra o mundo secularizado ou fazer valer a ideia de que todas as religiões são iguais.

No diálogo inter-religioso, há tempo para tudo: tempo para o diálogo e tempo para o anúncio explícito de Jesus Cristo. Importa distinguir as coisas. No diálogo inter-religioso, a conversão adquire o seu sentido mais original: trata-se de cada um se converter, de se voltar para Deus, de escutar o apelo que Deus lhe faz no mais íntimo do coração, o apelo que os textos sagrados exprimem. Para isso, é fundamental uma atmosfera de liberdade, abertura, escuta, para se ultrapassarem os preconceitos e a suspeição. O facto de poder dizer “tu” a alguém, num ambiente de estima, fez nascer algo em comum, criando já uma plataforma de entendimento.

A primeira e última instância do diálogo é a convicção da origem divina da família humana, reflectida na imagem que cada um traz em si mesmo e o conduz para o mesmo fim.

O diálogo inter-religioso exclui tanto a arrogância como a ingenuidade, supõe uma consciência viva das diferenças entre as religiões e exige a fidelidade ao essencial da sua fé.

## 2. O essencial da fé cristã

Existem quatro verdades de fé, a que o cristão não pode renunciar:

1. Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Depois do pecado, esta salvação supõe a graça salvífica de Deus.
2. Deus realizou a salvação por meio do seu Filho incarnado, Jesus Cristo, que morreu na cruz, para salvar os homens do pecado e da morte, e ressuscitou, para lhes comunicar a graça e os tornar participantes da vida divina.
3. A salvação, na sua plenitude e perfeição, realiza-se na Igreja que Jesus quis e fundou durante a sua vida terrena e que, pela acção do Espírito Santo, nasceu no Pentecostes. Confiou-lhe os meios de salvação: a Palavra de Deus, transmitida na Sagrada Escritura, e os Sacramentos, pelos quais comunica a vida da graça. Ela é, assim, o Corpo de Cristo, visível e invisível; é sacramento universal de salvação.
4. É absolutamente necessária a fé no Deus de Jesus Cristo. Segundo a exortação “Tertio Millennio Adveniente”, “a chave, o centro e o fim de toda a história humana encontra-se no seu Senhor e Mestre (...) Cristo, que é o mesmo, ontem, hoje e sempre” (59).

Não se pode, no entanto, negar que Deus, no seu amor insondável, actua para além das fronteiras visíveis da Igreja. Não sabemos por que caminhos a graça de Deus alcança os homens que não conhecem o Evangelho e a Igreja. Só Deus sabe (cf AG, 7). Como afirmaram, de vários modos, grandes Santos da Igreja (S. Justino, Santo Agostinho, S. Basílio, S. Gregório Magno, Santo Ireneu...), existem “sementes do Verbo” disseminadas pelas várias religiões.

### 3. Como promover o diálogo inter-religioso

Os documentos da Igreja propõem várias formas de diálogo inter-religioso:

- a) O diálogo da vida, do exemplo e do testemunho em que se acolhem as pessoas de outras religiões.
- b) O diálogo das obras em que todos, a partir de diferentes convicções religiosas, colaborem no bem comum, na educação e saúde, na defesa dos valores éticos, morais e familiares, na promoção da justiça, da dignidade e dos direitos humanos, da defesa do ambiente, etc.
- c) O conhecimento mútuo: pode começar pelos aspectos mais exteriores, tais como as festas e outros eventos sociais, a arte e a música; mas deve estender-se, depois, a elementos fundamentais das crenças religiosas, expressos em textos, e sobretudo, testemunhados na fé e na vida.

A catequese deve formar cristãos capazes de um autêntico diálogo inter-religioso: cristãos que, antes de mais, crêem firmemente em Jesus Cristo, como o caminho, a verdade e a vida, o único que nos leva ao Pai (cf Jo 14, 6). Será que esta fé leva à arrogância ou ao desprezo pelas outras religiões? Pelo contrário: primeiro, porque é o próprio Cristo que, não só exclui toda a arrogância e desprezo, mas nos conduz a uma abertura aos outros, num amor sem fronteiras, um amor que se concretiza no dar e receber; segundo, porque Cristo nos comunicou um Deus que a todos ama e em todos actua, sem limites de espaço, de tempo e de religião. Numa palavra: Jesus Cristo é quem mais nos desafia ao diálogo interreligioso e o único que nele nos pode guiar.

#### OBJECTIVOS

- Com Cristo, olhar as grandes religiões do nosso tempo.
- Reconhecer Jesus Cristo como o único Salvador.
- Comprometer-se com todas as pessoas na construção da civilização do amor.

#### ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Os adolescentes gostam de partir à descoberta, construir o seu próprio conhecimento e desenvolver as suas próprias competências, como meios estruturantes da personalidade. Por isso, escolhem dinâmicas que vão ao encontro destas necessidades.

A dinâmica inicial tem como principal finalidade levá-los a descobrir a importância da comunicação entre as pessoas que se empenham numa mesma tarefa e da compreensão e aceitação das ideias do outro. Quer durante os trabalhos, quer durante a partilha, o catequista estará atento a algumas **atitudes a evitar** relativamente aos outros crentes: qualquer forma de intolerância ou proselitismo; todo o sincretismo em que se adoptem crenças ou cultos incompatíveis com a nossa fé; a ideia de que todas as religiões valem o mesmo e que, por conseguinte, nenhuma merece uma adesão privilegiada.

O conteúdo desta catequese é muito rico. Pode, por isso, estender-se no tempo. Muito mais, se o catequista não conhecer bem os objectivos. Mas, no caso de os adolescentes

se mostrarem interessados em debater o tema de forma mais aprofundada, sugere-se que o façam num encontro entre catequese.

Para que o catequista se sinta à vontade durante os plenários, necessita de uma leitura atenta, não só do aprofundamento do tema exposto atrás, como também dos documentos propostos para o “Jogo das Religiões”, dos resumos apresentados em anexo sobre as grandes religiões e das sugestões de actividades a desenvolver entre as catequese.

Nas duas alternativas, propostas na experiência humana, os adolescentes são convidados a aprofundar os seus conhecimentos acerca das cinco religiões mais seguidas no mundo, procurando descobrir as diferenças e as semelhanças entre elas.

Para a execução da primeira alternativa, é necessário que o desafio tenha sido lançado na semana/encontro anterior, e que os adolescentes tragam as informações que encontraram.

Para a segunda alternativa – “Jogo das Religiões” – o catequista deve fotocopiar e recortar os textos do Doc. 2. Antes de os distribuir, deve retirar os títulos identificativos das religiões.

Note-se que esta catequese trata **apenas o diálogo com religiões não cristãs**, ficando de fora o diálogo ecuménico entre confissões cristãs.

## MATERIAIS

*Para a 1ª alternativa:*

- Marcadores;
- Cartolinas;
- Cola;
- Tesoura;
- Imagens alusivas ao tema.

*Para a 2ª alternativa:*

- Fotocópias dos textos do Doc. 1.

## MÚSICAS

- “Juntos para sonhar”;
- “Pai nosso”, versão P. Tarcizio.

# II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

## 1º Encontro – À PROCURA DE DEUS

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

Lembram-se do tema dos últimos encontros? O diálogo e as condições para que o diálogo seja verdadeiro. Pois bem, hoje vamos falar do diálogo com pessoas muito especiais: as que seguem religiões diferentes da religião cristã. Deixaremos de lado, por falta de tempo e para evitar confusões, o diálogo com cristãos de outras confissões, os protestantes e

ortodoxos, entre outros. Portanto, fique claro: falaremos apenas do diálogo inter-religioso (e não ecumênico).

1. De certeza que todos já se deram conta de que vivemos num mundo onde coexistem várias raças, culturas e religiões. A pergunta que alguns de vós talvez já pusessem, é esta: havendo tantas religiões, que sentido tem sermos cristãos? O que é que nos une aos homens e mulheres de religiões não cristãs? E o que nos separa?

Para uma boa resposta, é preciso, antes de mais, conhecermos o que é específico dessas religiões. Isso vai ajudar-nos em duas coisas: 1º a clarificar o que é específico da nossa fé cristã; 2º a estabelecer um verdadeiro diálogo com as pessoas de crenças e práticas religiosas não cristãs.

Vamos começar por nós. Tentem responder, com sinceridade, às duas perguntas que se encontram no vosso catecismo: Porque sou cristão? O que significa para mim ser cristão?

*No caso de o grupo ser grande, é conveniente que se deixe tempo para a partilha entre os membros de cada pequeno grupo e só depois se faça o plenário, com a intervenção dos secretários de cada grupo. Se o grupo de catequese for pequeno, o diálogo é logo entre todos. É importante que, nele, cada um sinta fortalecida a sua convicção cristã.*

2. Agora vão ter oportunidade de conhecer melhor as principais religiões não cristãs.

1ª

### Alternativa

#### Viagem ao mundo das religiões

Trouxeram os resultados da vossa pesquisa sobre as religiões não cristãs seguidas no mundo?

Vamos organizar-nos em grupos e partilhar toda a informação recolhida. Depois cada grupo vai ocupar-se apenas de uma dessas religiões e construir um cartaz sobre ela.

Mas, para a elaboração dos cartazes, tenham em conta os seguintes pontos:

- se a religião é monoteísta ou politeísta;
- a sua mensagem principal;
- os seus dias sagrados, no caso de existirem;
- símbolos principais.

Têm 15 minutos.

No final, cada grupo dá a conhecer aos outros as suas descobertas e afixa o seu cartaz. Com todos os cartazes, poderemos fazer uma viagem pelo mundo das religiões.

*Se o grupo for pequeno, todo o trabalho é feito pelos seus membros, incluindo a construção e afixação de diferentes cartazes.*

2ª  
Alternativa

**“Jogo das Religiões”**

Vou propor-vos um jogo a que se pode chamar “Jogo das Religiões”. Com ele podemos descobrir algumas das características das religiões mais seguidas no mundo. As regras são simples: vou distribuir vários textos que falam um pouco de uma dada religião.

*(Depois da distribuição:)*

Primeiro, dois a dois (*o número de elementos de cada pequeno grupo depende da dimensão do grupo de catequese*), façam uma leitura do texto que vos calhou, seguida de uma análise e reflexão, tentando descobrir a que religião se refere. Convém que tenham em conta os seguintes pontos:

- se é uma religião monoteísta ou politeísta;
- a sua mensagem principal;
- os seus dias sagrados, no caso de existirem;
- símbolos principais.

3. *(Após a realização de qualquer uma das alternativas, o encontro deve continuar do seguinte modo:)*

Quais são as semelhanças e as diferenças fundamentais entre as religiões que analisaram?

Há uma coisa igual em todas: a fé no Transcendente. Todas procuram a vida para além dos limites humanos. A diferença principal está na definição desse transcendente. Neste campo, há **duas grandes categorias** de religiões:

A) As **religiões monoteístas**, chamadas assim porque têm em comum a fé num só Deus. São três, por ordem cronológica da sua formação:

- o **Judaísmo**;
- o **Cristianismo** (que compreende diversas igrejas ou confissões: a Igreja Católica Romana, as Igrejas Orientais Católicas, as Igrejas surgidas das reformas protestantes ou evangélicas e a Igreja Ortodoxa);
- o **Islamismo**.

B) As **religiões não monoteístas**, entre as quais se destacam: o **hinduísmo** e o **budismo**.

Perante tantas religiões põem-se várias questões. A primeira pode ser esta: Será um bem ou um mal a existência das diferentes religiões? Qual é a vossa opinião? *(Ouvir os adolescentes)*



De facto, em si mesmo não pode ser um mal. **Procurar a vida e o sentido para ela para além dos limites humanos é até uma necessidade.** Como os homens não podem viver cada um para si próprio, para viverem em paz precisam de Alguém que tem a vida plena, Aquele a quem chamamos Deus. Se nos abrimos a Ele, Ele abre-nos aos outros.

Sem isso, as religiões podem tornar-se num mal. E sabem que o foram ao longo da história da humanidade. E ainda hoje: quando os homens se não respeitam na sua diversidade, nascem o desprezo, os conflitos e as guerras. E quando isso é feito em nome da religião, ainda é pior. Por detrás de muitos conflitos está o **fanatismo religioso.** De certeza que conhecem casos desses. Querem indicar alguns? (*Ouvir os adolescentes*)

Portanto, o único caminho a seguir é o **diálogo.** E hoje, felizmente, ele já é uma realidade. Tem havido belas iniciativas nesse sentido, nomeadamente a partir da Igreja Católica. Conhecem algumas? (*Ouvir os adolescentes*)

Os acontecimentos que mais impacto causaram foram os encontros de oração em Assis e Roma: representantes das religiões mais importantes encontraram-se com o Santo Padre para reflectir em comum e para rezar pela paz.

Se estamos a ver a importância da **oração** no diálogo, então não podemos deixar de nos unirmos nessa oração.

Sugiro que o façamos com a **oração que Jesus nos ensinou.** Embora conhecida só dos cristãos, é a oração mais rezada em todo o mundo. Na primeira parte, entregamo-nos a Deus, para depois, na segunda parte, lhe pedirmos que nos dê, a nós e a todos os homens, aquilo de que mais precisamos. Então digamos todos (de mãos dadas e/ou cantando):

#### **PARA INTERIORIZAR**

"Pai Nosso"...

(*No final pode cantar-se "Juntos para sonhar".*)

Para esta semana tenho uma sugestão: depois de nos termos informado da existência de outras religiões, proponho entrarmos em diálogo com pessoas de religiões não cristãs: pessoas que vivam perto de nós ou que possamos contactar, por exemplo, pela net. Informem-se sobre o que elas fazem e contem o que nós fazemos, nomeadamente nesta catequese.

## **2º Encontro – À PROCURA DA UNIDADE**

*Para retomar o encontro anterior o catequista pode convidar os adolescentes a cantarem ou escutarem o cântico: "Juntos para sonhar".*

1. No final do último encontro convidei-vos a entrar no diálogo inter-religioso, lembram-se? Se alguém o fez contem lá como foi. (*Ouvir os adolescentes*)

## II. PALAVRA

2. Quando nos deparamos com outras religiões, alguns podem pensar que todas valem o mesmo. Não sei se alguns de vós pensam assim. Mais: alguns podem pensar que, no contacto e diálogo com os outros, diminui para nós a importância de Jesus Cristo. Será que, para nós, Jesus é apenas um como outros? (*Ouvir os adolescentes*)

Para que não restem dúvidas, vamos ouvir o próprio Jesus. Ele não só nos vai mostrar que é único, mas pode ajudar-nos a descobrir o caminho para o verdadeiro diálogo com aqueles que não acreditam n'Ele como nós.

Convido-vos a abrir as vossas Biblias em **Jo 10, 14-16**. Quem de vós quer ler para os outros?

“Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e ofereço a minha vida pelas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil. Também estas eu preciso de as trazer e hão-de ouvir a minha voz; haverá um só rebanho e um só pastor”.

(Jo 10, 14-16)

Jesus começa por dizer que é o **bom pastor**. Bom porquê? Leiam o resto do **versículo 14**. (*Ouvir os adolescentes*)

Que **conhecimento** é este que Jesus nos tem? É o mesmo que existe entre Ele e Deus, a quem chamou “Pai”. Ora entre o pai e o filho, o conhecimento tem de ser de amor. Quem ama conhece a pessoa amada, tem-na no coração.

E como se concretiza este conhecimento de Jesus para conosco? Vejam no **final do v. 15**. (*Ouvir os adolescentes*)

Pelo dom da vida na cruz, Jesus deu a maior prova de amor, transformando assim uma morte cruel e degradante no maior triunfo sobre tudo o que é contrário à vida: o desprezo, a intolerância, o ódio, o pecado, a morte.

Nisto **Jesus foi único**. Manifestou-se como Filho único de Deus e, como tal, caminho único para Deus. Por isso Ele dizia: “Eu e o Pai somos um”. Só Ele podia dizê-lo.

Sendo assim, nós, que acreditamos em Jesus, estamos numa condição privilegiada. E não O podemos esconder a ninguém. Antes temos de O anunciar. Quem experimenta o amor de Jesus, não pode deixar de falar dele àqueles que não O conhecem, nomeadamente **aos seguidores de outras religiões**. A estes por uma razão maior.

Leiam as palavras de Jesus no v. 16. Que "outras ovelhas" serão essas? (*Ouvir os adolescentes*)

São também os não cristãos. Reparem que Ele já as tem. Mas como, se elas ainda O não conhecem? É que também por elas Ele deu a vida. Como Filho Único de Deus, o amor de Jesus não tem limites.

Portanto, só falta que esses, que O não conhecem, ouçam a sua voz. Mas, por meio de quem? Que vos parece? (*Ouvir os adolescentes*)

Por meio de nós, cristãos, no diálogo com eles.

Quererá isso dizer que dialogamos com eles com o **objectivo** de os convertermos a Jesus e à Igreja? Sim e não.

- Se for para os obrigar a isso, não. A mensagem de Jesus é de amor. E onde há amor, há respeito, antes de mais, pela liberdade dos outros. Sem liberdade, não há lugar para o amor. Portanto, ao falarmos de Jesus aos outros, temos de fazê-lo como Ele é. Temos de fazê-lo **com amor**.
- Se neste amor eles se deixarem **conquistar por Jesus**, tanto melhor. Então temos a certeza de que também eles estão em condições de realizar um verdadeiro diálogo: o diálogo que é feito em Deus, o Deus que a todos nos ama.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Como reparam, o **diálogo inter-religioso** está inserido na mensagem cristã: faz parte do amor de Deus em Jesus Cristo. Promovê-lo é, além disso, uma **tarefa urgente** no mundo de hoje. Diante das crescentes tensões que existem entre os grupos étnicos, é urgente que a liberdade religiosa seja promovida e que o diálogo entre as religiões possa desenvolver-se, **para o bem comum de toda a família humana**.

Felizmente já há muitas pessoas que o fazem. Uma das que o fez com mais convicção e entusiasmo foi, sem dúvida o Papa João Paulo II. São célebres os seus Encontros de Assis.

No último, realizado em 2002, foi publicado um documento a que chamaram "Decálogo de Assis para a Paz". O texto encontra-se no catecismo.

Proponho que o rezemos hoje como **oração**, ou se preferirem integrado na nossa oração. Sobretudo por duas **razões**:

- 1) Porque este documento é um dos resultados da oração. Isto é, foi proclamado solenemente depois de cada um dos representantes, ter estado em oração, cada um num espaço reservado.
- 2) Porque, ao assumirmos este "Decálogo", estamos de certo modo em diálogo com as religiões daqueles que o fizeram e proclamaram. Unimos as nossas vozes e nossos

corações aos daqueles que, de religiões diferentes, se entregam pela mesma causa: a paz entre os homens. A paz que não conseguimos construir sem a fé em Deus.

*(Antes e depois da leitura pode cantar-se o cântico "Juntos para sonhar" ou outro semelhante. Cada artigo do decálogo pode ser lido por um adolescente diferente.)*

### **"Decálogo de Assis para a Paz"**

*Ao terminar o Dia de Oração pela Paz no Mundo, os chefes religiosos presentes em Assis, a convite de João Paulo II, proclamaram o seguinte compromisso a que se deu o nome de "Decálogo de Assis para a Paz":*

1. Comprometemo-nos a proclamar a nossa firme convicção de que a violência e o terrorismo estão em oposição com o verdadeiro espírito religioso e, ao condenar qualquer recurso à violência e à guerra em nome de Deus ou da religião, empenhamo-nos em fazer tudo o que for possível para desenraizar as causas do terrorismo.
2. Comprometemo-nos a educar as pessoas no respeito e na estima recíprocos, a fim de se poder alcançar uma coexistência pacífica e solidária entre os membros de etnias, culturas e religiões diferentes.
3. Comprometemo-nos a promover a cultura do diálogo, para que se desenvolvam a compreensão e a confiança recíprocas entre os indivíduos e entre os povos, pois são estas as condições para uma paz autêntica.
4. Comprometemo-nos a defender o direito de todas as pessoas humanas de levar uma existência digna, conforme com a sua identidade cultural, e de fundar livremente uma família que lhe seja própria.
5. Comprometemo-nos a dialogar com sinceridade e paciência, não considerando o que nos divide como um muro insuperável, mas, ao contrário, reconhecendo que o confronto com a diversidade do próximo pode tornar-se uma ocasião de maior compreensão recíproca.
6. Comprometemo-nos a perdoar-nos reciprocamente os erros e os preconceitos do passado e do presente, e a apoiar-nos no esforço comum para vencer o egoísmo e o abuso, o ódio e a violência, e para aprender do passado que a paz sem justiça não é uma paz verdadeira.

7. Comprometemo-nos a estar da parte de quantos sofrem devido à miséria e ao abandono, fazendo-nos a voz dos que não têm voz e empenhando-nos concretamente para sair de tais situações, convictos de que, sozinho, ninguém pode ser feliz.
8. Comprometemo-nos a fazer nosso o brado de todos os que não se resignam à violência e ao mal, e desejamos contribuir com todos os nossos esforços para dar à humanidade do nosso tempo uma real esperança de justiça e de paz.
9. Comprometemo-nos a encorajar qualquer iniciativa que promova a amizade entre os povos, convictos de que, se não há um entendimento solidário entre os povos, o progresso tecnológico expõe o mundo a riscos crescentes de destruição e de morte.
10. Comprometemo-nos a pedir aos responsáveis das nações que façam todos os esforços possíveis para que, quer a nível nacional quer internacional, seja edificado e consolidado um mundo de solidariedade e de paz fundado na justiça.

Assis, 24 de Janeiro de 2002

*Para guardar na memória e no coração*

**“A Igreja católica não rejeita o que nas religiões não cristãs existe de verdadeiro e santo (...). Anuncia e tem a obrigação de anunciar incessantemente Cristo, «caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6)”**

(Nostra aetate, 2).

2. Parece-vos que podemos terminar este encontro, sem programar nada relativo ao diálogo com os crentes de outras religiões? Quem tem sugestões. (*Ouvir os adolescentes. Podem inspirar-se nas formas de diálogo inter-religioso expostas no catecismo*)

#### DOCUMENTO 1

##### TEXTO A – HINDUÍSMO

“Esta religião oscila entre duas concepções de Deus: um certo monismo impessoal e o pluralismo subjacente a todas as manifestações. Esta segunda ideia de Deus prevalece geralmente sobre a primeira. (...) Quase não existe um conjunto de deveres comuns a todos e idênticos durante toda a vida. (...) Cada um faz o que quer, um pouco segundo o seu coração. Há praticantes que desdenham profundamente das práticas religiosas dos templos, das peregrinações, e que por isso não são menos do que os outros. (...) Portanto a maioria destes crentes pratica o culto mais em casa do que nos templos. Em quase todos os lares há um santuário onde, em certas alturas, os diferentes membros da família fazem oferendas e rezam. No entanto, existem festas que são celebradas em toda a parte: em Novembro celebra-se a festa das luzes que marca o início do ano hindu (Díwali). Por vezes, todos os membros rezam juntos, com o chefe de família a conduzir a cerimónia, para alcançar o bem-estar geral. (...) A luz de uma lamparina e o incenso são elementos usuais no ritual doméstico. O culto pode ser praticado todos os dias, mas a quarta-feira é considerado o dia especialmente propício ao culto.”

Texto adaptado de M. Delahoutre

##### TEXTO B – BUDISMO

O fundador considerava-se a si mesmo um médico e professor que apontava para a iluminação. A sua doutrina assenta em quatro grandes verdades sagradas: 1) toda a vida é sofrimento e dor; 2) a origem do sofrimento humano está no desejo, na sede de viver e de gozar; 3) a supressão da dor obtém-se, eliminando todos os desejos; 4) o caminho para a supressão do sofrimento encontra-se na prática das virtudes.

A prática desta religião consiste essencialmente em meditar muito, todos os dias. Mas o ideal é dedicar o tempo à procura do nirvana, vivendo num mosteiro.

“Para os crentes nesta religião, o Universo não tem causa primordial e, por conseguinte, não existe um criador nem um ser permanente e primordialmente puro. Por outras palavras, estes crentes acreditam que somos nós mesmos os criadores de quem tudo depende” (14º Dalai Lama).

“Acabou, falando-lhes dos cinco mandamentos da rectidão: Não matar, não roubar, não mentir, não cometer adultério, não abusar nunca do álcool”.

##### TEXTO C – ISLAMISMO

Esta religião é a mais recente das grandes religiões. Foi fundada na Arábia por Maomé, no séc. VII dC. Os seus membros são conhecidos por islamitas, por se considerarem descendentes de Ismael, filho de Abraão e da Agar, sua escrava. O seu principal profeta é Maomé, que teve contactos com o Judaísmo e o Cristianismo através das caravanas que

atravessavam o deserto por volta do ano 507 dC. Depois de se retirar para o deserto, dita oralmente o livro sagrado, cujo conteúdo Deus lhe teria revelado. Para os crentes desta religião, o Corão é a "Palavra textual de Deus" que o profeta recebeu através do Anjo Gabriel, para a comunicar fielmente. A mensagem principal é esta: "Alá é uno", "Alá é grande". A grande profissão de fé é: "Não há outro Deus, a não ser Alá, e Maomé é o seu Profeta". Estes crentes devem rezar cinco vezes por dia, voltados para Meca, jejuarem durante um mês (Ramadão) e irem em peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida.

### TEXTO D – JUDAÍSMO

Os crentes desta religião consideram-se descendentes de Abraão, um arameu nómada com quem Deus fez aliança, tornando-o pai de uma grande nação. O seu livro sagrado, do qual a parte mais importante é a Torah, é constituído pela grande maioria dos escritos, conhecidos entre os cristãos por Antigo Testamento. Acreditam num só Deus, uno e santo, criador de todas as coisas e justo juiz. Continuam à espera de um Messias. Santificam o sábado, porque Deus repousou ao sétimo dia, após ter criado o céu e a terra. Seguem os mandamentos da Torah, que se resumem no duplo mandamento do amor: "amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças", e "amarás o próximo como a ti mesmo".

. . .

### ANEXO PARA O CATEQUISTA

#### Formas de diálogo inter-religioso

*O diálogo da vida*, em que as pessoas se esforçam por viver num espírito de abertura e de boa vizinhança, partilhando as suas alegrias e penas, os seus problemas e preocupações humanas;

*O diálogo das obras*, nas quais os cristãos e as restantes pessoas colaboram em ordem ao desenvolvimento integral e à liberdade das pessoas;

*O diálogo dos intercâmbios teológicos*, nos quais os peritos procuram aprofundar a compreensão das suas respectivas heranças religiosas e apreciar reciprocamente os seus próprios valores espirituais;

*O diálogo da experiência religiosa*, no qual as pessoas, enraizadas nas suas próprias tradições religiosas, dão a conhecer as suas riquezas espirituais, no que se refere, por exemplo, à oração e à contemplação, à fé e às vias da procura de Deus e do absoluto.

#### Quais os princípios básicos a ter em conta no diálogo inter-religioso?

Apresenta-se a seguir mais uma proposta de trabalho de grupos, a partir da análise e discussão de uma fábula. Neste trabalho é solicitado aos adolescentes que descubram quais os princípios básicos a ter em conta no diálogo inter-religioso e de que forma podem eles contribuir para o diálogo se tornar real no mundo de hoje.

## Lê e reflecte com o teu grupo

### CONTO

Um dia, uma macaca andava a repetir por toda a floresta que apenas a sua religião era verdadeira.

Encontrou-se com um gibão, que provinha de uma raça oriental e desconhecida, e começaram os dois a discutir animadamente. A macaca insistia:

- A minha religião é a única realmente verdadeira. O gibão, vindo lá dos lados do oriente, chamou-lhe mentirosa. Mas a macaca, com ares de integralista, repetia:

- Não, a tua religião não pode ser verdadeira como a minha. Não podem existir duas verdades: por conseguinte, a tua é falsa!

O gibão, que tinha sido educado para a tolerância e o respeito pelas crenças dos outros, não suportava os arrogantes e os muito seguros das suas certezas. Parecia-lhe que era absurdo desprezar a religião do outro, para exaltar a própria. E repetia à macaca:

- Estás a pisar com superficialidade e arrogância um caminho feito por milhões de pessoas ao longo de muitos séculos. O caminho espiritual dos meus antepassados orientais é muito elevado e talvez mais antigo que o da tua tradição. Porque ofendes as pessoas que o seguem?

A sua animada discussão foi interrompida por um velho chimpanzé que estava a rezar diante de uma grande bananeira. Aproximou-se e entrou também ele na discussão teológica acerca da única e verdadeira religião. Disse:

- Como sois tontos! O verdadeiro Deus é grande e misericordioso, precisamente como o meu. Ele concede-me os seus frutos e faz-me repousar à sombra das suas folhas.

Estavam assim ocupados a discutir animadamente, quando notaram que havia um grande incêndio a aproximar-se deles e a ameaçar as suas vidas.

Quando se deram conta do perigo, o espanto foi tão grande que, acabadas as discussões, procuraram todos salvar a pele. A macaca e o gibão treparam apressadamente para uma árvore e depois lançaram uma corda ao velho chimpanzé. Assim também ele conseguiu subir para a árvore e depois, ajudando-se uns aos outros, conseguiram fugir os três da floresta em chamas.

Logo que se sentiram seguros, os três reflectiram acerca da experiência. A solidariedade demonstrada no momento do perigo, para além das divergências em questões de religião, convenceu-os de que era possível chegar a acordo acerca de factos, em vez de se agarrarem a princípios.

Cada qual pediu perdão por cada palavra pronunciada com menos respeito pelos outros. Quando chegou o momento de se separarem, a macaca disse:

- Temos de nos juntar mais vezes, para nos ajudarmos uns aos outros. Assim, amando-nos mutuamente, caminharemos juntos para a verdade.

Sérgio Bocchini, adaptado



### Questões:

1. **Quais são as condições para se poder estabelecer um verdadeiro diálogo entre as personagens deste conto?**
2. **Que posso eu fazer para tornar possível o diálogo entre as diferentes Igrejas Cristãs no meu meio?**

### ENCONTRO DE ASSIS (2002)

Diante das crescentes tensões que existem entre os grupos étnicos, é do interesse de todos que a liberdade religiosa seja promovida e que o diálogo entre as religiões, e em especial entre as Igrejas Cristãs, possa desenvolver-se, para o bem comum de toda a família humana. Em Janeiro de 2002, João Paulo II e os principais responsáveis de várias Igrejas e religiões, no seguimento do Concílio Vaticano II, estabeleceram os elementos básicos que deveriam fazer parte deste diálogo:

**“Decálogo de Assis para a Paz”** (encontra-se na Expressão de Fé)

## IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

### FILME

- **Ana e as suas Irmãs**, de Woody Allen, Comédia e Drama, com Barbara Rershey, Carrie Fishes, Micaek Caine, Mia Farrow, Dianne Wiest, EUA. Duração de 103 minutos.

### ACTIVIDADES

- Investigar a história do diálogo inter-religioso.
- Fazer uma visita a um lugar de culto de outra religião e marcar uma audiência com o responsável.
- Investigar os elementos gráficos das diferentes religiões.

### OUTRAS MÚSICAS

- “Unidade” (Gen sem fronteiras);
- “Filhos de um Deus Maior” (Kyrios);
- “Igreja reunida”.

## NATAL: RELAÇÃO E PARTILHA

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Natal e os valores humanos

O Natal é uma festa cheia de significado. Em nenhuma outra época do ano o desejo de proximidade é tão grande. É palpável a atitude das pessoas, que, mesmo com sacrifício, se deslocam para estarem com os familiares e amigos, o esforço por se fazerem presentes junto das pessoas queridas. Trocam-se prendas, há uma atenção especial ao outro, sobretudo ao mais pobre e frágil. Os valores e sentimentos que sobressaem no Natal mostram bem as expectativas e ânsias que brotam do coração de cada pessoa, o desejo de salvação.

##### 2. Jesus Cristo: o “Emanuel” – Deus Connosco

No centro do Natal cristão está Jesus Cristo, o “Emanuel”, que veio dar resposta aos mais profundos anseios humanos. Deus veio pessoalmente ao encontro do homem, na proximidade do Menino do presépio. Desde esse dia, Deus não é mais o Deus distante: é um Deus Connosco, um Deus que percorre os caminhos da história do mundo.

Os caminhos de salvação que Ele nos oferece estão muito para além do que poderíamos imaginar: o nascimento e a vida humana do seu Filho Unigénito representam uma novidade absoluta. É que Jesus era de condição divina, tinha a plenitude da perfeição. Mas, porque “habitou entre nós”, permitiu que “da sua plenitude todos nós recebemos, graça sobre graça” (Jo 1, 14.16).

No entanto, Jesus apresentou-se como homem humilde, simples e pobre: “O Verbo fez-se carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que lhe vem do Pai, como Filho Unigénito” (Jo 1, 14). Ele desceu até nós, para caminhar connosco e nos elevar até Deus. Jesus Cristo é o caminho de Deus para o mundo e o caminho do mundo para Deus.

“Cristo, Redentor do mundo, é Aquele que penetrou, de maneira singular e que não se pode repetir, no mistério do homem e entrou no seu «coração». (...) No Natal do Senhor, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos de

homem, agiu com vontade de homem e amou com coração de homem. Nascendo da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado" (RH 8).

### **3. O espírito do Natal**

O Natal de Jesus, como começo duma nova relação de Deus com a humanidade, vem assim dar sentido ao tempo, a todo o tempo, ao nosso tempo. Vem semear a felicidade na terra dos homens. Como partilha amorosa de Deus com os homens, ajuda-nos a compreender como somos criados e amados pelo Senhor do Céu e da Terra.

"Todo aquele que segue a Cristo, homem perfeito, tornar-se-á cada vez mais homem" (GS 41); pois é impossível acreditarmos em Deus que se fez homem, para a libertação da humanidade, sem, ao mesmo tempo, nos esforçarmos por sermos mais homens e nos comprometermos na construção de um mundo mais humano e livre.

Em Jesus, Deus partilha a nossa vida e pertence à nossa condição, relaciona-se. O Natal continua a ser para nós um apelo à relação de amor, à partilha entre os homens. É o projecto feito relação e partilha diária, é comunhão de solidariedade.

Como é que eu, como catequista, como mensageiro de Jesus Cristo, preparo e vivo o Natal? Deixo-me surpreender e invadir pelo Deus que, por mim, assumiu a minha condição humana?

Estou preparado para ser agente da sua relação connosco, no modo como me relaciono com os outros: na família a que pertença, na comunidade de que faço parte, no grupo de adolescentes que animo, nomeadamente nesta catequese sobre o Natal? Em que medida é que o Verbo que se fez carne, vai encarnar nas minhas palavras, nas minhas atitudes, na minha entrega? – Na medida em que a Ele me entregar, nomeadamente pela oração de contemplação e escuta, de louvor e de prece.

### **OBJECTIVOS**

- Tomar consciência dos sinais de comunhão que se vivem no Natal.
- Acolher o "Emanuel" - Deus Connosco.
- Celebrar e viver o Natal como cristão.

### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Os adolescentes desta idade podem encontrar na oração a segurança de que necessitam, dada a crise de identidade por que estão a passar. Porque se sentem sós e perdidos, buscam alguém que os possa conduzir. É, pois, importante criar momentos de relação íntima com Deus, para que eles possam descobrir esse alguém no Deus Connosco.

A catequese segue o ritmo litúrgico. Por isso, propõe-se que estes dois encontros sejam diferentes dos anteriores. No primeiro, apresenta-se, não apenas a experiência humana, mas também a palavra e a expressão de fé. No segundo, faz-se uma celebração de Natal. Sugere-se que seja realizada na igreja/capela ou pelo menos num local diferente do habitual. Para isso, este encontro deve ser pensado e preparado atempadamente.

Procura-se, deste modo, consciencializar os adolescentes da necessidade de recuperar o sentido profundo do Natal, como a vinda de Jesus, com uma mensagem capaz de transformar o mundo e o coração de cada homem.

## **MATERIAIS**

### *1º encontro*

- 1 Bíblia;
- Fotocópias do Doc. 1 (1ª alternativa);
- 1 folha A4 por grupo (1ª alternativa);
- Marcadores;
- Fotocópias do Doc. 2 (2ª alternativa).

### *Celebração*

- 2 velas;
- 1 Bíblia;
- Projector de apresentações em "Powerpoint";
- Gravador ou leitor de Cd's;
- Música de Natal;
- Presépio (Maria, José e Menino Jesus);
- Pequenos cartões para os adolescentes;
- Lápis ou esferográfica;
- Folhas para a oração dos fiéis;
- Recipiente para a recolha dos cartões escritos.

## **MÚSICA**

- "Preparai o Caminho do Senhor".

## **II - DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **1º Encontro - O NATAL DOS MEUS IRMÃOS**

Como têm reparado, desde o princípio deste ano, temos falado sempre do mesmo tema: o diálogo, entre nós, com os outros, com a natureza, com pessoas de outras religiões. Quem é capaz de resumir as condições e características principais desse diálogo tão alargado?

*(Ouvir os adolescentes. Pode acontecer que as respostas sejam diferentes, conforme a sensibilidade de cada um. O importante é que sejam acolhidas de forma positiva. Ou seja, que haja verdadeiro diálogo, quando dele se fala.)*

Por exemplo: acolhimento, respeito, escuta.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Estou encantado, ao ouvir-vos. Querem saber porquê? É que, quando falam, estão a realizar o significado do termo "diálogo". Diálogo é, na origem, um termo grego, composto de "diá", que significa "através de", e "logos", que significa "palavra". "Diálogo" é a troca de palavras, para, através delas, nos relacionarmos, transmitindo o que cada palavra significa e exprime. Digam lá o que elas podem exprimir. (*Ouvir os adolescentes*)

Com as palavras dão-se nomes às coisas, descrevem-se situações, comunicam-se sentimentos, ideias e experiências, interpelam-se as pessoas. Estão a ver o poder das palavras? Praticamente não há palavra nenhuma, que eu ouça, e me deixe indiferente. As palavras podem transformar as nossas vidas.

Pois bem, hoje, vamos falar de uma pessoa que disse palavras tão importantes, que lhe foi dado o título de "Palavra", em latim "Verbo" e em grego "Logos". Já estão a ver quem é. E como é que **essa** Palavra nasceu?



2. Para responderem, vamos começar por outras palavras que se referem a Ele. São: "Natal", "Menino Jesus" e "Comunhão", tantas vezes repetidas nesta altura do ano. Vou distribuir uma folha com essas palavras, mas com espaços em branco (*Doc. 1*).

*(Se o grupo não for numeroso, a reflexão pode ser feita em conjunto; de contrário, é preferível subdividir o grande grupo em pequenos grupos.)*

Em primeiro lugar, escrevem duas ou três frases das mais ouvidas, isto é, "frases feitas" ditas a propósito de cada uma das palavras da coluna da esquerda. Têm 5 minutos. (...)

Agora, cada um, numa breve reflexão pessoal, procura preencher a coluna da direita: "Eco que essas frases têm em mim". (...)

Agora digam aos outros o que escreveram. (*Ouvir os adolescentes*)

Cada grupo ou par prepara e escreve agora, numa só frase, o resumo do que escreveram. (*Distribuir as folhas A4 e os marcadores. As folhas irão ser fixadas na parede*).

A frase que escrevestes, exprime o que vós próprios pensais? Isto é, estais ou não de acordo com o que a frase exprime?

Não respondam, para já.

Antes de responderem, vão primeiro dividir-se em grupos e ler um conto de Miguel Torga. Como o conto é um pouco extenso, proponho que o leia cada um para si e, só depois, todos respondam às questões que lá vêm. *(Distribuir cópias do Doc. 2)*

- Que sinais de partilha aparecem no conto?
  - No meu ambiente, vêem-se estes sinais apenas na época natalícia?
  - Que significado tem o Natal para as pessoas em geral?
  - E vós, estais de acordo com o modo como essas pessoas vivem o Natal?
- Peço-vos que não respondam já a estas duas últimas perguntas.

*O catequista limita o tempo para a reflexão dos grupos, tendo em conta o seu tamanho e que este encontro não é preenchido apenas com experiência humana.*

**3. Qualquer que seja a alternativa escolhida, o encontro continua do seguinte modo:**

Antes de dizerem se estão ou não de acordo com o que as pessoas por aí pensam sobre o Natal e com o modo como o vivem, vamos escutar o que Deus nos diz através da Bíblia. Fala do Natal, mas dum modo a que, provavelmente, não estão habituados a ouvir.

## II. PALAVRA

1. É no princípio do Evangelho de S. João. Nele, S. João não fala de Jesus a nascer no presépio de Belém, mas apresenta-o como Palavra, Verbo em latim, Logos em grego. Resta saber de quem é que Jesus é a Palavra.  
Para percebermos melhor, o texto vai ser lido por três. Depois veremos porquê. Entretanto, se quiserem, podem seguir a leitura pelo catecismo. *(O texto vem na parte celebrativa da catequese)*

**2. Leitura proclamada directamente da Bíblia e por três leitores:**

**1º Leitor:**

No princípio existia o Verbo;

o Verbo estava em Deus;

e o Verbo era Deus.

No princípio Ele estava em Deus.

Por Ele é que tudo começou a existir

e sem Ele nada veio à existência.

**2º Leitor:**

O Verbo era a Luz verdadeira,  
que, ao vir ao mundo,  
a todo o homem ilumina.  
Ele estava no mundo  
e por Ele o mundo veio à existência,  
mas o mundo não o reconheceu.  
Veio para o que era seu,  
e os seus não o receberam.  
Mas, a quantos o receberam,  
aos que nele crêem,  
deu-lhes o poder de se tomarem filhos de Deus.  
Estes não nasceram de laços de sangue,  
nem de um impulso da carne,  
nem da vontade de um homem,  
mas sim de Deus.

**3º Leitor:**

E o Verbo fez-se carne  
e veio habitar entre nós.  
E nós contemplámos a sua glória,  
a glória que possui como Filho Unigénito do Pai,  
cheio de graça e de verdade.  
(Jo 1, 1-3.9-14)

*(Silêncio para interiorização.)*

O texto foi lido por três, porque, fundamentalmente, **são três coisas** que ele nos diz **acerca de Jesus**.

— A primeira foi lida pelo 1º leitor nos vv. 1-3. Queres ler outra vez? *(Depois da leitura:)*

Lembram-se da pergunta que fiz há pouco? Depois de dizer que Jesus é o Verbo, ou a Palavra, perguntei: de quem? Aqui está a resposta: **Jesus é a Palavra de Deus**. Isto é, nunca os homens souberam tanto de Deus como através de Jesus. Estar a ouvir Jesus é estar a ouvir Deus. Tal é a união de Jesus com Deus. São inseparáveis. De tal maneira, que mesmo antes de Jesus nascer, Ele já estava em Deus, fazia parte de Deus.

Portanto a primeira coisa que S. João nos diz é que **sempre Jesus fez parte de Deus**. Como as palavras que nós dizemos de certo modo fazem parte de nós. Damos-nos a conhecer pelas palavras que dizemos: elas exprimem os nossos conhecimentos,

sentimentos e convicções. E com elas entramos em comunicação com os outros: para o bem ou para o mal. Depende do que vai dentro de nós. O mesmo se passa com Deus. Com uma diferença: em Deus só há bem, só há amor. Por isso, o que Ele comunica é sempre para o bem, para a vida. E comunica-o através de Jesus.

Por isso, ninguém na terra merece tanto apreço, tanta admiração como Jesus. Ouvir-lo e vê-lo é ouvir e ver o próprio Deus.

Mas será que todas as pessoas pensam como nós?

- Vamos voltar a ouvir o segundo leitor. Queres ler outra vez a tua parte os vv. 9-12? *(Depois da leitura:)*

A segunda coisa que S. João nos diz é que houve e há pessoas que rejeitam Jesus. E rejeitando Jesus, rejeitam Deus e o bem, a luz, a vida que Ele nos oferece por Jesus.

E qual é o resultado? As guerras, as destruições, a morte. Tudo isto há no mundo, pessoas que não querem saber de Deus. Vivem fechadas em si próprias, surdas à Palavra, ao amor de Deus.

Mas, nem todos são assim. Na mesma parte do texto, S. João diz que há outras pessoas que acolhem a Deus que se comunica em Jesus.

E o que acontece com essas pessoas? Tornam-se "Filhos de Deus". Isto é. Deus passa a estar nelas, no seu viver, pensar e agir. São pessoas que vivem de Deus.

E como é que essa vida se adquire? Pela fé que nos acompanha desde o Baptismo. Portanto, é essa vida que nós cristãos possuímos e nos faz felizes.

Sentem-se ou não felizes por serem cristãos, orientados por Deus? Eu sinto. Por isso estou aqui a falar-vos. Ou melhor, Deus está a falar por meio de mim. Pelo menos procuro que assim aconteça. Para isso, que devo eu fazer?

- Aquilo que S. João nos diz no v. 14. Vamos ouvi-lo de novo. *(Para o 3º leitor:)* Queres ler outra vez? *(No final da leitura:)*

Aqui proclamamos uma verdade fundamental da nossa fé: que **"O Verbo fez-se carne" e passou a habitar entre nós!** Deus é tão nosso amigo, tão solidário connosco, que a sua Palavra assumiu carne humana, tomou-se visível, audível e palpável em Jesus Cristo. Fez-se criança como nós, cresceu como nós, sofreu como nós. Que maravilha! Que amor! Que glória!



Sabem o que acontece, quando a gente reconhece e proclama tudo isto? Se for com fé e convicção, então este amor divino apodera-se de nós, para nos levar a viver no amor e a sermos felizes.

3. Será isso que se passa convosco?

Convido-vos a responder agora à pergunta que fiz, antes de termos o texto: estão ou não de acordo com o modo como as pessoas em geral pensam e vivem o Natal? Tentem confrontar esse modo de pensar e viver com aquilo que S. João nos acaba de dizer acerca de Jesus, a Palavra de Deus que se fez homem. Será esse Jesus que está no centro do Natal que por aí se celebra? (*Ouvir os adolescentes*)

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. O Natal cristão celebra este facto fundamental: Deus ama-nos de tal forma, que, pela celebração, continua a vir ao nosso encontro. A sua Palavra, o seu amor continuam a encarnar entre nós.

Estamos a preparar-nos para O receber. Será que o vamos rejeitar, fechando-lhe o nosso coração, como fazem tantos por aí? Ou queremos, que Ele se torne visível nas nossas vidas, no que dizemos e fazemos?

Para que tal aconteça, convido-vos a rezar-lhe com confiança:

**Catequista** (ou um adolescente):

Neste tempo de Advento, nós Vos pedimos, Senhor, pelos homens do mundo inteiro.

**Todos:**

Enchei-os de palavras e gestos fraternos,  
de desejos de unidade e de paz,  
e de confiança na Vossa presença.

**Catequista** (ou um adolescente):

Nós vos pedimos também pela Igreja à qual pertencemos.

**Todos:**

Enchei-a do vosso Espírito,  
e dai-lhe novas forças para ser no mundo sinal da vossa presença.

**Catequista** (ou um adolescente):

Por último, Senhor, nós Vos pedimos por nós próprios.

**Todos:**

Fazei que saibamos reconhecer Jesus,  
e dai-nos forças para O acolhermos no nosso coração  
e para O comunicarmos pelas nossas palavras e acções.

**Cântico: "Preparai o caminho do Senhor"**

## **Para guardar na memória e no coração**

**“O Verbo fez-se Carne e veio habitar entre nós”. (Jo 1, 14)**

2. Leiam a história que está no catecismo e nos mostra que afinal Deus está sempre a dar-nos sinais; mas nós procuramos sempre algo de extraordinário. Raramente Deus está no extraordinário. O sinal que Deus nos oferece no Natal é o de uma família humana, como as nossas, na qual, Ele encarna para estar connosco e nos falar de Deus. Que espaço Lhe abrimos nas nossas vidas, para que o Seu amor seja experimentado por todos os que O procuram? Que vou eu fazer para comunicar Jesus aos outros?

## **2º Encontro – CELEBRAÇÃO DE NATAL**

*(O local onde decorre a celebração deve ser preparado com cuidado e tempo, para que, para que ao chegarem, os adolescentes encontrem o catequista disponível. Na sala/igreja/capela devem estar colocadas, as imagens de Nossa Senhora e S. José, e todo o restante material para a celebração.*

*Na procissão de entrada, vão à frente dois adolescentes com duas velas acesas; segue-se outro adolescente com a Bíblia aberta; atrás vão os restantes elementos do grupo, seguidos do presidente da celebração.*

*Chegando ao local da celebração, os adolescentes colocam as velas; uma ao lado da imagem de Maria e a outra ao lado da de José; entre uma e outra é colocada a Bíblia, aberta em Jo 1, 1-3. 9-14).*

### **Admonição inicial: (Presidente)**

Estamos às portas do Natal.

Mais do que centrar-nos nos presentes que iremos oferecer ou receber, importa que olhemos para Aquele que é o verdadeiro presente de Deus para a humanidade. A Palavra Eterna do Pai, o Verbo Encarnado, Jesus feito Homem, é o grande presente que Deus oferece a cada homem, para que possa participar da Sua Vida divina. Esta é a grande dádiva do Pai: o Seu Próprio Filho.

- Celebrar o Natal é acolher a ternura e a misericórdia do nosso Deus.
- Celebrar o Natal é cantar um hino de louvor ao Pai que nos envia o Seu Filho, o Seu Logos, para partilhar connosco a Sua vida divina.
- Celebrar o Natal é acreditar que Deus está connosco, que a nossa terra é a Sua morada.
- Celebrar o Natal é abrir-se à esperança que se acende em todos os corações.

- Celebrar o Natal é agradecer a Maria, que trouxe à nossa terra o Desejado, o Salvador.
- Celebrar o Natal é cantar a alegria, a paz, a misericórdia de Deus que, em Jesus, nos torna irmãos.

### **Cântico**

Vinde, Senhor, não tardeis,  
E dai-nos a vossa luz.  
Deus conosco, Rei de paz,  
Oh! vinde, Senhor Jesus.

### **Salmo**

**Voz 1:** O Senhor vem!

**Todos:** Povos todos, batei palmas!

**Voz 2:** Vem libertar a nossa terra  
do egoísmo e da injustiça.

A cada pessoa oferece a paz.

**Voz 1:** O Senhor vem!

**Todos:** Cantai de Alegria!

**Voz 2:** Traz a luz

a todos os que respeitam os seus irmãos.

Aos que O acolhem, dá a alegria.

**Voz 1:** O Senhor vem!

**Todos:** Agradecei, adorai, ajoelhai-vos!

**Voz 2:** Nas montanhas e nas planícies,  
nos campos e nas florestas  
cantai para Ele e louvai-O!

Vem para trazer a felicidade à terra.

**Todos:** O Senhor vem!

**Voz 2:** Jesus, o Filho de Deus,  
vem na noite humana  
para iluminar com a Sua Palavra  
e amparar os fracos,  
para carregar os pesados fardos  
que esmagam os habitantes da terra  
e para lutar com eles contra o mal  
que se esconde nos caminhos de cada dia.

**Todos:** O Senhor vem!

**Voz 2:** Jesus, o Salvador,  
vem à vida humana  
para dar o Seu amor sem medida  
e para abraçar com Amor  
todos os homens.

Acolhei o Verbo de Deus,  
acolhei a Palavra do Pai,  
não O deixeis de fora,  
dai-Lhe um lugar no vosso coração.

**Todos: Ele vem aumentar a nossa felicidade!  
Vem para a nossa alegria!  
Vem para nos salvar!**

#### **Cântico**

Vinde, Senhor, não tardeis,  
E dai-nos a vossa luz.  
Deus connosco, Rei de paz,  
Oh! vinde, Senhor Jesus.

*(Breve silêncio de preparação para escutar a Palavra de Deus)*

**Adolescente 1:** Acolhamos o Salvador;  
abramos de par em par as portas do coração  
a fim de que possa entrar  
e permanecer connosco.

**Adolescente 2:** Jesus veio para toda a gente!  
Veio para os continentes de gelo e para os continentes de sol,  
para os países em guerra e para os países em paz!  
Acolhamos a Palavra do Pai, o Seu Verbo, a surpresa de Deus:

**Todos: Deus habita no meio de nós!**

#### **Presidente:**

Jesus, o Verbo de Deus, vem na fragilidade de uma criança.  
Acolhamos Jesus, a Palavra do Pai, o Seu Logos.  
Façamos do nosso coração a gruta acolhedora e disponível para o Menino de Belém.

#### **Cântico:**

O Verbo fez-se carne e habitou entre nós.  
Da sua plenitude todos nós recebemos. (bis)

*(Durante uns momentos de silêncio a imagem de Jesus Menino é colocada, por um adolescente no presépio, sobre a Bíblia.)*

**Leitura do Evangelho segundo S. João** *(por 3 leitores)*

**1º Leitor:** “No princípio existia o Verbo;  
o Verbo estava em Deus;  
e o Verbo era Deus.

No princípio

Ele estava em Deus.

Por Ele é que tudo começou a existir  
e sem Ele nada veio à existência.

**2º Leitor:** O Verbo era a Luz verdadeira,  
que, ao vir ao mundo,  
a todo o homem ilumina.

Ele estava no mundo

e por Ele o mundo veio à existência,  
mas o mundo não o reconheceu.

Veio para o que era seu,  
e os seus não o receberam.

Mas, a quantos o receberam,  
aos que nele crêem,  
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.

Estes não nasceram de laços de sangue,  
nem de um impulso da carne,  
nem da vontade de um homem,  
mas sim de Deus.

**3º Leitor:** E o Verbo fez-se carne  
e veio habitar entre nós.

E nós contemplámos a sua glória,  
a glória que possui como Filho Unigénito do Pai,  
cheio de graça e de verdade.

**Palavra da Salvação.**

*(Jo 1, 1-3.9-14)*

**Cântico:**

**O Verbo fez-se carne a habitou entre nós.**

**Da sua plenitude todos nós recebemos. (bis)**

*(O catequista pode colocar música calma de fundo)*

**O presidente** convida os adolescentes a fazerem eco do que acabaram de escutar, isto é, a repetirem ou/a dizerem por palavras suas, a frase que mais lhes tocou naquele momento, apelando para o que ouvirem e admiraram no encontro anterior.

O catequista distribui pelos adolescentes um pequeno cartão, se possível com motivos natalícios, onde irão escrever o seu propósito ou compromisso. De seguida, prepara um recipiente, onde os adolescentes irão colocar os seus cartões. Convém que ninguém escreva o nome no cartão – a não ser que o queira fazer – o que permite mais liberdade e autenticidade naquilo que se escreve.

**Presidente:** E nós, deixamos Jesus nascer de novo? Ou, pelo contrário, estamos preocupados apenas com o que vamos receber/dar durante este Natal? Como é que podemos preparar o nosso coração para ser o presépio de Jesus? Vamos reflectir um pouco e escrever no cartão o que cada um se compromete a fazer para que seja realmente Natal! Depois de escreverem podem vir colocá-lo no recipiente junto ao presépio.

*(Depois de todos escreverem e colocarem os cartões no recipiente para isso destinado:)*

## **Preces**

### **Presidente:**

Cristo, o Filho de Deus, é a Palavra definitiva dada pelo Pai à humanidade.

Ele veio para congregar os homens num só povo, que seja capaz de acolher e pôr em prática a lei do Amor. Com estes sentimentos, elevemos a nossa oração a Jesus Salvador, dizendo:

**Jesus, Verbo do Pai, escuta a nossa oração.**

#### **1. Jesus Salvador,**

és a esperança da humanidade.

#### **2. Jesus, Verbo do Pai,**

faz com que, do Oriente ao Ocidente,

a Tua Palavra seja acolhida

e congregate os povos na linguagem do amor,

para que vivam na paz, na justiça e na solidariedade.

**R: Jesus, Verbo do Pai, escuta a nossa oração.**

#### **1. Jesus Salvador,**

encarnaste no seio da Virgem Maria.

#### **2. Jesus, Verbo do Pai,**

envolve no Teu Amor todas as crianças e todos os jovens,

para que possam crescer como filhos de Deus.

**R: Jesus, Verbo do Pai, escuta a nossa oração.**

**1. Jesus Salvador,**

tu olhaste com carinho para os débeis e os pequenos.

**2. Jesus, Verbo do Pai,**

neste Natal ajuda-nos a ser consolação, esperança e bálsamo para os abandonados, os desempregados, os órfãos, os presos, os doentes, os marginais. Faz com que aconteça Nata! pela tua graça e pela solidariedade cristã e humana.

**R: Jesus, Verbo do Pai, escuta a nossa oração.**

**Pai Nosso**

*Distribuição dos cartões escritos: Cada membro do grupo tira um cartão do recipiente e compromete-se não só a realizar o que escreveu no seu próprio cartão, mas também a ajudar aquele de quem veio o cartão que recebeu a realizar o seu compromisso, nomeadamente pela oração. Podem convidar-se a manter o cartão em casa, em lugar que lhes permita não esquecer a oração que vão fazer.*

**Oração final**

**Presidente:**

Deus, nosso Pai, que em Jesus, a Tua Palavra feita carne, nos mostraste o Teu imenso amor e nos abriste as portas da vida divina, concede-nos a graça de Te acolher no nosso coração e dar testemunho de Ti no dia-a-dia com gestos concretos de fraternidade, solidariedade e amor verdadeiro. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

**T: Amen**

**Cântico natalício a concluir.**

### III – DOCUMENTOS

#### DOCUMENTO 1

#### FRASES FEITAS

CONCEITOS	FRASE FEITA	ECO QUE TÊM EM MIM
NATAL		
MENINO JESUS		
COMUNHÃO		

#### DOCUMENTO 2

#### NATAL

De sacola e bordão, o velho Garrinchas fazia os possíveis para se aproximar da terra. A necessidade levava-o longe de mais. Pedir é um triste ofício, e pedir em Lourosa, pior. Ninguém dá. Tenha paciência, Deus o favoreça, hoje não pode ser. Por isso, que remédio senão alargar os horizontes e estender a mão à caridade de gente desconhecida, que ao menos se envergonhasse de negar uma côdea a um homem a meio do padre-nosso. Sim, rezava quando batia a qualquer porta. Gostavam... Lá se tinha fé na oração, isso é outra conversa.

E ali vinha de mais uma dessas romarias, bem escusadas, se o mundo fosse doutra maneira. Muito embora trouxesse dez réis no bolso e o bornaí cheio, o certo é que já lhe custava arrastar as pernas. Podia ter ficado em Loivos, mas quê! Metera-se-lhe na cabeça consoar à manjedoura nativa. E a verdade é que nem casa nem família o esperavam. Todo o calor seria do forno do povo, permanentemente escancarado à pobreza. Em todo o caso era melhor, sempre era passar a noite santa debaixo de telhas conhecidas. O problema era lá chegar, a serra nunca mais acabava e setenta e cinco anos, parecendo que não, são um grande carregio. Ainda por cima atrasara-se na jornada em Feitais. Dera uma volta ao lugarejo,



a coisa começou a render, e esqueceu-se das horas. Quando deu por ela passava das quatro. E, como anoitecia cedo, não havia outro remédio senão ir agora a mata-cavalos, a correr contra o tempo e contra a idade, com o coração a refilar. E o pior de tudo é que começava a nevar! Pela amostra parecia coisa ligeira, mas se pegasse a valer?

E caía, o algodão em rama! Caía, sim senhor! Bonito! Felizmente que a Senhora dos Prazeres ficava perto. Se a brincadeira continuasse, olha, dormia no cabido! O que é, sendo assim, adeus noite de Natal em Lourosa ... Apressou mais o passo, fez ouvidos de mercador à fadiga, e foi rompendo a chuva de pétalas. Rico panorama!

Com patorras de elefante e branco como um moleiro, chegou ao adro de ermida. Entrou no alpendre, encostou o pau à parede, arreou o alforge, sacudiu-se, e só então reparou que a porta da capela estava apenas encostada.

Vá lá! De mal o menos. Em caso de necessidade, podia entrar e abrigar-se dentro. Assunto a resolver na ocasião devida... Para já, a fogueira que ia fazer tinha de ser cá fora, o diabo era arranjar lenha. Saiu, apanhou um braçado de carqueja, voltou, e tentou acendê-las. Mas estavam verdes e húmidas. Tentou mais três vezes, e três vezes o mesmo insucesso. Maul Gastar os fósforos todos, é que não. Lembrou-se de ir à sacristia ver se encontrava um bocado de papel. Encontrou e agradecido ao Céu por aquela ajuda, olhou para o altar. Quase invisível na penumbra, com o divino filho ao colo, a Mãe de Deus parecia sorrir-lhe. Boas festas! - desejou-lhe então, a sorrir também.

Contente, voltou-se e deu com o andor da procissão arrumado a um canto. E teve outra ideia. Era um abuso, mas paciência. Na altura da romaria que arranjassem um novo. Daí a pouco a madeira seca ardia que regalava.

Enxuto e quente, o Garrinchas dispôs-se então a cear. Tirou a navalha da algibeira, cortou um pedaço de broa e uma fatia de febra, e sentou-se. Mas, antes da primeira dentada, a alma deu-lhe um rebate e, por descargo de consciência, ergueu-se e chegou à entrada da capela.

- É servida?

A Santa pareceu sorrir-lhe outra vez, e o menino também. Diante daquele acolhimento, o Garrinchas não esteve com meias medidas: entrou, dirigiu-se ao altar, pegou na imagem e trouxe-a para perto da fogueira.

- Consoamos aqui os três. A Senhora faz de quem é; o pequeno a mesma coisa; e eu, embora indigno, faço de S. José.

Miguel Torga, conto adaptado

#### **Questões:**

- **Que sinais de partilha aparecem no conto?**
- **No meu ambiente, vêm-se estes sinais apenas na época natalícia?**
- **Que significado tem o Natal para as outras pessoas em geral?**
- **E eu, estou de acordo com o modo como essas pessoas vivem o Natal?**

## JESUS CRISTO: LUZ DO MUNDO

### I - INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. O mundo tornou-se aldeia

Como o mundo mudou nas últimas décadas! Imaginemos um pouco como viviam as pessoas há 50 anos: à volta da lareira, contavam-se histórias, liam-se livros, escreviam-se cartas; as instituições – família, escola, Igreja – cuidavam da formação das novas gerações.

É verdade que vários factores contribuíram para esta transformação. Entre outros, a queda do muro de Berlim (1989) - e, com ele, o confronto Leste-Oeste - veio acelerar o processo de mundialização, com uma maior unificação jurídica e política dos povos e a globalização dos mercados. De modo especial a aplicação das novas tecnologias à comunicação social abriram possibilidades até agora impensáveis. Diz-se mesmo que a mudança é tão grande como a que se operou com a invenção da imprensa. É, realmente e sobretudo, o mundo da comunicação que unifica a humanidade e a transforma numa "aldeia global": um acontecimento pode ser visto simultaneamente por toda a humanidade e desencadear acções de solidariedade à escala planetária.

Mais ainda, a comunicação de massas fomentou uma "nova cultura", gerou uma nova compreensão do mundo, da vida e do próprio homem. O homem de hoje, habituado mais a ver do que a ler, a gravar do que a escrever, vive mais com a intuição do que com a razão, experimenta mais do que discute. É a civilização da imagem, que, nalguns aspectos, supera a civilização da palavra.

##### 2. Epifania do Senhor

A solenidade litúrgica da Epifania do Senhor (celebrada entre nós num dos primeiros Domingos de Janeiro) é o complemento do Natal: celebra a *Manifestação* de Jesus como Filho de Deus e Rei universal.

Na Epifania é a dimensão universal da mensagem evangélica: Cristo não é apenas o Messias do povo judeu, Ele é o Messias que traz a salvação que todos os homens,

duma maneira ou doutra esperam. Ajuda-nos a descobrir Jesus Cristo, luz que atrai a si todos os povos da terra, estrela que ilumina a humanidade.

O texto de Mt 2, 1-12 relata a visita dos Magos a Belém. O percurso realizado por eles simboliza o caminho da fé: estão atentos aos sinais; põem-se a caminho; deixam-se iluminar pela Palavra; adoram e contemplan; regressam por um caminho novo.

Os Magos representam os povos de todo o mundo que, na sua diversidade étnica e cultural, se deixam guiar por Jesus Cristo, sem perder a sua identidade.

### **3. Arautos da Boa Nova**

A comunicação social é de tal ordem influente, que quase monopoliza a formação das pessoas do nosso tempo, retirando poder às instituições tradicionais: família, escola e Igreja. Para mais, é uma formação muitas vezes por caminhos errados. Repare-se naquilo que, nomeadamente a televisão, tantas vezes nos oferece: cenas de violência, de egoísmo, de desprezo pela vida, de desrespeito pelos direitos humanos misturando a realidade e a ficção, sem olhar à idade nem às condições culturais, sociais e psicológicas dos telespectadores.

Que atitude tomar? É importante desenvolver uma consciência crítica, que saiba distinguir os aspectos positivos dos negativos. É necessário ver e analisar de forma criteriosa os programas que cativam os adolescentes, para descobrir os valores neles transmitidos, se for o caso.

Por isso exige-se dos cristãos ideias claras e convicções fortes. Só as conseguirão através duma constante renovação interior: renovação dos corações, através da comunhão permanente com Deus na comunidade eclesial a que pertence.

Exige-se atenção contínua aos sinais celestes das inúmeras manifestações de Deus, iluminados pela Sua Palavra. Exige-se coragem para ser arauto da Boa Nova desse amor, nomeadamente através dos meios de comunicação social que até podem e devem fazer muito bem.

### **OBJECTIVOS**

- Olhar o mundo à nossa volta.
- Reconhecer o Evangelho como luz para toda a humanidade.
- Dar testemunho da Luz, que é Cristo.

### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Os adolescentes começam a despertar para os problemas sociais. Por isso, as dinâmicas iniciais deste tema procuram levá-los a reflectir sobre o nosso mundo, na sua dimensão de aldeia global.

Nesta idade começa também a despertar a atracção pelos valores. Assim, o trabalho do primeiro encontro começa pela análise e busca de notícias que mostrem o despertar da solidariedade à escala mundial. Tanto o mural como a montagem, feita para passar no

écran de televisão, podem ser afixadas em lugar que permita a toda a comunidade sentir-se interpelada e envolvida na reflexão.

No segundo encontro, pretende-se, que a partir de um "e-mail", iluminado e preenchido pelo texto bíblico, os adolescentes se envolvam no anúncio e divulgação da mensagem evangélica, na dimensão universal que lhe é própria e através de um dos meios de comunicação que mais os atrai.

## **MATERIAIS**

- Caixa de cartão (se optar pela 1ª alternativa);
- Papel de cenário/ cartolinas;
- Pau (por exemplo, cabo de uma vassoura);
- Folhas de papel;
- Marcadores grossos;
- Imagens/ jornais/ revistas (se optar pela 2ª alternativa);
- Internet (se possível);
- Folhas com o texto do "e-mail" de Jesus (cf ponto 3 do 1º encontro).

## **MÚSICAS**

- "Somos cidadãos do mundo";
- "Sereis Minhas Testemunhas" - J. Rui Pinto, " Orações do mundo novo";
- "És esperança".

# **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

## **1º Encontro - O MUNDO TORNOU-SE UMA ALDEIA**

### **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

*Pode começar-se o encontro com uma breve conversa, sobre o modo como foi vivido o Natal*

*Como arranque para o tema aproveitem-se experiências de que os adolescentes tiveram conhecimento (pela televisão, jornais, internet, telemóveis) de acontecimentos marcantes ou dos contactos com pessoas a viver longe (5 minutos).*

1. Sabem como é que chamam, por aí, ao mundo em que vivemos, devido à comunicação sem barreiras que é oferecida? – "Aldeia global". A rádio, a televisão, os jornais, a internet, etc. dão-nos informação, em poucos segundos, sobre o que acontece em cada canto do planeta.

É provável que muitos de vós tenham assistido a um concerto realizado, há tempos, o chamado "Live 8" (*deixar que os adolescentes se expressem*). Foi um concerto realizado,

ao mesmo tempo, em várias partes do globo. E sabem para quê? Para angariar fundos para ajuda das crianças dos países mais pobres e para alertar o mundo de que em cada três minutos, oito crianças morrerem à fome. E isto, ao mesmo tempo em que decorria em Edimburgo uma reunião para debater a riqueza e o poder económico dos oito países mais ricos do mundo (G8).

*(Esta notícia pode ser substituída por outra mais recente, em que mostre a acção dos media ao serviço das boas causas. Pode fazer-se a abordagem, partindo da leitura de notícias ou da observação de imagens de revistas, jornais, internet, etc. No Doc.1 encontram-se exemplos que podem ser actualizados ou adaptados ao grupo.)*

Agora, proponho que comentem, em grupos, a afirmação de Giddens, sociólogo britânico: "o mundo não passa de uma pequena aldeia onde a globalização, hoje, não é um acidente nas nossas vidas. É a mudança das nossas próprias circunstâncias de vida. É o modo como vivemos agora".

Têm 5 minutos.

*Os resultados da reflexão podem ser apresentados através de uma das seguintes alternativas:*

**1ª  
Alternativa**

Que tal exprimir graficamente as vossas ideias sobre o mundo como aldeia global? Podem fazê-lo num mural em papel de cenário, com cartolinas. Tenham presente sobretudo o contraste entre os países pobres e ricos e o papel dos media como intermediários entre eles, como pode ver no catecismo (cf Doc. 2).

**2ª  
Alternativa**

Proponho que exprimam graficamente as vossas ideias do seguinte modo: vão dividir-se em 2 grupos: um dos grupos constrói em cartão um écran como o das televisões ou dos computadores (Doc. 3); o outro faz a montagem, em papel de cenário, das imagens/notícias, acompanhadas dos comentários feitos durante a reflexão anterior, para depois passarem na TV, em jeito de noticiário.

*(O catequista pode preparar previamente o papel de cenário, de modo a ajustar-se ao tamanho do écran. Deve ainda lembrar aos adolescentes que imagens e notícias devem ser bem visíveis. O papel de cenário é preso ao cabo da vassoura, de forma a permitir o*

seu enrolamento. Ao passar pelo interior da caixa, é dada a impressão de se estar a ver televisão.)

2. Qualquer que seja a alternativa escolhida, faça-se uma síntese com destaque para as seguintes ideias:

- O mundo assiste à intensificação de um processo de integração, sobretudo económica, a que vulgarmente se chama globalização.
- A internacionalização do comércio e a aproximação de culturas começaram há aproximadamente cinco séculos.
- O desenvolvimento das tecnologias e da comunicação permitiu a abertura de novas portas a uma informação tal, que fez do mundo "uma aldeia global".
- Este fenómeno tem aspectos positivos: consciencialização dos problemas mundiais; maior solidariedade entre os povos; conhecimento de diversas culturas; etc.
- Segundo a encíclica "Redemptoris Missio", tem ajudado também a expandir a fé: através das novas tecnologias, a mensagem cristã pode chegar mais fácil e rapidamente a todas as partes do mundo.
- Mas se os meios de comunicação não são bem utilizados, desinformam e transmitem valores contrários à fé cristã.

3. Cabe aos cristãos, como cidadãos do mundo, tudo fazer para mostrar aos outros a riqueza da sua fé, pela palavra e sobretudo pelo testemunho de vida. Não pensem que sou eu apenas a dizer isto. Há alguém muitíssimo mais importante, que até se serviu de um dos maiores meios de comunicação para entrar em contacto connosco. Foi dessa pessoa que recebi um "e-mail". Querem ouvir?

**De:** Jesus

**Para:** Jovens corajosos

**Assunto:** Preciso de ti

Preciso de ti, para me anunciares ao mundo. Mas não te esqueças de que, mais alto do que as palavras, fala o testemunho.

Dá testemunho desta Vida Nova que estou a fazer germinar em ti, e verás que as palavras sobrarão.

Os teus irmãos dar-se-ão conta de que és especialmente feliz e tens um jeito diferente de ser, viver e estar com todos.

Então se perguntarem qual é o teu segredo fala-lhes de mim.

Sei que não te vais envergonhar de mim. Porque conheço o lugar que tenho na tua vida: não és capaz de viver sem mim. Ora bem, também eu preciso de ti.

Preciso de Apóstolos que, em meu nome, anunciem o sentido de plenitude que a vida ganha, quando os corações se abrem à minha presença recriadora.

Preciso de discípulos que, em meu nome, testemunhem a alegria da Fé, da Esperança e do Amor.

Preciso de ti...

Um forte abraço deste teu Irmão:

Jesus"

Que tal? (...) Afinal, a mensagem nem era tanto para mim, como sobretudo para cada um de vós. Jesus conta com a vossa juventude, o vosso entusiasmo, a vossa disponibilidade e generosidade. Digam-me: pode ou não contar convosco?

Não respondam já. Têm uma semana para o fazer. Deixo vos esta sugestão: cada um de vós vai escrever um e-mail a Jesus. Será a vossa resposta ao convite que Jesus vos faz. Mas, não a enviem logo que a escrevam. Antes disso, tragam-na para aqui no próximo encontro. Depois verão porquê. Combinado?

Estou com muita curiosidade em ver qual será a vossa resposta. De certeza que não vão deixar Jesus desiludido.

#### **PARA INTERIORIZAR**

Para isso, e para que não se esqueçam, vamos cantar, em forma de **oração**, um **cântico** constituído por palavras de Jesus. Cantemo-lo, como quem as escuta e as acolhe:

#### **"Sereis minhas testemunhas"**

Tu confias em nós, Senhor,  
e por isso nos fazes Tuas testemunhas,  
portadoras da Tua mensagem,  
construtores do Teu projecto.

Somos caminho por onde passas  
para chegar aos homens, nossos irmãos.

Tu nos queres firmes e corajosos,  
alegres e generosos,  
em todos os ambientes que frequentamos:  
na família e na escola,  
no trabalho e nos divertimentos.

Tu nos queres Tuas testemunhas,  
com nossas palavras e atitudes,  
com nossos gestos e critérios  
com a nossa vida de cada dia.

Somos espelhos onde tu reflectes  
a tua bondade e misericórdia,  
a Tua verdade e a Tua luz;  
somos espelhos  
onde cada homem encontrará reflectida  
a sua dignidade de filho Teu.

J. Rui Pinto "Orações do mundo novo"

*(Depois deste encontro, o catequista deve enviar aos adolescentes que tiverem e-mail próprio a mensagem que lhes foi lida. Assim, ao receberem-na de novo e de um modo pessoal, sentir-se-ão mais interpelados e não se esquecerão tão facilmente de responder e escrever a resposta. Convém, para isso, que o e-mail lhes seja enviado com tempo; isto é, logo a seguir ao encontro. Aos que não tiverem "e-mail", a mensagem pode ser-lhe enviada, por exemplo, pelo correio.)*

## 2º Encontro - BOA NOVA PARA TODA A HUMANIDADE

*O encontro pode iniciar-se com a observação do mural ou do filme construído na semana anterior e/ou com o cântico: "Somos cidadãos do mundo".*

Digam-me cá: Não se esqueceram do "e-mail" de Jesus. *(Se for o caso):* Claro, receberam-no, desta vez, lá em vossa casa. *(Ouvir os adolescentes)*

E as respostas? Espero que as tenham escrito. Com tanta confiança que Jesus deposita em cada um de vós, não era de esperar outra coisa. Mas, ficou combinado não as enviarem... ainda. Sabem porquê? – É que, é possível que algumas precisem de ser corrigidas ou completadas. Como?

1. Vamos escutar um episódio que vem **Mt 2, 1-12** e que todos vós já conheceis. Mas, hoje, de certeza que o vão escutar com mais atenção, por causa das implicações que ele pode ter no "e-mail" que vão enviar a Jesus. Podem seguir a leitura pelas vossas Bíblias.

## II. PALAVRA

2. *(O texto pode ser proclamado por quatro adolescentes para as palavras de: Herodes, Sacerdotes, Magos e narrador. A distribuição deverá ter sido feita antes, o mais tardar durante o acolhimento.)*

**Narrador** - Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente.



**Magos** - "Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo."

**Narrador** - Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele. E, reunindo todos os sumos sacerdotes e escribas do povo, perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam:

**Sacerdotes** - "Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta: «E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades da Judeia; porque de tí vai sair o Príncipe que há-de apascentar o meu povo de Israel.»"

**Narrador** - Então Herodes mandou chamar secretamente os magos e pediu-lhes informações exactas sobre a data em que a estrela lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse-lhes:

**Herodes** - "Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino; e, depois de o encontrardes, vinde comunicar-mo para eu ir também prestar-lhe homenagem".

**Narrador** - Depois de ter ouvido o rei, os magos puseram-se a caminho. E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o menino, parou. Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria; e, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonhos para não voltarem junto de Herodes, regressaram ao seu país por outro caminho.

(Mt 2,1-12)

*(Depois de uns momentos de silêncio.)*

Vamos, então meditar neste episódio tendo em conta o tal "e-mail". Podemos ir pelas diferentes partes de um "e-mail".

— Quanto ao **remetente**, é cada um de vós. Mas, bastará escrever o vosso nome? Não se deveria acrescentar alguma coisa, que vos identifique melhor?

Repararam que, no texto que ouvimos, **há diferentes atitudes em relação a Jesus**. Quais são? *(Ouvir os adolescentes)*

São fundamentalmente duas.

A de **Herodes** e dos habitantes de Jerusalém que dele dependiam, nomeadamente os sacerdotes e escribas. Que querem eles fazer de Jesus? – Matá-lo. Sabemos o que Herodes mandou fazer, depois de os magos se afastarem por outro caminho: mandou matar todas as crianças de Belém, com menos de dois anos, esperando que entre elas estivesse Jesus.

No lado oposto temos os **Magos**: quando encontram Jesus, prostram-se e adoram-no. Representam todos aqueles que acolhem Jesus e O seguem. Entregam-se tanto a Jesus, que Jesus passa a estar presente neles. E como se chamam os que seguem Jesus? – **Cristãos**. É o nosso caso. Então, juntem ao vosso nome esse título ou outro que exprima o mesmo.

- Podemos passar ao **destinatário**. Não sei o que escreveram, mas, certamente, não falta o nome próprio: **Jesus**. Só que o texto diz-nos muito mais de Jesus. Vejamos por ordem:

- Os Magos chamam-lhe? – **“Rei dos Judeus”**.
- Herodes pergunta aos sacerdotes e escribas onde devia nascer “quem”? – o **“Messias”**. Na origem, é uma palavra hebraica que significa **“Ungido”**. Era um título dado ao rei, por causa da unção que recebe quando era feito rei. Com a unção era-lhe dada a força ou o Espírito de Deus, necessários para bem governar o povo. Ungido diz-se em grego **“Cristo”**.
- Haverá mais alguma coisa ainda acerca de Jesus? – **A estrela**. Foi por ela que os Magos descobriram que alguém muito especial tinha nascido. E a estrela guiou-os até Jerusalém e depois para Belém, até ao lugar onde estava Jesus. E por que razão a estrela apontava para Jesus? – Porque Jesus foi até hoje a estrela mais brilhante sobre a terra. Ainda hoje, pessoas importantes são chamadas estrelas.  
Os cristãos, com base numa profecia do livro dos Números, que podem ler em casa – Nm 24, 17, passaram a identificar Jesus como a estrela que nos guia, ou como o **“Sol da Justiça”**.
- Só uma coisa relativa ao destinatário do “e-mail”: O lugar onde nasceu. Porquê Belém? Porque Belém tinha sido a terra de David, o maior rei de Israel. Por isso o profeta Miqueias diz que, o maior Messias devia vir do mesmo lugar do messias David. A letra diz: de Belém há-de vir o “Príncipe que há-de apascentar o povo de Israel”. De facto, talvez seja por isso que os cristãos lhe chamam **“Príncipe da paz”**. Jesus nasceu para trazer a paz à terra.

Aqui têm todos os títulos que o texto nos sugere acerca de Jesus. Podem colocá-los todos, ou aqueles que mais vos dizem, no vosso “e-mail”.

- Segue-se o **assunto**. No “e-mail” de Jesus vinha “Preciso de ti”. Não sei o que escreveram na vossa resposta. (*Ouvir os adolescentes*). É claro que o “assunto” resume o que depois se escreve.

Vamos então à **mensagem** que escreveram. Em que medida é que ela pode ser completada com os dados do texto? Vejamos alguns deles:

- As ofertas dos magos: **Ouro, incenso e mirra**. Eram coisas preciosas e muito caras. O ouro ainda hoje é o metal mais precioso. Incenso e mirra eram duas substâncias resinosas, usadas como aromas e para curar doenças. Eram caras, custavam muito dinheiro. Custam a ganhar. Por isso nelas ia a **oferta da própria**

**vida.** Os magos, com elas ofereciam a sua vida a Jesus. Eram uma expressão da sua fé.

- E por que é que Jesus merecia tudo isso? Ou, se quisermos, como é que Jesus mostrou toda a grandeza expressa nos títulos que lhe são atribuídos? – Há uma indicação no texto: a intenção de Herodes de **matar Jesus**. Aquilo que ele então não conseguiu, deu-se cerca de trinta anos mais tarde: quando Jesus foi crucificado e morto. Ora, nós sabemos que a morte de Jesus foi o auge da **oferta da sua vida**. Foi o acto maior do seu amor e o caminho para a glória da ressurreição. Foi então que Ele se manifestou como o verdadeiro Messias, Sol da Justiça, Príncipe da paz. Nesta cena do princípio do Evangelho, S. Mateus antecipa para os leitores o que vai descrever no final, onde fala da morte e glorificação de Jesus. É então que Jesus se torna definitivamente rei. E rei de quem? Apenas dos Judeus?
- Vamos ao terceiro dado: **os magos**. Quem são eles? Diz-se que vinham do **Oriente**. Não eram, portanto, Judeus. Ora, são eles que reconhecem e adoram Jesus como Rei. Porque, de facto, Jesus, na sua morte e ressurreição, tornou-se **Rei e Senhor universal**. O primeiro sinal desta universalidade são os magos, que representam os povos não judeus.

Anunciar Jesus, como o Senhor da vida e da morte e como luz de todos os povos, é a missão dos que nele acreditam. É esta a nossa missão. É para isso que Ele precisa de nós, como vinha no “e-mail” que dele recebestes.

E então qual deve ser a nossa resposta? – A dos magos: entregarem-se totalmente a Jesus, em resposta à entrega dele por nós. Por todos: principalmente para ir àqueles que ainda O não conhecem. É Jesus quem pode unificar toda a humanidade num amor sem limites e para uma paz sem fim.

3. Agora convido-vos a reler o vosso “e-mail”, à luz do que o Evangelho acaba de nos sugerir. Se quiserem emendar e completar alguma coisa, podem fazê-lo. (*Depois de alguns minutos:*)

Falta saber o que vão fazer aos vossos “e-mail” dirigidos a Jesus. Posso sugerir duas coisas?

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

A primeira inspira-se na vida de uma pessoa, entre milhões, que soube seguir o exemplo dos magos:

1. Foi **Santa Francisca Cabrini** (1850-1917) que, com a mesma atitude interior dos magos, procurou o Senhor durante a sua vida de serviço aos outros. Ela não hesitou em

deixar-se guiar e em testemunhar a fé em Cristo noutros outros continentes. (*Dados biográficos no catecismo*).

O exemplo desta mulher, tão feliz no que fez, desafia-nos ao mesmo. Afinal, a fazer aquilo que escreveram nos vossos "e-mails".

Então a minha primeira proposta é esta: vamos fazer daquilo que escreveram uma **oração**. Podemos fazer do seguinte modo: os que quiserem vão ler a mensagem escrita (se forem muitos, podem ler apenas alguns). No final de cada "e-mail", rezamos em conjunto esta oração:

**Senhor, que a Vossa estrela guie os nossos passos.**

### *Para guardar na memória e no coração*

**"Todos os confins da terra viram a salvação do nosso Deus"** (Salmo responsorial da Missa de Natal do Senhor).

**Nos magos "o Evangelho vê as primícias das nações que acolhem a Boa Nova da Salvação pela Encarnação"** (CIC 528).

2. Falta uma última coisa: a quem vamos enviar os nossos "e-mails"? A Jesus já os dirigimos na oração. Só que Ele não quer que eles fiquem fechados na sua "caixa de correio electrónico". Quer que os levemos a toda a parte, para ser Ele a unificar a humanidade no amor e na paz. Aliás é isso que vós escreveis: ao seu pedido "preciso de ti", respondem: "aqui estou, envia-me".

Então a segunda sugestão que tenho é esta: os que tiverem correio electrónico, podem enviar o "e-mail" de Jesus a outras pessoas, sobretudo jovens como vós. A seguir ao e-mail de Jesus juntam a vossa resposta, o vosso "e-mail". E pedem às pessoas que façam o mesmo: que juntem ao "e-mail" de Jesus, com a vossa resposta, a resposta delas, e as enviem a outras pessoas, com o pedido de elas fazerem o mesmo.

Já estão a imaginar o resultado: forma-se uma cadeia que, se não for interrompida, nunca mais tem fim. Os que não tiverem "net", podem servir-se da dos colegas. Mas, era bonito que todos participassem. Não acham uma ideia boa?

Estamos assim a usar um dos meios de comunicação que mais une a humanidade, para transmitir e anunciar Aquele que é verdadeiramente a "Luz das Nações". E, se assim o derem a conhecer e conseguirem que outros o reconheçam e adorem como Messias e Senhor, estão a cumprir a vossa missão, a exemplo dos magos.

*O encontro pode terminar com o cântico: "Somos cidadãos do mundo".*

#### DOCUMENTO 1

#### **AMI FINANCIA CONSTITUIÇÃO DA FUNDAÇÃO PORTUGAL–CEILÃO NO SRI LANKA**

Exactamente um ano depois do maremoto, a 26 de Dezembro, Fernando Nobre partiu para o Sri Lanka com dois grandes objectivos: inaugurar o novo dormitório do Orfanato D. Bosco e formalizar a constituição da Fundação Portugal–Ceilão (“Portugal Ceylon Foundation”).

Em Maggona, no Sudoeste do país, onde a AMI mantém uma equipa médica há um ano, o orfanato D. Bosco necessitava urgentemente de um novo dormitório. As 160 crianças que aí habitam receberam uma prenda de Natal que talvez as possa ajudar a ultrapassar a tragédia que viveram: novas instalações, com condições dignas, onde cada uma terá a sua cama e o seu espaço, um “luxo” que até agora não tinham.

Recorde-se que, durante 2005, e logo a seguir à tragédia de 26 de Dezembro de 2004, a Fundação investiu mais de 800 mil euros, dos 2,5 milhões confiados à AMI pelos portugueses, para o apoio às vítimas do “tsunami” no Sri Lanka e nas ilhas Andeman e Nicobar, em território indiano.

#### **A ONU E A MANUTENÇÃO DA PAZ**

O Departamento de Operações de Manutenção da Paz das Nações Unidas administra várias missões em lugares tão distantes, como Timor Leste, Haiti ou Saara Ocidental.

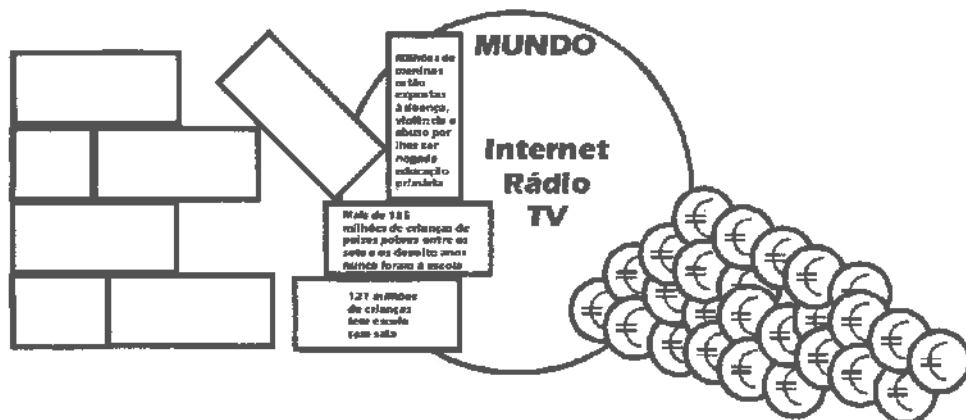
A manutenção da paz é uma forma de ajudar os países dilacerados por conflitos a criarem as condições necessárias a uma paz sustentável. Os capacetes azuis das Nações Unidas - soldados e oficiais das forças armadas, agentes da polícia civil e pessoal civil de muitos países - acompanham e observam os processos de paz, iniciados em situações pós-conflito, ajudando os ex-combatentes a aplicarem os acordos de paz que assinaram.

As actividades das operações de paz da ONU, por serem empreendidas em nome de uma organização global composta por 191 Estados-Membros, conferem-lhes uma legitimidade e universalidade únicas. As operações de manutenção da paz da ONU podem abrir portas que, de outro modo, permaneceriam fechadas aos esforços de pacificação e de consolidação da paz, aos esforços no sentido de assegurar uma paz duradoura.

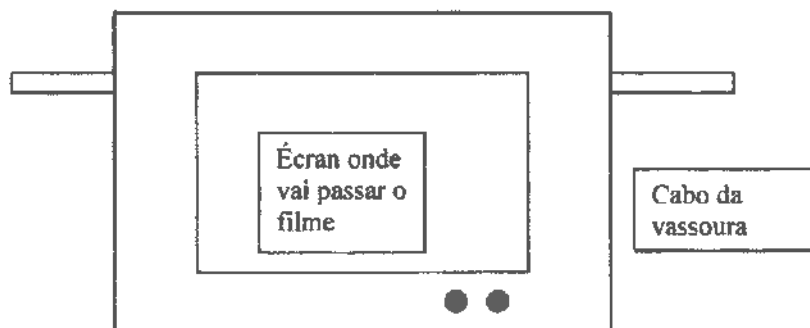
## DOCUMENTO 2

PAÍSES POBRES

PAÍSES RICOS



## DOCUMENTO 3



### ACTIVIDADES

- Investigar na Internet quais são os "sites" dedicados a congregações missionárias: em que países estão mais activas? Porquê?
- Com o produto da investigação, podem fazer cartazes para mostrar à comunidade.
- Enviar um SMS ou MMS aos amigos com o anúncio de Jesus como Filho de Deus que se fez homem, para trazer a salvação a todos os povos.

## JESUS (SÓ?) DE NAZARÉ

### I – INTRODUÇÃO

#### AFROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. O interesse por Jesus de Nazaré

A figura de Jesus Cristo continua a suscitar curiosidade e encanto. Todos os anos, especialmente no Natal e na Páscoa, surgem notícias, publicam-se livros, lançam-se novos filmes. Muitas vezes para lançar polémica, apresentando um Jesus tão perdido no meio das paixões humanas, que dificilmente poderia ser o salvador da humanidade.

O que é um facto é que nenhum cristão pode passar ao lado desta pergunta, vinda do próprio Jesus: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mc 8, 29)

##### 2. Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem

Quando os discípulos se encontraram com Jesus de Nazaré, viram n'Ele, como toda a gente, um homem que tinha um nome – Jesus; uma família – José e Maria; uma terra – Nazaré; uma pátria – a Galileia. Viveram com Ele vários meses e compartilharam a vida e a amizade, a canseira e a alimentação. Embora excepcional, Jesus é um homem que necessita de alimento (Mt 4, 2), está sujeito ao cansaço (Jo 4, 6), precisa de dormir (Mt 8, 24), aguenta grandes jejuns (Mt 4, 2), percorre longos caminhos (Lc 2, 41), domina situações difíceis (Mt 21, 12), sente tristeza (Mt 26, 37), cultiva a amizade (Jo 11, 36), sofre com os que sofrem (Jo 11, 35), manifesta estima (Mc 10, 21), morre na cruz (Mt 27, 50), é sepultado (Mt 27, 58).

São aspectos essenciais da pessoa de Jesus Cristo. Como qualquer homem, teve, não apenas um corpo, mas também uma consciência e uma liberdade humana, com os seus limites e os seus riscos. Inseriu-se totalmente na sociedade do seu tempo, assumindo a sua cultura humana e religiosa. É por isso que Ele, porque plenamente homem, nos pode compreender, falar-nos, salvar-nos!

Porém, os discípulos depressa começaram a ver neste homem, tão próximo de todos, uma especial presença e acção de Deus. São surpreendidos pela sua autoridade, em obras e palavras, pela maneira como convive e reza, pelo poder divino que manifesta,



pelas exigências que faz. Convive com os pecadores e outros marginalizados, a todos convida a participar no Reino de Deus que anuncia. Não é um insensato. É o profeta mais equilibrado, mais serviçal e mais religioso. Ora ao Pai com a confiança e a intimidade de um filho, tem como primeira preocupação anunciar a Sua vontade, é o primeiro a cumpri-la. Daí a pergunta de então e de hoje: “Quem é este homem?” (cf Mc 1,27; 4, 41; 6, 14-16).

Perante a sua autoridade, a todos os níveis, os discípulos de então não tiveram dúvidas em responder: “Tu és o Messias” (Mc 8, 29). Só que não era o Messias de Deus que eles e outros esperavam.

As dúvidas desfizeram-se definitivamente com o acontecimento fundamental da Páscoa. Ao ressuscitá-l’O de entre os mortos, Deus constituiu-O Senhor, participante único do Seu poder. Mas depois de ter passado pela humilhação mais degradante da morte na cruz, por Ele consumada como entrega suprema a Deus e aos homens. Foi desde então que milhões de homens e mulheres, levados pela fé que este acontecimento suscita e exige, passaram a confessar: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15, 39). Todo Deus e todo homem; todo homem porque todo Deus e vice-versa. E quem assim O reconhece e confessa, a sua vida ganha uma novo sentido e um novo dinamismo: o da eternidade.

### **3. O catequista, testemunha de Jesus**

O catequista, como todo o cristão que se preza, é alguém que está tão fascinado e possuído por este Cristo, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, que não pode deixar de dar testemunho dele. É uma necessidade existencial, como o era, por exemplo, para S. Paulo (cf 1Cor 9, 16). E dá testemunho não apenas pelo que diz, como sobretudo pelo que faz.

Para que o seu testemunho seja credível, é fundamental que Cristo apareça ao vivo na sua vida. O que não é possível sem um contacto frequente e íntimo com Ele: com o testemunho que dele dão nas Escrituras aqueles que O conheceram directamente como Morto e Ressuscitado; com a oferta do seu amor em todos os sacramentos, sobretudo no da Eucaristia; com a comunhão eclesial com os que acreditam n’Ele e dele dão testemunho; com os catequizandos, desde as crianças aos adultos, que, cada um a seu modo, O procuram no catequista que dele dá testemunho. Uma tarefa fascinante: quanto mais Ele é testemunhado, mais vivo Ele está nas suas testemunhas.

Como fazê-lo, com que meios e técnicas? – De um modo que Cristo apareça na totalidade das suas duas naturezas, divina e humana.

- É necessário fornecer aos catequizandos informação histórica sobre Jesus, procurando suscitar neles, já aí, admiração por Ele. Porém, é fundamental que essa admiração passe à fé: a uma entrega total a quem se entregou totalmente por nós, para nos salvar.

- É necessário transmitir aos catequizandos a doutrina oficial da Igreja sobre Jesus. Porém, é fundamental que essa mensagem seja por eles consciente e livremente assumida numa fé em Cristo viva e pessoal.

Para isso, é importante que o catequista, antes de falar das exigências que implica ser cristão, exigências transmitidas pela Igreja, apresente o rosto fascinante e atraente de Cristo, fale dele como objecto de uma Boa Nova, um Evangelho, em que Jesus surge como sumo bem, o único que responde satisfatoriamente às grandes aspirações de cada ser humano, a começar pelas do próprio catequista.

## OBJECTIVOS

- Identificar os diferentes grupos sociais no tempo de Jesus.
- Compreender que, no seu anúncio do Reino de Deus, todos, na sociedade do seu tempo, encontram o caminho para Deus.
- Comprometer-se, como Jesus, e ser ponte entre grupos.

## OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

O adolescente, ao construir a sua personalidade, interroga-se muitas vezes: "Quem sou eu?". É este o apoio ideal para lhe apresentarmos Jesus, como modelo em quem pode confiar: n'Ele encontra resposta para as aspirações mais profundas da sua vida. Para isso, é essencial que Cristo lhe apareça ao vivo: na pessoa e no testemunho do catequista.

Esta é a primeira do segundo bloco de catequese, cujo tema central é a figura de Jesus Cristo. É impossível, num só ano, apresentar todos os aspectos, quer da sua personalidade quer da sua vida. Por isso, o catequista tem de estar atento aos objectivos definidos para cada encontro, para que não repita aspectos já apresentados.

No primeiro encontro, vai-se à descoberta da sociedade da Palestina, no tempo de Jesus. Não haverá experiência humana, no sentido habitual, mas convidam-se os adolescentes a fazer uma viagem, no tempo, até à Palestina do tempo de Jesus, para descobrirem a sociedade em que Ele viveu e ensinou.

Na primeira alternativa, os adolescentes são convidados a identificar os vários grupos sociais referidos nos Evangelhos, através da leitura de pequenas passagens bíblicas. O catequista, nalguns casos, tem de dar uma ajuda, uma vez que o nome do grupo social pode não aparecer de forma explícita. As cartolinas, depois de preenchidas pelos grupos, serão juntas, conforme as cores: as que se referem a **grupos sociais aceites pela sociedade** de então colocam-se dentro do círculo amarelo; as que se referem a **grupos rejeitados ou mal vistos**, ou ainda a grupos que se autoexcluíram (os essénios), estão assinaladas com um asterisco e são para colar na parte vermelha do círculo.

Na segunda alternativa, o jogo proposto tem o mesmo objectivo. As regras do jogo podem ver-se no desenvolvimento da catequese e no tabuleiro no Doc.2. Aqui, é necessário que o

catequista prepare uns cartões com as perguntas alternativas, que também fazem parte do anexo, e com as respectivas respostas.

O segundo encontro procura aprofundar os modos como Jesus se relacionava com esta sociedade tão complexa. Para isso, parte-se de um texto bíblico, que, num primeiro tempo, vai ser explorado pelos adolescentes em pequenos grupos. O ideal será que eles cheguem, por si, à conclusão de que Jesus aboliu as barreiras entre os vários grupos, ao acolher a todos sem distinções.

É importante que o catequista oriente os adolescentes para uma relação pessoal com Jesus, a partir da questão sobre a identidade de Jesus. Para isso, são feitas várias propostas para as actividades entre catequese.

Para um melhor conhecimento dos dados exigidos nesta catequese, os catequistas são aconselhados a consultar, por exemplo, um dicionário bíblico.

### **MATERIAIS**

- Imagens e fotografias da Palestina;
- Leitor de Cassete/CD;
- Cartolina vermelha (V), recortada em círculo e com um raio maior do que a cartolina amarela (1ª alternativa);
- Cartolina amarela (A), recortada em círculo e com um raio menor do que a cartolina vermelha (1ª alternativa);
- Cola, cartões, marcadores (1ª alternativa);
- Tesoura (1ª alternativa);
- Cartão de jogo (2ª alternativa);
- Dado (2ª alternativa);
- Cartões com questões (2ª alternativa);
- Fotocópias do Doc. 2.

### **MÚSICAS**

- "É Jesus!";
- "Creio em Jesus";
- "Tomar Deus visível".

## 1º Encontro – A SOCIEDADE NO TEMPO DE JESUS

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Prepare-se, previamente, o local da catequese com um painel, onde são afixados: um mapa da Palestina, com as diferentes províncias, e várias fotografias/imagens. O encontro pode começar com o cântico: “É Jesus!” em CD ou cassete.*

Então, sempre enviaram o “e-mail” composto no último encontro? E já tiveram ecos? *(Deixar que se expressem)*

Sabem o que é que isto implica para vós? – Que conheçam muito melhor Jesus. É possível que as pessoas a quem enviaram os “e-mails” vos perguntem mais coisas sobre Jesus. E vós tendes de estar preparados. Além do vosso interesse pessoal: quem não gosta de conhecer melhor as pessoas que aprecia e ama?

Então vamos a isso. Vamos começar por descobrir a terra de Jesus: a Palestina. Têm aqui um mapa. Olhem bem para as imagens e tentem identificar no mapa alguns locais onde se deram os episódios da vida de Jesus *(5 minutos)*.

- Que lugares conseguiram identificar? *(Ouvir os adolescentes)*
- A que acontecimentos estão ligados? *(Ouvir os adolescentes)*

2. Mas há mais coisas sobre a Palestina no tempo de Jesus?

#### 1) A situação política

A Palestina de então era governada pela dinastia Herodiana (os descendentes de Herodes Magno), mas estava sob o domínio de Roma.

Um dos maiores sinais de que eram os romanos quem mandava, eram os exércitos que por lá estavam estacionados. E qualquer indício de revolta era abafado pela violência.

#### 2) A situação geográfica

A Palestina ficava situada, maioritariamente, entre o mar Mediterrâneo e o rio Jordão *(mostrar no mapa)*.

Estava dividida em três províncias: Judeia, Samaria e Galileia.

Jerusalém, com o templo, ficava na **Judeia** e era na altura a capital religiosa: o centro religioso onde todos os judeus desejavam ir.

No templo, ofereciam-se sacrifícios, reunia-se o Sinédrio (um tribunal com 70 membros), guardavam-se as riquezas, valores e impostos. Nem todos podiam entrar no templo: as mulheres tinham um átrio atrás do dos homens, e os homens não-judeus (pagãos) ficavam mesmo na rua. A parte mais interior era para o clero, que era

chefiado pelo Sumo-Sacerdote, pertencente habitualmente às famílias judaicas mais ricas.

A **Galileia** ficava a norte. Por estar afastada de Jerusalém, era uma região onde os judeus viviam misturados com outras raças e culturas. Por isso, era olhada com desconfiança pelos chefes religiosos de Jerusalém.

Entre a Galileia e a Judeia encontrava-se a **Samaria**. Esta província era habitada por um povo que estava incompatibilizado com os judeus, tanto da Judeia como da Galileia. A inimizade era de longa data, mas tinha-se agravado, havia cerca de um século.

### 3) A Organização Social

Durante os anos de catequese e noutros lugares (escola) devem ter ouvido falar em vários grupos sociais. Lembra-se de alguns? (*Ouvir os adolescentes*)

No que toca ao poder económico, havia **quatro grandes classes** de pessoas: **os ricos** (grandes proprietários, comerciantes ou elementos do alto clero); **a classe média** (sacerdotes, médios e pequenos proprietários rurais e comerciantes); **os pobres** (trabalhadores em geral) e **os miseráveis** (mendigos, escravos ou excluídos sociais, ladrões, doentes, mulheres, prostitutas, deficientes).

Mas as diferenças sociais na Palestina não se prendiam apenas à riqueza ou pobreza, mas a outros critérios como: o sexo, instrução, função religiosa, pureza étnica, etc. Querem saber ainda mais como se organizava a sociedade no tempo de Jesus?

1ª

**Alternativa**

Proponho que sejais vós próprios a fazê-lo, a partir de algumas passagens dos Evangelhos. Neles podeis encontrar alguns nomes dos grupos então existentes. Vejam se conseguem identificá-los.

Quando os descobrirem, escrevem-nos nos cartões que vou distribuir.

(*O catequista distribui as citações bíblicas e os cartões onde os adolescentes irão escrever o nome do grupo social identificado.*)

Grupo	Citação	Grupos referidos
Grupo 1	Lc 15,1-2	Publicanos*, Pecadores*, Escribas e Fariseus
Grupo 2	Lc 20, 27	Saduceus
Grupo 3	Jo 11,47-50	Sacerdotes e Fariseus
Grupo 4	Mc 3,6	Herodianos e Fariseus
Grupo 5	Mt 10, 4; 26, 51-52	Zelotas*
Grupo 6	Mt 11, 16-18	Essénios*
Grupo 7	Jo 4, 9	Samaritanos*

Se existirem dúvidas na identificação de alguns grupos sociais, podem pedir ajuda. Podemos dispor os diferentes grupos em forma circular. No círculo **vermelho**, afixam os cartões com os nomes dos grupos sociais considerados marginais (*no quadro acima com asterisco*); no **amarelo**, colam os cartões com os nomes dos grupos sociais mais ou menos integrados na sociedade palestina. Têm 10 minutos.

2ª

### Alternativa

Proponho que se dividam em duas equipas, para fazerem um pequeno jogo. Tenho aqui o material necessário, só necessitam de conhecer as regras. São estas:

1. Formam duas equipas;
2. Lançam o dado, para ver que equipa começa;
3. Não podem avançar sem responderem às perguntas;
4. Sempre que uma equipa errar ou não responder à questão, recua o número de casas que saiu no dado. Então a outra equipa pode tentar responder. Se acertar, avança o número de casas que saiu no dado; mas se não acertar, recua o número de casas que saiu no dado;
5. Se nenhuma equipa acertar na resposta, faz-se assim: a 1ª equipa que estava em jogo, tira uma pergunta do envelope azul; se agora acertar, avança duas casas; se não acertar, dá a possibilidade à 2ª equipa de, se acertar, avançar duas casas;
6. Se mesmo assim não acertarem, o catequista pode ajudar a responder, mas nenhuma das equipas avança;
7. Se cair numa casa azul de número par, a equipa joga outra vez. Se cair numa casa azul de número ímpar, a equipa deve responder a duas questões que ficaram por responder (Doc. 1).

*O catequista deve estar atento para que todas as questões sejam respondidas.*

3. *Qualquer que seja a alternativa, deve ser feita uma síntese dos principais grupos sociais da Palestina do tempo de Jesus.*

Digam lá então, que grupos encontraram e como se identificam? (*Ouvir os adolescentes*)

**Saduceus:** eram um grupo formado pela elite judaica, proveniente, na maioria, dos **sacerdotes** com mais poder. Seguiam as Leis escritas na Bíblia Hebraica (Torah) e rejeitavam interpretações e actualizações dessa Lei que se foram formando e transmitindo. Assim, não acreditavam na vida depois da morte. Controlavam as actividades e riquezas do templo e o Sinédrio, supremo tribunal judaico. Jesus distancia-se do modo de pensar e agir deste grupo. Ao contrário deles, volta-se sobretudo para os pobres e oprimidos. Isso parece não agradar a esta classe dominante, que muito vai fazer para O eliminar.

**Fariseus:** eram um grupo activo, numeroso e influente na Palestina. Preocupavam-se pela interpretação, actualização e cumprimento da Lei. Era a este grupo que pertencia a maioria dos **rabinos** ou **escribas**, que se dedicavam ao estudo da Bíblia em escolas próprias para isso. Os Fariseus defendiam a observância rígida do Sábado, dos rituais de pureza, do pagamento do imposto, chamado dízimo, e das restrições alimentares. Acreditavam na ressurreição dos mortos. Jesus confronta-se várias vezes com eles e critica os que são arrogantes e os que se contentam com um cumprimento apenas exterior da lei.

**Essénios:** eram um grupo minoritário que se tinha separado da prática religiosa do templo. A maioria deles vivia separada do mundo, em espécie de comunidades monásticas. Eram radicais na exclusão dos pecadores. Praticavam o Baptismo por imersão como forma de purificação. Não se sabe se Jesus teve contactos com eles. João Baptista provavelmente sim. Mas Jesus, ao contrário deles, vivia no mundo, ia ao encontro dos pecadores e pregava a misericórdia e o perdão de Deus.

**Zelotas:** eram um grupo religioso de carácter revolucionário, que se opunha pela violência à ocupação de Israel pelos romanos. Muitos dos seus adeptos vinham das camadas mais pobres da sociedade. Respeitavam o templo e a Lei de Deus. Porque só a Ele se prestava culto, por isso é que combatiam os romanos e seus adeptos. Mas Jesus prega a não-violência e a fraternidade entre todos, distanciando-se claramente dos métodos violentos dos Zelotas. É possível que alguns inicialmente se tenham entusiasmado por Ele, mas depois se tenham desiludido. Entretanto, um dos **Doze**, escolhidos por Jesus, tinha sido Zelota: Simão.

**Publicanos:** não constituíam propriamente uma classe social, uma vez que os seus membros podiam pertencer a qualquer das classes enumeradas. No entanto, distinguiam-se por ser cobradores de impostos, entregues aos romanos, e estarem assim ao serviço do seu poder e da sua ocupação.

**Herodianos:** eram seguidores de Herodes Magno e dos seus filhos e netos, que, depois da morte dele (no ano 4 a.C.), foram responsáveis por várias províncias e regiões da Palestina, mas na dependência dos romanos. Portanto, colaboravam com estes.

**Pecadores:** eram pessoas que, por levarem uma vida contrária à lei, eram excluídas sobretudo das celebrações no templo e nas sinagogas. Por serem excluídos, tornava-se mais difícil a sua conversão. Por isso é que Jesus, em relação a eles, segue o caminho contrário dos escribas e fariseus: vai ao seu encontro. Não para aprovar o que eles faziam, mas para os levar à conversão através do acolhimento.

Portanto, em síntese, qual era a **atitude de Jesus** para com todos estes grupos?

Jesus permanece livre e independente: a todos acolhe, mesmo os que o rejeitam, para os levar à conversão. Não se liga a nenhum grupo em especial, tratando todos de igual modo. Se mostrou mais afecto pelos marginalizados, foi porque eram eles que mais precisavam dele. Se criticou outros, foi por eles excluírem os mais necessitados. Jesus condenava o pecado, mas não o pecador.

No próximo encontro, veremos de forma mais aprofundada esta faceta de Jesus. Não acham que é importante?(...)

Entretanto, o que vimos hoje, suponho que já é suficiente para nos entusiasmar ainda mais por Ele. Eu falo por mim. Se sentirem o mesmo que eu, então atrevo-me a sugerir que manifestemos a nossa admiração por Jesus. E que melhor para o fazer, senão num cântico.

### **PARA INTERIORIZAR**

#### **É Jesus!**

É Jesus

a caminhar sobre o mar

Ele dá-me a mão, não me deixa pecar

É Jesus

Que mandou lançar as redes:

Meu Senhor n'Ele viverei!

É Jesus

A dar vista aos que não vêem

A abrir meus olhos

Aos caminhos da fé

É Jesus a curar o parálítico:

Meu Senhor n'Ele viverei!

É Jesus

A pregar sobre a montanha

Feliz serei

Se viver o amor

É Jesus

Enviado pelo Pai:

Meu Senhor, n'Ele viverei!

É Jesus

Que só procurou servir

E me mostrou

O caminho a seguir



É Jesus  
A luz que ilumina o mundo:  
Meu Senhor, n'Ele viverei!

É Jesus  
Rei da Vida e da Morte  
É a minha herança,  
Minha glória é servi-LO.  
É Jesus  
O pastor que me conduz:  
Meu Senhor, n'Ele viverei!

Durante esta semana, sugiro-vos que completem os vossos conhecimentos adquiridos hoje. Podem ler um dos Evangelhos, consultar um dicionário bíblico, uma tradução da Bíblia que fale destes grupos, ou até a Internet, servindo-vos de um motor de busca. Tudo isto vai ajudar-nos a viver melhor o próximo encontro.

## 2º Encontro – JESUS ABOLIU BARREIRAS

**Cântico inicial: "Crelo em Jesus"**

### II. PALAVRA

1. Há algum de vós que tenha feito o que sugeri no final do último encontro? Quem o fez, diga o que encontrou e que mais o impressionou. (*Ouvir os adolescentes*)  
Há uma actividade na vida pública de Jesus de que falam com frequência os Evangelhos e que, a mim, me impressiona muito. Possivelmente convosco passa-se o mesmo. Sabem qual é?  
São as refeições que ele tomava com as pessoas mais diferentes. É aí que se vê melhor quem era Jesus e a mensagem que transmitia: o anúncio do Reino de Deus.  
Que tal se fossemos ver uma dessas refeições?
2. Das que mais me impressiona é a que vem narrada em Lc 7, 36-50.  
Vamos ler esse texto, seguido do que S. Lucas conta logo a seguir: em 8, 1-3. Podem abrir as vossas Bíblias e seguir a leitura que um de vós vai fazer em alta voz. Primeiro vamos ler só o episódio de **Lc 7, 36-50**.

"Um fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou em casa do fariseu e pôs-se à mesa. Ora certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. Colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguendo-os com perfume. Vendo isto, o

fariseu que o convidara disse para consigo: «Se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!» Então, Jesus disse-lhe: «Simão, tenho uma coisa para te dizer.» «Faia, Mestre» - respondeu ele. «Um prestamista tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?» Simão respondeu: «Aquele a quem perdoou mais, creio eu.» Jesus disse-lhe: «Julgaste bem.» E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: «Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste um ósculo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama.» Depois, disse à mulher: «Os teus pecados estão perdoados.» Começaram, então, os convivas a dizer entre si: «Quem é este que até perdoa os pecados?» E Jesus disse à mulher: «A tua fé te salvou. Vai em paz».

(Lc 7, 36-50)

Como o texto é, ao mesmo tempo, tão belo e tão complexo, convido-vos a lê-lo outra vez, cada um para si. No caso de surgir alguma dúvida, podem colocá-la. (*Ouvir os adolescentes, se necessário*)

De seguida, em grupos, vão tentar descobrir os sentimentos das personagens e o sentido da parábola que Jesus conta (*Distribuir cópias do Doc. 2*). Têm 10 minutos.

(*Depois do trabalho de grupos:*)

Mesmo que algum grupo ainda não tenha preenchido tudo, pare com o seu trabalho e tente acompanhar o que os outros grupos vão dizendo. Com a ajuda deles podem concluir e, ao mesmo tempo, esclarecer as vossas dúvidas.

(*À medida que os adolescentes vão expondo as suas reflexões, o catequista destaca as seguintes ideias principais:*)

- Depois de Jesus, a personagem principal é a **mulher**. Lucas apresenta-a como “uma mulher da cidade que era pecadora”. Trata-se de uma prostituta que, como tal, era rejeitada. Jesus, porém, acolhe-a. Daí a gratidão da mulher: o choro, as lágrimas derramadas sobre os pés de Jesus, ela enxugá-los com os cabelos, beijá-los e ungi-los com perfume. Com tais gestos tão femininos e carinhosos exprime a sua gratidão a Jesus, por aquilo que recebeu dele. Mas afinal que lhe faz Jesus?
- Antes de o sabermos, convém ver a outra figura deste episódio: é **Simão**, um fariseu. Representa aqueles que eram tão zelosos pelo cumprimento da Lei, que evitavam qualquer contacto com os pecadores, cujo comportamento era contrário à Lei de Deus. Se os acolhessem, estariam implicitamente a aprovar o que era contrário à

vontade de Deus e, portanto, estariam contra Deus. Não vos parece que eles tinham razão? (*Ouvir os adolescentes*).

- **A parábola** de Jesus vem tirar as dúvidas. Quem eram, na prática, os dois devedores? A mulher seria aquele que devia quinhentos denários. Simão o que devia só cinquenta. Devia menos, porque era menos pecador. Mas alguma coisa devia. Não há ninguém que não peque. Só que Deus, porque é Pai de todos, a todos perdoa. E a mulher sentia mais o perdão e o amor de Deus que Jesus anunciava e realizava.
- Com isto, **Jesus** mostra a Simão que, não é marginalizando o pecador, que ele se converte; mas é amando e acolhendo, que se pode transformar os corações e despertar neles o amor. Só o amor recebido pode levar ao amor. A iniciativa do perdão partiu de Jesus. Isto é importante: foi **Jesus quem primeiro amou a mulher**. Esta encontrou n'Ele o que não tinha encontrado em ninguém.

Uns usavam e abusavam dela, como prostituta. Outros, os fariseus, rejeitavam-na pela mesma razão: pelo seu comportamento de prostituta, contrário à vontade de Deus. Afinal ninguém a acolhia como pessoa.

Finalmente encontra alguém que nem se serve dela como prostituta, nem a rejeita como pecadora. Jesus é o único que a ama. E no amor leva-a a mudar de vida. Ela amou muito, porque experimentou muito amor. Foi assim é que os seus pecados foram perdoados e ela mudou de vida.

Há nisto **duas coisas importantes** que se não podem esquecer:

1. Jesus não nos ama porque somos bons, mas para que nós sejamos bons. Aprende-se a amar, experimentando amor.
2. Jesus distingue entre o pecado e o pecador. Rejeita o pecado, porque é contrário a Deus e destrutivo do homem. Mas acolhe o pecador: com mais amor do que ao justo, porque ele precisa mais desse amor, para mudar de vida e se salvar.

Não é o único caso em que encontramos esta reacção de Jesus. Provavelmente conhecem outros. (*Ouvir os adolescentes*)

Sendo uma atitude constante, é nela que Jesus anuncia o **Reino de Deus**: dizer aos proscritos, aos moralmente fracassados, que Deus não os condena nem marginaliza, mas vem ao seu encontro para os libertar, dar-lhes dignidade, os convocar para o banquete do Reino. E, na medida em que aceitam o seu convite, Deus passa a reinar neles. Que belo!

3. Vejamos o que S. Lucas escreve a seguir: **Lc 8, 1-3**.

“Em seguida, Jesus ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus. Acompanhavam-no os Doze e algumas

mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demónios; Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes; Susana e muitas outras, que os serviam com os seus bens.”

(Lc 8, 1-3)

*(Depois da leitura:)*

Quem seguia Jesus? *(Ouvir os adolescentes).*

E porquê esta referência às mulheres? – É que os direitos sociais e religiosos das mulheres eram limitados pela legislação da época. Daí o lugar especial que encontram no coração de Jesus: são integradas na família de Jesus, que é a comunidade do **Reino de Deus**.

Um Reino que, por ser de Deus, **não pode ter limites**, fronteiras; é para todos. Também para os fariseus, que tinham uma visão demasiado limitada e limitativa de Deus. Jesus não os exclui. Hoje, vemo-lo mesmo em casa de um deles e a comer com ele. A diferença é que alguns deles não se deixavam conquistar por Jesus, pelo Deus que Ele anunciava.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. E nós? – Hoje, como há vinte séculos, Ele continua a amar a todos, sem distinção. A dificuldade pode estar em nós. Será que eu e tu, nos deixamos conquistar por este amor ilimitado de Jesus?

A resposta tem de ser dada pela vida: sei que acolho o amor de Jesus, na medida em que me torno agente desse amor: na medida em que a todos amo.

Temos muitos modelos. É o caso duma jovem portuguesa a quem inicialmente deram o nome de Libânia. Mais tarde ficou conhecida pela **Irmã Maria Clara**.

Nasceu em 1843 na Amadora. Viveu os seus primeiros anos no aconchego dum lar feliz, mas uma epidemia arrebatou-lhe a mãe, aos sete anos, e o pai, aos treze. É recolhida, com outros órfãos, no Asilo da Ajuda. Mas uma perseguição religiosa expulsa as Irmãzinhas de Portugal, e Libânia vê desabar novamente o «tecto familiar» que a resguardava.

Dado que a perseguição impedia a profissão religiosa em Portugal, ela e mais duas amigas foram até França para fazer o noviciado na casa que a Ordem Terceira Regular de S. Francisco de Assis tinha em Calais.

Tendo examinado e conhecido as grandes obras de caridade que lá realizavam, a Irmã Maria Clara e suas companheiras, ao regressarem a Portugal, adoptaram com a maior perfeição possível a mesma Regra, os mesmos costumes e o mesmo hábito. Para as leis portuguesas, a nova entidade era apenas mais “uma associação de beneficência”; mas, de facto, era a presença amorosa e salvadora de Cristo, um prolongamento da sua

humanidade; pois as pessoas que seguem Cristo, pelo caminho dos conselhos evangélicos, também hoje se propõem ir até onde Cristo foi e fazer o que Ele fez.

Com a confiança na providência de Deus, as Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição continuam a viver o carisma da hospitalidade junto dos pobres e abandonados.

Agradeçamos ao Senhor as suas obras e peçamos-lhe que abra os nossos corações para O seguirmos, a exemplo da Irmã Clara, a religiosa que, no acolhimento feito em nome de Jesus, foi conquistada por Ele, para se tornar agente desse acolhimento: sem fronteiras, como é próprio dos discípulos de Jesus e do Reino de Deus por Ele anunciado.

**Cantemos:** "Tornar Deus visível".

### *Para guardar na memória e no coração*

**"Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, na unidade da sua Pessoa divina; por essa razão, Ele é o único mediador entre Deus e os homens" (CIC 480)**

2. Como acabámos de ver, a vida de quem se deixa conquistar por Jesus tem de mudar. É na mudança que provamos que O seguimos.

Espero que hoje tenham descoberto mais razões para O seguir. Espero que vos tenha fascinado o seu amor sem fronteiras. Só nos falta, talvez, provar isso na nossa vida. Já nesta semana, até ao próximo encontro.

Que vamos fazer de especial esta semana, como prova de que o amor de Jesus, em cada um de nós, também não conhece fronteiras? Não podemos sair, sem definir acções muito concretas. Por isso, proponho que durante uns momentos, cada um, para si, pense no que pode fazer individualmente e em grupo.

*(Depois de um ou dois minutos em silêncio:)*

Digam lá as vossas propostas. *(Ouvir os adolescentes)*

*(Depois de definirem tarefas concretas:)*

Acho que as conclusões a que chegaram merecem uma palavra de gratidão: não a mim, nem a vós, mas Àquele que vos inspirou: Jesus Cristo. E com a nossa gratidão vai também um pedido: que Ele nos ajude a realizar o que decidimos. Cantemos a mesma oração que cantámos há pouco:

**"Tornar Deus visível"**

*(Se os adolescentes tiverem dificuldades em definir uma ou mais actividades, podem sugerir-se algumas das indicadas mais à frente como propostas entre-catequese.)*

DOCUMENTO 1

Grupo cumpridor da lei de Moisés.	Que eram os miseráveis?	De que factores dependiam as diferenças sociais?	4	Qual era o mais importante centro religioso?	Quem estava proibido de entrar no Templo?
-----------------------------------	-------------------------	--	---	--	---

3

Grupo que não acreditava na ressurreição.

Cobrades de impostos.

2

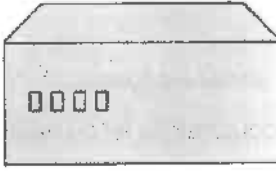
Grupo a que pertencia a mulher a quem Jesus pediu água.

Grupo sem direito a opinião.

1

Ensinavam as escrituras.

Partida



Grupo revolucionário que lutava pela violência contra o domínio romano

5

O Clero era chefiado por quem?

Grupo que vivia isolado do mundo.

Mulher de vida fácil.

6

Grupo que não cumpre a Lei de Moisés.

Supremo tribunal dos judeus composto por 70 membros.

7

Fim

A Sociedade no Tempo de Jesus

### Questões a incluir no envelope azul.

- 1 - Jesus veio salvar os ...
- 2 - Jesus condena o comportamento dos ...
- 3 - A que grupo social pertencia Zaqueu?
- 4 - Quem socorreu o homem caído à beira da estrada?
- 5 - Jesus cura os ...
- 6 - Jesus perdoa aos ...
- 7 - Grupo que estudava as escrituras.
- 8 - Grupo responsável pela celebração dos sacrifícios no templo.
- 9 - Grupo excluído por doença humanamente incurável.
- 10- Grupo que criticou Jesus por curar ao sábado.

### Respostas

- 1 - pecadores
- 2 - fariseus
- 3 - publicanos
- 4 - samaritano
- 5 - doentes
- 6 - pecadores
- 7 - escribas, também chamados doutores da lei ou rabinos
- 8 - Sacerdotes
- 9 - leprosos
- 10- fariseus

### DOCUMENTO 2

1. Depois da leitura atenta da passagem bíblica, dialogar e escrever, no quadro que se segue, os sentimentos dos vários personagens.

<b>PERSONAGENS</b>	<b>Sentimentos manifestados</b>
<b>Jesus</b>	
<b>Mulher</b>	
<b>Simão e os fariseus</b>	

## 2. Que mensagem quis Jesus transmitir com a parábola dos dois credores?

Algumas sugestões para o catequista.

PERSONAGENS	Sentimentos manifestados
Jesus	Compreensão, respeito, perdão e amor.
Mulher	Sentiu-se acolhida, amada e perdoada; exprime a Jesus toda a sua gratidão; sente alegria e muda de vida.
Simão e os fariseus	Vergonha; indignação; espanto; desconfiança; Sentem-se puros e «perfeitos»; escandalizados.

## IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

### FILME

- “Jesus I - O Mestre de Nazaré” – Colecção A Bíblia, nº 17, duração 94 minutos

### ACTIVIDADES

- Incentivar os adolescentes a reflectirem: **Para mim quem é Jesus Cristo?**  
Como ajuda para a reflexão, podem responder ao questionário seguinte:

Para mim quem é Jesus Cristo?	Sim	Não
Uma história inventada?		
Um inconformista?		
Um personagem do passado?		
Um confidente?		
Um louco?		
Um semeador de inquietudes?		
Um idealista?		
Um simples homem bom?		
Um inovador?		
Um profeta como tantos outros?		
Um homem para hoje?		
Um amigo?		
Um companheiro de caminhada?		



- Fazer uma investigação, em que descubram as semelhanças e as diferenças da nossa sociedade com a sociedade no tempo de Jesus.
- Construir uma entrevista e fazê-la a várias pessoas de diferentes idades e ocupações, crentes e não crentes, sob o tema: **"O que pensam de Jesus de Nazaré"**.
- Fazer um levantamento de todos os SINAIS DE AMOR, ao jeito de Jesus, que se "vejam" na escola ou no grupo de amigos.
- Fazer um levantamento dos casos de marginalização na terra, na rua ou no bairro em que se vive.
- Ir, individualmente ou em grupo, ao encontro das pessoas que se vejam marginalizadas.

### **OUTRAS MÚSICAS**

- "Vou falar-te de um Amigo", Ir. Maria Amélia Costa (Cassete: Vai, anuncia, constrói);
- "Deixa Deus entrar".

## A OPÇÃO DE JESUS

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Projecto de vida

A palavra “projecto” vem do latim “pro-iectus” que quer dizer “estar lançado para”. Toda a pessoa é livre de escolher o que quer ser e o que quer fazer com a sua vida. Mas a sua liberdade é limitada e condicionada. Se dela depende a sua suprema dignidade, a sua grandeza, nela está também o seu drama.

O projecto de vida é um elemento constitutivo de todo o ser humano. A pessoa humana entende-se como projecto aberto que se realiza em comunidade e liberdade. O projecto de vida implica um convite a tomar a vida nas próprias mãos e a descobrir a grandeza de decidir sobre a própria existência, de um modo autónomo e comprometido. A ausência de projecto leva a uma vida alienada, em que outros decidem por nós.

A pessoa humana é um ser aberto à transcendência, a ir além de si mesmo, a realizar um desejo de felicidade em plenitude: um ser aberto ao infinito.

Um dos momentos mais luminosos da vida é aquele em que se descobrem valores, pelos quais vale a pena optar.

##### 2. Projecto de vida de Jesus

Jesus nasceu em Belém. Viveu e cresceu com a sua família em Nazaré. Na cultura e na realidade de seu povo e em diálogo com o Pai, foi descobrindo e construindo o seu projecto. A sua vida foi um processo contínuo de maturação pessoal e comunitária, na qual assumiu todas as realidades da vida humana. Lutou com energia e decisão para o pôr em prática e deu a vida pela sua realização.

Na base deste projecto de vida estão presentes duas grandes motivações: a experiência íntima de diálogo e relação com o Pai e a abertura à história, em que assume as dores e esperanças do seu povo. Em ambas tem como único objectivo “fazer a vontade do Pai” (Jo 4, 34).

A começar pelo baptismo no Jordão. Ao ser baptizado por João, deixa-se contar entre o número dos pecadores. É a aceitação e o início da sua missão de Servo sofredor. Mostra

assim que Deus se volta para os pecadores, que toma sobre si os males que são consequência do pecado, para deles os salvar. É já o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (cf Jo 1, 29).

Como toda pessoa humana, é posto à prova, confrontado com opções opostas: é no “deserto” que experimenta a sedução do caminho mais fácil. É tentado a pôr em causa a sua união filial com Deus. Mas vence o tentador, mantendo-se fiel à vontade divina.

Pode assim realizar o que é centro e meta do seu projecto de vida: o anúncio do Reino de Deus por palavras e acções. Iniciou-o na Galiléia proclamando: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1,15).

O seu objectivo é levar toda a humanidade a submeter-se de tal modo a Deus, que forme uma família de filhos e irmãos. É um Reino de vida, porque nele Deus dá vida em abundância (cf Jo 10, 10). É um Reino de justiça e liberdade, porque “foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5, 1). É um Reino de alegria e de paz, porque está definitivamente fundado no triunfo do Ressuscitado (cf Jo 20,20).

Este Reino, mais do que uma atitude, uma prática, uma vida, é uma pessoa que tem nome e rosto: Jesus de Nazaré, a “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15). Nele, identificam-se projecto de vida e Reino de Deus. O Reino é o que unifica a sua pessoa, é a sua paixão. Anuncia e vive o que anuncia, com uma coerência e uma plenitude levadas até às últimas consequências.

Mas os primeiros sinais deste Reino aparecem já na sua vida pública: na sua identificação com os pobres e excluídos, na proclamação e vivência das Bem-aventuranças, na formação duma comunidade de discípulos, com os quais partilha a sua comunhão íntima com Deus.

Não se limita a chamar a Deus “Abba” – Papá (Mc 14, 36), mas introduz os seus na mesma intimidade com Deus, quando lhes ensina a oração do Reino: uma oração em que reconhecemos o Reino como dom já iniciado e ainda por consumir. Por isso continuamos a pedir: “Venha a nós o teu Reino” (Mt 6, 10). É que, só na medida em que este Deus reina sobre cada um de nós, é possível um projecto de vida que nos faça verdadeiramente felizes, o mesmo que fez de Jesus o homem mais feliz: na vitória da vida sobre a morte, nos outros e em si próprio.

### **3. O meu projecto de vida**

O projecto de vida cristã realiza-se num processo de conversão e seguimento de Jesus: desencadeia-se a partir do encontro pessoal com Cristo, como Senhor da vida e da humanidade, e tem como experiência básica a conversão do coração a Deus. Como tal, é a alternativa aos valores do mundo, exigindo, porém, que se encarne e desenvolva no mundo.

Quando Jesus chama, tudo se torna relativo: “Imediatamente deixaram as redes e seguiram-no” (Mt 4, 20). Não se trata de acomodar o projecto de Jesus à própria vida, mas sim de orientar a própria vida pelo projecto de Jesus. E, seguindo Jesus, o amor de

Deus torna-se princípio estruturante da vida, une a Ele a mente e o coração e torna possível uma vida nova: a vida obtida pelo Crucificado Ressuscitado. O triunfo do amor sobre o egoísmo passa pela "loucura" da cruz (1Cor 1,18): "aquele que perder a sua vida por minha causa, há-de salvá-la" (Mt 10, 39).

É um projecto que se torna trajecto, só possível para quem se deixa iluminar e fortalecer pelos meios necessários: oração, comunidade, acompanhamento, formação, discernimento, compromisso evangelizador. Só assim se caminha para "ter os mesmos sentimentos de Cristo Jesus" (Fl 2,5); aqueles em que se fez totalmente obediente à vontade do Pai, para ser por Ele exaltado acima de todos os homens.

Nesse sentido, é um projecto cheio de encanto e de graça: a pessoa supera o egoísmo e descobre um amor que liberta, que salva, até à plenitude.

Tem sido este o segredo de tantos seguidores de Jesus, a quem Ele mudou completamente a vida. Será este também o meu projecto de vida, para ser verdadeira testemunha do Reino de Deus, no grupo da catequese que Ele me confiou?

## **OBJECTIVOS**

- Descobrir o que é um projecto de vida.
- Assumir o projecto de vida de Jesus Cristo.
- Delinear o seu projecto de vida no seguimento de Jesus Cristo.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

No primeiro encontro, desafiam-se os adolescentes a fazerem uma revisão de vida, em clima de partilha, de modo a valorizar a história de cada um. Serão ainda ajudados a descobrir e incorporar novos elementos na elaboração do seu "projecto de vida".

Com as dinâmicas propostas, procura-se que os adolescentes desenvolvam a capacidade de se conhecerem e de se aceitarem. A partir da escuta e da análise da letra de uma canção, executada por um grupo musical por eles apreciado, são levados a reflectir sobre o momento mais importante da sua vida e sobre os seus sonhos. Para isso, necessitam ainda de encontrar formas e exemplos a seguir para concretizar no futuro o seu projecto de vida.

Na segunda alternativa, é possível que alguns adolescentes se mostrem reticentes a fazer o desenho. Neste caso, o catequista esclarece que o objectivo, não é avaliar a capacidade de desenhar, mas sim partilhar experiências e sonhos.

Os adolescentes aperceber-se-ão que, para delinear um projecto de vida, há que fazer opções, por vezes nada fáceis. Por isso, se lhes oferece o testemunho de vida do Ir. Marcelino. No segundo encontro, começa-se por uma revisão dos principais passos da vida de Jesus. Verificar-se-á que Ele teve de fazer opções, escolhendo sempre aquela que O levou a realizar o seu projecto de vida: dar-se todo a Deus, para salvar todos os homens. É o que S. Lucas nos mostra no relato paradigmático das tentações de Jesus.

No final do encontro, espera-se que os adolescentes estejam conscientes de que a sua atitude tem de ser semelhante à de Jesus: também eles se não podem deixar levar pelo

caminho mais fácil, que é muitas vezes o do oportunismo e facilísimos, mas devem manter-se leais e lutar com todos os meios para alcançarem aquilo com que sonham.

#### **Nota para o catequista:**

*É sugerido para o segundo encontro da catequese 11 a realização de uma Via-Sacra. Para ser realmente vivida pelos adolescentes, tem de ser preparada atempadamente. Por isso se chama já aqui a atenção, e será repetido nas observações pedagógicas das próximas catequese. São propostas várias hipóteses de celebração:*

- 1. O ideal seria que os adolescentes preparassem a Via-Sacra para toda a comunidade, sendo eles a redigir os textos ou utilizando algum esquema já escrito, por exemplo, o que é proposto para esse encontro;*
- 2. Os adolescentes podem integrar-se na celebração da Via-Sacra da comunidade;*
- 3. Se o grupo for grande, pode encenar as várias estações da Via-Sacra, podendo, para isso, envolver toda a comunidade na distribuição das tarefas, para que seja um verdadeiro momento de oração comunitária;*
- 4. A Via-Sacra pode ser celebrada apenas no grupo, mas é a opção mais pobre, por ficar desligada da comunidade.  
Seja qual for a opção, os adolescentes são desafiados a construir a cruz, a utilizar na celebração.*

*A Via-Sacra pode ser realizada ao ar livre, desde que o ambiente seja calmo e permita o recolhimento. Se tal não for possível, pode fazer-se numa igreja, ou mesmo na sala de catequese, desde que preparadas antecipadamente e de acordo com a alternativa escolhida. Em qualquer situação, é importante um ambiente que ajude ao recolhimento.*

#### **MATERIAL**

- Cópias do Doc. 1 (1ª alternativa);
- Canetas ou lápis;
- Folhas brancas (2ª alternativa);
- Dísticos: “Bens materiais”; “Povo”; “Religião”; “Partilha”; “Serviço”; “Entrega ao Pai”; “Nem só de pão vive o homem”; “Ao Senhor, teu Deus adorarás”; “Não tentarás o Senhor teu Deus” (podem, três a três, ter cores diferentes, conforme o desenvolvimento); “REINO DE DEUS”.

#### **MÚSICAS**

- “O teu caminho” (Pólo Norte);
- “Pai, nas tuas mão entrego o meu espírito”;
- “Deus é fiel”.

### 1º Encontro - UMA VIDA COMO PROJECTO

#### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Vamos começar este encontro por ouvir com atenção uma canção. É possível que alguns de vós já a conheçam. Chama-se: " O teu caminho" e é do grupo Pólo Norte.  
*No caso de não ter acesso ao CD Jogo da Vida, o catequista deve ver a letra em <http://polo-norte.lyrics.com.br>*

Qual foi a frase da canção que mais vos tocou?

Em que pensaram quando estavam a escutar a canção?

Que significado tem para vós a frase: **"O destino foi traçado com um lápis de carvão"**?  
*(15 minutos de diálogo)*

Há duas frases na canção, para as quais quero chamar a vossa atenção: **"o destino não se esconde atrás de uma porta qualquer, tens de o saber procurar..."** e **"és tu quem traça o rascunho"**. Estão de acordo com elas? *(Ouvir os adolescentes)*. Então isso quer dizer que a concretização dos vossos sonhos para o futuro depende das vossas opções de hoje, e estas, por sua vez, dependem muito daquilo que já viveram e são hoje. Por isso convido-vos a reflectir e a falar do vosso passado e principalmente dos vossos sonhos ou projectos para o futuro. De acordo?

1ª

**Alternativa**

*(Depois de distribuir cópias do Doc. 1)* Vão registar nesse quadro o que de mais importante já realizaram e viveram até hoje e aquilo que ainda pensam e sonham realizar no futuro. Têm 5 minutos.

Então vamos lá partilhar o que escreveram:

"O momento mais importante da minha vida foi ...."

"No futuro gostaria de ser/fazer..."

Quem quer começar? *(15 minutos)*

Vou distribuir por cada um de vós uma folha em branco para fazerem nela uma banda desenhada: desenham os acontecimentos mais significativos da vossa vida e os projectos que têm para o futuro. Têm 10 minutos.

*(O catequista esclarece os adolescentes mais reticentes de que o objectivo não é uma avaliação da capacidade de desenhar, mas sim a partilha de experiências e de sonhos.)*

Agora, gostaria que partilhassem uns com os outros o significado do que desenharam. O mais importante são os vossos sonhos e projectos para o futuro. *(10 minutos)*

2. *(Qualquer que seja a alternativa escolhida o encontro deve continuar do seguinte modo:)*  
 Já vejo que têm muito sonhos para o futuro. Isso é muito bom. Quem não sonha não vai longe. Mas já prevêem que não é possível realizá-los todos. Ou pensam que sim? Então que fazer? *(Ouvir os adolescentes)*

É preciso fazer opções. E estão exactamente na idade de as começar a fazer. Não falta muito para passardes por etapas importantes na vossa vida. Vai ser necessário apostar, escolher e arriscar. Ides ter que tomar grandes decisões que orientarão a vossa vida. Foi assim comigo, com os vossos pais e com todas as pessoas que têm uma vida estruturada. Todas elas tiveram que fazer opções, escolhas, tomar decisões, isto é, traçar livremente o seu "projecto de vida".

Não é a primeira vez que falamos de projectos de vida. Lembram-se de quando falámos sobre isso? *(Ouvir os adolescentes)*

A meu ver, a elaboração do "projecto de vida" desenvolve-se em três etapas. São elas:

- A descoberta e a interiorização dos valores: saber o que me pode fazer feliz.
- A tomada de uma opção fundamental: aquilo que me parece mais importante para mim.
- A verificação permanente dos valores e das opções feitas.

O segredo está em conjugar o **eu actual** com o **eu ideal**. E em tudo isso, não esqueçam que são cristãos. É aliás por isso que estão aqui: porque vêem que os ideais e os valores cristãos nos podem fazer felizes. Seja qual for a opção que façam, nunca podem perder Cristo do vosso horizonte. Ele pode fazer vos felizes.

3. Por isso, é com Ele que vos deveis confrontar na elaboração e realização do vosso projecto de vida: num processo que tem metas, com passos e etapas para as atingir.

Foi assim com um homem que merece a nossa admiração, pelo seu projecto de vida. Chama-se **Marcelino Champagnat**:

Marcelino Champagnat foi o sacerdote que fundou o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, ou simplesmente Maristas.

Nasceu a 20 de Maio de 1789, em Marlihes, França. Era o nono filho de uma família cristã. A sua educação foi essencialmente familiar. Sua mãe e uma tia, religiosa, despertaram nele uma fé sólida e uma profunda devoção a Maria. Seu pai, agricultor e comerciante, transmitiu-lhe a habilidade para os trabalhos manuais, o gosto pelo trabalho, o sentido de responsabilidade e a abertura a ideias novas.

Um padre, que o visitou aos 14 anos, fez-lhe descobrir que Deus o chamava à vocação sacerdotal. Os anos que passou no Seminário Menor de Verrières (1805-1813), foram para ele uma etapa de verdadeiro crescimento humano e espiritual.

Marcelino foi enviado como coadjutor para a paróquia de La Vallá, onde visitava os doentes, ensinava catequese às crianças, atendia os pobres e acompanhava a vida cristã das famílias. A assistência a um adolescente de 17 anos, às portas da morte e sem conhecer Deus, perturbou-o de tal modo, que se sentiu impelido a fundar escolas.

A 2 de Janeiro de 1817, seis meses apenas depois da sua chegada a La Vallá, funda o Instituto dos Irmãos Maristas. Além de garantir o seu ministério paroquial, forma Irmãos, preparando-os para a missão de mestres cristãos, de catequistas e de educadores dos jovens. É então que abre as primeiras escolas.

Esgotado pelo trabalho, morre aos 51 anos de idade, a 6 de Junho de 1840, deixando aos seus Irmãos esta mensagem: "Que haja entre vós um só coração e um só espírito! Que se possa dizer dos Irmãozinhos de Maria como dos primeiros cristãos: «Vejam como eles se amam!»."

Aqui está um homem que soube viver: fiel ao seu projecto de vida. E fiel Àquele que o inspirou, para tomar a decisão certa, e o animou e acompanhou, para realizar até ao fim a decisão tomada: um homem fiel ao Deus em quem acreditou, o Deus de Jesus Cristo, o nosso Deus.

Se estão de acordo comigo, rezemos ao nosso Deus, para que seja também Ele a acompanhar-nos no projecto e no trajecto da nossa vida.

## **PARA INTERIORIZAR**

*Depois de um breve silêncio, a oração pode ser feita do seguinte modo: o catequista pronuncia as palavras introdutórias e os catequizandos, em conjunto, ou um por um, ou em dois coros, recitam o texto entre aspas.*



Senhor, nós te pedimos que, a exemplo do Irmão Marcelino, saibamos projectar a nossa vida deste modo:

"Nenhuma manhã, sem uma oração fervorosa.

Nenhum trabalho, sem uma boa intenção.

Nenhuma alegria, sem um obrigado a Deus.

Nenhuma palavra, sem me lembrar do Omnipotente.

Nenhum sofrimento, sem serena resignação.

Nenhuma ofensa, sem perdão.

Nenhuma falta, sem arrependimento.

Nenhuma acção do próximo, sem ser interpretada benignamente.

Nenhuma boa acção, sem humildade.

Nenhum pobre, sem auxílio.

Nenhum coração sofredor, sem uma palavra de conforto.

Nenhuma noite, sem um exame de consciência."

M. Francisca Loshmes

*Pode cantar-se "O teu caminho" ou outro cântico apropriado.*

Há ainda uma pessoa que merece, mais do que ninguém, a nossa admiração pelo Seu projecto de vida. Já estão a imaginar de quem se trata. Sim, é Jesus Cristo. Iremos falar dele no próximo encontro. Mas, para não virem de mãos a abanar, proponho-vos que, até lá, tentem descobrir quais foram os acontecimentos mais marcantes do projecto e do trajecto da sua vida. Têm os Evangelhos. Passem os olhos, por exemplo, pelo Evangelho segundo S. Lucas. E digam aqui quais os momentos mais marcantes da sua vida

## 2º Encontro – O REINO DE DEUS

### II. PALAVRA

1. Ainda se lembram da sugestão que vos fiz no final do último encontro? Quais foram, lendo o Evangelho de S. Lucas, alguns dos acontecimentos fundamentais no projecto de vida de Jesus e por que razões os consideraram importantes?

*(Ouvir os adolescentes e, se for o caso, louvá-los pelo esforço feito. No final da partilha, que deve ser breve, concluir:)*

Vamos ver em que medida **esses** episódios que referiram se integram, de facto, no projecto da vida de Jesus.

2. Se ainda o não fizeram, podem abrir as vossas Bíblias no Evangelho segundo S. Lucas.

Uma vez que não podemos ver tudo, deixemos para já os três primeiros capítulos: o primeiro e o segundo são uma apresentação do nascimento e da infância de Jesus e no terceiro encontramos João Baptista a orientar-nos para Ele.

Só no capítulo quarto é que Jesus entra em actividade. E começa de um modo decisivo para o resto da sua missão: logo no primeiro episódio em que é desafiado a seguir por um caminho que Ele rejeita radicalmente. Pelas opções que toma, pode dizer-se que começa aí a delinear o seu projecto de vida.

Estou a referir-me ao que S. Lucas nos conta em 4,1-13. Quem de vós se dispõe a ler o texto para os outros?

*(O texto pode, de preferência, ser lido por três: o narrador e os que dizem, respectivamente, as palavras do diabo e de Jesus)*

“Cheio do Espírito Santo, Jesus retirou-se do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde esteve durante quarenta dias, e era tentado pelo diabo. Não comeu nada durante esses dias e, quando eles terminaram, sentiu fome. Disse-lhe o diabo: «Se és Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão.» Jesus respondeu-lhe: «Está escrito: Nem só de pão vive o homem.» Levando-o a um lugar alto, o diabo mostrou-lhe, num instante, todos os reinos do universo e disse-lhe: «Dar-te-ei todo este poderio e a sua glória, porque me foi entregue e dou-o a quem me aprovar. Se te prostrares diante de mim, tudo será teu.» Jesus respondeu-lhe: «Está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto.» Em seguida, conduziu-o a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do templo e disse-lhe: «Se és Filho de Deus, atira-te daqui abaixo, pois está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, a fim de que eles te guardem; e também: Não de levar-te nas suas mãos, com receio de que firas o teu pé nalguma pedra.» Disse-lhe Jesus: «Não tentarás ao Senhor, teu Deus.» Tendo esgotado toda a espécie de tentação, o diabo retirou-se de junto dele, até um certo tempo.”

*(Lc 4, 1-13)*

Como repararam, Jesus é tentado por três vezes. Vejam se descobrem porquê. Posso dizer-vos que se tratam de três bens fundamentais para a vida de qualquer pessoa. Vejam se descobrem quais são e o modo como Jesus se relaciona com eles. Para isso, convido-vos a lerem o texto outra vez, agora cada um para si.

*(Depois da leitura pessoal, o catequista convida à partilha:)*

– Digam lá então de que trata a **primeira tentação**.

*(Depois de se exprimirem, o catequista afixa, no lado superior esquerdo do placar/quadro, o dístico “Bens materiais” e comenta:)*

De facto, ninguém consegue viver sem os bens materiais: o alimento, o vestuário, a habitação e outras coisas que cada um precisa de adquirir para ter uma vida digna. Podemos juntar os nossos conhecimentos.

Para isso é que estudamos e trabalhamos. Quanto melhores forem os nossos conhecimentos, melhores são as condições para adquirirmos uma vida digna.

Neste campo nós preocupamo-nos primariamente com quem? Connosco próprios, com a nossa condição de pessoas, de indivíduos.

Mas basta isso para podermos viver?

#### — De que trata a segunda tentação?

*(Depois de se exprimirem, o catequista afixa, no centro superior do placar, o Dístico "Poder" e comenta:)*

Todos nós queremos subir na vida, ser reconhecidos pelos outros, impormo-nos. Por isso ficamos tristes, quando ninguém nos liga. É como se não existíssemos.

Quando, ao contrário, somos reconhecidos, apreciados, sentimo-nos felizes.

Se na aquisição dos bens materiais nos relacionamos sobretudo connosco próprios, aqui, no poder, relacionamo-nos predominantemente com quem? Com os outros.

— Mas para uma vida feliz, precisamos ainda do contacto com mais alguém. Com quem? Isto é, de que trata a terceira tentação?

*(Depois de se exprimirem, o catequista afixa, no lado superior direito do placar, o dístico "Religião e comenta:)"*

Será que as pessoas precisam da religião para viver?

Há pessoas a dizer que não. Mas, muitas delas, quando se vêem em dificuldades, vão logo em busca de poderes superiores ao homem. Porque somos limitados e ao mesmo tempo não queremos sucumbir a essas limitações, o mais tardar nessa altura apercebemo-nos de que afinal sem Deus não podemos ter uma vida verdadeiramente feliz. Sem Deus, há questões fundamentais na vida das pessoas que ficam sem resposta. Aqui, portanto, é com Deus que nos relacionamos. E veremos que esta relação com Deus é tão importante que, só com Ele adquirimos o equilíbrio necessário para uma boa relação connosco próprio e com os outros.

Vamos ver melhor como aconteceu com Jesus. É importante, porque as tentações a que Ele foi sujeito são as mesmas que nós sentimos.

Para percebermos melhor a sua reacção, vamos ver como Ele foi realizando o seu projecto de vida. Proponho, para isso, a leitura de mais alguns textos do Evangelho de S. Lucas.

À medida que vamos lendo, peço-vos que tentem descobrir a qual destas três relações se referem: se dizem respeito aos bens materiais, à relação com os outros ou com Deus.

Comecemos com **Lc 6, 20-26**. Quem se oferece para ler?

*(Depois da leitura, o catequista convida os adolescentes a relacionarem as palavras de Jesus com uma das tentações. Depois de se exprimirem, afixa, por debaixo do dístico referente aos bens materiais, o dístico "Partilha" e comenta:)*

Jesus proclama "felizes" os pobres, os famintos, os que choram, porque a sua pobreza as suas carências vão acabar. De que modo? Quem escuta a sua palavra e o segue tem de partilhar com os outros os seus bens. E, de facto, nós encontramos isso em Act 4, 32: "A multidão dos que tinham abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum".

Seguiam o exemplo de Jesus que se preocupou em primeiro lugar com os pobres, os doentes, os carenciados. Foi ao seu encontro e desafiou os ricos a fazerem o mesmo: a não pensarem só em si, em não procurarem enriquecer a todo o custo, mesmo explorando os outros. Quem vive assim, não pode ser feliz. Porque a vida é um bem tão grande, que, só partilhada tem sentido.

Convido-vos agora a ler **Lc 9, 46-48**.

*(Depois da leitura por um dos adolescentes, o catequista convida-os a relacionar o texto com uma das tentações de Jesus. Depois de se exprimirem, afixa, por debaixo do dístico referente ao poder, o dístico "Serviço" e comenta:)*

As crianças são os seres humanos mais débeis, mais dependentes.

E Jesus acolhe-as de tal modo que se identifica com elas, faz-se pequenino como elas. E assim é que Ele manifesta a sua grandeza, o seu poder. Grande, poderoso não é aquele que se serve dos outros, mas quem serve os outros, descendo ao seu nível, preocupando-se apenas com o seu bem. E porque não o faz para ser admirado, por isso é que nós mais o admiramos: pelo seu serviço totalmente desprendido.

Vejamos agora qual a fonte última deste tão grande poder, lendo **Lc 10, 21-22**.

*(Após a leitura por um dos adolescentes, o catequista convida-os a comentar as palavras de Jesus. Depois afixa, por debaixo do dístico referente à religião, o dístico "Entrega ao Pai" e comenta:)*

Nesta belíssima oração Jesus entrega-se totalmente ao Pai. Muitíssimo mais do que nós aos nossos pais. Por isso é que o Pai tudo lhe entrega. E Jesus é a maior revelação

de Deus. Para se entregar a quem? Aos pequeninos, isto é, aos que, reconhecendo as suas limitações se abrem totalmente ao dom de Deus.

E repararam com que alegria Jesus diz estas palavras?

Se estremeceu de alegria, foi porque se sentia verdadeiramente realizado no seu projecto de vida.

Mas, vejamos ainda mais alguns textos, porque o seu projecto ainda não chegou ao fim.

Convido-vos a lerem agora **Lc 19, 1-9**.

*(Logo após a leitura por um dos adolescentes, o catequista afixa, por debaixo dos dísticos da esquerda do placar, o dístico "Nem só de Pão vive o homem" e convida os adolescentes a comentar, à luz deste dístico, o texto lido. Pode concluir com as seguintes palavras:)*

É admirável a alegria de Zaqueu: por Jesus ir ao seu encontro e, levado por Ele, por se decidir a partilhar os seus bens com os pobres e retribuir quatro vezes mais a quem tenha roubado. Um homem pequeno que se torna grande: por deixar de viver só para si e deixar de enriquecer à custa dos outros. Descobriu que nem só de pão vive o homem. Descobriu, porque Jesus foi ao seu encontro, deixando-se acolher por ele, partilhando a vida com ele.

Vejamos ainda uma das maiores manifestações do serviço de Jesus aos outros. Vem em **Lc 23, 33-34**.

*(Logo após a leitura por um dos adolescentes, o catequista afixa, por debaixo dos dísticos ao centro do placar, o dístico: "Ao Senhor teu Deus adorarás" e põe a seguinte questão:)*

Esta resposta de Jesus ao diabo terá a ver com as palavras que Ele acaba de pronunciar na cruz? Haverá alguma relação entre o perdão e a exigência de só a Deus adorar? Que vos parece?

*(Depois de ouvir os adolescentes, o catequista pode concluir:)*

Perdoar significa "doar-se" para além de todos os obstáculos: continuar a servir quem nos ofende, nos prejudica.

Para isso, é preciso uma coragem que só Deus nos pode dar.

Por isso Jesus se volta para o Pai. Não apenas, nem tanto porque lhe faltasse a coragem para o perdão, mas para que aqueles que o ofendiam, o matavam, acolhessem o seu perdão. Por outras palavras, deixassem de adorar o diabo.

Sabem o que significa a palavra "Diabo"? – É "aquele que separa". Adora o diabo quem pensa só em si e se separa dos outros e de Deus.

Jesus fez o contrário: volta-se para Deus, sobretudo quando é mais difícil o serviço na forma do perdão.

Vejamos, numa última passagem, com que intensidade Jesus se entrega a Deus, seu Pai em **Lc 23, 46**

*(Logo após a leitura, o catequista afixa, na parte direita inferior do placar o dístico: "Não tentarás o Senhor teu Deus" e comenta:)*

Tentar a Deus significa procurar servir-se dele para finalidades contrárias à sua vontade. Há quem procure a Deus, por exemplo, para a violência e o terrorismo, para adquirir riquezas, como fazem algumas seitas.

Nada disso encontramos em Jesus. Pelo contrário: morre na cruz com uma oração nos lábios. Dá a sua vida por nós, entregando a Deus o seu espírito. Usa mesmo uma oração que já vinha na Bíblia, a do salmo 31,6.

E sabem qual foi o resultado desta entrega?

O triunfo definitivo sobre a morte pela ressurreição.

E é assim que Ele continua vivo, em acção, entre nós.

Com um projecto de vida, já realizado, que garante a quem o segue uma vida totalmente feliz.

Vamos tentar sintetizar em duas palavras este seu projecto de vida. Têm alguma ideia de como poderá ser?

*(Deixar que se exprimam brevemente. Depois concluir:)*

O título mais acertado é, a meu ver, o que nos é proposto pelo próprio Jesus. Vejam em **Lc 17, 20-21**.

*(Logo após a leitura, o catequista afixa, ao centro superior do placar e em letras que se estendam sobre todos os outros dísticos, o dístico "Reino de Deus". Depois comenta:)*

Este foi o projecto de Jesus: anunciar e iniciar o Reino de Deus. Deixou que Deus reinasse sobre si próprio e, assim, contribuiu para que Ele reinasse naqueles a quem se entregou.

Por isso Ele nos acaba de dizer: "O Reino de Deus está entre vós". Querem tentar descobrir de que modos Ele está entre nós?

*(Deixar que se exprimam e concluir:)*

Deus está presente em tudo o que as pessoas, atraídas e conduzidas por Jesus, realizam o que Ele fez: a partilha, o serviço desprendido e generoso e a entrega a Deus; respondendo, como Jesus, às tentações a seguir o caminho contrário.

Talvez não saibam: em todas as três tentações, Jesus respondeu ao diabo com citações da Bíblia (*apontar*) vêm na Bíblia, no livro do Deuterónimo.

Se foi assim, com a Palavra de Deus, que Jesus construiu e realizou o seu projecto de vida, quer dizer que é, sobretudo, aí que nós encontramos as orientações e a coragem para construir e realizar um projecto de vida que nos faça verdadeiramente felizes. Aliás, já começamos a fazer isso mesmo pelas leituras que fizemos hoje (e que vós fizestes durante a semana) e em tantas outras catequeses.

3. Lembram-se de, que no princípio do último encontro, vos convidei a escreverem os vossos sonhos em relação ao futuro. Com isso já estais, pelo menos, à procura de um projecto de vida.

Proponho agora que releiam o que escreveram e depois, olhando para o placar, preencham a primeira coluna do quadro que se encontra no catecismo relativo ao "meu projecto de vida". Se acharem que ainda é cedo para a preencher, pensem pelo menos durante uns momentos em possíveis hipóteses de preenchimento.

*(Depois de uns minutos de reflexão individual, o catequista convida a fazerem, do que pensarem e eventualmente escreverem, motivo de oração na seguinte expressão de fé).*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Depois de terem reflectido sobre o vosso projecto de vida à luz do projecto de vida seguido por Jesus, proponho agora que falemos como Ele. Nos entreguemos pela oração a Deus nosso Pai. Só em união com Ele, podemos seguir um projecto de vida que nos faça verdadeiramente felizes.

Na nossa oração podemos mesmo servir-nos de parte do mesmo Salmo que Jesus usou na cruz. Podemos fazer assim: um de vós, reza os versículos dois a dois, e entre eles respondemos todos com o refrão: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito». *(Se for cantado, ainda melhor)* Podemos dizer/cantar estas palavras com os braços estendidos e as mãos abertas em sinal de oferta.

#### **Salmo 31, 2-9**

**Refrão: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito"**

Em ti, SENHOR, me refugio;

Que nunca seja confundido.

Salva-me pela tua justiça.

Inclina para mim os teus ouvidos;

Apressa-te a libertar-me.

Sê para mim uma rocha de refúgio,

Uma fortaleza que me salve.

**Refrão: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”**

Tu és o meu rochedo e a minha fortaleza;  
Por amor do teu nome, guia-me e conduz-me.  
Livra-me da cilada que me amaram,  
Porque Tu és o meu refúgio.

**Refrão: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”**

Nas tuas mãos entrego o meu espírito;  
SENHOR, Deus fiel, salva-me.  
Detesto os que adoram ídolos falsos;  
Eu, por mim, confio no SENHOR.

**Refrão: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”**

Hei-de alegrar-me e regozijar-me com a tua misericórdia,  
Pois viste a minha miséria  
E conhecestes a angústia da minha alma.  
Não me entregaste nas mãos do inimigo,  
Mas deste aos meus pés um caminho espaçoso.

**Refrão: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”**

*Para guardar na memória e no coração*

**“Eis-me aqui ó Deus para fazer a tua vontade” (Heb 10, 7).**

**Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu o plano divino de salvação, faz seu o plano do amor de redenção do seu Pai (cf CIC 606-607).**

2. Durante a semana, proponho que preencham o (resto do) quadro sobre o vosso projecto de vida, indicado no catecismo, encontrando formas concretas de responder às seguintes questões:

- Em que momentos Jesus faz parte da minha vida?
- Pode a minha vida ter sentido sem Jesus?
- Partilho com Ele os bons e maus momentos?
- Que devo mudar, na minha vida, para conseguir que o meu projecto de vida se concretize?



### III – DOCUMENTOS

#### DOCUMENTO 1

#### O MEU PROJECTO DE VIDA

O que já realizei	O que sonho realizar

### IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

#### ACTIVIDADES

#### CONTO

*(pode ser dramatizado, para uma melhor compreensão do seu significado)*

Um professor de ciências queria explicar um conceito aos seus alunos. Pegou num frasco de boca bem larga e colocou nele algumas pedras grandes. Então perguntou:

- Está cheio?

Todos responderam:

- Sim!

O professor pegou então num balde de pedras de tamanho mais pequeno e deitou tudo dentro do frasco. As pedras mais pequenas alojaram-se nos espaços entre as pedras grandes. Então perguntou aos alunos:

- E agora, está cheio?

Desta vez, alguns estavam em dúvida. Mas, a maioria respondeu "sim"!

O professor então pegou numa lata de areia e começou a derramá-la dentro do frasco. A areia foi preenchendo os espaços entre as pedras. Pela terceira vez, o professor perguntou:

- Então, está cheio?

Agora, a maioria dos alunos estava receosa, mas novamente muitos disseram: "sim"!

O professor mandou buscar um jarro de água e despejou-a dentro do frasco. A água penetrou pela areia. Neste momento, o professor perguntou:

- Qual o objectivo desta demonstração?

Um aluno levantou a mão e respondeu:

- Não importa se a nossa vida está cheia; conseguiremos sempre fazer mais alguma coisa!

- Não! – Respondeu o professor – Se não colocarmos as pedras grandes em primeiro lugar dentro do frasco, nunca mais as conseguiremos colocar lá dentro.

### ***Que representam as pedras grandes?***

As pedras grandes são as coisas mais importantes de nossa vida: o nosso relacionamento com Deus, família e amigos, o nosso crescimento pessoal e profissional. Se preenchermos a nossa vida somente com coisas pequenas, como demonstrei com as pedras pequenas, a areia e a água, as coisas realmente importantes nunca terão tempo nem espaço nas nossas vidas.

### ***Que representam, para vós, as pedras pequenas, a areia e a água?***

Possivelmente: a televisão, o telemóvel, os jogos de computador, etc. Enfim tudo aquilo que faz parte da nossa vida, mas não é essencial para o nosso crescimento como pessoas e que, na maioria das vezes, são para nós as pedras grandes da nossa vida.

## **RECEITA PARA UM BOM PROJECTO DE VIDA**

Inventar uma receita com os "ingredientes" necessários para o projecto de vida.

Sugestão:

- 100g de justiça
- 100g de humanidade
- 100g de igualdade
- 100g de sorriso
- 100g de bondade
- 100g de alegria
- 100g de fé
- 100g de esperança
- Amor q.b.

Depois mistura-se tudo, cozinha-se em banho-maria até se obter a felicidade eterna.

Procurar passagem nos Evangelhos, em que nos apareçam os mesmos "ingredientes" no projecto de vida de Jesus.

## **OUTRA MÚSICA**

– “Muda de vida” – Humanos.

## **SOLUÇÕES PARA AS TAREFAS DO “REALIZAMOS”, PROPOSTAS NO CATECISMO**

### **1. Correspondência da Coluna A com a Coluna B**

6, 20-26 – 7, 18-23

9, 46-48 – 22, 24-30

10, 21-24 – 8, 19-21

19, 1-10 – 12, 16-21

23, 33-34 – 6, 27-36

23, 46 – 22, 39-46

### **2. Respostas para completar as frase**

1. Poder
2. Deserto
3. Pináculo
4. Não tentarás
5. Pão
6. Diabo
7. Bens materiais
8. Adorarás
9. Espírito
10. Multidão
11. Serviço

*Solução vertical:* REINO DE DEUS

## SENHOR, ENSINA-NOS A REZAR

### I - INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. O que é rezar

Vivemos num mundo em que os nossos tempos livres estão cheios de mil e uma coisas. Por isso, dizem muitos, não há tempo para rezar. Será essa a razão? A verdade é que, para aquilo de que estamos convencidos ser importante para a nossa vida, para isso arranja-se sempre tempo. E, se muitos cristãos não se apercebem da importância da oração, é porque talvez não saibam o que é rezar.

Um monge oriental, Isaac o Sírio, disse um dia: «os pássaros voam, os peixes nadam, o cristão reza». Portanto, ser cristão inclui necessariamente a oração. E porquê?

Sa. Teresa de Ávila, uma das mulheres com a experiência mais rica de oração, diz-nos que "orar é tratar de amizade com quem sabemos que nos ama". Tão simples: a oração é um encontro de amor, em que a iniciativa parte de Deus. É um acto de entrega confiante a quem nos ama mais do que ninguém. É a realização prática daquilo que S. Paulo proclamava em Atenas. "Nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos nossos poetas aliás já disseram: «Porque somos também de sua raça»" (Act 17, 28). E, se sem Ele não podemos viver, então a oração é como pão para a boca.

Vista assim como alimento e acto de fé, a oração:

- situa-se mais no coração do que no cérebro, isto é, não depende tanto das faculdades mentais de quem reza, como do facto de ser uma atitude de amor;
- tem de ser constantemente nova e renovada, como o amor se mantém e cresce na medida em que se pratica;
- ainda como o amor, exige tempo e actos e tem expressões diferentes, conforme as circunstâncias em que se encontra quem reza.

##### 2. Jesus, modelo de oração

Como qualquer homem, Jesus aprendeu a orar. Aprendeu certamente fórmulas de oração, particularmente com a sua Mãe que conservava e meditava no coração todas as maravilhas

feitas pelo Omnipotente (cf Lc 2, 19.51). Rezou com as palavras e ao ritmo da oração do seu povo, na Sinagoga de Nazaré e no Templo de Jerusalém (cf Lc 2,41; 4,16).

Mas a sua oração brota duma fonte mais secreta: Deus Pai. Insere-se na mais íntima relação filial entre o Pai e o seu Filho Único. Daí a constância da sua oração: muitas vezes se retirava para a solidão, especialmente de noite, para orar (cf Mc 1, 35). Fazia-o com mais intensidade antes dos momentos importantes da sua vida e missão (cf Lc 6,12; 9,29; 11,1; 22,39-46). Como acto de total entrega ao Pai, leva os homens e oferece-os, oferecendo-se a si mesmo (cf Mt 11, 25-30).

Uma tal vida de oração e os efeitos que produzia, não podiam deixar de dar nas vistas. Por isso, disse-Lhe um dia um dos discípulos: «Senhor, ensina-nos a orar» (Lc 11, 1). Um pedido que é uma oração que nasce da oração. De facto, quando Jesus ora já nos ensina a orar. Aprende-se a rezar pela experiência da oração, nos outros e em nós próprios.

Em Jesus, a oração era uma das expressões mais vivas do Reino de Deus que anunciava. Por isso, "insiste na *conversão do coração* desde o *sermão da montanha*: a reconciliação com o irmão antes de apresentar a oferta no altar; o amor aos inimigos, e a oração pelos perseguidores; orar ao Pai «no segredo» (Mt 6, 6); não se perder em fórmulas palavrosas; perdoar do fundo do coração na oração; a pureza do coração e a busca do Reino" (CIC 2608). Esta conversão abre-nos as portas do coração para Deus, a quem, como filhos e com Jesus, podemos chamar Pai. E quando o fazemos de coração, Ele passa a reinar mais em nós, como com Jesus.

### 3. A oração na nossa vida

A união com Cristo converte-nos em adoradores do Pai "em espírito e verdade" (Jo 4, 24). Isto é, uma atitude de total entrega a Quem se abre e se entrega totalmente a nós. Esta atitude de confiança filial concretiza-se em oração, que conduz à celebração, e em celebração impregnada de oração. Parte do espírito e exprime-se no corpo. É pessoal, mas exige a comunhão com os outros. Varia no conteúdo e na expressão: pode ser adoração, louvor, acção de graças, súplica, ou até simples admiração e contemplação, tão variadas são as situações da vida.

Tudo isto aparece do modo, ao mesmo tempo, mais simples e completo na oração que Jesus nos ensinou. Na primeira parte voltamo-nos para o Deus do Céu, para que Ele, na segunda parte, se volte para nós, homens da terra. Está aqui o modelo de toda a boa oração.

O catequista é chamado a ser mestre de oração. Faça-o com a máxima autenticidade. Desperte nos catequizandos o gosto e a necessidade da oração. Conduza-os às atitudes básicas que a tornam possível: confiança, escuta, gratidão, louvor, súplica. Transmita e ensine as principais fórmulas de oração cristã, alguns salmos e as respostas da liturgia, explicando, tanto quanto possível, o seu sentido. Faça dos encontros de catequese uma escola teórica e prática de oração, em que esta se aprende e se vive. Faça do seu grupo uma pequena comunidade orante, que experimenta a alegria de estar reunida com Jesus.

no meio deles. Mas lembre-se de que tudo isto só o alcançará, se for como catequista, um homem ou uma mulher de oração.

## **OBJECTIVOS**

- Descobrir a necessidade e o valor da oração na nossa vida.
- Aprender com Jesus a dialogar com Deus Pai.
- Rezar com fé e confiança durante o encontro e no dia-a-dia.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

No primeiro encontro, procura-se ajudar os adolescentes a descobrir o lugar da oração na sua vida. Pode ser feita de manhã ao levantar e à noite ao deitar, a caminho da escola, em momentos de solidão, mas também quando estamos rodeados de amigos. Basta um pequeno pensamento, uma fórmula breve. Em qualquer lugar Deus fala-nos e ouve-nos. Mas tem de haver momentos e lugares privilegiados: a igreja como lugar preparado para a oração pessoal e comunitária e as celebrações que aí se realizam. É isso que alimenta a oração de cada dia.

Na primeira alternativa da experiência humana, se for oportuno, lance-se o desafio ao grupo para ser ele a construir a entrevista. Se o tempo for escasso, ou se o grupo não estiver motivado para esta tarefa, use-se a proposta de entrevista apresentada no Doc. 1.

Na segunda alternativa, propõe-se um jogo simples: "Quem sabe agradecer". As regras são simples, mas o catequista deve estar atento: aos adolescentes que não ocupem os cinco minutos, devem ser dadas pistas sobre outras coisas que não tenham agradecido. No final do jogo, tenham-se em conta duas situações possíveis: adolescentes que facilmente agradeceram a Deus, devem ser elogiados por isso; se algum não conseguiu escrever nada, a esse dêem-se mais uns instantes, e peça-se aos colegas que o ajudem.

No segundo encontro, fez-se uma reflexão, tão viva quanto possível, sobre a situação da vida de Jesus que deu origem ao Pai Nosso e sobre a importância desta oração como modelo, no conteúdo e na estrutura, de toda a oração cristã. Ao mesmo tempo, chama-se à atenção para a importância da oração na vida do cristão, como ocasião imprescindível de união com Deus. Para isso, procure-se fazer do encontro um momento e um espaço de oração, feita de modo livre e convicto.

### **Nota para o catequista:**

*Não se esqueça do que foi dito, na introdução à catequese 8, sobre a preparação da catequese 11.*

## **MATERIAL**

### *1º Encontro*

- Cópias dos Doc. 1 e 2 (1ª alternativa);
- Canetas ou lápis;
- Folhas brancas (2ª alternativa);

## 2º Encontro

- Folhas com Doc. 3.

### MÚSICAS

- Música suave para o momento de oração;
- "O auxílio virá do Senhor";
- "O Senhor é a minha força";
- "Pai Nosso".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### 1º Encontro – PARA QUÊ ORAR

#### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Proponho que hoje comecemos o nosso encontro de um modo pouco habitual: com uma oração. Ou melhor, com um Salmo que faia da oração. É o **Salmo 121**. Podem abrir as vossas Bíblias nesse Salmo.

*(Depois de todos abrirem a Bíblia, se as traduções forem todas iguais, o salmo pode ser recitado alternadamente pelo catequista e o grupo; se não, só pelo catequista. Mas, antes da recitação, devem guardar uns momentos de silêncio, para recolhimento. E o Salmo deve ser recitado muito pausadamente. Ter presente que se trata de uma oração. Durante a recitação, todos devem estar de pé. No final, e depois de se sentarem, o catequista continua.)*

Sabem por que é que começámos por este Salmo? Por várias razões: para já, porque há muitas pessoas, até cristãos, que não estão convencidos daquilo que acabámos de recitar, isto é, de que precisam de olhar para o alto para procurar e receber o auxílio do Senhor para a sua vida. Ou, se sabem isso, esquecem-se de o fazer. Será o vosso caso? *(Ouvir os adolescentes)*

*(Se for o caso.) E não rezam porquê? (Ouvir os adolescentes)*

2. Para completar as vossas respostas, convido-vos a preencher o quadro que se encontra no catecismo: **Lembro-me de Deus quando...** Têm 3 minutos.

Antes de apresentarem as vossas respostas, tentemos aprofundar um pouco como é a nossa oração.

1ª

**Alternativa**

Para isso, procurem descobrir por que é tão difícil para alguns de parar e dedicar algum tempo à oração. Começa cada um por si próprio: pense um pouco e responda individualmente a este questionário (*Distribuir Doc. 1*). Têm 5 minutos. (*No final do trabalho individual, continuar:*)

Estou a pensar numa coisa: e se alargássemos o questionário a outras pessoas? Vamos lá fora e façam as mesmas perguntas a pessoas que encontrarem: aqui na igreja ou perto dela. Quem sabe se não vamos encontrar surpresas. Têm 10 minutos.

*Para a entrevista pode usar-se o Doc. 2. Cada adolescente deve, na medida do possível, entrevistar uma pessoa diferente. Com a diversidade de respostas será maior e mais rico o plenário. Se for grande o número de adolescentes ou se o lugar for pouco frequentado, a entrevista pode ser dada como tarefa de grupo para depois do encontro.*

Vamos lá então às respostas: as vossas e (se for o caso) das pessoas que entrevistaram. (*Ouvir os adolescentes e tomar nota, no quadro ou numa cartolina, do número de pessoas em cada resposta*)

2ª

**Alternativa**

Para isso vamos fazer um jogo, para sabermos o que agradecemos e a quem agradecemos. Vamos ver quem consegue apresentar mais casos. Vou distribuir uma folha por cada um para nela escreverem, por exemplo: "Dou graças a tal pessoa por isto ou por aquilo". Têm 5 minutos.

*Se antes de passarem os 5 minutos, houver catequizandos que deixam de escrever, o catequista pode dar-lhes algumas pistas, como por exemplo: agradecer ao compositor da música de que mais gosta; agradecer ao criador de um determinado medicamento; agradecer ao autor de um filme que gostam de ver.*

Mas já agradeceram mesmo a essas pessoas que indicaram? (*Ouvir os adolescentes*)  
E qual o resultado desse agradecimento? (*Ouvir os adolescentes*)

3. (*Qualquer que seja a opção escolhida, o encontro deve continuar assim:*)

Em síntese:

- Há pessoas que têm dificuldade em lembrar-se de Deus nos bons momentos. E há pessoas que nem sequer nos maus momentos o fazem. Mas, também, há outras



que o fazem regularmente (*referir casos, se forem apontados*). Sentem necessidade de falar com Deus, para Lhe pedir ajuda e Lhe dar graças.

E que sentem essas pessoas que rezam regularmente? Isto é, qual será o resultado da oração? (*Ouvir os adolescentes*).

Também eu gostava de dizer o que sinto quando rezo. Mas, antes disso, acho que é importante dizer por que o faço. Até porque há pessoas que dizem que é por falta de tempo que não rezam. Para mim, a causa principal é esta: não conhecem ou não estão convencidas da importância e do valor da oração.

Então, o que é que nos leva a rezar?

1) Porque queremos viver. E viver uma vida feliz: com os bens materiais suficientes, saúde, em paz com os outros. E queremos viver o máximo possível: se possível para além da morte. Quem é a pessoa normal que deseja morrer?

Só que sabemos que, mais cedo ou mais tarde, é o que acontece. E, além da morte, há tantos outros limites na nossa vida. Lembra-se de alguns? (*Ouvir os adolescentes*)  
Como ultrapassar estes limites, para que a minha vida seja feliz? Como me ultrapassar a mim mesmo? Ou se quisermos: Haverá alguém que nos pode ajudar a ter uma vida que seja vida em todos os sentidos?

2) Há: o Deus de Jesus Cristo. O Deus que nos ama tanto, que libertou o seu povo da escravidão do Egito. O Deus que nos ama tanto, que nos deu o seu próprio Filho. O Deus que nos ama tanto, que permitiu que o seu Filho desse a vida por nós, na maior prova de amor. O Deus que nos ama tanto, que ressuscitou o seu Filho, para estar connosco, através do Espírito Santo, o seu Espírito.

3) É a este Deus que eu rezo. E rezo tanto melhor, quanto mais a Ele me entrego, me confio. A oração bem feita é sempre um acto de fé. É a minha resposta ao seu amor. E como o seu amor é total, eu procuro entregar-me na mesma medida e conforme me encontro, quando rezo: confio-me ao Senhor com as minhas preocupações e tristezas, os meus sucessos e alegrias. Confio-me ao Senhor, eu próprio e todos os que fazem parte da minha vida. Entre essas pessoas estais também vós. Sim, eu rezo por vós. Particularmente quando me preparo para vos falar. E qual o resultado desta oração?

#### **PARA INTERIORIZAR**

Antes de vos dizer, gostaria de vos convidar a fazer o mesmo. Tentem fechar os olhos e ficar uns minutos em silêncio, pensando em tudo o que faz parte da vossa vida. E assim, no silêncio, tentem dizer pessoalmente o que vos vai no coração.

*O catequista pode colocar uma música de fundo suave, para ajudar a oração individual que ele próprio também faz. A terminar, convida à oração comum:*

Agora convido-vos a unirem as vossas vozes na mesma oração a Deus. Voltemos ao Salmo com que iniciámos este encontro. Mas agora, cantando:

### **“O auxílio virá do Senhor”**

O auxílio virá do Senhor,  
Do Senhor, o nosso Deus  
Que fez o Céu e a terra,  
O céu e a terra.

Falta ainda responder à pergunta que fiz há pouco: que sentimos durante a oração? Qual o seu resultado?

Gostava que não fosse apenas eu a responder. Acho que seria muito bom ouvir a resposta de todos. Mas, para isso, e para que tenham tempo para reflectir e dizer o que realmente sentem, vamos fazê-lo no próximo encontro. De acordo?

E já agora não se esqueçam de uma coisa: procurem rezar durante esta semana. Todos os dias. E a pensar no próximo encontro: peçam ao Senhor que Ele nos conceda um verdadeiro encontro com Ele.

## **2º Encontro – A ORAÇÃO DE JESUS**

Cântico inicial: **“O auxílio virá do Senhor”**, ou simplesmente o Sl 121, recitado como no início do encontro anterior

### **1. Então, como foi a vossa oração desde o último encontro? (Ouvir os adolescentes)**

E que sentem, quando rezam e depois de rezar? (*Ouvir os adolescentes. Depois, adoptar as suas respostas ao que se segue:*)

Quanto a mim, sinto um pouco o que sentia Jesus. Digo “um pouco”, porque depende da sinceridade e da profundidade da minha oração.

Mas, vejamos **como e quando rezava Jesus**, para nos apercebermos do resultado da oração na sua vida. Podemos assim confrontar a nossa oração com a oração dele.

Todos os Evangelhos falam da oração de Jesus. Mas o de S. Lucas fala muito mais do que os outros. Proponho-vos, por isso, a leitura de algumas passagens deste Evangelho.

*(Pode dividir-se o grupo em pares e cada par ler apenas uma, duas ou três das passagens, conforme o número dos membros do grupo)*

Cada par vai ler uma (ou duas ou três) das passagens aí indicadas e responder às duas perguntas formuladas na folha. Se tiverem dificuldade, vejam bem o que S. Lucas escreve imediatamente antes e depois dos versículos indicados. Têm 10 minutos *(ou menos, conforme o número de passagens atribuídas a cada par)*.

*(Durante os trabalhos dos adolescentes, o catequista escreve, no quadro ou numa folha em formato grande, o mesmo esquema das folhas distribuídas: as passagens de Lc*

sobre a oração de Jesus: "quando rezava" e "o resultado da sua oração". O quadro será preenchido durante o plenário. Isto permite uma visão de conjunto e que cada par complete a sua folha com as passagens que não analisou. Depois de preenchido o quadro, o catequista continua:)

Que conclusões podemos tirar da vossa investigação?

1. **Que Jesus rezava regularmente.** Em Lc 4, 42 conta-se que ele o fazia todos os dias e às vezes durante a noite. Retirava-se para estar só em comunhão pessoal e íntima com Deus seu Pai.

2. **Mas havia alturas em que aumentava a intensidade** da sua oração. Quais eram? (*Ouvir os adolescentes*)

Eram os momentos que precediam grandes decisões ou acontecimentos importantes na sua vida: o Baptismo (Lc 3, 21-22); a sua vida pública (4, 16-21); a eleição dos Doze Apóstolos (6, 12); a sua transfiguração (9, 29); a seguir à actividade missionária dos setenta e dois discípulos (10, 21); antes da grande provação da sua paixão e morte (22, 39-46); e imediatamente antes de dar a sua vida na cruz (23, 34-46). Se juntarmos todas as passagens, são momentos marcantes na realização do seu projecto de vida, de que falámos na catequese anterior.

3. **E quais os efeitos desta oração** tão frequente e tão intensa? (*Ouvir os adolescentes*): Foi a oração que O levou a realizar esse projecto de vida: fazer em tudo a vontade de seu Pai. Era sobretudo na oração que Ele se entregava a Deus e Deus entrava mais na sua vida. Vemos isso particularmente:

- no seu Baptismo, em que o Espírito de Deus entrou nele com mais intensidade (Lc 3, 21-22);
- antes da transfiguração, em que se manifestou nele a glória de Deus (Lc 9, 29);
- depois de os discípulos voltarem da actividade missionária, quando revelou a comunhão filial com o Pai (Lc 10, 25);
- antes e no fim da sua paixão e morte, em que se entregou ao Pai por nós (Lc 22, 39-46; 23, 34.46).

Portanto, sem a oração Ele não teria feito o que fez; ou melhor, o que Deus fez através dele.

Vale ou não a pena rezar?

## II. PALAVRA

Isto, não podia passar despercebido aos discípulos. Por verem a importância da oração na sua vida, fizeram-lhe, um dia, um pedido importante. Estou convencido de que nós

fariamos o mesmo, ou melhor, fazemos. Porque também nós acabámos de aperceber-nos do valor da oração. Que pedido é esse? Vamos escutar o pedido e a resposta. Podem abrir as vossas Bíblias em Lc 11, 1-4. *(A leitura pode ser feita por três: narrador, discípulo e Jesus)*

“Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: «Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos.» Disse-lhes Ele: «Quando orardes, dizei:

Pai,  
santificado seja o teu nome;  
venha o teu Reino;  
dá-nos o nosso pão de cada dia;  
perdoa os nossos pecados,  
pois também nós perdoamos  
a todo aquele que nos ofende;  
e não nos deixes cair em tentação»”.

*(Lc 11, 1-4)*

## 2. *(Depois de uns momentos de silêncio:)*

Que belo pedido! «Senhor, ensina-nos a rezar!» Repararam que já é uma oração? E é uma oração que nasce da oração.

Não sabemos o que Jesus dizia na oração que provoca o pedido dos discípulos: talvez pedisse a Deus que os seus discípulos compreendessem a importância da oração para a vida deles. Se foi isso, não há dúvidas de que Deus escutou a sua oração. Por isso é que a oração dos discípulos, a nossa oração, nasce da oração de Jesus. Assim se aprende a rezar: experimentando a oração. E quanto mais se reza, mais gosto se ganha pela oração.

E é por isso que Jesus, em vez de grandes discursos sobre o modo de rezar, coloca os discípulos a rezar: o Pai Nosso é o melhor ensinamento sobre a oração. Mas, só se compreende, enquanto se reza. E nós iremos fazer isso mesmo. Até porque o pedido “Senhor, ensina-nos a rezar” também é nosso.

Mas, antes de o fazermos, tentemos compreender melhor a oração que Jesus nos oferece. São três os pontos que gostaria de esclarecer convosco:

1) **A forma** da oração que ouvimos. Repararam que o “Pai Nosso” que habitualmente rezamos é um pouco diferente deste. A explicação é esta: o autor do Pai Nosso é Jesus. Mas depois os cristãos sentiram necessidade de adaptar a forma original às circunstâncias da sua vida.

Aquela que hoje rezamos é do Evangelho de **S. Mateus** (6, 9-13): era a forma rezada pelos cristãos para os quais foi escrito este Evangelho. As adaptações correspondem

à linguagem, mentalidade e cultura desses cristãos que eram de origem judaica. **S. Lucas** escreveu para cristãos de origem pagã. E manteve uma forma do Pai Nosso talvez mais próxima da forma originalmente ensinada por Jesus. Vejam lá se descobrem quais as preces que aí faltam. (*Ouvir os adolescentes*)

- 2) Uma das diferenças está logo no princípio: **o modo** como nos dirigimos a Deus.

Em **S. Lucas** vem apenas "**Pai**". Era assim que Jesus habitualmente se dirigia a Deus. Chamava-lhe "**Pai**", ou melhor, "**Papá**" ou "**Paizinho**". Em aramaico, a língua de Jesus, "**Papá**" diz-se "**Abbá**". É um diminutivo. Isto é, Jesus dirigia-se a Deus como uma criança a seu pai. Havia, pois, uma grande intimidade entre Ele e Deus: a mesma que existe entre pessoas que se amam muito.

E convida-nos a nós a usar a mesma palavra. De facto, era assim que os primeiros **cristãos** se dirigiam a Deus. Segundo Rm 8, 15 e Gal 4, 6, também os cristãos chamavam a Deus "**Abbá**". **S. Paulo** explica porquê: os cristãos, ao unirem-se a Jesus pelo Baptismo, tornam-se "**Filhos de Deus**" e recebem o seu Espírito. É este Espírito de amor, que une Jesus a Deus, que também está em nós. Por isso também nós lhe chamamos "**Pai**". Estamos, assim, a confiar-nos a Ele, como uma criança a seu pai. E quanto mais a Ele nos entregamos, mais vida recebemos dele. É dessa vida que tratamos no ponto seguinte.

- 3) **O conteúdo da oração.** O Pai Nosso tem **duas partes**. A primeira vem no v. 2: a segunda nos vv. 3-4.

Na primeira parte **voltamo-nos para Deus**, para que Ele, na segunda parte, **se volte para nós**. Primeiro reconhecemos que Ele (o seu nome) é santo e que precisamos do seu Reino, em nós e no nosso mundo.

E só depois de assim nos entregarmos a Deus, estamos em condições de lhe pedir que Ele nos conceda o que mais precisamos: os bens e a capacidade de os partilharmos, no amor. É deste amor que faz parte o perdão. Terminamos pedindo-lhe que não nos deixe cair na tentação de nos desligarmos, nem dele, nem dos outros. Porque, se o fizermos, não seremos felizes, nem nós, nem eles.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Penso que agora já estamos mais em condições de rezar como Jesus nos ensina. Vamos fazê-lo com a fórmula que estamos habituados a dizer.

Para isso, convido-vos a fazer um momento de silêncio. Durante ele, cada um procure concentrar-se e talvez dizer no seu coração a Jesus: "**Senhor, ensina-me a rezar**".

*(O catequista pode colocar música suave de fundo que ajude a criar clima de oração.)*

Vamos rezar assim: um de vós pronuncia as palavras de Jesus e todos os outros as vão comentando e saboreando, sempre em forma de oração:

1º Coro	2º Coro
Pai Nosso	Porque nos chamamos e somos vossos filhos, ousamos invocar-vos como Pai; e porque de todos nos fazeis irmãos, ousamos chamar-vos Pai Nosso.
que estais nos céus	Não porque estais longe ou afastados de nós, mas porque ninguém como vós está connosco, em Jesus Cristo, o Emanuel.
Santificado seja o Vosso nome	Sim; que o nome com que vos revelais e estais connosco seja por todos respeitado, venerado e proclamado como Santo.
Venha a nós o Vosso Reino	Sim, que triunfe plenamente entre nós e em todo o mundo o Reino da verdade e justiça, de liberdade, de amor e de paz, proclamado e iniciado por Jesus Cristo, Vosso Filho.
Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu	Sim, que a vossa vontade se faça, tanto na alegria como na dor, para que diminua cada vez mais a distância que separa a terra do céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje	Dai-nos, a todos o pão que sacia a fome do corpo, e o pão do amor que, na Eucaristia, faz de nós um só corpo, em Jesus Cristo, vosso Filho.
Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido...	Porque, só perdando a quem nos prejudica e ofende, sabemos que está em nós o perdão que a todos ofereceis com tanto amor.
E não nos deixeis cair em tentação...	Sobretudo quando, no bem-estar ou na provação, corremos o perigo de perder a confiança e nos separarmos de vós e uns dos outros.
Mas livrai-nos do mal	Para podermos reconhecer e proclamar de todo o coração que só a vós pertence o Reino, o Perdão e a Glória para sempre! Amen.

E agora rezemos (ou cantemos) em coro esta belíssima oração que o Senhor acaba de nos ensinar:

“Pai Nosso...”

***Para guardar na memória e no coração***

**“Quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta e reza a teu Pai ... Ele te recompensará”. (Mt 6, 6)**

**“A oração é um encontro de amor em que a iniciativa parte de Deus. É um acto de entrega confiante a quem nos ama mais do que ninguém”**

**(S. Teresa d'Ávila).**

**2. (Depois de pedir para se sentarem:)**

Finalmente, suponho que podemos dizer o que cada um de nós sente quando reza e depois de rezar. Será algo de parecido com aquilo que se passava com Jesus?

*(Ouvir os adolescentes. O catequista deve, também ele, partilhar a experiência positiva que faz com a oração. No final:)*

Se é, de facto, uma paz, uma alegria e uma grande energia o que sentimos, quando nos entregamos a Deus pela oração, então convido-vos a cantarem comigo o cântico:

**“O Senhor é a minha força”**

### III – DOCUMENTOS

#### DOCUMENTO 1

Rezo a Deus porque:	Não rezo a Deus porque:
<input type="checkbox"/> Sempre o fiz	<input type="checkbox"/> Não sinto necessidade
<input type="checkbox"/> O amo	<input type="checkbox"/> Não tenho tempo
<input type="checkbox"/> Sinto necessidade	<input type="checkbox"/> Não sei fazê-lo
<input type="checkbox"/> Sinto-me bem	<input type="checkbox"/> Parece-me perder tempo
<input type="checkbox"/> Confio n'Ele	<input type="checkbox"/> Não encontro o momento adequado
<input type="checkbox"/> Gosto de me sentir perto d'Ele	<input type="checkbox"/> Não sei se Ele me escuta
<input type="checkbox"/> Ele é o confidente	<input type="checkbox"/> Prefiro fazer coisas úteis aos outros
<input type="checkbox"/> Sinto a Sua presença amiga	<input type="checkbox"/> Não obtenho resposta
<input type="checkbox"/> Lhe quero agradecer algo	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> Lhe quero pedir algo	
<input type="checkbox"/> _____	

#### DOCUMENTO 2

##### ENTREVISTA

Costuma rezar?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Em que momentos?	Ao deitar <input type="checkbox"/> De manhã <input type="checkbox"/> Antes das refeições <input type="checkbox"/> Na missa <input type="checkbox"/> _____ <input type="checkbox"/>	
Por que reza?	_____ _____ _____	
Que orações costuma recitar?	Pai Nosso <input type="checkbox"/> Rosário <input type="checkbox"/> Orações espontâneas <input type="checkbox"/>	Salmos <input type="checkbox"/> Dirigidas aos Santos <input type="checkbox"/> Outras <input type="checkbox"/>
Sexo	Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>
Idade	10-18 anos <input type="checkbox"/> 26-35 anos <input type="checkbox"/> 46-55 anos <input type="checkbox"/>	19-25 anos <input type="checkbox"/> 36-45 anos <input type="checkbox"/> + 55 anos <input type="checkbox"/>



## DOCUMENTO 3

### A ORAÇÃO DE JESUS NO EVANGELHO SEGUNDO S. LUCAS

	Quando rezava	Qual o resultado da sua oração
Lc 3, 21-22		
Lc 4, 16-21		
Lc 4, 42		
Lc 6, 12		
Lc 9, 28-29		
Lc 10, 21		
Lc 22, 39-46		
Lc 23, 34		
Lc 23, 46		

## IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

### DIAPORAMAS

- “Santa Teresinha do Menino Jesus - A Jardineira do amor” (Edições Carmelo, 2005);
- “Aclame o meu passo Senhor”;
- “Cântico das criaturas”;
- “No Coração de Jesus”.

### ACTIVIDADES

- Organizar um dia de deserto. Para isso é necessário que, em conjunto, escolham um lugar calmo e sereno onde, durante um dia, façam a experiência do silêncio. Em anexo apresenta-se um esquema possível.
- Organizar uma vigília de oração, convidando o grupo coral da paróquia a participar com cânticos que levem ao recolhimento.
- Procurar nos Evangelhos passagens que tratem da oração.
- Ler alguma biografia sobre Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz e Santa Teresinha do Menino Jesus. Descobrir como viveram a sua oração.
- Consultar o site <http://www.sacredspace.ie>, com sugestões para rezar diariamente.

## ANEXO

### DIA DE DESERTO

Leva a Bíblia e um caderno para tomar nota do que se for passando dentro de ti ao longo do dia. Poderás escrever aí os pensamentos, luzes, intuições, decisões, orações, etc. que te vierem ao espírito ao longo do dia.

#### ***Início***

Uma vez no local escolhido, **gasta** algum tempo a adaptar-te: procura o melhor sítio para rezar ou meditar, vê se há ou não capela e como te sentes nela, etc. Escolhe um sítio adequado, onde te sintas tranquilo, recolhido e confortável, mas não tão confortável que corras o risco de adormecer.

Invoca a presença do Espírito Santo e faz alguns exercícios de relaxamento. Oferece ao Senhor este dia, tudo o que nele vais fazer, pensar, rezar, tudo o que vai acontecer, para que tudo sirva para O amares e servires mais e melhor. Isto durante cerca de 20 minutos.

#### ***1º: Momento de oração (20min)***

Toma consciência da presença do Senhor. Começa por rezar o salmo 18, meditando-o. Trás toda a tua vida e, particularmente, o ano que passou. Apresenta tudo diante do Senhor, agradecendo-Lhe o dom da Sua presença e dispondo-te a tomar consciência do que vais sentindo interiormente, no teu coração.

#### ***2º: Rezar com a natureza (45min)***

Se estiveres num sítio adequado, dá um passeio e reza com a natureza. Aprende a contemplar a presença de Deus presente em todas as coisas criadas e deixa-te surpreender, espantar e admirar com o que esse olhar te pode revelar sobre Deus. E também sobre ti. Se quiseres, escreve para ti o que sentiste durante esta experiência. Em seguida faz um pequeno intervalo, de 15 a 20 minutos.

#### ***3º: Abre a tua Bíblia***

Se quiseres, reza o seguinte texto: Isaias 49, 1-17. Mas podes recorrer a outro texto bíblico que esteja mais em consonância com o teu estado de espírito, tal como um Salmo ou Jo 4, 1-42. Cerca de 20 minutos.

#### ***4º: Talvez seja oportuno fazer aqui a tua refeição principal do dia***

Se comerem em conjunto, aproveita para contemplar a presença de Deus nos teus colegas. Tem sempre consciência de que Deus nunca se ausenta de nós. Nós é que nos esquecemos da que Ele está sempre presente, em todas as criaturas.

**5º: Se quiseres, descansa um pouco depois do almoço**

Ou dá um passeio tranquilo.

**6º: Repete a oração com o texto bíblico**

Não leias tudo, mas reza apenas aquele versículo, palavra, pensamento ou sentimento que te proporcionou mais alegria, paz, ânimo, ou então medo, perturbação ou sofrimento. Procura encontrar a causa desse sentimento e que resposta te vem ao coração, a partir da Palavra de Deus. Se não quiseres repetir o texto da manhã, reza outro. Por exemplo: Lc 7, 36-50. Trata-se de um texto sobre a misericórdia de Jesus e a graça do perdão.

Reflecte tranquilamente, saboreia a presença silenciosa de Deus, para tirares fruto da tua oração para a vida. Será necessário tomar uma decisão? Fazer uma mudança? Travar um diálogo difícil? Pede a Deus luz, para que possas decidir segundo a Sua vontade.

**7º: Colóquio com Jesus**

Faz uma oração de proximidade e acolhimento com Jesus, isto é, um colóquio pessoal, como dois amigos que se conhecem e se querem bem. Fala-lhe de ti, das tuas preocupações, alegrias. Confia-lhe os teus sentimentos e projectos. Abre-te à sua vontade sobre ti e ao futuro que, com Ele, é sempre de esperança e não de tragédia. Talvez te possa saber bem, fazer um tranquilo exame de consciência e preparar, no deserto, o sacramento da reconciliação. Quem tiver uma particular relação com Maria ou com o Pai, pode fazer este colóquio com Nossa Senhora ou com o Pai de Jesus.

**8º: Prepara o teu regresso a casa, à família, comunidade, etc.**

Regressa com uma nova relação com o Senhor. O silêncio da oração transforma, mesmo quando não sentimos. Reflecte: que faria Jesus no meu lugar, ao ligar-se com as situações para as quais vou? Como devo eu agir, para estar em união com Ele, deixando-o viver em mim?

**9º: Avaliar**

À noite, ao chegar a casa, escreve no teu caderno a tua avaliação da experiência. Vê que decisão concreta tomaste. Toma consciência de como partiste e de como regressaste, do modo como encaras agora a presença de Jesus na tua vida.

## DÁ-TE E VIVERÁS

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. A força do voluntariado

Vivemos numa sociedade predominantemente fria, calculista e mercantilista. Os apelos constantes ao consumismo, ao «ter», levam muitas vezes ao esquecimento do irmão. Existe, no entanto, um fenómeno muito positivo no mundo actual: o voluntariado. Multiplicam-se as organizações não governamentais que promovem, em diversos campos, o voluntariado em favor dos mais desprotegidos, sobretudo dos povos do terceiro mundo. Quem é capaz de servir, livremente, por amor aos outros, cresce em dignidade e em qualidade como pessoa; quem fica fechado, egoisticamente, em si mesmo, está a empobrecer-se e a degradar-se. São cada vez mais as pessoas, nomeadamente jovens, que se oferecem para trabalhar como voluntárias, sem remuneração, apenas por altruísmo. É evidente que também o voluntariado exige preparação, competência e boa organização, para que não seja apenas um refúgio para passar tempo. Porém, bem orientado, é uma força crítica que desafia muita gente que prefere a passividade, não é solidária e exige sempre compensações monetárias por tudo o que faz.

O cristão é, por natureza, um voluntário. A exemplo e com a graça de Cristo, é chamado a esquecer-se de si mesmo e a entregar-se ao serviço dos outros.

##### 2. Jesus ensina-nos a servir

A vida de Jesus está centrada nos outros. Ainda hoje, o que talvez mais se admira n'Ele, mesmo entre não-cristãos, é o seu total amor e serviço aos outros. Encarna assim, em si mesmo, a mensagem que anuncia. A parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) é um dos resumos mais belos e convincentes do que Ele próprio fez e pregou.

Mas, não é por acaso que S. Lucas conta, logo a seguir a esta parábola, o encontro de Jesus com Marta e Maria (Lc 10, 38-42).

Marta pratica a hospitalidade, recebendo Jesus em sua casa e trabalhando com todo o empenho, para lhe proporcionar todo o conforto material. É o modelo da acção. Na prática, realiza a recomendação que Jesus faz ao escriba, como conclusão da parábola:

“Vai e faz tu também o mesmo”. Não basta saber que é o amor ao próximo o caminho para a vida eterna. É preciso pô-lo em prática. O amor é essencialmente prático.

Ao contrário da irmã, Maria limita-se a sentar-se aos pés de Jesus e a ouvir a sua Palavra. E o estranho é que é ela quem Jesus elogia: “Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” (Lc 10, 42). Não estará Jesus a contradizer o que acabara de ensinar ao escriba? Ou será possível conjugar as duas atitudes? Se sim, como?

Vejamos como Santo Agostinho comenta este episódio:

“Marta e Maria eram duas irmãs, não apenas segundo a carne... Ambas aderiram ao Senhor, ambas o serviram num só coração enquanto ele esteve presente em sua humanidade. Marta recebeu-O como é costume receber os peregrinos. Porém, recebeu o Senhor, como serva; o Salvador, como enferma; o Criador, como criatura. Aquela que devia ser alimentada no espírito, recebeu o Senhor para lhe dar o alimento do corpo. Marta, determinada e pronta para oferecer alimento ao Senhor, preocupava-se muito com o serviço. Maria, sua irmã, preferiu deixar-se alimentar pelo Senhor. Abandonou, de certo modo, a irmã que se desdobrava no serviço e, pondo-se aos pés do Senhor, ouvia atenta a sua palavra. O ouvido fiel escutou: Parai e conhecei que eu sou Deus (Sl 45 [46], 11). Uma se inquietava, a outra se comprazia; uma se ocupava com muitas coisas; a outra considerava apenas uma coisa: (...) ser alimentada na rica mesa da palavra de Deus” (Sermão 103, 2-5.6).

Neste sentido é que Maria escolheu a melhor parte: sem Aquele que encamou a Palavra de Deus, dificilmente se pratica o amor totalmente gratuito e constante. Facilmente se infiltra, no que fazemos, o egoísmo e o desânimo. Precisamos primeiro de escutar Aquele que não veio para ser servido, mas para servir, dando a vida em resgate por todos (cf Mc 10, 45). Na medida em que nos deixamos resgatar por Ele, é que estamos em condições de um dia ouvirmos dele: “Sempre que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). É que, n’Ele e com Ele, é impossível não praticar o amor: totalmente gratuito e a todos sem distinção.

### **3. Educar para o serviço**

Foi para esta educação para o serviço que os Bispos portugueses chamaram a atenção dos cristãos: “Nestes tempos, eivados de materialismo hedonista, saibam os cristãos abrir-se aos valores do Evangelho, pela doação do seu tempo e das suas vidas aos irmãos necessitados. Esta abertura ao Evangelho levará à partilha dos dons que cada um recebeu de Deus, num compromisso de caridade fraterna, empenhada na promoção dos que mais precisam. Se a partilha for guiada pela palavra de Cristo (...) tornar-se-á um sinal imediato e visível do amor infinito do Pai Celeste” (Voluntariado – Porta aberta para a Humanização Social. Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, 15 de Novembro de 2001).

Compete à catequese educar neste sentido. O Evangelho exprime-se em atitudes concretas: estar atentos às necessidades dos que nos rodeiam, imaginar soluções, ser competentes e dar-se em acções concretas, para proporcionar a vida a tantos que estão em vias de a perder.

E o catequista tem de ser modelo neste serviço: a começar pelo modo dedicado, generoso e persistente com que se entrega àqueles a quem transmite o Evangelho. Que este apareça ao vivo na sua vida. Para que isso possa acontecer, entregue-se a Cristo, como Maria de Magdala.

## **OBJECTIVOS**

- Saborear a alegria de servir.
- Descobrir Jesus no Bom Samaritano.
- Encontrar na intimidade com Jesus o fundamento do serviço.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS:**

Esta catequese tem como principal finalidade sensibilizar os adolescentes para a descoberta da sua verdadeira missão, como cristãos. Hoje, mais do que nunca, o factor tempo e a forma “apressada” como vivemos, mal nos deixam pensar. É necessário que os adolescentes primeiro descubram como é importante a escuta da palavra de Deus. É a partir daí que eles são estimulados à criatividade, ao sentido cívico, ao diálogo e à descoberta e realização de acções concretas, como efeito e expressão da Palavra que escutam.

No primeiro encontro, é proposto um pequeno teste, que tem como principal objectivo despertar a atenção dos adolescentes para a temática desta catequese. Seguem-se duas alternativas: na primeira, mais simples em termos de material, são apresentados pequenos resumos de biografias ou testemunhos de pessoas de épocas diferentes, que dedicaram a sua vida à oração e ao auxílio dos outros; na segunda, é passado um diaporama, ou, em último recurso, é feita a leitura da parábola do grão de trigo. Quer com uma alternativa quer com a outra, procura-se ajudar os adolescentes a descobrir como ajudar os outros, como parte do seu projecto de vida.

No segundo encontro, é proposta a dramatização do texto bíblico, em que cada adolescente assume o papel de uma personagem. Procura-se assim, levar a uma melhor interiorização e compreensão da mensagem.

Não se esqueça a preparação da Via-Sacra, a realizar na catequese 11. Convide-se o grupo, caso ainda não se tenha feito, a construir a cruz necessária para a Via-Sacra.

## **MATERIAL**

- Textos com testemunhos de vida dedicada ao serviço dos outros (Doc. 1 - 1ª alternativa);
- Cartolina de duas cores diferentes, uma para o plenário e outra para o registo das semelhanças e diferenças (1ª alternativa);

- Folha para registo de acções (2ª alternativa);
- Papel craft / papel embrulho (2ª alternativa);
- Rádio, CD ou cassete;
- Projector multimédia ou de slides (2ª alternativa);
- Diaporama "A vocação do grão de trigo".

## MÚSICAS

- "O Senhor é a minha força";
- "Nós Te seguiremos", J. R. Monteiro;
- "Santo, Santo, Santo".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### 1º Encontro – A ALEGRIA DE SERVIR

#### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

Certamente ainda se lembram do cântico com que terminámos o último encontro. Vamos cantá-lo outra vez: "O Senhor é minha força". *(No final:)*

Algun de vós quer comentar brevemente o texto deste cântico? *(Ouvir os adolescentes).*

De facto este cântico fala-nos daquilo que sentimos e recebemos com a oração, a exemplo do que aconteceu com Jesus. Foi pela sua oração que Ele delineou e realizou o seu projecto de vida, que Ele se entregou às diferentes pessoas da sociedade do seu tempo.

1. A questão que pomos nesta catequese é: que fez Jesus às pessoas com quem conviveu e a quem se entregou?

Mas, antes disso, parece-me importante ver o que se passa connosco. Até porque, se temos estado a falar de Jesus, é porque o queremos como nosso modelo. Achamos que o seu modo de viver nos faz felizes. Estão ou não de acordo?

Comecemos por responder ao teste que se encontra no catecismo. Têm 5 minutos.

*Durante o plenário, o catequista vai comentando o que dizem os adolescentes tendo presente o seguinte:*

- *No caso de uma resposta afirmativa a todas ou "quase" todas as questões, está-se perante um adolescente que reconhece as suas capacidades pessoais e que as sabe usar em prol dos outros.*
- *Se é negativa a resposta o catequista procure, com a ajuda do grupo, mostrar como se podem reconhecer e usar os dons e capacidades pessoais.*

Todos temos as nossas capacidades e talentos. Cada um os seus e uns mais do que os outros: uns para a música, a dança, outros para a literatura, outros para o desenho e pintura, outros para o desporto, etc. Quais são as vossas? (*Ouvir os adolescentes*)

A questão que agora ponho é: como usar estes talentos? Isto é importante, porque é sobretudo nos seus talentos que está a especificidade e personalidade de cada um. É no seu uso que cada um se realiza como pessoa e pode ser realmente feliz. Então, como usar os nossos talentos?

1º

### Alternativa

Antes de cada um de vós responder, proponho que tentem descobrir as respostas que outras pessoas deram a esta questão.

Para isso vamos dividir-nos em grupos e ver como viveram algumas pessoas, cujas biografias vêm nas folhas que vou distribuir (Doc. 1). Depois da leitura, tentem responder às seguintes questões:

- De que pessoa se trata: quem era, o que fazia, onde viveu?
- O que encontrou à sua volta?
- O que fez em favor dos outros?

Têm 10 minutos.

*(O catequista distribui cópias do Doc. 1, atribuindo a cada grupo uma biografia, e, enquanto respondem, afixa um quadro com o esquema ampliado que se encontra no final do Doc. 1. Depois de, no plenário, terem preenchido o quadro, o que pode ser feito por um adolescente, o catequista continua:)*

Vamos comparar estes diferentes casos:

- Em que idade descobriram e começaram a realizar a sua vocação?  
**Muito jovem** – Santa Isabel; durante a **juventude** - Abbé Pierre e "o jovem voluntário"; já na **idade adulta** - S. João de Deus;
- A que classes sociais pertenciam?  
**Alta** - Santa Isabel; **média** - Abbé Pierre e "o jovem voluntário"; **baixa** - S. João de Deus;
- Dedicaram-se apenas ao serviço dos outros?  
Levaram uma vida de oração.

Vimos apenas 4 casos. Mas de certeza que conhecem muitos outros. Quais, por exemplo? (*Ouvir os adolescentes*)



Tentemos descobrir a resposta, com a ajuda do diaporama "A vocação do grão de trigo" (Doc. 2).

No debate, após a visualização do diaporama, tenha-se em conta:

- A mensagem fundamental do diaporama.
- A verdadeira importância do grão de trigo, isto é, qual a sua missão.
- As semelhanças que pode haver entre a missão do grão de trigo e a nossa.

Conhecem pessoas cuja vida e missão se assemelha à história do grão de trigo? (Ouvir os adolescentes).

2. Qualquer que seja a alternativa escolhida, o encontro deve continuar com a seguinte síntese:

Hoje começámos por reflectir sobre os nossos dons e capacidades, partilhámos opiniões e vimos tantos casos de pessoas que dedicaram a vida em favor dos outros.

- Sabemos também que há muitas outras que não o fazem. Talvez seja mesmo a maioria. E por que não o fazem? (Ouvir os adolescentes)
- E essas pessoas serão verdadeiramente felizes? (Ouvir os adolescentes)
- E por que é que as que se dedicam aos outros, encontram nisso a fonte da sua felicidade? Dá a impressão de que deveria ser o contrário: sobretudo aquelas que, com isso, gastam o que têm, às vezes até a própria vida. São felizes porquê?

3. Não vamos responder hoje a esta última pergunta, mas ficam a pensar nela. Procurem, durante esta semana, a resposta. E, no próximo encontro, iremos confrontar as vossas respostas umas com as outras e, todos, com as respostas que nos dá Jesus. E para que Ele, desde já nos ajude, proponho que lhe façamos uma breve oração. Cantaremos, no princípio e no fim, o cântico com que começámos este encontro.

Mas, durante a semana não vão apenas pensar na questão proposta. Estejam, ao mesmo tempo, atentos a tudo o que nos rodeia, detectando situações em que podem ser úteis. Depois registem no catecismo as situações que mais vos chamarem a atenção.

Registem, também, o que sentem, quando prestam ajuda. Isso, de certeza, que nos vai ajudar a responder à questão: por que são felizes as pessoas que dedicam as suas vidas a fazer o bem aos outros?

Então, com o pensamento no Senhor que nos dá força, catemos: **"O Senhor é a minha força"**.

### **PARA INTERIORIZAR**

Senhor concedei-nos a capacidade de:

Escutar

Dialogar

Sorrir

Sentir

Ajudar

Amar

E dar a nossa vida em favor dos outros.

**Cântico: "O Senhor é a minha força".**

## **2º Encontro - QUEM É O MEU PRÓXIMO**

Com o pensamento no **Senhor** que nos dá força, catemos: **"O Senhor é a minha força"**.

1. Espero que o Senhor vos tenha ajudado, durante a semana, a realizar as duas tarefas que vos propus:
  - a) Estiveram atentos às necessidades dos outros? O que descobriram e fizeram? (*Ouvir os adolescentes*)
  - b) E que sentiram: primeiro, naquilo que viram e, depois, naquilo que fizeram? (*Ouvir os adolescentes*)

Pelo que percebo, sentiram-se mal e até revoltados com o mal dos outros. E sentiram-se felizes, quando lhes prestaram ajuda. Sentiram o mesmo que sentiam aquelas personagens de que falámos no último encontro. Ainda se lembram de algumas? (*Ouvir os adolescentes*)

Resta a pergunta: por que nos sentimos bem, quando fazemos o bem aos outros? Quando pomos os nossos bens e os nossos talentos ao serviço deles, por que é que isso nos faz felizes? (*Ouvir os adolescentes*)

## **II. PALAVRA**

2. Não vou, para já, comentar as vossas respostas. Prefiro que as confrontem com a resposta de Jesus. É uma resposta a uma pergunta que um escriba um dia lhe fez. E a pergunta do escriba é, no fundo, a pergunta de cada um de nós e de todas as pessoas. Vamos então ver a pergunta e a resposta de Jesus.

3. Podem abrir as vossas Bíblias em **Lc 10, 25-42**. O texto está dividido em três partes. Vamos ler, para já, a primeira parte: **10, 25-28**. Para tornar a leitura mais viva, podemos dividir os intervenientes por vós: um faz de narrador, outro de escriba ou doutor da lei e outro de Jesus.

“E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês? E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. E disse-lhe: Respondeste bem; faz isso, e viverás”.

*(Depois da leitura:)*

- Então qual é a questão do escriba? *(Ouvir os adolescentes)*  
E é ou não uma questão de toda a gente? *(Ouvir os adolescentes)*  
Sim, quem é que não deseja ter uma vida verdadeiramente feliz? Uma vida liberta de tudo o que a limita e a destrói? Uma vida em que não haja mais morte? Reparem como todas as pessoas anseiam e lutam por uma vida assim.
  
- Qual é a resposta de Jesus? A do próprio Deus. Jesus envia o escriba para o que Deus diz na Bíblia: o total e exclusivo amor a Deus, segundo Dt 6, 4; e o amor ao próximo, como a nós próprios, segundo Lv 19, 8. Primeiro o amor a Deus, porque quem ama a Deus tem de amar os outros.  
O comentário de Jesus é claro: “faz isso e viverás”. Quem ama a Deus e ao próximo está em Deus e Deus nele. E quem está em Deus tem a vida à dimensão de Deus, é plenamente feliz.

Mas o texto continua. Resta saber **qual a extensão do amor aos outros**. Daí a nova pergunta do escriba e a respectiva resposta de Jesus: em **Lc 10, 29-37**. Vamos ler, com as mesmas personagens.

“Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão; e, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; e, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar. Qual, pois, destes três te parece que foi o

próximo daquele que **caiu nas mãos dos salteadores**? E ele **disse**: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: **Vai, e faz da mesma maneira**".

*(Depois da leitura:)*

- Então que extensão deve ter o amor, para ser caminho para a vida eterna? *(Ouvir os adolescentes)*

Em primeiro lugar, reparem como Jesus responde através duma parábola, uma história em que o amor aparece ao vivo. Não basta saber que se deve amar. O sacerdote e o levita sabiam isso muito bem, até por dever de ofício. Faltava-lhes a prática: **só ama quem realmente faz o bem**. Já antes Jesus tinha dito: "faz". E no final desta parte, repete: "Vai e faz tu também o mesmo".

Em segundo lugar, **o amor não tem limites de pessoas**. É muito interessante que seja um samaritano a fazer o bem. Samaritanos e Judeus não se davam. Um samaritano não fazia o bem a um judeu e vice-versa. Pois bem: aqui é um inimigo a fazer bem a outro inimigo: aquele bem que os concidadãos (o sacerdote e o levita) não foram capazes de fazer.

E, estando Jesus a falar para um judeu, o escriba, é provocatório o desafio que lhe faz, ao apresentar-lhe um inimigo como modelo do amor. Daí que, depois de contar a parábola, Jesus, na pergunta que faz, inverta a ordem: enquanto que, no princípio, o escriba perguntava "Quem é o meu próximo" (v. 29), no fim Jesus pergunta: "Qual destes três te parece ter-se tornado próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?" (v. 37). Isto é, próximo é aquele que se aproxima, mesmo dos adversários: próximo é o samaritano que se aproxima e socorre um judeu; como próximo deve ser o judeu que se aproxima dum samaritano. É que, no amor verdadeiro, o mais importante é o outro, seja qual for a sua condição social, política ou religiosa. Por ele, eu venço todas as barreiras.

Em terceiro lugar, **o amor não pode ter limites na sua intensidade**. Reparem no que fez o samaritano ao judeu: prestou-lhe os primeiros socorros, cedeu-lhe a montada, indo ele a pé, e levou-o para a estalagem. Mais: no fim pagou as despesas e deixou ordem para, no caso de ser necessário, porem na conta dele outras despesas. Mais não podia fazer. O amor verdadeiro é movido pela misericórdia, isto é, a atitude em que o outro, na sua miséria, ocupa o lugar central no nosso coração.

- Quem faz assim, está a caminho de uma vida sem limites, porque vive um amor ilimitado: na intensidade (dá-se todo), na extensão (dá-se a todos) e na realização concreta (pela prática do bem). Quem ama assim, pode dizer-se que Deus ama nele. E se Deus está nele participa já da sua vida. E é feliz.
- Esta é a razão profunda pela qual se sente feliz quem ama. E quanto mais ama, mais feliz. Vós, pelo que contastes, sentis isso mesmo. Sentis que a vossa vida transcende a vossa pessoa, e para ser partilhada por aqueles a quem fazeis o bem: a vida deles

é também a vida que lhes dais. E quanto maior for a vida deles, maior é a vossa, porque lhes dais mais.

Não será isto que vos faz felizes, quando pondeis as vossas qualidades, ao serviço dos outros? (*Ouvir os adolescentes*)

- Provavelmente alguns de vós já perguntaram: mas é realmente possível amar assim, com um amor sem limites? É uma pergunta tão importante como tudo o que dissemos até agora.

Não o fazemos para baixarmos os braços, mas porque sabemos que a felicidade só é possível por um amor ilimitado. Não é isso que tanto desejais?

Ainda bem que no encontro anterior vimos vários casos de pessoas que alcançavam essa felicidade pelo amor.

Falta-nos ver o exemplo maior: o da pessoa que se tornou modelo e fonte de amor para a maioria dos exemplos que vimos. Deixemos que S. Lucas no-lo apresente em **Lc 10, 38-42**. Agora, além de um narrador e de um que leia as palavras de Jesus, precisamos de quem leia as palavras de Marta.

“E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa; e tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Diz-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada”.

(*Depois da leitura:*)

- Não acham estranho o elogio de Jesus a Maria por ter “escolhido a melhor parte, que não lhe será tirada”? Será que o que Marta fazia estava mal? Não estava a fazer a Jesus, o que Ele imediatamente antes ordenara fazer, para se alcançar a vida eterna: a prática do amor? Então, o que lhe faltava? (*Ouvir os adolescentes*)

Faltava o fundamento para esse amor: a Palavra de Deus que Jesus encarnou mais do que ninguém. Para que o amor atinja a dimensão ilimitada de Deus, temos que nos abrir a Ele, escutando Aquele que, mais do que ninguém pôs em prática esse amor.

O que fez o Bom Samaritano, realizou-o Jesus de um modo pleno: durante a sua vida pública, vencendo todas as fronteiras entre as pessoas, e sobretudo com a sua morte, em que se deu todo por todos.

Só contemplando-o e adorando-o como Crucificado Ressuscitado Ele se apodera de nós e nos capacita para o amor que nos faz plenamente felizes. (*O catequista pode apontar o crucifixo e deixar contemplá-lo*).

O que falta a muitas pessoas que desistem do amor, pelos sacrifícios, incompreensões e até perseguições que ele tantas vezes implica, é a atitude de Maria: escutar e contemplar Jesus, ou melhor, Deus que nele se revela.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. No fundo é o que temos estado a fazer: durante todo este encontro quase não fizemos outra coisa que escutar Jesus.

Perguntámos-lhe: "Que hei-de fazer para alcançar a vida eterna". E Ele respondeu-nos: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Desafiou-nos depois a fazermo-nos próximos de todos.

E agora acaba de dizer-nos que é preciso unirmo-nos a Ele para podermos amar à sua medida. Portanto, estivemos, até agora, a contemplar Jesus.

Quer isso dizer então que nos podemos ir embora, sem mais? Não. Até agora ouvimos Deus falar através de Jesus. Falta a nossa resposta: a nossa oração de entrega a Deus. E que melhor entrega, senão a de louvor?! Louvor pelo que Ele fez e continua a fazer por meio de Jesus.

Vamos louvá-l'O com uma das orações que dizemos na missa, antes de fazermos o memorial da Última Ceia. Trata-se do prefácio e é recitado a seguir à apresentação dos dons. No final, cantaremos, o Santo. Para isso, convido-vos a porem-se de pé.

*(O catequista recita o diálogo introdutório, menos a saudação inicial – "O Senhor esteja convosco" – reservado para os ministros ordenados).*

**Cat.:** Corações ao alto.

**Todos:** O nosso coração está em Deus.

**Cat.:** Dêmos graças ao Senhor nosso Deus.

**Todos:** É nosso dever, é nossa salvação.

**Cat.:**

Senhor, Pai Santo, Deus eterno e onipotente,  
é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação  
louvar-vos e dar-vos graças,  
em todos os momentos da nossa vida,  
na saúde e na doença, no sofrimento e na alegria,  
por Cristo, vosso Servo e nosso Redentor.

Na Sua vida mortal,  
ele passou fazendo o bem  
e socorrendo todos os que eram prisioneiros do mal.  
Ainda hoje, como um bom samaritano,  
vem ao encontro de todos os homens

atribulados no corpo ou no espírito  
e derramou sobre as suas feridas  
o óleo da consolação e o vinho da esperança.  
Por este dom da vossa graça,  
também a noite da dor se abra à luz pascal  
do vosso Filho crucificado e ressuscitado.

Por isso, com os Anjos e os Santos,  
proclamemos a vossa glória,  
cantando numa só voz:

*(Prefácio comum VIII)*

**Todos:** Santo, Santo, Santo...

### *Para guardar na memória e no coração*

**“Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”**  
**Ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, Jesus «amou-os até ao fim», pois «não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (cf CIC 609).**  
**“Cristo morreu por amor de nós, sendo ainda «inimigos» (Rm 5,10). O Senhor pede-nos que, como Ele, amemos até os nossos inimigos (...)” (CIC 1825).**  
**Pela caridade, amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, por amor de Deus. “A caridade é o «vínculo da perfeição» (Cl 3,14) e a forma das virtudes” (CIC 1827).**

2. Gostaria agora de vos convidar a registar o compromisso que vão assumir, respondendo às duas questões que se encontram no catecismo.
- Que vou eu fazer para que a Palavra de Deus seja o centro da minha vida e a fonte do amor que leva à vida eterna?
  - Que vou eu fazer, de concreto, para ajudar as pessoas que conheci ao longo da semana, em situações precárias ou até miseráveis?

*O encontro pode terminar com o cântico: “Nós te seguiremos”.*

*Nota: Para o tema do próximo encontro, veja-se o que é sugerido no princípio do desenvolvimento do primeiro encontro.*

#### DOCUMENTO 1

##### **SANTA ISABEL DE PORTUGAL (1270-1336)**

Santa Isabel nasceu em Espanha em 1270. Ainda muito jovem, foi dada em casamento a D. Dinis, rei de Portugal, de quem teve dois filhos.

D. Dinis era um homem de fraca fé cristã, violento e infiel. Porém, Sta. Isabel suportou estas e outras contrariedades heroicamente.

Levantava-se muito cedo para recitar os salmos, assistia à missa, fazia sacrifícios e dedicava-se ao trabalho da corte sempre com bondade. No tempo livre, fazia roupas para os pobres, visitava idosos e doentes.

Depois de D. Dinis morrer, abandonou o palácio, em 1325, despojou-se dos seus bens e foi viver para o Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra.

Foi de uma generosidade heróica, chegando, por exemplo, a beijar os pés a leprosos. São-lhe atribuídos muitos milagres. O mais conhecido é aquele em que transformou em rosas o pão para os pobres, quando o rei, desconfiado, lhe pediu que mostrasse o que levava no regaço.

Na sua velhice procurou ser mediadora num acordo de paz entre o seu filho, D. Afonso IV, e um seu neto, rei de Castela. Para isso, e apesar da idade, lançou-se numa longa viagem e por caminhos perigosos. Esta viagem custou-lhe a vida. Ao sentir que a morte estava próxima, pediu que a levassem para o convento das clarissas que ela mesmo fundara. Morreu a 4 de Julho de 1336 e foi canonizada em 1625.

Santa Isabel levou uma vida humilde, de sofrimento e oração. Foi também mensageira da paz e exemplar praticante das obras de misericórdia, dando tudo em favor dos pobres.

##### **S. JOÃO DE DEUS (1495-1550)**

S. João nasceu em Montemor-o-Novo a 8 de Março de 1495. Ainda criança, foi para a Espanha, onde se fez pastor e mais tarde militar. Levou uma vida de busca de sentido, a maior parte do tempo, sem saber do que andava à procura.

Já com 42 anos, fixou-se em Granada. Durante a estadia nesta cidade, ao ouvir um sermão de S. João de Ávila, ficou de tal modo emocionado, que teve de ser internado. Durante o internamento, foi tratado como um louco, por exemplo, com açoites. Revoltado contra tais tratamentos, dedicou-se aos doentes mentais.

Em 1539 fundou, em Granada, um pequeno hospital, que se torna modelo para a época. Começaram a chamar-lhe João de Deus.



A sua caridade era total e alargada: ajudou os mais pobres e enfermos, as crianças abandonadas a terem novamente uma família, as prostitutas, tirando-as da rua e arranjando-lhes meios de subsistência.

Morreu em 8 de Março de 1550, no dia em que fazia 55 anos. Foi canonizado em 1690. Este homem, ao dar-se, como um pai, aos mais carenciados, deixou-nos um apelo à mesma solidariedade.

### **ABBÉ PIERRE (1912-2007)**

Chamava-se Henri Grouès e nasceu em Lion, a 5 de Agosto de 1912, numa família católica e abastada. Era o 5º de 8 irmãos. Em 1940 ingressou nos Capuchinhos, depois de repartir entre os necessitados grande parte da sua herança. De frágil saúde, deixou a vida monacal, para ser sacerdote da Diocese de Grenoble.

Durante a 2ª Guerra Mundial, empenhado na resistência anti-nazi, salvou muitas vidas e passou a ser chamado Abbé Pierre. Preso pela Gestapo, conseguiu fugir para a Argélia. De volta a Paris, foi deputado da Assembleia Nacional entre 1945 e 1951.

Em 1947 adquiriu uma casa para pessoas sem-abrigo. Numa noite de 1949, recebeu um criminoso que desafiou a colaborar na construção de mais casas. Começou assim o "Movimento de Emaús", formado por comunidades de pessoas pobres que, através da recuperação e reutilização do que é lançado fora, ganham o seu sustento e ajudam outras em piores condições. Hoje são 84 em todo o mundo, uma delas em Lisboa e duas no Porto. Para a sua divulgação, contribuiu muito a campanha que, no Inverno rigoroso de 1954, lançou pela rádio e a que chamou "a insurreição da bondade". Repetiu-a a 2004 com um novo "Manifesto contra a pobreza".

Em 2003 foi nomeado o personagem mais popular na França. Sobretudo nos últimos anos, passava muito do seu tempo em oração e reflexão, escrevendo vários livros. Morreu a 22 de Janeiro de 2007.

### **JOVEM VOLUNTÁRIO (1985 -)**

Sou mãe. O meu filho cresceu mimado por mim. Nunca lhe faltou nada. Foi sempre bom aluno. Teve sempre bom coração. Nunca passou férias sozinho ou com amigos. Viveu sempre em família. Um dia chegou a casa e disse-me que queria partir. Havia gente no mundo a precisar dele. Assustei-me um pouco. Nunca pedira nada. Que queres fazer? Falou-me então do Serviço Voluntário Europeu. Toda a família reagiu mal. Tentámos contrariá-lo. De nada serviu. Estava determinado.

Vi-o partir de lágrimas nos olhos. O mundo lá longe é tão perigoso!  
Partiu e voltou. Vinha diferente. Mais aberto, mais comunicativo, mais organizado e a partilhar todas as tarefas de casa. Vinha sobretudo muito feliz. Falou-me da sua experiência, dos seus sentimentos e eu finalmente percebi o que significa "dar sem receber nada em troca".

Não, não era assim... O meu filho e toda a família recebeu muito desse mundo desconhecido. Estamos todos agora de olhos mais abertos, de mãos mais estendidas. Tentámos dar-lhe objectos e ele apenas queria gestos e emoções.

Anónima, 2003

*(O catequista pode optar por outros testemunhos, como: os de S. Martinho de Tours, B. Frederico Ozanam, S. José Moscati, P. Cruz.)*

#### Quadro resumo para o plenário

	<b>Santa Isabel</b>	<b>S. João de Deus</b>	<b>Jovem voluntário</b>	<b>Abbé Pierre</b>
<b>Quem foi?</b>				
<b>O que viu?</b>				
<b>O que fez?</b>				

## DOCUMENTO 2

### A VOCAÇÃO DE UM GRÃO DE TRIGO

“Era uma vez um grão de trigo. Foi escondido na terra pela mão do lavrador. No escuro, debaixo da terra, o grão pensava para si mesmo: «Porque é que vim aqui parar? Não escolhi este lugar, nem tão triste solidão! Eu nasci para ser grão! Porque me veio enterrar o lavrador? Tenho vida para dar!». E continuava a gritar o pobre, esquecido no seio da terra mãe.

O tempo ia correndo e o pobre grão sofria sem ver o fim ao seu desterro. Até que a terra intervém e, agarrando-o bem a si, segreda-lhe com carinho: «Se aceites o desafio que está dentro de teu ser!... Se não tens medo de romper a capa que te atrofia, verás de novo alegria e a vida renascerá. Multiplicarás o teu valor, serás pão, serás amor, n’Aquele que se dá a nós.»

E o grãozinho, sorrindo, dia-a-dia, foi-se abrindo, e a planta nova nasceu e deu fruto como o prometido.”

## FILMES

- **“Favores em Cadeia”** - Realização - Mimi Leder; Intérpretes - Kevin Spacey; Helen Hunt; Haley Joel Osment; Jay Mohr; James Caviezel; Jon Bon Jovi. Ano 2000, EUA, género – Drama.

### *Resumo*

Imaginem isto. Fazemos um favor a alguém, que realmente ajude, e dizemos que não queremos que este nos seja retribuído, mas sim a três outras pessoas que, em troca fazem o mesmo a outras três, e assim sucessivamente, criando uma cadeia crescente de bondade e respeito. Impossível? Esta é uma palavra que não entra no vocabulário do pequeno estudante Trevor McKinney.

Qual será o impacto que uma ideia tão pura e sincera pode ter?

- **“Lista de Schindler”** - Realizador: Steven Spielberg; - Actores principais – Liam Neeson, Ben Kingsley. Duração: 197 minutos, (1993)

### *Resumo*

Schindler, um empresário alemão, salvou a vida de mais 1100 Judeus Polacos durante a Segunda Guerra Mundial, escolhendo-os para trabalhar na sua fábrica, colocando a sua vida em risco.

## ACTIVIDADES

- Procurar conhecer os movimentos existentes na nossa paróquia que se dedicam a auxiliar os mais pobres, como, por exemplo: Conferências de S. Vicente de Paulo.
- Pesquisar outros modelos de entrega total aos outros, no Livro de: Oliveira, José H. Barros, *Santos de todos os tempos: Vinte séculos de Santidade*, 2003, Paulus Editora.

## PÁSCOA: DA MORTE À VIDA

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Morrer para viver

O ciclo da natureza, que em cada Outono e Inverno se despe, para renascer na Primavera com nova vida, evoca a realidade da nossa existência. Todos passamos por muitas situações em que é necessário «morrer», para ter mais vida: recomeçar algo de novo, superar um insucesso.

Muitos dos «cortes» que fazemos, têm uma finalidade algo egoísta: para conseguir uma carreira, para ganhar mais dinheiro, obter um troféu. Mas há «cortes» e sacrifícios de verdadeiro amor, que dão sentido e um novo impulso à vida humana. Veja-se o que acontece com o amor da mãe pelos seus filhos.

##### 2. O sentido da morte de Cristo

“Jesus, sabendo que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13, 1). Este amor extremo é o sacrifício perfeito: ao mesmo tempo dom do Pai, que entrega o seu Filho, e oblação do Filho, que livremente se oferece. Assim se realiza o sacrifício único e definitivo, o sacrifício da Nova Aliança, que restabelece a comunhão entre Deus e o homem (cf CIC, 613).

Com as palavras proferidas por Jesus na cruz, os evangelistas ajudam-nos a perceber o significado da sua morte. São, na sua maioria, palavras provenientes do Saltério: do conjunto de orações em que o crente procura, exprime e mantém a sua relação vital com o Deus da vida.

Assim, segundo Mt 27,46 e Mc 15,34, Jesus “Clamou com voz forte: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» Não é um grito de desespero. É o início do SI 22, um dos mais significativos salmos, chamados do “justo sofredor”. Na primeira parte o justo desabafa com Deus a dor pela injustiça do terrível sofrimento de que está a ser vítima (vv.2-22). É um autêntico grito de libertação que o leva, na segunda parte, a um louvor

que se vai tornando cada vez mais intenso e extenso (vv.23-32). É em Deus que o sofrimento do justo se torna entrega da vida, com todos os efeitos salvíficos, no próprio e naqueles pelos quais dá a vida. Daí o grandioso louvor pela salvação concedida por Deus: o louvor a que aderem os que se vêem salvos pela união com o Ressuscitado.

S. Lucas opta pelas palavras do Sl 31,6, também ele constituído por um grito de socorro, de confiança e de entrega ao Deus da vida: "Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (23,46). Uma entrega a Deus pelos homens, a começar por aqueles que lhe tiram a vida. Pouco antes Jesus rezava: "Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem" (23,34). No perdão vai a maior oferta de amor, que transforma e salva os que o acolhem. Foi o caso do salteador arrependido: "Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso" (23,43).

S. João preferiu destacar a frase do Salmo 22,16: "Tenho sede" (15,28). É a mesma sede e fome, manifestada em 4,34: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra". Chega finalmente a hora dessa consumação: "Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Está consumado». E, inclinando a cabeça, entregou o Espírito" (19, 30). É deste Espírito divino, única fonte de vida, que irão beber os discípulos, para, transformados por Ele, se tornarem testemunhas do Ressuscitado, do seu perdão (cf 7,37-39; 20,19-23).

### **3. Unidos à Paixão de Cristo**

Pelo sacrifício da cruz. "Jesus uniu-se, de certo modo, a cada homem e a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal" (GS 22). Convida os discípulos de todos os tempos a seguirem os seus passos, a tomarem a sua cruz e a segui-Lo (cf Mc 8,34). É o caminho de todos os santos. Um dos exemplos mais impressionantes é o da portuguesa, Beata Alexandrina da Costa (1904-1955), que viveu misticamente, no corpo e no espírito, a Paixão de Jesus, desde a agonia do Getsémani até à Crucificação no Calvário.

A via-sacra, pela qual os cristãos revivem os passos do Senhor, é um ótimo exercício para nos ajudar a captar e a assumir na vida o sentido da paixão e morte do Senhor. Irá, por isso, fazer parte integrante desta catequese.

Para isso, e não apenas para esta catequese, é necessário que o catequista saiba percorrer a sua própria "via sacra": saiba fazer dos seus sofrimentos, das suas renúncias, dos seus sacrifícios, uma oferta da própria vida, num acto de amor. Só assim está em condições de ser mediador da salvação recebida de Cristo, nomeadamente para os catequizandos a quem é chamado a entregar-se, na via sacra da sua vida. Empenhe-se, para já, em preparar bem esta catequese, em união com Cristo morto e ressuscitado.

## OBJECTIVOS

- Tomar consciência de que há "mortes" que trazem vida.
- Compreender que Jesus deu a sua vida por amor.
- Celebrar a via-sacra como o caminho que nos trouxe a salvação.

## OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta catequese divide-se, como as outras, em dois encontros. É possível que o primeiro encontro tenha de durar mais do que uma hora. É mais uma razão para que a catequese seja cuidadosamente preparada, com a colaboração dos adolescentes na sua execução. No primeiro encontro, parte-se de uma parábola, cujo significado tem a ver com a doação total ao outro. Para aprofundar a Palavra, são propostos trabalhos de grupos, cujo objectivo é a descoberta do significado profundo da entrega que Cristo fez da sua vida. Nas tiras de cartolina de duas cores, distribuídas a cada grupo, serão registadas, nas de uma cor, as palavras de Jesus na cruz, nas da outra cor, os sentimentos que essas palavras exprimem. A oração, na expressão da fé, será construída pelos adolescentes. No segundo encontro, celebra-se a via-sacra. Para as várias opções propostas e a sua realização, vejam-se as orientações dadas na introdução da catequese 8.

## MATERIAIS

### 1º Encontro

- Caneias ou lápis para cada um;
- Cópias do Doc. 1;
- Cartolinas de duas cores;
- Marcadores;
- Dísticos: "Amor"; "Perdão"; "Salvação"; "Confiança"; "Consumação"; "Entrega".

### 2º Encontro

- Bíblias;
- Cruz (construída em conjunto no final do encontro anterior);
- 2 velas grandes;
- Uma pequena vela por cada participante;
- Leitor de CD;
- Projector Multimédia (no caso de escolher a última opção);
- Imagens que ilustrem cada estação da via-sacra.

## MÚSICAS

- "Vou falar-te de um Amigo";
- "Felizes sereis", de Rocha Monteiro;
- Música suave para acompanhar a via-sacra.

### 1º Encontro – JESUS DÁ A VIDA

#### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

*(Se o tempo for escasso, reduzem-se as tarefas da Experiência Humana, por exemplo, ao ponto 3. Os pontos 1 e 2 podem ser realizados durante a semana anterior a partir do catecismo)*

Ainda se lembram do tema da última catequese: a partilha feliz da vida pelos outros? *(Ouvir os adolescentes)*

E há algum de vós que tenha feito algo de concreto nesse sentido? *(Ouvir os adolescentes)*  
Acho que fica bem aqui a canção **“Vou falar-te de um Amigo”**. Depois veremos porquê. Vamos ouvir.

1. Vamos também nós falar desse Amigo. Vale a pena, pelo que Ele fez pelos outros, por nós. Mas, comecemos por escutar uma parábola:

#### A CANA DE BAMBU

“Havia um jardim junto da casa do Senhor. De todas as plantas, a preferida do Senhor era uma cana de bambu, esbelta e elegante.

Um dia, o Senhor aproximou-se dela e disse-lhe:

- Preciso de ti. E, para contar contigo, preciso de te arrancar.

- Arrancar-me? Falas a sério? Tudo, menos isso.

- Se não te arranco, não me servirás.

- Senhor, se não podes servir-te de mim sem me arrancares, arranca-me!

- Minha querida cana, ainda não disse tudo. É necessário que te corte as folhas e os ramos.

- Senhor, não me faças isso! Converter-me-ei numa planta ridícula!

- Se não te corto as folhas e os ramos, não me servirás.

- Está bem, Senhor, corta-mas.

- Minha querida cana de bambu, tenho ainda uma coisa a pedir-te. Terei que te cortar em duas e tirar toda a seiva. Sem isso, não servirás para nada.

A cana de bambu não sabia que dizer. Lançou-se ao chão e ofereceu-se toda ao Senhor.

Então o Senhor cortou as folhas e os ramos, partiu-a em dois e extraiu-lhe a seiva.

Depois foi para junto de uma fonte de água fresca, próxima dos campos que há muito morriam de sede. Com muito carinho atou uma ponta da cana à fonte e a outra colocou-a no

campo. A água que manava da fonte começou, pouco a pouco, a deslocar-se para os campos através da cana de bambu. O campo começou a ficar verde. Quando chegou a Primavera, o Senhor plantou arroz. Os dias foram passando, até que chegou o tempo da colheita. Com ela o Senhor pôde alimentar o seu povo".

2. Durante uns minutos tentem encontrar as respostas para as questões seguintes:  
(Distribuir cópias do Doc. 1)

- Para ti quem representa a cana de bambu? É o Senhor?
- Tenta colocar-te no lugar da cana de bambu. Eras capaz de deixar tudo o que tens (jogos, amigos, telemóvel, etc.), se alguém, a quem tu amas, to pedisse?
- Na tua vida já deixaste de fazer algo de que gostavas, para que outros encontrassem a alegria e a paz? Se sim, o quê?
- Conheces alguém que tenha procedido como a cana de bambu? Que entregasse a sua vida em favor dos outros?

3. Durante o plenário o catequista deve ir realçando, como ideias principais:

- Há muitas situações na vida em que "morrer" leva à vida: quando se recomeça algo de novo, para superar um insucesso, quando se trocam maus hábitos por outros mais saudáveis, etc.
- Por vezes é necessário que alguns membros da família façam sacrifícios, para que ela se mantenha unida, reencontre a paz e a alegria.
- Ao longo dos tempos, vários foram os mártires que ofereceram a sua vida em favor de uma causa ou da vida de muitos.

Em suma, os «cortes» e sacrifícios que se fazem por amor, dão sentido à vida humana. O exemplo mais grandioso é o de Jesus, particularmente, na entrega da sua vida na cruz. Merece, por isso, toda a nossa atenção.

## II. PALAVRA

1. Como não podemos ler aqui todos os relatos da paixão e morte de Jesus, vamos concentrar-nos num ponto muito importante: as últimas palavras ditas por Jesus antes de morrer.

Vamos dividir-nos em grupos, e cada grupo analisa apenas um evangelho. Registem no catecismo, não só as palavras ditas por Jesus, mas também os sentimentos que elas podem exprimir.



São estas as passagens bíblicas:

- Mt 27,35-50
- Mc 15,21-37
- Lc 23, 33-46
- Jo 19, 17-30.

*O catequista distribui por cada grupo uma folha com o esquema ampliado do Doc. 2, mas sem as respostas. Prepara ainda uma folha, com o mesmo, mas em formato tal, que permita a leitura por todos. É nesta última folha que, no plenário, serão escritas as respostas de todos os grupos. Em vez das folhas, pode distribuir tiras de cartolina de duas cores, uma para os adolescentes registarem as frases e a outra para os sentimentos.*

*Durante o plenário o catequista vai aprofundando o sentido das palavras de Jesus e os sentimentos que exprimem. Sobretudo neste segundo ponto, os sentimentos, procure que entrem no diálogo, depois do grupo que deu a resposta, todos os restantes adolescentes.*

2. Vamos começar pelo **Evangelho de S. Mateus**. Quais foram as últimas palavras de Jesus? *(Ouvir o grupo)*

Podemos ver já também as palavras no **Evangelho de S. Marcos**. *(Ouvir o grupo)*

A diferença é esta: S. Mateus apresenta as palavras de Jesus em hebraico, a língua em que foi escrito o Antigo Testamento, enquanto S. Marcos as apresenta em aramaico, a língua então falada na Palestina.

E que sentimentos é que podem exprimir as palavras? *(Ouvir os dois grupos)*

Não vos parece que se trata dum grito de desespero? *(Ouvir os adolescentes)*

Para já exprimem uma grande solidão. E, na **solidão**, é muito maior o **sofrimento**. Não acham?

- Jesus via-se abandonado primeiro pelos discípulos: um tinha-o atraído, outro negado e os outros fugido.
- Mas pior que isso sentia-se **abandonado pelo próprio Deus**. Entre os Judeus, quem fosse condenado à morte na cruz, era considerado um amaldiçoado por Deus. E tudo indica que Jesus sentia esse abandono.

Terrível, não acham? Não tinha Ele razões mais que suficientes para estar desesperado? *(Ouvir os adolescentes)*

Não, Jesus não estava desesperado. Há pelo menos **dois sinais** do contrário:

- 1º As palavras que Ele diz são uma **oração**. E não é uma oração qualquer. São as primeiras palavras do SI 22. Portanto, palavras tiradas da Bíblia, a Palavra de Deus. **Jesus reza a Deus, com as palavras do próprio Deus.**

E quem assim **se une a Deus**, não pode estar desesperado. Significa sim que a sua última esperança está em Deus. Quem não reza é porque perdeu toda a esperança. Jesus abandona-se Àquele que, na maneira de pensar de então, o tinha abandonado. Entrega-se como um abandonado. Oração mais intensa não existe.

- 2º Reparem que tanto S. Mateus como S. Marcos introduzem a oração de Jesus com a mesma expressão com que introduzem a notícia da sua morte. Ambos falam num "grande grito" ou numa "voz forte". E S. Mateus não diz que Jesus "expirou", mas que "entregou o espírito". Ligando as duas passagens, podemos concluir que Jesus morreu, rezando. O mesmo espírito com que rezou, foi o mesmo com que expirou. Numa palavra: **a morte de Jesus, envolvida em oração, foi uma total entrega a Deus**. Por isso Ele triunfou sobre a morte: em Deus, não se morre mais.

Podemos passar ao Evangelho de S. Lucas. Quais foram nele as últimas palavras de Jesus? (*Ouvir o grupo*)

E que exprimem? (*Ouvir os adolescentes*)

São três frases que se completam.

1. Podemos começar pela última, a mais importante. Também é uma oração. E, mais uma vez, uma oração dum salmo: Sl 31,6. S. Lucas preferiu as palavras deste salmo, provavelmente porque lhe parecia que exprimiam ainda melhor o que já diz o Sl 22,2. E também S. Lucas liga essa oração de Jesus à sua morte, que foi assim uma **entrega total a Deus**.
2. Estas palavras foram precedidas de uma outra oração: **o pedido a Deus para que perdoe a quem O está a matar**. Ora o **perdão** só é possível a quem ama. É o amor pleno, ilimitado, que só Deus tem. Portanto nesta oração, Jesus, não só exprime a sua **total união total com Deus**, mas pede a Deus que se una totalmente aos homens. Ou melhor, pede para que os homens acolham o perdão, o amor extremo de Deus, ao vivo em Jesus naquele sofrimento terrível.
3. Com isto, já percebemos o que Jesus diz ao malfetor arrependido: "Hoje estarás comigo no Paraíso". Ele arrependeu-se, levado pelo **perdão** que Deus oferecia em Jesus: um **amor que salva** quem o acolhe e se **confia** a quem O ama. Só assim se entra no Paraíso de Deus, do amor.

Falta o Evangelho de S. João. Quais são aí as palavras de Jesus? (*Ouvir o grupo*)

E que poderão significar? (*Ouvir o grupo*)

1. As primeiras são como que um testamento. **Jesus entrega** o resto daquilo que possui: **primeiro a mãe e depois o melhor discípulo**. Entrega um ao outro, para que neles e entre eles continue o seu amor. É desse amor que vive a nova família de Jesus, a Igreja.
2. A segunda palavra em S. João, é do Sl 22,16. De que tem sede Jesus? (*Ouvir os adolescentes*)  
É a que é causada pela angústia. Mas é, também e muito mais, a sede daquilo que Ele sempre fizera, e agora faz do modo mais completo "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra" (Jo 4,34).
3. Compreendemos assim a sua última palavra, depois de tomar o vinagre do sofrimento: "Tudo está consumado". O quê? **O cumprimento da vontade do pai**, no amor com que dá a vida, entrega o Espírito, o mesmo Espírito que, como Ressuscitado, irá transmitir aos seus discípulos, para, por meio deles, libertar os crentes para o mesmo amor.

Com que palavra-chave poderíamos resumir os sentimentos de Jesus na cruz?

*Em silêncio, afixar em volta do crucifixo os dísticos: "Amor"; "Perdão"; "Salvação"; "Confiança"; "Consumação"; "Entrega".*

*(Deixar contemplar. Depois perguntar:)* Querem juntar mais alguma palavra? (*Ouvir os adolescentes*) Se sugerirem outras escrevam-se mais cartolinas.

3. Todas estes sentimentos não podem deixar-nos insensíveis.  
Não somos os únicos. Há muitas outras pessoas que, hoje e no passado, se deixaram conquistar de tal modo pelo amor de Jesus na cruz, que as suas vidas se transformaram. Tudo fizeram por ser como Ele, sobretudo pela entrega a Deus e aos outros. Conhecem pessoas assim? (*Ouvir os adolescentes*)

Houve um grupo de pessoas, que até imitaram Jesus na sua morte, foram mortas por causa da sua fé e prática cristã. São os mártires.

Um dos mais recentes é o P. Kolbe, que, num campo de concentração nazi, ofereceu a sua vida, por um pai de família. Outro foi o P. Damião que, embora não fosse assassinado, se encerrou em Molokai, a ilha dos leprosos, para se dedicar totalmente a eles. É a entrega de Jesus na cruz a gerar vida nova, que frutifica em entregas de vida ao serviço do Reino de Deus.

São pessoas que merecem o nosso respeito e nos desafiam ao mesmo. Quem não deseja, como elas, ser feliz?!

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Então, proponho-lhes que redijam uma espécie de código da felicidade. Já conhecem as bem-aventuranças proclamadas por Jesus. À imitação delas, vão completar as frases do catecismo, as bem-aventuranças da entrega:

#### **Felizes os que entregam a vida.**

*(As bem-aventuranças redigidas serão, no final, rezadas em grupo. Se o tempo for escasso para esta última tarefa, pode usar-se uma outra oração do catecismo. O importante é que os adolescentes componham as suas bem-aventuranças, que poderão ser rezadas no início do próximo encontro e, se for possível, publicadas em jornais ou folhas da paróquia. Poderão escolher-se as melhores ou fazer-se uma síntese de todas. Pode ser um bom contributo para que na comunidade se vivam melhor as festas pascais.)*

#### **Para guardar na memória e no coração**

**"Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos"**

(Jo 15. 13)

2. Como já sabem, no próximo encontro vamos celebrar a via-sacra. As coisas já estão todas combinadas (se não, marcar um dia e lugar para isso). É que, estamos a poucos dias de celebrarmos o acontecimento fundamental para a nossa fé: a Páscoa de Jesus Cristo.

Além da via-sacra, convido-vos a fazer uma revisão de vida. Pensem como podem seguir Jesus, na entrega da vida pelos outros. Podem registar o vosso compromisso de vida no catecismo.

E, se me permitem, tenho mais uma sugestão para esta semana. Como vamos celebrar a via-sacra no próximo encontro, proponho-vos que procurem saber a origem e a história desta celebração. Podem consultar livros, enciclopédias, ou a internet. (O catequista pode também fotocopiar e distribuir o texto a seguir).

## **2º Encontro – CELEBRAÇÃO VIA-SACRA: O CAMINHO DA MORTE À VIDA**

### **Um pouco de história**

A via-sacra, ou caminho da cruz, é um caminho de oração muito importante, pois tem como objectivo principal levar as pessoas a meditarem naquilo que é mais fundamental no cristianismo: o mistério pascal de Jesus Cristo, a sua morte e ressurreição. Os últimos passos de Jesus na terra são representados por uma série de imagens da sua paixão, morte e sepultura, denominadas estações.

Esta devoção nasceu, possivelmente, em Jerusalém. Segundo uma lenda, transmitida oralmente pelos primeiros cristãos, Maria percorreu várias vezes o caminho que Jesus seguiu desde a casa de Pilatos até ao lugar do Santo Sepulcro. A Maria começaram a juntar-se alguns dos primeiros cristãos, durante o primeiro século do cristianismo.

A devoção foi certamente adoptada pelos peregrinos, que, ao visitarem Jerusalém, passaram a percorrer piedosamente a Via Dolorosa, que vai da casa de Pilatos ao Calvário e ao Santo Sepulcro. Percorrer este caminho converteu-se num hábito que qualquer peregrino devia cumprir, a partir do séc. IV.

Devido à ocupação da Terra Santa pelos muçulmanos e às grandes distâncias que era necessário percorrer, este costume passou, no século XIII, da Cidade Santa para as comunidades cristãs dispersas pelo mundo. Os frades franciscanos foram, como guardiães dos Lugares Santos, os grandes divulgadores desta devoção. Foi adquirindo diversas formas, segundo os lugares.

A via-sacra estendeu-se a toda a Igreja latina, sobretudo no século XV. No entanto, o número de estações era ainda variável. Só no século XVIII, o Papa Bento XIV fixou definitivamente em catorze as estações da via-sacra e, ao mesmo tempo, convidou todos os sacerdotes a enriquecer as suas igrejas com as suas representações:

1. Jesus é condenado à morte.
2. Jesus carrega com a cruz.
3. Jesus cai pela primeira vez.
4. Jesus encontra sua Mãe.
5. Simão de Cirene ajuda Jesus a carregar a cruz.
6. A Verónica limpa o rosto de Jesus.
7. Jesus cai pela segunda vez.
8. As mulheres de Jerusalém choram por Jesus.
9. Jesus cai pela terceira vez.
10. Jesus é despojado de suas vestes.
11. Jesus é pregado na cruz.

12. Jesus morre na cruz.
13. O corpo de Jesus é retirado da cruz.
14. O corpo de Jesus é colocado no sepulcro.

Apareceram, entretanto, algumas via-sacras com uma décima quinta estação: a que valoriza a ressurreição de Jesus, complemento imprescindível da sua morte.

Seguindo, de preferência a caminhar, as sucessivas estações da via-sacra, tomamos mais consciência da nossa condição cristã: seguir a Cristo. E fazemos, de certo modo, uma peregrinação espiritual à Terra Santa. Entre cada estação, medita-se, reza-se e canta-se, para assim ser maior a união com Cristo.

Nas 14 estações atrás indicadas, há algumas que não estão relatadas nos Evangelhos, mas que têm a origem em lendas que passaram a fazer parte da nossa tradição; é o caso das quedas de Jesus e dos encontros com Verónica e Maria. Por isso, recentemente, algumas dessas estações têm sido preenchidas por acontecimentos narrados nos Evangelhos.

A via-sacra pode ser rezada durante todo o ano litúrgico, mas adquire um significado especial durante a Quaresma, principalmente na Sexta-feira Santa. Em Roma, é o Papa que, nesse dia à noite, dirige as estações, desde o Coliseu de Roma. Foi aí que morreram muitos dos primeiros mártires da história do cristianismo.

Pode ser feita no interior de uma igreja, onde se encontram as cruzes a assinalar as estações, ou então no exterior, em forma de procissão e com uma cruz à frente.

## **CELEBRAÇÃO DA VIA SACRA**

*Inspirada livremente na Via Sacra realizada por João Paulo II, em Roma, na Sexta-feira Santa de 2003*

### **ADMONIÇÃO INICIAL**

Estamos reunidos em nome do Senhor. Ele está aqui connosco, como prometeu.

Vamos percorrer na fé o trajecto que Jesus fez desde o Pretório de Pilatos até ao cimo do Calvário, onde deu a vida pela salvação do mundo.

Connosco está também a Virgem Santa Maria. Ela esteve no cimo do Gólgota. Mulher da dor, Mãe de misericórdia, ela inclina-se sobre os seus filhos, para ver os seus sofrimentos, dar-lhes conforto e reavivar a esperança.

### **ORAÇÃO**

**Celebrante:** Oremos:

*(Alguns momentos de silêncio)*

Olhai, Pai Santo, o sangue que jorra do peito trespassado do Salvador; olhai o sangue derramado por tantas vítimas do ódio, da guerra, do terrorismo, e concedei que o curso dos acontecimentos no mundo se desenrole segundo a vossa vontade na justiça e na paz, e a vossa Igreja se entregue com serena confiança ao vosso serviço e à libertação do homem. Por Cristo nosso Senhor.

**R. Amen.**

### **PRIMEIRA ESTAÇÃO: JESUS É CONDENADO À MORTE**

Do Evangelho de S. Marcos (15, 14-15):

“Pilatos insistiu: «Que fez Ele de mal?» Mas eles gritaram ainda mais: «Crucifica-o!» Pilatos, desejando agradar à multidão, soltou-lhes Barrabás; e, depois de mandar flagelar Jesus, entregou-O para ser crucificado.”

### **MEDITAÇÃO**

A sentença de Pilatos foi proferida sob pressão dos sacerdotes e da multidão. Dando resposta ao grito “Crucifica-O! Crucifica-O!”, a condenação à morte por crucifixão serviria para satisfazer as suas paixões.

O pretor romano pensou que podia subtrair-se à sentença, lavando as mãos, como antes se desinteressara das palavras de Cristo em que tinha identificado o seu Reino com a verdade. Num caso e noutro, Pilatos procurava conservar a sua independência, ficar de qualquer modo “de fora”. Mas, só na aparência. A cruz, à qual foi condenado Jesus de Nazaré, tal como a verdade do seu Reino deviam tocar no mais fundo da alma do pretor romano. Tratou-se e trata-se duma realidade, diante da qual é impossível ficar de fora ou à margem. O facto de Jesus, o Filho de Deus, ter sido interrogado sobre o seu Reino e por isso ter sido julgado e condenado à morte, constitui o princípio daquele testemunho final de Deus que tanto amou o mundo. Também nós nos encontramos perante este testemunho e sabemos que não nos é lícito lavar as mãos.

### **ACLAMAÇÕES**

Jesus de Nazaré, condenado à morte de cruz, testemunha fiel do amor do Pai,

**R. Tende piedade de nós.**

Jesus, Filho de Deus, obediente à vontade do Pai até à morte de cruz,

**R. Tende piedade de nós.**

### **SEGUNDA ESTAÇÃO: JESUS É CARREGADO COM A CRUZ**

Do Evangelho de S. Marcos (15, 20):

“Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e revestiram-no das suas vestes”.

## **MEDITAÇÃO**

Condenado à morte, Cristo tem de carregar a cruz, como os outros dois condenados a sofrer a mesma pena: "Foi contado entre os malfeitores". Cristo aproxima-se da Cruz, tendo todo o corpo terrivelmente dilacerado e pisado, e com o sangue a escorrer-lhe pelo rosto, da cabeça coroada de espinhos. Pilatos diz: "Ecce Homo"; "vede o que fizestes deste homem!" Nesta afirmação, parece falar outra voz, como se dissesse: "Vede o que fizestes, neste homem, ao vosso Deus!"

## **ACLAMAÇÕES**

Cristo, Filho de Deus, que revelais ao homem o mistério do homem,

**R. Tende piedade de nós.**

Jesus, Servo do Senhor, que pelas vossas chagas nos curastes,

**R. Tende piedade de nós.**

## **TERCEIRA ESTAÇÃO: JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ**

Do livro do profeta Isaías (53, 4-6):

"Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores. Nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado. Mas foi ferido por causa dos nossos crimes, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que nos salva caiu sobre ele, fomos curados pelas suas chagas.

Todos nós andávamos desgarrados, como ovelhas perdidas, cada um seguindo o seu caminho. Mas o Senhor carregou sobre ele todos os nossos crimes."

## **MEDITAÇÃO**

Jesus cai sob a cruz. Cai por terra. Não recorre às suas forças sobre-humanas, não recorre à força dos anjos. Nem o pede. Tendo aceite o cálice das mãos do Pai, quer bebê-lo até ao fundo. E por isso não pensa em quaisquer forças sobre-humanas, embora estejam ao seu dispor. Ele aceita as provocações, que parecem anular todo o sentido da sua missão, dos discursos pronunciados, dos milagres realizados. Aceita ser ultrajado. Aceita vacilar. Aceita cair sob a cruz. É fiel até ao fim, mesmo nos mínimos detalhes, a esta oração: "Não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres".

## **ACLAMAÇÕES**

Jesus, manso Cordeiro redentor, que carregais sobre vós o pecado do mundo,

**R. Tende piedade de nós.**

Jesus, nosso companheiro no tempo da angústia, solidário com a fragilidade humana,

**R. Tende piedade de nós.**



#### **QUARTA ESTAÇÃO: JESUS ENCONTRA SUA MÃE**

Do Evangelho de S. Lucas (2, 34-35.51):

“Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: «Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma. Assim hão-de revelar-se os pensamentos de muitos corações.» (...)

Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração.”

#### **MEDITAÇÃO**

Maria encontra o Filho a caminho da cruz. A sua cruz torna-se a cruz dela; a humilhação d'Ele é a sua. É a ordem humana das coisas. Assim o devem sentir aqueles que a rodeiam, e assim o entende o coração dela: “Uma espada trespassará a tua alma”. As palavras pronunciadas quando Jesus tinha quarenta dias, cumpriam-se neste momento. Atingem agora toda a sua plenitude. E Maria, trespassada por esta espada invisível, encaminha-se para o Calvário do seu Filho, para o seu próprio Calvário.

#### **ACLAMAÇÕES**

Santa Maria, mãe e irmã nossa no caminho da fé, convosco invocamos o vosso Filho Jesus:

**R. Tende piedade de nós.**

Santa Maria, sem medo a caminho do Calvário, convosco suplicamos ao vosso Filho Jesus:

**R. Tende piedade de nós.**

#### **QUINTA ESTAÇÃO: JESUS É AJUDADO PELO CIRENEU A LEVAR A CRUZ**

Do Evangelho de S. Marcos (15, 21-22):

“Para lhe levar a cruz, requisitaram um homem que passava por ali ao regressar dos campos, um tal Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo. E conduziram-no ao lugar do Gólgota, que quer dizer ‘lugar do Crânio’.”

#### **MEDITAÇÃO**

Simão de Cirene, apanhado para levar a cruz, certamente não queria levá-la. Por isso teve de ser obrigado. Caminhava ao lado de Cristo, sob o mesmo peso. Emprestava-lhe os seus ombros, sempre que os ombros do condenado pareciam vacilar. Estava perto d'Ele: mais perto do que Maria, mais perto do que João, o qual, embora sendo homem, não foi chamado para O ajudar. Chamaram-no, forçaram-no.

Quanto durou este constrangimento? Quanto tempo terá caminhado ao lado de Jesus, fazendo sentir que nada tinha a ver com o condenado, com a sua culpa, com a sua pena? Não se sabe. S. Marcos refere apenas o nome dos filhos de Cireneu e a tradição afirma que pertenciam à comunidade dos cristãos ligada a S. Pedro.

## **ACLAMAÇÕES**

Cristo, bom samaritano, que fostes ao encontro do pobre, do doente, do último,

**R. Tende piedade de nós.**

Cristo, Servo do Eterno, que considerais, como feito a Vós, cada gesto de amor para com o refugiado, o marginalizado, o estrangeiro,

**R. Tende piedade de nós.**

## **SEXTA ESTAÇÃO: A VERÓNICA LIMPA O ROSTO DE JESUS**

Do livro do profeta Isaias (53, 2-3):

“O servo cresceu diante do Senhor como um rebento, como raiz em terra árida, sem figura nem beleza.

Vimo-l’O sem aspecto atraente, desprezado e abandonado pelos homens, como alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento, diante do qual se tapa o rosto, menosprezado e desconsiderado.”

## **MEDITAÇÃO**

A tradição fala-nos de Verónica. Embora, como mulher que era, não tenha levado fisicamente a cruz nem a isso tenha sido forçada, o certo é que ela a levou: levou-a como podia, como lhe era possível fazer naquele momento e como lho ditava o coração, isto é, enxugando o rosto de Jesus. No lenço com que ela lhe enxugou o rosto, ficaram gravadas as feições d’Ele. Mas o sentido deste acontecimento é mais profundo. Serão muitos, sem dúvida, aqueles que vão perguntar: “Senhor, quando é que te fizemos isto?”. E Jesus responderá: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes”. De facto, o Salvador imprime a sua imagem em cada acto de caridade, como o fez no lenço de Verónica.

## **ACLAMAÇÕES:**

Senhor Jesus, que tendes o rosto desfigurado pela dor, mas resplandecente da glória divina,

**R. Tende piedade de nós.**

Vós, que imprimis, como um selo, o vosso rosto sagrado em cada gesto de amor,

**R. Tende piedade de nós.**

## **SÉTIMA ESTAÇÃO: JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ**

Do livro das Lamentações (3, 1-2.9.16):

“Eu sou o homem que conheceu a miséria, sob a vara da sua ira. Conduziu-me e fez-me caminhar nas trevas e não na luz.

Bloqueou-me o caminho com pedras, fez-me seguir por estrada errada.

Quebrou-me os dentes com uma pedra e mergulhou-me na cinza.”

## **MEDITAÇÃO**

Nas vielas estreitas e árduas de Jerusalém, durante as últimas horas que antecedem a Páscoa, cumprem-se as palavras do Salmista, embora ninguém o pense. Certamente não se dão conta disto aqueles que demonstram desprezo à vista deste Jesus de Nazaré que cai pela segunda vez sob a cruz. Cai exausto pelo esforço feito. Cai por vontade do Pai e cai por sua vontade própria, porque “como se cumpririam então as Escrituras?”

## **ACLAMAÇÕES**

Jesus de Nazaré, que vos tornastes o mais humilde de todos os homens, para enobrecer todas as criaturas.

**R. Tende piedade de nós.**

Jesus, servidor da vida, esmagado pelos homens, mas exaltado por Deus.

**R. Tende piedade de nós.**

## **OITAVA ESTAÇÃO: JESUS ENCONTRA AS MULHERES DE JERUSALÉM**

Do Evangelho de S. Lucas (23, 28-31):

“Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos; pois virão dias em que se dirá: ‘Felizes as estereis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram.’ Hão-de, então, dizer aos montes: ‘Cai sobre nós!’ E às colinas: ‘Cobri-nos!’ Porque, se tratam assim a árvore verde, o que não acontecerá à seca?»”

## **MEDITAÇÃO**

Eis o apelo ao arrependimento, ao verdadeiro arrependimento. Jesus diz às filhas de Jerusalém que choram, ao vê-lo passar: “Não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos”. Não se pode ficar pela superfície do mal; é preciso chegar até ao fundo das suas raízes, das causas, da verdade da consciência. Por isso, Ele deve permanecer sempre como a testemunha mais directa dos nossos actos e dos juízos que fazemos sobre eles na nossa consciência. Talvez nos faça compreender que esses juízos devem ser ponderados, razoáveis, objectivos. Peço-Vos, Senhor, que saiba viver e caminhar na verdade!

## **ACLAMAÇÕES**

Senhor Jesus, sábio e misericordioso, verdade que conduz à vida,

**R. Tende piedade de nós.**

Senhor Jesus que, cheio de compaixão, suavizais com vossa presença o pranto na hora das provações,

**R. Tende piedade de nós.**

## **NONA ESTAÇÃO: JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ**

Do livro de Isaías (53, 6-7):

"Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas perdidas, cada um seguindo o seu caminho.

Mas o Senhor carregou sobre ele todos os nossos crimes. Foi maltratado, mas humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro que é levado ao matadouro, ou como uma ovelha emudecida nas mãos do tosquiador."

### **MEDITAÇÃO**

"Humilhou-Se a Si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz". A medida desta humilhação, calculamo-la, quando vemos Jesus cair de novo, pela terceira vez, sob a cruz. Medimo-la, ao meditarmos quem é Aquele que cai, quem é Aquele que jaz no pó da estrada sob a cruz, caído aos pés de gente hostil que não Lhe poupa humilhações e ultrajes. Quem é Aquele que cai? Quem é Jesus Cristo? "Ele que era de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus. Mas despojou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens."

### **ACLAMAÇÕES**

Cristo Jesus, Vós provastes o amargor da terra para mudar o gemido da dor em cântico de júbilo.

**R. Tende piedade de nós.**

Cristo Jesus, que Vos humilhastes na carne para enobrecer toda a criação,

**R. Tende piedade de nós.**

## **DÉCIMA ESTAÇÃO: JESUS É DESPOJADO DAS SUAS VESTES**

Do Evangelho de S. Marcos (15, 24):

"Depois, crucificaram-n'O e repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, para ver o que cabia a cada um."

### **MEDITAÇÃO**

Quando vemos Jesus despojado das suas vestes, o pensamento volta-se para sua Mãe: toma atrás, à origem deste corpo, nascido da Virgem Maria; agora, antes da crucifixão, é todo Ele uma chaga viva. Este corpo cumpre a vontade do Pai.

Nesta estação, devemos pensar na Mãe de Cristo, porque, junto do seu coração, nos seus olhos, entre as suas mãos, o corpo do Filho de Deus recebeu plena adoração.

### **ACLAMAÇÕES**

Jesus, corpo sagrado, profanado ainda nos vossos membros vivos,

**R. Tende piedade de nós.**

Jesus, corpo entregue por amor, dividido ainda nos vossos membros,

**R. Tende piedade de nós.**

### **DÉCIMA PRIMEIRA ESTAÇÃO: JESUS É PREGADO NA CRUZ**

Do Evangelho de S. Marcos (15, 25-27):

"Eram umas nove horas da manhã, quando o crucificaram. Na inscrição com a condenação, lia-se: «O rei dos judeus.» Com Ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e o outro à sua esquerda."

#### **MEDITAÇÃO**

"Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim". Eis as palavras que exprimem a plena realidade da crucifixão. É precisamente nesta gravitação que está a paixão do Crucificado. "Vós sois cá de baixo, Eu sou lá de cima". Eis as suas palavras na cruz: "Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem".

#### **ACLAMAÇÕES**

Cristo, crucificado pelo ódio, mas pelo amor feito sinal de reconciliação e de paz.

**R. Tende piedade de nós.**

Cristo que, com o sangue derramado na cruz, resgatastes o homem, o mundo, o universo,

**R. Tende piedade de nós.**

### **DÉCIMA SEGUNDA ESTAÇÃO: JESUS MORRE NA CRUZ**

Do Evangelho de S. Marcos (15, 33-34.37.39):

"Ao chegar o meio-dia, fez-se trevas por toda a terra, até às três da tarde. E às três da tarde, Jesus exclamou em alta voz: «Eloí, Eloí, lemá sabaktáni?», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?(...)

Mas Jesus, com um grito forte, expirou. (...) O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!»"

#### **MEDITAÇÃO**

Eis o agir mais alto, mais sublime do Filho em união com o Pai. Sim, em união, na mais profunda união precisamente quando grita: "Eloí, Eloí, lema sabaktáni?", "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?".

Jesus, pregado na Cruz, imobilizado nesta terrível posição, invoca o Pai. Todas as suas invocações testemunham que Ele está unido com o Pai. "Eu e o Pai somos um". "Quem Me vê, vê o Pai". "Meu Pai trabalha continuamente e Eu também trabalho".

#### **ACLAMAÇÕES**

Filho de Deus, para que vos recordeis de nós na hora suprema da morte,

**R. Tende piedade de nós.**

Filho do Pai, para que vos recordeis de nós e com o vosso Espírito renoveis a face da terra,  
**R. Tende piedade de nós.**

### **DÉCIMA TERCEIRA ESTAÇÃO: JESUS É DESCIDO DA CRUZ**

Do Evangelho de S. Marcos (15, 42-43.46):

"Ao cair da tarde, visto ser a Preparação, isto é, véspera do sábado, José de Arimateia, respeitável membro do Conselho, que também esperava o Reino de Deus, foi corajosamente procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. (...) Depois de comprar um lençol, desceu o corpo da cruz e envolveu-o nele. Em seguida, depositou-o num sepulcro cavado na rocha e rolou uma pedra sobre a entrada do sepulcro."

#### **MEDITAÇÃO**

Ao ver o corpo de Jesus ser tirado da Cruz e colocado nos braços de sua Mãe, diante dos nossos olhos repassa o momento em que Maria recebeu a saudação do anjo Gabriel: "Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. (...) O Senhor Deus dar-Lhe-á o trono de seu pai David (...) e o seu reinado não terá fim". Maria disse apenas: "Faça-se em mim segundo a tua palavra", como se desde então tivesse querido exprimir o que está a viver agora.

No mistério da Redenção, entrelaçam-se a graça, isto é, o dom do próprio Deus, e "o pagamento" do coração humano. Neste mistério, somos enriquecidos por um dom do alto e ao mesmo tempo comprados pelo resgate do Filho de Deus. E Maria, tendo sido mais do que ninguém enriquecida de dons, paga mais também. Com o coração.

#### **ACLAMAÇÕES**

Santa Maria, mãe de imensa piedade, convosco abrimos os braços à vida e, suplicantes, pedimos ao vosso Filho,

**R. Tende piedade de nós.**

Santa Maria, mãe e companheira do Redentor, em comunhão convosco acolhemos Cristo e, cheios de esperança, lhe rogamos,

**R. Tende piedade de nós.**

### **DÉCIMA QUARTA ESTAÇÃO: JESUS É DEPOSITADO NO SEPULCRO**

Do Evangelho de S. Marcos (15, 46-47):

José de Arimateia, "depois de comprar um lençol, desceu o corpo da cruz e envolveu-o nele. Em seguida, depositou-o num sepulcro cavado na rocha e rolou uma pedra sobre a entrada do sepulcro. Maria de Magdala e Maria, mãe de José, observavam onde o depositaram."

#### **MEDITAÇÃO**

Nas proximidades do Calvário, havia um túmulo que pertencia a José de Arimateia. Neste túmulo, com o consentimento de José, colocou-se o corpo de Jesus, depois de descido da

cruz. Depositaram-no à pressa, de modo que a cerimónia terminasse antes da festa da Páscoa, que começava ao pôr-do-sol. Dentre todos os túmulos espalhados pelos continentes do nosso planeta, há um, onde o Filho de Deus, o homem Jesus Cristo, venceu a morte com a morte. "Ó morte, Eu serei a tua morte". A árvore da vida, da qual o homem foi afastado por causa do pecado, revelou-se novamente aos homens no corpo de Cristo. "Se alguém comer deste pão viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne pela vida do mundo".

### **ACLAMAÇÕES**

Jesus Cristo, Filho de Deus, que nos deixastes o vosso corpo para que, se alguém o tomar, viva eternamente, cheios de esperança, nós vós imploramos:

**R. Tende piedade de nós.**

Jesus Cristo, Filho de Deus, que vencestes a morte com a morte, cheios de confiança, nós vos suplicamos:

**R. Tende piedade de nós.**

## **III – DOCUMENTOS**

### **DOCUMENTO 1**

1. Para ti, quem representa a cana de bambu? E o Senhor?
2. Tenta colocar-te no lugar da cana de bambu. Eras capaz de deixar tudo o que tens (jogos, amigos, telemóvel, etc...), se alguém, a quem tu amas, to pedisse?
3. Na tua vida já tiveste de deixar de fazer algo de que gostavas, para que outros encontrassem a alegria e a paz?  
Se sim, o quê?
4. Conheces alguém que tenha procedido como a cana de bambu? Que entregasse a sua vida em favor dos outros?

## DOCUMENTO 2

### Mt 27,35-50

"Depois de o terem crucificado, repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte. Ficaram ali sentados a guardá-lo. Por cima da sua cabeça, colocaram um escrito, indicando a causa da sua condenação: «Este é Jesus, o rei dos Judeus.» Com Ele, foram crucificados dois salteadores: um à direita e outro à esquerda. Os que passavam injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: «Tu, que destruías o templo e o reedificavas em três dias, salva-te a ti mesmo! Se és Filho de Deus, desce da cruz!» Os sumos sacerdotes com os doutores da Lei e os anciãos também zombavam dele, dizendo: «Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo! Se é o rei de Israel, desça da cruz, e acreditaremos nele. Confiou em Deus; Ele que o livre agora, se o ama, pois disse: 'Eu sou Filho de Deus!」 Até os salteadores, que estavam com Ele crucificados, o insultavam.

Desde o meio-dia até às três horas da tarde, as trevas envolveram toda a terra. Cerca das três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: Eli, Eli, lemá sabachtháni?, isto é: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? Alguns dos que ali se encontravam, ao ouvi-lo, disseram: «Está a chamar por Elias.» Um deles correu imediatamente, pegou numa esponja, embebeu-a em vinagre e, fixando-a numa cana, dava-lhe de beber. Mas os outros disseram: «Deixa; vejamos se Elias vem salvá-lo.» E Jesus, gritando outra vez com voz forte, entregou o espírito."

### Mc 15,21-37

"Para lhe levar a cruz, requisitaram um homem que passava por ali ao regressar dos campos, um tal Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo. E conduziram-no ao lugar do Gólgota, que quer dizer 'lugar do Crânio'.

Queriam dar-lhe vinho misturado com mirra, mas Ele não quis beber. Depois, crucificaram-no e repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, para ver o que cabia a cada um. Eram umas nove horas da manhã, quando o crucificaram. Na inscrição com a condenação, lia-se: «O rei dos judeus.» Com Ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e o outro à sua esquerda. Deste modo, cumpriu-se a passagem da Escritura que diz: Foi contado entre os malfeitores. Os que passavam injuriavam-no e, abanando a cabeça, diziam: «Olha o que destrói o templo e o reconstrói em três dias! Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!» Da mesma forma, os sumos sacerdotes e os doutores da Lei troçavam dele entre si: «Salvou os outros mas não pode salvar-se a si mesmo! O Messias, o Rei de Israel! Desça agora da cruz para nós vermos e acreditarmos!» Até os que estavam crucificados com Ele o injuriavam. Ao chegar o meio-dia, fez-se trevas por toda a terra, até às três da tarde. E às três da tarde, Jesus exclamou num grande grito: «Eiol, Eloí, lemá sabachtáni?», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? Ao ouvi-lo, alguns que estavam ali disseram: «Está a chamar por Elias!» Um deles correu a embeber uma esponja em vinagre, pô-la



numa cana e deu-lhe de beber, dizendo: «Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali.» Mas Jesus, dando um grande grito, expirou.”

#### Lc 23, 33-46

“Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.» Depois, deitaram sortes para dividirem entre si as suas vestes.

O povo permanecia ali, a observar; e os chefes zombavam, dizendo: «Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se é o Messias de Deus, o Eleito.» Os soldados também troçavam dele. Aproximando-se para lhe oferecerem vinagre, diziam: «Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!» E por cima dele havia uma inscrição: «Este é o rei dos judeus.» Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: «Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.» Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas acções mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.» E acrescentou: «Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.» Ele respondeu-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso.»

Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.» Dito isto, expirou.”

#### Jo 19, 17-30

“Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota, onde o crucificaram, e com Ele outros dois, um de cada lado, ficando Jesus no meio. Pilatos redigiu um letreiro e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.» Este letreiro foi lido por muitos judeus, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado era perto da cidade e o letreiro estava escrito em hebraico, em latim e em grego. Então, os sumos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: «Não escrevas ‘Rei dos Judeus’, mas sim: ‘Este homem afirmou: Eu sou Rei dos Judeus.’» Pilatos respondeu: «O que escrevi, escrevi.» Os soldados, depois de terem crucificado Jesus, pegaram na roupa dele e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, excepto a túnica. A túnica, toda tecida de uma só peça de alto a baixo, não tinha costuras. Então, os soldados disseram uns aos outros: «Não a rasguemos; tiremo-la à sorte, para ver a quem tocará.» Assim se cumpriu a Escritura, que diz: Repartiram entre eles as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes. E foi isto o que fizeram os soldados.

Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!». Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!». E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua. Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: «Tenho sede!». Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo

de hissopo, chegaram-lha à boca. Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado.» E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.»

### PROPOSTA DE RESOLUÇÃO PARA O CATEQUISTA

Evangelho	Palavra de Jesus	Sentimentos que exprimem
<b>Mt 27, 35-40</b>	«Eli, Eli, lemá sabakhtáni?, isto é: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste» (Mt 27, 46)	Abandono/Solidão Dor/Sufrimento Injustiça humana Entrega a Deus
<b>Mc 15, 21-37</b>	«Eloí, Eloí, lemá sabakhtáni?, que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mc 15,34)	Abandono/Solidão Dor/Sufrimento Injustiça humana Entrega a Deus
<b>Lc 23, 33-46</b>	«Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.» (Lc 23,34)	Compaixão/Perdão/Amor União com Deus
	«Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso.» (Lc 23,43)	Perdão/Amor que salva/ Confiança
	«Pai, nas tuas mãos entrego O meu espírito.» (Lc 23,46)	Amor/Confiança total no Pai/ Doação/Entrega
<b>Jo 19, 17-30</b>	«Mulher, eis o teu filho! Eis a tua mãe!» (Jo 19,26.27)	Amor/Confiança
	«Tenho sede.» (Jo 19,28)	Sufrimento/ Angústia Decisão de fazer a vontade de Deus
	«Tudo está consumado.» (Jo 19,30)	Cumprimento da vontade do Pai/ Entrega

## CRISTO: NOSSA ESPERANÇA

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Sinais de esperança no mundo actual

Felizmente são muitos os sinais de esperança no nosso mundo. O Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*, indica-nos alguns deles em relação à Europa: "Olhando para a Europa como comunidade civil, não faltam sinais indicadores de esperança: abertura dos povos uns aos outros; a reconciliação entre nações por longo tempo hostis e inimigas; (...) colaborações e intercâmbios de todo o tipo estão em desenvolvimento, de maneira que, pouco a pouco, se cria uma cultura, antes, uma consciência europeia, que esperamos possa fazer crescer, especialmente nos jovens, o sentimento da fraternidade e a vontade da partilha; o facto de todo este processo se desenvolver segundo métodos democráticos, de modo pacífico e num espírito de liberdade, que respeita e valoriza as legítimas diversidades; (...) respeito dos direitos humanos; consideração dada ao direito e à qualidade de vida" (EE 12).

##### 2. A experiência dos discípulos: da frustração ao entusiasmo da esperança

A morte de Jesus foi um final de vida inesperado e, por isso, uma experiência extremamente difícil para os discípulos. Todas as esperanças que haviam depositado n'Ele, ficaram reduzidas a um sonho sem realização (cf Lc 24, 21-24). O que sentiram, com a paixão e morte de Jesus, é descrito com o maior realismo: medo, desencanto, tristeza, desânimo, fuga, abandono. Restavam-lhes apenas as belas recordações de "um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo" (Lc 24, 19). Mas a esperança de um Messias que viesse "redimir Israel" (Lc 24, 21), caíra por terra. Tais eram os seus sentimentos, ainda na manhã de Páscoa.

Contudo, nessa mesma manhã, algo de inesperado e inédito aconteceu, que inverteu completamente a situação. De repente, do meio da morte e do desânimo, ergue-se a Boa Nova viva e vivificante: "Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!" (Lc 24, 34). Os discípulos, levados por este Evangelho, voltam a reunir-se em comunidade e, fortalecidos pelo triunfo do Ressuscitado, dão início a uma luta tenaz pela fé, em que

superam dificuldades, enfrentam perseguições, até ao ponto de darem a vida pela mensagem em que acreditam e de que vivem. Descobrem que a morte de Jesus foi afinal o maior acto de entrega da vida, a maior prova de amor. E, movidos pelo seu Espírito, transformam-se em suas testemunhas ou mártires: anunciam-n'Os, não apenas por palavras, mas sobretudo pela vida, cheia de um amor que os leva à mesma entrega. Que acontecera, afinal? A experiência única do encontro com o Crucificado Ressuscitado. Uma experiência que não podiam guardar para si. Tal era a sua energia: a energia ilimitada de Deus que se manifestava, de um modo único, na Ressurreição de Jesus. Com ela, a vida adquire dimensões que ultrapassam todos os limites do tempo e do espaço. É inaugurado um mundo novo, realizada uma nova criação. Daí a necessidade irreprimível do seu anúncio: à mesma escala universal do acontecimento que é anunciado. E o acontecimento mais desejado por qualquer criatura humana.

### **3. Testemunhas do Ressuscitado na Igreja de hoje**

A ressurreição de Cristo continua hoje a ser um desafio à entrega da fé n'Aquele que, vencendo a morte, nos oferece uma vida plena, em todos os sentidos. Um desafio a fazermos dessa vida uma fonte de vida para aqueles a quem a anunciamos e a quem nos entregamos com o amor que d'Ele recebermos. Um desafio a transformarmos os fracassos e frustrações com que deparamos em fonte de vida, renovada e fortalecida pela Sua presença na Sua Igreja, em cada um de nós.

Sim, o Senhor está e caminha connosco: na Palavra que escutamos à luz do mistério pascal, no "partir do pão", no Seu amor, vivido na prática de uma caridade fraterna sem limites, no regresso à comunidade, ao lugar onde Ele se encontra ressuscitado.

Cristo é a nossa esperança. Através da sua presença no meio de nós, não podemos deixar de ser arautos da sua Boa Nova, num mundo tão necessitado de vida, da sua vida. Neste mundo, temos de ser nós, talvez mais do que ninguém, os arautos da esperança. E o catequista, que vive de Cristo e para Cristo, ainda mais.

### **OBJECTIVOS**

- Descobrir sinais de esperança no mundo actual.
- Contemplar Jesus Cristo ressuscitado, como fonte de esperança.
- Testemunhar Jesus Cristo Ressuscitado, como fonte de alegria e esperança.

### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

No primeiro encontro, os adolescentes são convidados a descobrir aspectos positivos do mundo que nos rodeia, como sinais de esperança e de incentivo para a sua própria esperança num mundo melhor. Para isso, e não esquecendo o tempo litúrgico em que decorrem estes encontros, começam por escutar um cântico sobre a esperança.

De seguida, têm duas alternativas para aprofundar a experiência humana: na 1ª, é proposto o "Jogo de observação", para os ajudar a desenvolver as capacidades de descoberta e interpretação; na 2ª alternativa, são convidados a reflectir sobre os sinais de esperança na

sociedade actual, a partir da leitura de um extracto de uma Exortação Apostólica de João Paulo II.

No segundo encontro, parte-se de uma passagem da carta de S. Paulo aos Efésios, para se dar conta de que é em Jesus Cristo Ressuscitado e na Igreja, por Ele fundada, que se encontram a fonte e o fundamento da nossa esperança.

É importante que, no final deste encontro, os adolescentes tomem consciência de que, sendo membros da Igreja que, por sua vez, é a manifestação da "plenitude de Cristo", não podem deixar de testemunhar Cristo no mundo, envolvendo-se activamente no projecto de libertação da humanidade por Ele iniciado.

### **MATERIAL**

- Cópias do Doc. 1 (1ª alternativa);
- Cópias do Doc. 2 (2ª alternativa);
- Dísticos:  
"O fundamento da nossa ESPERANÇA"; "A ressurreição de CRISTO";  
"O triunfo do AMOR"; "A IGREJA - corpo de CRISTO".

### **MÚSICAS**

- "Vem, Senhor Jesus";
- "É tempo de ser Esperança";
- "Um rasgo de luz";
- Música calma de fundo.

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **1º Encontro – SINAIS DE ESPERANÇA**

*O encontro pode começar com um breve diálogo sobre o modo como os adolescentes têm passado o tempo pascal.*

#### **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

1. Já que estamos na Páscoa, um tempo de alegria, convido-vos a ouvirem um cântico que se enquadra bem neste tempo. Quem souber pode também cantar.

Chama-se "É tempo de ser Esperança!" A letra vem no catecismo. No fim sublinhem a frase ou frases que acham mais significativas e digam porquê.

*(Depois de um diálogo de uns 5 minutos o catequista continua:)*

2. Porque será que o cântico diz “é tempo de ser esperança”? Apontem-me muito rapidamente, três ou quatro **acontecimentos** à nossa volta ou no mundo, em que há pessoas que perderam a esperança, caíram no desânimo. (*Ouvir os adolescentes. Se estes hesitarem, o catequista pode ir sugerindo, mas apenas como partida para a participação. No final, pergunta:*)

Que fazer para acabar com tal desânimo ou desespero? Que podemos ou devemos fazer nós? A pergunta é séria. Sois todos jovens e, num mundo sem esperança, não tendes futuro. Portanto, não podemos baixar os braços, perder a esperança.

1ª

### Alternativa

Como primeiro passo convido-vos a fazermos um exame ou teste aos nossos olhos. Não é preciso ir ao oftalmologista. Para a cura desta doença dos olhos não vale a pena recorrer ao oftalmologista. É a doença das pessoas que só vêem o negativo à sua volta, nos outros, no mundo. É verdade que há muita coisa negativa. Mas, se tivermos os olhos a funcionar bem, também podemos descobrir muita coisa positiva.

O exame, podemos fazê-lo em forma de jogo. Chamemos-lhe o “jogo da observação”. Consiste nisto: vão dividir-se em pequenos grupos (*ou dois a dois, conforme o número*) e cada grupo vai tentar descobrir situações ou acontecimentos positivos, à nossa volta e no mundo. São situações ou acontecimentos que conhecem directamente ou através de outros, ou ainda dos meios de comunicação social.

Têm aqui uma folha: numa coluna registem o acontecimento ou situação e na outra os aspectos positivos.

Em 10 minutos, vamos ver qual é o grupo que descobre mais, isto é, que tem melhor capacidade de observação.

*(O catequista, depois de distribuir cópias do Doc. 1, afixa uma cópia aumentada, para durante o plenário, nela registar ou convidar a registar os resultados da observação dos vários grupos. No final da partilha conclui:)*

Formidável. Afinal até vêem bem. Ou melhor, são capazes de ver o bem. E, como vemos, há muito mais bem por esse mundo além do que parece à primeira vista.

Para isso, temos a ajuda de uma pessoa de reconhecida autoridade: o Papa João Paulo II com uma Exortação Apostólica, escrita a seguir a um sínodo dos Bispos sobre a Europa.

Antes de lermos as palavras do Papa, convém recordar alguns dos acontecimentos mais marcantes da história da Europa no século passado.

- Primeiro, acontecimentos negativos. Quem se lembra de algum? (*Ouvir os adolescentes e, se necessário, acrescentar:*)

A Primeira e a Segunda Guerra Mundial (1914-18, 1939-1945), o extermínio de milhões de pessoas (Nazismo e Comunismo), a divisão da Europa em dois blocos e a guerra fria (Leste e Oeste), a guerra nos Países Balcãs.

- Agora, acontecimentos positivos. Quem se lembra de algum? (*Ouvir os adolescentes e, se necessário, acrescentar:*)

A formação crescente da Comunidade Europeia, com cada vez mais países, livre circulação de pessoas e bens, moeda única, a queda do Muro de Berlim (1989), o fim dos regimes ditatoriais (Nazismo e Comunismo).

*(O catequista distribui, por cada adolescente, uma cópia do Doc. 2, pede para lerem atentamente as palavras do Papa e, depois, escreverem as respostas às duas perguntas formuladas no final. Entretanto, afixa no quadro/placar uma folha grande, para nela registar as respostas apresentadas na partilha:)*

1. Sinais de esperança apontados por João Paulo II:

*(Se necessário acrescentar, as respostas dos adolescentes, sinais que no texto aparecem em negrito)*

2. Consequências na nossa vida nacional e pessoal:

*(Mostrar como seria a vida entre nós, sem os valores apontados no Documento. Procure ser-se muito concreto, referindo-se, tanto quanto possível, à vida de cada um e a obras e acontecimentos de impacto local e nacional)*

3. Qualquer que seja a alternativa escolhida o encontro deve continuar do seguinte modo:

Depois de constatarmos, que afinal, há muitas coisas positivas, tenho três questões sobre as quais vos convido a reflectir:

- 1) Por que razão, habitualmente, se olha mais para o negativo do que para o positivo?  
Que vos parece?

*(Ouvir os adolescentes e, eventualmente, acrescentar:)*

Não há dúvida, de que os jornais, as rádios e as televisões dão mais relevo às crises negativas, escandalosas. Daí o pessimismo que se instala nas pessoas. Mas será essa a única razão? A verdade é que os meios de comunicação falam daquilo que o público mais gosta de ver e ouvir. Não haverá nas pessoas uma tendência para o pessimismo, o desânimo? Se sim, como ultrapassá-la? Pensem na pergunta, e passemos à seguinte.

- 2) Parece-vos que o caminho será olhar só para o que há de positivo e fechar os olhos a tanta coisa negativa que, infelizmente, se faz e existe? Ou haverá um modo positivo de olhar e enfrentar o que de negativo acontece?

*(O catequista pode concretizar, com um ou outro dos acontecimentos ou situações negativas referidas atrás. Depois de ouvir os adolescentes, pode concluir com estas ou outras palavras:)*

Podemos ir até mais longe: é mesmo possível transformar o negativo em positivo. Reparem nas lições que as pessoas tantas vezes tiram da história. Aié se diz que a história é a mestra da vida. É importante saber-se isso, para, perante desastres ou contrariedades, pensarmos no que pode estar ou vir depois desses males.

- 3) Em que medida é que Cristo nos pode ajudar nesta atitude e maneira de ver os males que se fazem e dos quais até podemos ser vítimas. Pensem no mal que Ele teve de enfrentar, nomeadamente, no fim da sua vida. Pensem no modo como se comportou e quais os resultados desse comportamento. Tragam uma resposta para o próximo encontro.

### **PARA INTERIORIZAR**

Como ajuda para encontrarem a resposta certa proponho-vos um momento de oração. Começemos por ouvir um cântico que é um pedido insistente a Jesus para que venha e esteja presente em nós. Depois baixarei o som do cântico, e reataremos, em conjunto, a oração que vem no catecismo *(também pode ser recitado em dois coros)*.

SENHOR...

Se eu não puder ser o que eu desejo,  
Que eu seja o que desejas de mim.  
Se eu não puder ser a árvore que dá frutos,  
Que eu seja o arbusto que dá sombra.  
Se eu não puder ser o rio que inunda a terra,



Que eu seja a fonte que dá de beber.  
Se eu não puder ser uma estrela no céu,  
Que eu seja uma luz que anima e dá esperança.  
Se eu não puder ser o teto que abriga a todos,  
Que eu seja a porta que se abre a quem bate.  
Se eu não puder ser o fogo que incendeia,  
Que eu seja o óleo que mantém a chama.  
Se eu não puder ser o sorriso que encanta,  
Que eu seja a impressão que ele deixa.  
Se eu não puder ser a felicidade que todos buscam,  
Que eu seja feliz em ser tudo para todos.  
Se eu não puder ser toda a bondade do mundo,  
Que eu seja bom como todo o mundo espera.  
Se eu não puder ser o amor que tudo começa,  
Que eu seja o amor que faz chegar ao fim!

P. Orlando Gambi, adaptado

*(Depois da oração, ou levantar o som do cântico e ouvi-lo até ao fim ou concluir com o cântico: "É tempo de ser esperança".)*

## **2º Encontro – EM CRISTO VIVER NA ESPERANÇA**

*No quadro/placar está afixado o dístico: "O pensamento da nossa ESPERANÇA". O encontro pode começar com a audição (e/ou execução) do cântico "Vem, Senhor Jesus" (todo ou parte conforme o tempo e a adesão dos adolescentes).*

1. Ainda se lembram das questões que eu vos fiz no final do último encontro? *(Ouvir os adolescentes).*

Vimos, que é possível transformar o mal em bem, passar do desânimo à esperança. Resta para hoje a pergunta: em que medida Cristo, com a sua morte, e ressurreição, nos pode ajudar a transformar o mal em bem, a passar do desânimo à esperança? Querem tentar uma resposta?

*(Ouvir os adolescentes e concluir:)*

Vamos ver se está certo ou não o que acabaram de dizer. E o melhor meio é compararmos as nossas respostas com o que o próprio Deus nos diz na sua Palavra.

## II. PALAVRA

2. Podem abrir as vossas Bíblias em **Ef 1, 17-23**. Ai S. Paulo, depois de uma longa acção de graças a Deus por tudo o que Ele fez e continua a fazer através de Cristo, faz uma oração de prece.

Pede a Deus que ajude os cristãos a compreenderem o que se passa neles, pelo facto de acreditarem em Jesus. Na prática está a rezar também por nós, para compreendermos o que ele nos vai dizer. Até por isso, merece toda a nossa atenção. Vamos então ouvir Ef 1, 17-23. Enquanto um de vós lê em alta voz, os outros podem seguir a leitura, pelas suas Bíblias. *(Proclamação lenta)*

“O Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda um espírito de sabedoria e de luz para O conhecerdes plenamente e ilumine os olhos do vosso coração, para compreenderdes a esperança a que fostes chamados, os tesouros de glória que encerra a sua herança entre os santos e a incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós os crentes.

Assim o mostra a eficácia da poderosa força que exerceu em Cristo, que Ele ressuscitou dos mortos e colocou à sua direita nos Céus, acima de todo o principado, poder, virtude e soberania, acima de todo o nome que é pronunciado, não só neste mundo, mas também no mundo que há de vir. Tudo submeteu aos seus pés e pô-L'O acima de todas as coisas como cabeça de toda a Igreja, que é o seu corpo, a plenitude d'Aquele que preenche tudo em todos”.

*(Silêncio, durante o qual cada um é convidado a refer a passagem)*

3. Vejamos, antes de mais, o que S. Paulo pede a Deus para nós. Leiam os **versículos 17-18...**

Embora pareçam muitas coisas, mas fundamentalmente é apenas uma que ele pede por nós. E a primeira é o caminho para obtermos a segunda.

Vejamos lá se descobrem qual é a segunda. Vem no versículo 18. *(Ouvir os adolescentes)* A **esperança** que nos vem do chamamento de Deus. Este chamamento deu-se no nosso Baptismo. Tornámo-nos filhos de Deus, por este Sacramento passámos a ser pessoas de esperança. Pessoas que não se deixam desanimar, não desistem, não baixam os braços perante as contrariedades, sejam elas quais forem.

E como é que nós sabemos isto? Com que olhos? *(Ouvir os adolescentes)*

Os **olhos do coração** iluminados por Deus. Sim, é sobretudo no coração que se situa a esperança. É por ele que passa a força, a energia que não nos deixa desanimar. É por ele que passa... *(O catequista aponta para o dístico, afixado no quadro/placar, e diz:)* O **fundamento da nossa esperança**.

4. Vejamos agora que fundamento é esse. Leiam os **versículos 19-20**.

E agora digam-me: em que acontecimento é que Deus manifestou particularmente o seu poder invencível?

*(Ouvir os adolescentes e depois afixar, por baixo do dístico anterior o seguinte: “A ressurreição de Cristo”)*

Cá está: a maior intervenção de Deus na história da humanidade: a vitória sobre a morte. “Haverá coisa pior que a morte?

Que desejamos mais, todos nós, senão vencê-la? E não é a incapacidade de o conseguir que leva mais pessoas ao desânimo, ao desespero?

Pois bem: aquilo que é impossível aos homens, foi possível a Deus. Transformar a morte ignominiosa e terrível de Jesus em vitória sobre a morte.

Que notícia mais maravilhosa poderíamos ter? Perante ela não consigo conter a minha alegria. Apetece-me cantar o fundamento da nossa esperança.

Proponho que cantemos todos “**É tempo de ser esperança**”: o refrão e a primeira estrofe. Reparem na mensagem dessa estrofe: nela proclamamos que “acredito em Cristo, a quem chamo Senhor”. Chamamos-lhe Senhor, exactamente por Ele ter vencido a morte. E se acreditamos nele, quer dizer que nos confiamos a Ele. Então cantemos.

5. Há uma questão, a propósito da ressurreição de Cristo, que muitas pessoas põem: Como é que Cristo conseguiu vencer a morte? Que fez ele para que Deus o ressuscitasse? Qual é a vossa opinião? *(Ouvir os adolescentes)*

Talvez o **versículo 21** ajude a encontrar uma resposta. Diz-se aí que Jesus foi colocado, pela sua ressurreição acima de todos os **poderes** que dominam este mundo e outros que não conhecemos. Que poderes serão esses? São os **que destroem a vida**. Querem alguns exemplos?

Foram os regimes nazista e comunista, no século passado.

São movimentos terroristas.

São poderes que se deixam guiar por modas de pensar e de agir, opostos aos de Jesus Cristo.

Qual foi então o caminho seguido por Jesus Cristo, o caminho que o levou a vencer a morte?

*(Ouvir os adolescentes e depois afixar, por baixo do dístico anterior, o seguinte: “O triunfo do amor”)*

Esta é a força da esperança. É o amor que não nos deixa sucumbir perante qualquer contrariedade. Mais, é, perante o mal que se sofre, que o amor desperta com mais intensidade, novas forças. Vejam, por exemplo, o que fazem tantos pais pelos seus filhos, quando estes se encontram em dificuldades. Do que, então, são eles capazes!

Pois bem, foi este amor, e não o egoísmo, o isolamento, a procura exclusiva dos próprios interesses, foi no amor total que Jesus viveu, de um modo especialíssimo, a sua morte. Entregou-se totalmente a Deus, por todos os homens. Daí o triunfo sobre a morte, o triunfo do amor. E a força da nossa esperança!

Queremos cantar isso mesmo? Agora com a **2ª estrofe** de “**É tempo de ser esperança**”. Nessa estrofe proclama-se que não é a matéria, os bens materiais usados só em proveito próprio, que nos podem fazer felizes. Só somos felizes se Deus reinar em nós, como em Cristo com o seu amor.

6. Só nos falta saber uma coisa: onde podemos encontrar Cristo ressuscitado e o amor de Deus que tudo vence? Leiam os **versículos 22-23**. (*Ouvir os adolescentes e depois afixar por baixo do dístico anterior o seguinte: “A Igreja, corpo de Cristo”*)

A Igreja é constituída pelas pessoas que se deixam de tal modo conquistar e guiar por Jesus Cristo, que acabam por constituir o seu corpo. Com membros diferentes, mas **Cristo à cabeça**. É Ele pela sua palavra, os seus sacramentos e o seu amor que fez com que nós vivamos uns para os outros. E é nesse amor que mais experimentamos e criamos esperança.

Quanta força, quanta energia nós recebemos desta Igreja, ou melhor: d’Aquele que é a sua cabeça, mas actua através dos seus membros.

Se estamos convencidos disso, então cantemos a **3ª estrofe** do cântico “**É tempo de ser esperança**”. Nela somos desafiados a não termos vergonha de proclamarmos a Cristo e, nele, sermos pessoas de esperança.

Continuemos, mas agora em pé, como sinal de quem está disposto a partir para pôr em prática o que cantamos.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Têm sido tantos os cristãos, que ao longo da história da Igreja, assim viveram. A mim, e penso que também a vós, faz-me bem pensar neles: para ver como eles foram felizes, na teimosa esperança que os animava.

Vamos, por isso, falar de mais um. Ou melhor, uma. Possivelmente ainda a não conhecem. Chamava-se Francisca Cabrini e viveu entre 1850 e 1917. Portanto há menos de 100 anos.

**Santa Francisca Xavier Cabrini** nasceu no dia 15 de Julho de 1850, em Santo Ângelo Lodigiano, Itália, e foi a última de uma família de treze irmãos. Desde muito nova quis ser missionária, mas, devido aos seus problemas de saúde, não foi aceite por nenhuma congregação religiosa existente na altura.

Por isso, em 1880, com outras sete mulheres, fundou ela própria uma nova congregação religiosa: o Instituto das Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus. Era um sonho de Santa Francisca ir para a China, mas teve de atender ao pedido do papa Leão XIII: "Não ao Oriente, mas sim ao Ocidente." E lá foi Santa Francisca para os Estados Unidos, auxiliar os imigrantes italianos.

Chegou em Março de 1889. Apesar de toda fragilidade e saúde precária, nos 28 anos que se seguiram à sua chegada, viajou pelos Estados Unidos, fundando escolas, orfanatos e hospitais. Nada a fazia parar.

No dia 11 de Junho de 1894, numa audiência com o Papa, recebeu a aprovação para uma expedição que desejava fazer para o Brasil. Em 1896 fundou colégios e orfanatos em Lima (no Peru), Equador, Argentina e Brasil.

Em Dezembro de 1911, com a pouca saúde que lhe restava, resolve voltar aos Estados Unidos, onde ainda tem forças para reerguer o Hospital Columbus de Nova Iorque. Amplia e constrói escolas e orfanatos.

Morreu em Chicago, a 22 de Dezembro de 1917.

Como vemos, foi mais uma mulher que triunfou sobre todas as contrariedades. Quanto maiores eram, maior era a energia que adquiria. De quem? De Cristo morto e ressuscitado. De Cristo que, na entrega da vida, alcançou uma vida sem fim.

Vamos, também nós, saborear a presença e energia deste Cristo Ressuscitado. Com Ele, temos um futuro cheio de vida. Vale a pena apostar n'Ele.

Para saborearmos este acontecimento maravilhoso e único da sua morte e ressurreição, tenho aqui um poema. É um hino que muitos cristãos rezam ou cantam especialmente neste tempo de Páscoa. Vamos rezá-lo também nós.

Podemos fazer dois coros: um faz uma estrofe e o outro a seguinte. No princípio, no meio e no fim, podemos cantar só o refrão do cântico que nos tem acompanhado neste encontro: "É tempo de ser esperança".

#### **Hino**

Nasceu o Sol da Páscoa gloriosa,  
Ressoa pelo céu um canto novo,  
Exulta de alegria a terra inteira.

Sem saber que o sepulcro está vazio,  
A guarda, vigilante, testemunha  
O poder do Senhor ressuscitado.

E desça sobre a Igreja e sobre o mundo,  
Como penhor de paz e de esperança,  
A luz da tua Páscoa esplendorosa.

Cantemos a Deus Pai e a seu Filho,  
Louvemos o Espírito de amor,  
Agora e pelos séculos sem fim.

*(Adaptado do Hino de Laudes, Tempo Pascal)*

### *Para guardar na memória e no coração*

**“No íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que no-lo peça” (1 Ped 3, 15).**

2. Esta catequese não pode terminar aqui. Se hoje descobrimos qual é a fonte e o fundamento da nossa esperança, temos de mostrá-lo aos outros.

Podem inspirar-se em dois textos:

- 1) Aquele que nos é proposto para guardar na memória e no coração. Podem lê-lo.
- 2) O refrão do cântico “É tempo de ser esperança”. Não se diz “ter”, mas “ser”.

Depois de juntarmos os textos, o que temos? Damos razão da nossa esperança, não apenas por palavras, mas também por acções: acções em que “somos” esperança para quem viva no sofrimento e, sobretudo, com quem está a cair no desespero.

Perante isto, que acções propõem? *(Ouvir os adolescentes. Se necessário acrescentar:)*

A minha sugestão é esta: irem ao encontro dessas pessoas, ou então escreverem uma carta, um postal ou e-mail, ou simplesmente telefonar-lhes. Estou convencido de que não vão ser apenas elas que vão ficar felizes. Vós também.

*(Pode sugerir-se também uma acção de todo o grupo, ou parte dele. Nesse caso, convém combinar e determinar, previamente, como executar essa acção.*

*No final pode cantar-se: “Um rasgo de luz”.)*

### III – DOCUMENTOS

#### DOCUMENTO 1

#### JOGO DE OBSERVAÇÃO

Acontecimentos e situações	O que têm de positivo

#### DOCUMENTO 2

“Olhando para a **Europa** como comunidade civil, não faltam **sinais indicadores de esperança**: neles, mesmo entre as **contradições** da história, podemos com um olhar de fé individualizar a presença do Espírito de Deus que renova a face da terra. Os padres sinodais, no termo dos seus trabalhos, descreveram-nos assim: « Constatamos com alegria a crescente **abertura** dos povos uns aos outros, a **reconciliação** entre nações por longo tempo hostis e inimigas, o **alargamento progressivo do processo de união aos países do Leste Europeu**. Reconhecimentos, **colaborações e intercâmbios** de todo o tipo estão em desenvolvimento, de maneira que, pouco a pouco, se cria uma cultura, antes, uma **consciência europeia**, que esperamos possa fazer crescer, especialmente nos jovens, o **sentimento da fraternidade e a vontade da partilha**. Registamos como positivo o facto de todo este processo se desenvolver segundo **métodos democráticos**, de **modo pacífico** e num **espírito de liberdade, que respeita e valoriza as legítimas diversidades**, suscitando e apoiando o processo de **unificação da Europa**. Saudamos com satisfação aquilo que foi feito para determinar as condições e as modalidades do **respeito dos direitos humanos**. Por fim, no contexto da legítima e necessária unidade económica e política na Europa, enquanto registamos os sinais de esperança oferecidos pela consideração dada **ao direito e à qualidade de vida**, formulamos ardentes votos por que, numa fidelidade criativa à tradição humanista e cristã do nosso continente, seja garantido o primado dos **valores éticos e espirituais** ».”

(*Ecclesia in Europa*, 12)

### **Questões:**

- Quais são os sinais de esperança apontados por João Paulo II?
- Que consequências podem ter e estão mesmo a ter na nossa vida nacional e pessoal?

## **IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES**

### **FILME**

- **"São Paulo de Tarso"** – Coleção A Bíblia nº 18, Duração 94 minutos.  
Em resumo, este filme mostra-nos como a fé na Ressurreição de Jesus é fonte de transformações impensáveis e capaz de modificar completamente a pessoa humana.

### **ACTIVIDADES**

- Fazer um manifesto: "Se eu fosse Presidente da UNICEF mudaria ..."  
Afixá-lo num lugar em que a comunidade tome conhecimento das propostas concretas do grupo. No caso de terem acesso à Internet, este manifesto pode ser enviado a várias entidades.
- Procurar contribuir de forma concreta para que a comunidade se envolva numa verdadeira renovação, de forma a tornar-se mais testemunha de Cristo Ressuscitado. Por exemplo, construir cartazes com mensagens que provoquem a reflexão dos membros da comunidade sobre o modo de ser cristão hoje.

### **OUTRAS CANÇÕES**

- "Cristo Jesus, tu me chamaste" (H. Faria);
- "Tu me seduziste" (Edições Salesianas);
- "Ser jovem" (P. Acílio Mendes ).



## ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Não há comunidade sem projecto

Nos nossos dias, é frequente as pessoas viverem em ambientes despersonalizados e despersonalizantes. Estar sozinho é para muitos insuportável, leva a um sentimento antecipado de morte. É então que a comunidade aparece, não só como mais necessária, mas como algo de maravilhoso, como lugar de acolhimento e de partilha.

Mas, a comunidade também pode ser um lugar desagradável, quando se não é capaz partilhar a vida com os outros, se fica encerrado nos próprios limites: egoísmo, fraquezas, bloqueios, frustrações.

As comunidades só existem e crescem, se movidas por um projecto. Para haver comunidade, é necessário que os seus membros conheçam a finalidade da sua vida em comum. Quanto mais uma comunidade for autêntica e criativa na busca do essencial, tanto mais os seus membros são chamados a ultrapassar-se, a procurar a união, a contribuir para o projecto comum. E vice-versa: quanto mais os seus membros se unirem no mesmo projecto, mais viva e vivificante é a comunidade.

##### 2. O projecto comunitário de Jesus realiza-se na Igreja

A Igreja é, por natureza, comunidade. O próprio nome já o indica: "Igreja" (do grego "Ecclesia") é a assembleia dos chamados a sair da sua individualidade, para se congregarem em volta d'Aquele que os chama. Assim o diz o Concílio Vaticano II: "Aos que se voltam com fé para Cristo, autor da salvação e princípio de unidade e de paz, Deus chamou-os e constituiu-os em Igreja, a fim de que ela seja para todos e cada um sacramento visível dessa unidade salutar" (LG 9). Portanto, na origem e base da sua existência está Deus: o Deus que a todos oferece a salvação operada em Jesus Cristo, para os conduzir à unidade e à paz.

O que quer dizer que, só em Cristo, a Igreja é comunidade. De facto, desde o início da sua vida pública, Jesus reuniu uma comunidade de discípulos, para viverem com Ele e

como Ele. De entre eles, escolheu doze, para representar simbolicamente a sua intenção de restaurar a unidade original do povo de Deus, nas suas doze tribos (cf Mt 19, 28; Ap 21,14.20). Só entra nesta comunidade quem renuncia a fechar-se na sua própria vida e se dispõe a partilhá-la (cf Mt 8, 19-21; Lc 9, 57-62; Mt 19, 21). O programa é o das bem-aventuranças (cf Mt 5, 3-12; Lc 6, 20-23). A atitude básica é a de total serviço aos outros, até à morte (cf Mt 20, 25-28).

É um modo de viver que choca com outros, contrários, que incomoda. Talvez por isso, ou também por isso, é que Jesus teve de pagar com a própria vida o projecto que iniciara. Só que, a sua morte não foi o fim do projecto, mas tornou-se o seu verdadeiro fundamento. Foi na cruz que Ele realizou de modo definitivo o que antes anunciara: que "o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos" (Mc 10,45). A ressurreição veio-lhe dar razão. E o Espírito, o mesmo que O levara a dar a vida, apoderou-se dos seus discípulos, de tal modo que se tornou a alma das comunidades que eles formavam, a alma da Igreja.

Foi nelas, nas primeiras comunidades cristãs, que se encarnou mais ao vivo o projecto comunitário de Jesus. Embora separadas geograficamente, estavam unidas pela mesma fé em Cristo ressuscitado, que os apóstolos e outros ministros alimentavam. Formavam assim uma única Igreja. O seu modo ideal de viver é-nos apresentado nos Actos dos Apóstolos, a propósito da comunidade de Jerusalém: "Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um" (Act 2, 44-45). Uma partilha que ultrapassava as fronteiras de cada comunidade. S. Paulo incentiva as suas a fazerem o mesmo em relação à de Jerusalém (cf 2 Cor 8-9).

É nisto, portanto, que a Igreja se identifica: na unidade entre todos os seus membros e em todas as suas actividades. Uma unidade constituída pelas diferenças. Ou melhor, por Aquele que faz das diferenças, do que é próprio de cada um, um contributo para o bem de todos: o Deus da paz e do amor que, pelo Ressuscitado, a todos une pela acção do seu Espírito (cf 1 Cor 12-14).

### **3. O grupo de catequese: laboratório de comunidade**

Não há catequese sem comunidade. Em três sentidos complementares (cf CT 24):

1. A comunidade está na origem da catequese: faz parte da missão da Igreja anunciar Cristo e aprofundar a comunhão de fé naqueles que nele acreditam.
2. A comunidade é o lugar da catequese: se a Igreja vive de Cristo e Cristo está vivo na Igreja, é nesta que os catequizandos O podem encontrar, para d'Ele viverem.
3. A comunidade é o destino da catequese: é na Igreja e a partir dela que os crentes são chamados a pôr em prática a sua fé, e a serem mensageiros do Evangelho em que acreditam.

Nenhum catequista pode perder isto de vista. Ele não age apenas por iniciativa própria, mas como enviado da comunidade, membro da comunidade e construtor da comunidade.

E tudo isto numa união profunda com Cristo, pondo em prática o seu projecto de vida, vivendo e actuando à maneira de Cristo, o mesmo Cristo de quem vive e para quem vive toda a comunidade cristã.

Só assim ele estará em condições de fazer do seu grupo de catequese, um laboratório de comunidade. E que feliz será, se o conseguir.

## **OBJECTIVOS**

- Descobrir a importância da comunidade.
- Reconhecer em Jesus o centro da comunidade cristã.
- Ser testemunha de Cristo ressuscitado na comunidade cristã.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

No primeiro encontro, parte-se da experiência dos adolescentes, da sua vida em família. Esta reflexão, não sendo fácil, é de vital importância. Os adolescentes atravessam uma fase etária de difícil integração no seio familiar: contestam a autoridade dos pais e recusam, muitas vezes, ocupar o lugar que até então tinham na família. Devem, por isso, ser levados a constatar, por si próprios, que uma família só funciona, se cada elemento cumprir o seu papel.

Para aprofundar e alargar a experiência humana são propostas duas alternativas. Na primeira, convidam-se três ou quatro pessoas mais responsáveis e activas na vida da comunidade paroquial: se possível, membros, diversificados em idade e áreas de acção, do conselho pastoral, mas também pode ser o pároco ou um diácono. Que sejam pessoas bem informadas das actividades da paróquia e dêem testemunho do seu próprio empenho. Os adolescentes irão registando, em folha própria (Doc 1) as actividades e o seu resultado na vida da paróquia e fora dela.

Na segunda, os adolescentes são convidados a descobrir os serviços existentes na comunidade, através do jogo "Para fazermos comunidade, precisamos de...". À medida que o jogo se desenrola, o catequista vai afixando dísticos indicativos dos serviços necessários para uma verdadeira comunidade.

No segundo encontro, os adolescentes são levados a tomar consciência de como deve ser uma comunidade cristã, cujo centro é Jesus Cristo, e de que pessoas e serviços deve ser constituída. Cada adolescente é, ao mesmo tempo, convidado a descobrir o próprio carisma e a usá-lo ao serviço da comunidade, começando pelo grupo de catequese.

Nos dois encontros deve realçar-se o amor e a fraternidade, como específicos da vida comunitária.

## **MATERIAL**

- Doc. 1 (1ª alternativa);
- Marcadores (1ª alternativa);
- Caneta ou lápis;

- Fotografias alusivas às várias actividades da comunidade: catequese, liturgia, acção sócio-caritativa, grupos de oração e reflexão, grupo coral (2ª alternativa);
- Dísticos: Leitores; Acólitos; Zeladores; Ministros da Comunhão; Catequistas; Comissão Fabriqueira; Pároco; Jovens e crianças; Adultos; Cantores; Sacristão; Conferências Vicentinas; "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome Eu estarei no meio deles"; "Cristo: centro da comunidade";
- Fotografias que simbolizem a união.

## MÚSICAS

- Música calma de fundo (Experiência humana);
- "Como o Pai Me enviou" (Ir. Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição);
- "Tu és a água viva".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### 1º Encontro – A ALEGRIA DE VIVER EM COMUNIDADE

*(O encontro pode começar com a audição do cântico: "Como o Pai Me enviou".)*

Parece-vos que este cântico tem a ver com o tema da última catequese? *(Ouvir os adolescentes)*

Sim. O último encontro terminou com uma sugestão: irem ao encontro de quem está a passar por dificuldades, talvez a cair no desespero, para lhe levarem uma palavra de esperança, de ânimo. Alguém de vós o fez? *(Ouvir os adolescentes. Se sim, continuar)* Parece-vos que a vossa palavra lhes faz bem? E vós, que sentistes? *(Ouvir os adolescentes)*

Ora bem, não fui eu que vos enviei. Visto bem, foi Jesus que provocou em vós a decisão e a coragem, para serdes activamente sinais e obreiros de esperança. Foi ou não? *(Ouvir os adolescentes)*. Como o Pai O enviou, também Ele vos enviou.

Talvez isto tenha a ver com o tema da presente catequese. Veremos depois, se sim ou não.

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Antes disso, permitam-me que comece por vos fazer umas perguntas um pouco indiscretas. São sobre a vida familiar. Procurem responder às questões postas sobre isto no catecismo.
  - Como é constituída a vossa família?
  - Todos os membros da família têm as mesmas responsabilidades?
  - Para que a vossa família viva em paz e harmonia, que vos parece ser necessário?

*(Depois das respostas:)*

Agora falem um pouco do que escreveram; os que quiserem, é claro.

*(Durante 5 minutos ouvir os adolescentes, insistindo particularmente nas respostas à última questão).*

2. Sabem por que estamos a falar da família? Porque, sem ela, nenhum de nós existiria. Sem as famílias, em que é transmitida a vida, a sociedade acabaria. Para crescermos dum modo completo e equilibrado, precisamos daquilo que é próprio duma boa família: o amor, a doação ao outro e a compreensão entre todos os seus membros. Se algum destes aspectos falta, a família vive em crise e isso manifesta-se logo na vida pessoal de cada membro. De certeza conhecem casos desses. Além disso para uma família feliz, todos os membros têm que contribuir com a sua quota parte, desempenhar um papel. Não acham?

Mas, para uma vida equilibrada, não basta a família carnal. Se repararmos bem, todos estamos inseridos noutros grupos, desde os amigos, comunidade educativa, a nação. Precisamos de tudo isto. Ninguém consegue viver só por si. E quando estamos muito tempo sós, não nos sentimos bem.

É que o ser humano é, por natureza, social. Para ser feliz, tem de viver dos outros e para os outros. As próprias famílias, isoladas, não têm hipóteses de sobrevivência.

O que se passa na vida humana em geral, passa-se com muito mais razão na nossa vida cristã. Ninguém pode ser cristão, senão inserido numa comunidade. E aqui, repito, por muito mais razões. Iremos ver quais.

1ª

**Alternativa**

Para já, vamos ver como é constituída a nossa paróquia: primeiro as pessoas que dela fazem parte, sobretudo as que mais contribuem para a sua vida; depois as suas actividades principais.

Para isso, temos aqui, estes amigos (*dizer os nomes*) que convidei, para nos informarem e esclarecerem.

Agradecemos, desde já, a sua disponibilidade para estarem aqui.

Peço-lhes que respondam a duas perguntas:

1. Que actividade exercem na paróquia, e que outras actividades e serviços existem, para além dos seus?
2. Quais os resultados dessas actividades e serviços: naqueles que os realizam e na restante comunidade?

*(O catequista ou um dos adolescentes vai registando as respostas em folha própria – Doc.1. Convém que a entrevista não vá além dos 20 a 30 minutos. Se possível, os convidados devem ficar até ao fim do encontro.)*

2º

### Alternativa

Antes disso, e para lá chegarmos, proponho que comecemos por fazer uma espécie de jogo. Chama-se: “**Para fazermos comunidade precisamos de...**”

Ninguém pode ficar de fora. Todos têm de participar. As regras são estas: colocam-se em roda e eu vou comunicar ao ouvido de cada um, sem que os outros oiçam, um serviço ou uma actividade necessária para a vida da nossa paróquia.

Por favor, ninguém se esqueça do serviço que lhe calhou, senão o jogo falha.

Depois coloco-me no centro e, de lá, vou dizendo um dos serviços ou pessoas que calhou a cada um, com esta frase: “**Para fazermos comunidade precisamos de (um exemplo) leitores...**” Aquele ou aquelas a quem calhou o serviço nomeado, levantam-se dos lugares e dão um passo em frente. Com isso mostram disponibilidade para colaborarem na vida da comunidade.

A disponibilidade não tem que ser necessariamente no serviço que vos calhou. Para já, serve para vermos quais os serviços e actividades necessárias para uma boa comunidade cristã.

*(Antes de o catequista dar início ao jogo, pode colocar uma música de fundo suave, mas alegre).*

- Leitores;
- Acólitos;
- Zeladores;
- Ministros da Comunhão;
- Catequistas;
- Concelho económico paroquial (Comissão Fabriqueira);
- Concelho pastoral;
- Pároco;
- Grupos de Jovens;
- Grupos de reflexão e oração;
- Movimentos familiares;
- Cantores;
- Organistas;
- Sacristão;
- Visitadores de doentes e pobres;
- Outros serviços que existam na paróquia.

*(O catequista, depois de os mandar sentar, pode afixar fotografias representativas das várias funções de serviço existentes na comunidade cristã. Pode ainda perguntar se, além dos serviços nomeados, ainda há ou poderá haver mais algum.)*

3. *Qualquer que seja a alternativa escolhida, o encontro deve continuar do seguinte modo:*  
Como acabam de ver, uma comunidade cristã necessita de muitas pessoas que realizam os diferentes serviços e actividades de que vive a comunidade. E, mesmo outros cristãos que não têm ou ainda não têm tarefas especiais, mesmo esses são precisos. É parecido com o que acontece numa família: uma criança pequenina ou um velhinho pouco pode fazer pela família. Às vezes só dá trabalho. Mas não é por isso que deixa de ser precisa. Quanta alegria a gente não sente ao pé do irmão ou irmã mais novinho, ou junto do avô e da avó. Também na comunidade cristã todos são precisos; porque cada um, a seu jeito, pode contribuir pelo menos para a união fundamental, numa comunidade cristã.

*(O catequista pode afixar fotografias evocativas de união e de amor aos irmãos.)*

Nem nenhum de vós pode ficar de fora. Digam lá em que já contribuem para a vida da nossa paróquia ou podem vir a contribuir. *(Ouvir os adolescentes)*

Para nos convenceremos mesmo, de que todos somos precisos, convido-vos a ouvir o seguinte texto. Peça a quem o ler para os outros, que o faça devagar. O texto merece ser ouvido com atenção e reflectido. Chama-se "SE".

#### **PARA INTERIORIZAR**

*(Cada frase pode também ser lida por um adolescente diferente)*

Se a palavra disser: não é uma Palavra que fará uma página,  
... não haverá livro.

Se a pedra disser: não é com uma pedra que se erguerá uma parede,  
... não haverá casa.

Se a gota de água disser: não é com uma gota de água que se fará um rio  
... não haverá oceano.

Se o grão de trigo disser: não é com um grão de trigo que se semeará um campo,  
... jamais haverá seara.

Se o homem disser: não é um gesto de amor que pode salvar a Humanidade,  
... jamais haverá comunidade, na terra dos homens.

Não vos parece que é um "SE" para esquecer. É que **o todo** – o livro, a casa, o oceano, a seara, a comunidade – **é feito por muitas partes**. E, se eu ficar de fora, a comunidade é menos comunidade.

Mas será só esta a razão que me leva a dar o meu contributo? Na família e na sociedade humana, talvez. Mas numa comunidade cristã há ainda mais uma razão e de muito maior peso. Querem saber qual é? Peço que a tentem descobrir, até ao próximo encontro. Vou dar-vos uma pista: está no cântico com que começámos este encontro. Vamos cantá-lo outra vez, até mesmo para não se esquecerem da sua mensagem:

Cântico: "Com o Pai me enviou"

Cantem-no durante a semana, que de certeza hão-de descobrir a razão profunda que nos leva a contribuir activamente para a vida da comunidade cristã a que pertencemos. Bom trabalho!

## 2º Encontro – "ONDE ESTIVEREM DOIS OU TRÊS..."

*No quadro/placar podem estar afixados todos os dísticos, sobre os serviços do encontro anterior, mas com um espaço ao meio, para nele serem afixados os dois deste encontro. Este pode começar cântico: "Como o Pai me enviou".)*

Então conseguiram descobrir a razão profunda e especificamente cristã para, como cristãos, vivermos em comunidade e contribuirmos para ela? (*Ouvir os adolescentes*)

1. Mais uma vez, não ser eu a dizer se as vossas respostas estão certas. Prefiro que seja o próprio Deus, com a Sua Palavra, contida na Sagrada Escritura. Vamos ler algumas passagens do Novo Testamento que falam da Igreja. São três e a ordem em que vão ser lidas tem a sua importância. É com elas que deveis confrontar as vossas respostas.

### II. PALAVRA

2. O primeiro a falar-nos é o **próprio Jesus**. É importante que seja Ele o primeiro. Veremos depois porquê. Para já, reparem até que ponto as suas palavras se aplicam precisamente a nós aqui, neste grupo. Podem abrir a vossa Bíblia em **Mt 18, 19-20** e um de vós lê para os outros.

"Digo-vos ainda: Se dois de entre vós se unirem, na Terra, para pedir qualquer coisa, hão-de obtê-la de meu Pai que está no Céu. Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu **estou** no meio deles."

*(Mt 18, 19-20)*

Comecemos pelas últimas palavras, as do **versículo 20**: em que medida se aplicam ao vosso grupo? (*Ouvir os adolescentes*).



Nós até somos muito mais de dois ou três. E que **estamos aqui em nome de Jesus**, disso ninguém duvida: é Ele que nos atrai. Vimos para O ouvir, lhe falar, O termos mais na nossa vida. Portanto, é Ele e só Ele que aqui nos reúne. O mesmo sucede em ponto maior, com qualquer comunidade cristã. Os cristãos formam comunidade por causa de Jesus. É Ele que nos congrega.

*(O catequista afixar o dístico: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles.”)*

Para que Ele esteja ainda mais no meio de nós olhemos bem para a sua palavra.

*(Deixar contemplar. Depois, em silêncio, o catequista afixa o segundo dístico: “Cristo, centro da comunidade”)*

Agora é que o quadro está completo: **no centro** dos serviços constitutivos da comunidade está **Cristo**. Por isso a comunidade se chama cristã.

E agora podemos voltar às respostas sobre as razões que levam os cristãos a formar comunidade. Tem alguma coisa a ver com Aquele que está no centro?

*(Depois de ouvir os adolescentes, o catequista explicita:)*

O que é que faz com que os cristãos tenham necessariamente de viver em comunidade?  
O que é mais específico de Cristo? *(Ouvir os adolescentes)*

É o **Seu amor**. Não só nos mandou amarmo-nos uns aos outros, mas Ele próprio viveu até ao extremo esse amor: ao dar a vida por todos. Foi desse modo que Ele venceu a morte e tudo o que a ela conduz. É esse amor que mais nos conquista para Ele e nos salva do pecado e da morte.

Ora, se é esse amor que nos faz cristãos, se é dele que vivemos, então é impossível ser-se cristão sem os outros: sem os amarmos, sem contribuirmos para a vida, sem vivermos em comunidade. Se isso não acontecer, Jesus deixa de estar no meio de nós e em cada um de nós.

Ao contrário, quanto maior for a presença de Jesus em nós e no meio de nós, maior é a vitalidade da comunidade. Leiam o **versículo 19**. *(Deixar ler)*

Estão a ver o **poder da oração em comunidade**? Unidos a Jesus tudo o que pedirmos a Deus, seu Pai e nosso Pai, o obteremos. Mas não se esqueçam: unidos a Jesus. Como Jesus viveu e vive na maior união com seu Pai, então o Pai não pode deixar de nos ouvir.

Desde que a nossa **oração** seja como a **de Jesus**: a oração em que Ele se confia totalmente a Deus, **à sua vontade**. É assim que Deus passa a estar mais presente em

Jesus, com o que é próprio de Deus: o amor. O mesmo acontece connosco: ao rezarmos em união com Jesus, é Ele a rezar em nós e por meio de nós. E é então que o seu amor se apodera de nós. E tudo o que pedimos nos é concedido. Com o seu amor em nós, somos capazes até do que humanamente nos parece impossível. Tal é o poder da oração bem feita. É o maior canal, quando nos unimos à maior fonte de amor: o Deus de Jesus Cristo.

Não acham isto maravilhoso? Então, se estiverdes de acordo, podemos unir-nos já a esta fonte de amor e vida.

Proponho que cantemos o cântico "Tu és a água viva".

Procuremos concentrar-nos durante um breve silêncio.

E agora cantemos. *(Pode cantar-se o refrão e a 1ª estrofe. Se o cântico não for conhecido, pode ensaiar-se rapidamente ou ser simplesmente escutado. Pode ainda ser substituído por outro de teor semelhante).*

3. Depois desta oração sentimo-nos certamente mais comunidade com o centro em Jesus. Vamos ver outras características duma comunidade cristã? Para isso, convido-vos a abrir a Bíblia, agora nos Actos dos Apóstolos, o livro que melhor nos conta como viviam as primeiras comunidades cristãs. Começemos pela mais antiga: a de Jerusalém. Abram a Bíblia em **Act 4, 32-37**.

*(Um lê e os outros acompanham em silêncio)*

"A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum. Com grande poder, os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e uma grande graça operava em todos eles. Entre eles não havia ninguém necessitado, pois todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas, traziam o produto da venda e depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse. Assim, um levita cipriota, de nome José, a quem os Apóstolos chamaram Barnabé, isto é, «filho da consolação», possuía uma terra; vendeu-a e trouxe a importância, que depositou aos pés dos Apóstolos."

*(Act 4,32-37)*

Convido-vos a voltar a ler com atenção o texto e a responder às questões que se encontram no catecismo. Podem juntar-se dois a dois, para facilitar as respostas.

- Que características tinha esta primeira comunidade cristã?
- Encontrais algumas semelhanças com as nossas comunidades?

- Quais as principais diferenças?
- De onde vinha a força que mantinha unidos os cristãos?

*(O catequista durante ou no final do plenário vai realçando os seguintes aspectos:)*

- Os primeiros cristãos, num espírito de grande união, procuravam cumprir plenamente o Mandamento Novo e as Bem-aventuranças. Chegavam assim à **partilha completa dos bens**.
- Esta comunhão dos bens é **consequência da fé comum no Senhor**: o amor de Jesus Cristo levava-os a ter “um só coração e uma só alma”, de tal modo que “tudo era comum entre eles”. Mas despojar-se dos bens e distribuí-los pelos irmãos mais pobres é uma **decisão livre**. Nada no amor é imposto de fora. E, por isso, dá uma **enorme felicidade** a quem o faz. Partilhar a vida é fazer com que ela se torne mais vida: naqueles a quem a damos.
- É o que Jesus faz **hoje** nos cristãos. **É desta mesma partilha que vivem as comunidades cristãs**, principalmente durante certos tempos do ano litúrgico, em que se apela mais à **partilha dos bens**. E há mesmo cristãos que o fazem com a radicalidade dos primeiros cristãos: deixam tudo, para se dedicar ao serviço dos outros (por exemplo nas missões). Outros gastam tempo, energias e até alguns bens nos serviços que prestam à comunidade. Sem isso, não há verdadeiras comunidades cristãs: com Cristo a actuar no meio de nós.

*(Aqui pode-se ouvir e/ou cantar a 2ª estrofe do cântico “Tu és a água viva”)*

4. Mas, entre os primeiros cristãos, principalmente quando as comunidades cresceram, enfrentaram também dificuldades. Vamos escutar como surgiu uma delas e como os Apóstolos a resolveram. Abram a Bíblia em **Act 6, 1-6**. Quem se oferece para ler?

“Por esses dias, como o número de discípulos ia aumentando, houve queixas dos helenistas contra os hebreus, porque as suas viúvas eram esquecidas no serviço diário. Os Doze convocaram, então, a assembleia dos discípulos e disseram: «Não convém deixarmos a palavra de Deus, para servirmos às mesas. Irmãos, é melhor procurardes entre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria; confiar-lhes-emos essa tarefa. Quanto a nós, entregar-nos-emos assiduamente à oração e ao serviço da Palavra.» A proposta agradou a toda a assembleia e escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócuro, Nicanor, Timão, Parmenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Foram apresentados aos Apóstolos que, depois de orarem, lhes impuseram as mãos. A palavra de Deus ia-se espalhando cada vez mais; o número dos discípulos aumentava consideravelmente em Jerusalém, e grande número de sacerdotes obedeciam à Fé.”

*(Act 6, 1-6)*

Qual era o problema desta comunidade? (*Ouvir os adolescentes*)

Os **helenistas** eram um grupo de cristãos que tinham nascido e crescido fora da Palestina e que não falavam aramaico, mas apenas grego. Por isso, reuniam-se entre si, para as refeições em comum e, provavelmente, para a Eucaristia. Acontecia que muitos deles eram pobres, sobretudo as viúvas, e eram esquecidos pelos cristãos **hebreus**, isto é, os que falavam aramaico, e se reuniam entre si. Esta distração ou até desprezo (não sabemos) criou um **mal-estar** entre uma parte e a outra da comunidade.

Como resolveram os Doze o problema? (*Ouvir os adolescentes*)

Decidiram que os cristãos helenistas elessem uma direcção de sete homens, capazes de organizar e dirigir a vida comunitária deste grupo, nomeadamente na assistência aos mais pobres. Assim, foi surgindo um novo serviço ou ministério na Igreja: o dos **diáconos**, que têm, como missão primária, promover e orientar a ajuda aos mais desfavorecidos dentro e fora da comunidade cristã.

5. Além destes, formaram-se outros **ministérios e serviços**, ainda hoje em actividade nas nossas comunidades. (*O catequista pode apontar para os dísticos no quadro/placar*)  
Temos ministérios ordenados: bispos, presbíteros ou sacerdotes e diáconos (ordenados através da imposição das mãos); e ministérios não ordenados: catequistas, leitores, acólitos, ministros extraordinários da comunhão, etc.  
São pessoas que têm uma responsabilidade especial nas comunidades cristãs. Para isso preparavam-se, sobretudo pelo estudo e oração. É sobretudo através deles que Jesus se torna mais presente entre nós.  
Por isso, sentem-se também muito felizes. Quanto mais transmitimos Cristo aos outros, maior é o Seu amor em nós. E haverá coisa que nos possa fazer mais felizes?

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. São incontáveis os cristãos que, ao longo da história da Igreja, experimentaram essa felicidade. Hoje, a título de exemplo, vamos falar de um, que até falava português, como língua materna. Não é português. Mas é dum país em que o cristianismo chegou através de missionários portugueses: o Brasil. É o bispo D. Hélder Câmara:

#### D. Hélder Câmara

Hélder Pessoa Câmara nasceu na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, no dia 7 de Fevereiro de 1909. Desde criança, foi influenciado pelos padres lazaristas.

Fez a primeira comunhão aos oito anos de idade e aos catorze entrou no Seminário em Fortaleza, onde se formou em Filosofia e Teologia. Foi ordenado sacerdote, aos 22 anos de idade.

Depois, foi transferido para o Rio de Janeiro, onde trabalhou durante 28 anos. Fundou a chamada Cruzada de São Sebastião, o Banco da Providência e a Comunidade de Emaús, instituições todas elas destinadas a ajudar famílias pobres.

Aos 55 anos, foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife. Desempenhou, como representante da Igreja Católica, inúmeras funções, principalmente em organizações não governamentais, movimentos estudantis e operários, ligas comunitárias contra a fome e a miséria.

No final da década de 90, lançou oficialmente uma campanha a que chamou: «Ano 2000 Sem Miséria». Para ele, era conflagrador que, em vésperas do segundo milênio do nascimento de Jesus Cristo, milhares de pessoas ainda vivessem na miséria. No dia 27 de Agosto de 1999, calou a voz, para dar início à infinita caminhada para a verdadeira vida. Era assim como ele via a morte.

Era um homem que alimentava a sua fé em Deus e o seu empenho pelos pobres, com uma constante oração. A exemplo de Jesus.

E para nosso exemplo. Se queremos empenhar-nos na Igreja, como é nosso dever, precisamos de Deus, do amor e da coragem que Ele dá a quem Lhe reza. Podemos fazer assim: primeiro **cantamos “Como o Pai me enviou”**, e depois de, assim nos sentirmos enviados, **rezaremos as preces** que vêm no catecismo. Cada prece é dita por cada um de nós.

1. Para sermos sinal vivo da Tua acção neste mundo, dominado pelo consumismo, egoísmo e ateísmo:

**Todos – Ensina-nos, Senhor, a viver como Tu.**

2. Para que as nossas orações, sacrifícios e oferendas sejam do Teu agrado:

**Todos – Ensina-nos, Senhor, a viver como Tu.**

3. Para que o nosso modo de ser e de viver revele verdadeiramente o Teu rosto:

**Todos – Ensina-nos, Senhor, a viver como Tu.**

4. Para que saibamos responder solidariamente ao grito dos pobres e marginalizados, dos oprimidos e injustiçados:

**Todos – Ensina-nos, Senhor, a viver como Tu.**

5. Para que saibamos ser fermento que leve a uma verdadeira conversão:

**Todos – Ensina-nos, Senhor, a viver como Tu.**

6. Para sermos testemunhas vivas da Tua presença, entregando-nos ao serviço da nossa comunidade:

**Todos – Ensina-nos, Senhor, a viver como Tu.**

*(Pode-se terminar com o cântico: “Como o Pai me enviou” ou “Tu és a água viva”.)*

### ***Para guardar na memória e no coração***

**“«Eles punham tudo em comum» (Act 4,32); (...) O cristão é um administrador dos bens do Senhor” (CIC 952).**

2. Depois do que aprendemos e experimentámos neste encontro, não podemos sair, sem responder às duas perguntas que vêm no catecismo:

- 1) O que vai cada um fazer para se inserir mais na comunidade? Todos têm alguma coisa para dar. E para algo que nos faz felizes, temos sempre tempo. Portanto, há que descobrir as nossas qualidades, para as colocarmos ao serviço dos outros.
- 2) O que podemos fazer, individualmente e/ou como grupo, para melhorar a nossa comunidade, para que seja mais cristã?

*(No final:)*

Agora sim, com **as** vossas respostas, podemos cantar com mais convicção “Somos comunidade, alegria irmãos”.

Não se esqueçam de pôr em prática os vossos compromissos.

## **III – DOCUMENTOS**

### **DOCUMENTO 1**

#### **A FAMÍLIA OU COMUNIDADE PAROQUIAL**

*(Em folha suficientemente grande para, depois de afixada, poder ser lida por todos)*

<b>Actividades e serviços comunitários</b>	<b>Resultados na vida da comunidade</b>

### FILME

- “São Paulo, O Apóstolo Missionário” (Coleção “A Bíblia”, nº 18, duração 94m).  
Este filme mostra-nos como a fé na Ressurreição de Jesus é força transformadora que o faz partir para levar a sua Boa Nova a todos os homens. S.Paulo parte para a Ásia Menor, onde funda as primeiras comunidades cristãs, vive com elas, testemunhando Jesus ressuscitado e, ao deixá-las, escreve com alguma frequência para que a fé destas comunidades se fortaleça.

### ACTIVIDADES

- Descobrir os vários grupos que existem ao serviço da comunidade. Solicitar uma entrevista com os responsáveis, para descobrirem quais os dons necessários para se envolverem no projecto. Depois de falar com os vários responsáveis, reflectir sobre qual dos serviços despertou mais interesse, para mais tarde poderem fazer a sua opção no serviço aos outros.
- No caso de a comunidade ser pouco viva, e estar centrada no pároco, sem serviços a cargo de leigos empenhados, os adolescentes podem oferecer-se para colaborar nos serviços mais urgentes, dando início a uma verdadeira comunidade cristã.

Para conhecer os vários serviços, pode consultar-se o site [www.paroquias.org](http://www.paroquias.org), através de um motor de busca, colocar palavras-chaves que forneçam mais informação.

### OUTRAS MÚSICAS

- “Quanta alegria é para mim tua presença” (NCT 767);
- “Arrisca na vida”.

## A EUCARISTIA: FESTA DA VIDA

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. A perda de apreço pelo dominical

Num mundo cheio de tantas solicitações, a participação na Eucaristia dominical é facilmente substituída por outra actividade ou simplesmente por momentos de descanso. Uma tendência que se vem acentuando desde o século passado: foi-se perdendo o sentido de celebrar o Domingo como o Dia do Senhor, para passar a ser, apenas e quando muito, o dia em que a família se junta e realiza actividades em comum. Cada vez mais, pessoas que se dizem cristãs, ignoram a importância da participação na celebração eucarística. Há muitos pais que ainda levam os filhos à catequese, mas esquecem completamente a Eucaristia. E muitos dos que ainda participam, fazem-no por convicção, para nela participarem activamente, ou simplesmente para assistir? O que terá feito esquecer que a Eucaristia está no centro da vida da Igreja e, como tal, é imprescindível para a fé, a esperança e o amor de cada cristão, na sua vida pessoal e comunitária?

##### 2. Eucaristia fonte de vida e comunhão

O termo "Eucaristia", como designação da parte propriamente eucarística da celebração, aparece pelos anos 110-150, com S. Inácio de Antioquia e S. Justino.

No NT é denominada habitualmente "Fracção do Pão" e "Ceia ou Banquete do Senhor". Chamava-se "*Fracção do Pão*", porque este rito, próprio da refeição dos judeus, foi utilizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como chefe de família, sobretudo aquando da última Ceia; "*Banquete do Senhor*", porque se trata da *Ceia* que o Senhor tomou com os discípulos na véspera da sua Paixão e da antecipação do *banquete nupcial do Cordeiro* (Ap 19,9) na Jerusalém celeste" (CIC 1329).

Eucaristia, uma palavra originariamente grega, que significa "acção de graças". Na sua celebração a Igreja retoma sobretudo a acção de graças a Deus, que Jesus, como todo o judeu, proferiu nas suas refeições, especialmente a última Ceia. Só que aos motivos, pelos quais dá graças, a Igreja junta um novo, o maior: a oferta da vida que Jesus fez na sua morte e pela qual nos alcança a redenção definitiva.



É assim que a Igreja acolhe e torna presente esse acontecimento salvífico único: dando graças ao Deus, que por Cristo nos salva e santifica, e oferecendo-se por Ele, com Ele e n'Ele. Toda a acção de graças é motivada pela graça que a precede e consiste na oferta Àquele de quem se recebe a graça: no caso da Eucaristia é a oferta dos crentes, motivada pela oferta única de Jesus por todos. É deste modo que a celebração, como memorial, torna presente o acontecimento celebrado e permite a participação nele.

Para que seja eficaz fonte de vida, contribuem também os símbolos escolhidos: o pão e o vinho, como elementos integrantes de uma refeição, que, já a um nível meramente natural, é essencial à vida. Mas, porque o pão é o Corpo e o vinho é o Sangue do Senhor, a vida ou o Espírito que nos é comunicado vem de Deus a quem Ele se ofereceu e no qual Ele vive: a vida na sua plenitude trinitária.

Como tal, é uma vida sem limites: a comunhão com Deus leva necessariamente à comunhão entre os irmãos. "O cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que partimos não é a comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão"(1 Cor 10, 16-17).

De facto, é o Corpo do Senhor, na Eucaristia, que faz de todos os cristãos o Corpo do Senhor, a sua Igreja. Daí que não existe Igreja sem Eucaristia. Como ninguém pode ser cristão, se não for em Igreja.

### 3. Eucaristia na minha vida

Se a Eucaristia é fundamental para qualquer cristão, muito mais para um catequista. Ele não pode transmitir o que não tem, não pode ser testemunha de quem não conhece nem ama. Mas, para amar, precisa de ser amado e experimentar esse amor. Ora, não há maior prova de amor da parte de Cristo do que o dom da sua vida na sua morte por nós. E não há melhor meio para saborear esse amor e ser por Ele transformado do que o sacramento que, por excelência, o torna presente.

E quanto mais intensa e frequente for a minha participação na Eucaristia, mais a minha vida se torna uma permanente Eucaristia: uma graça para aqueles com quem a partilho, para, por sua vez, serem levados a dar graças a Deus pela graça que recebem de mim, ou melhor, de Cristo que vive e actua em mim. Mesmo que não veja nos catequizandos, frutos do trabalho que por eles faço. Não foi no fracasso da sua morte que Jesus fez a maior oferta da sua vida, para alcançar uma vida sem fim?!

### OBJECTIVOS

- Experimentar a alegria de festejar em grupo.
- Descobrir a Eucaristia como fonte de vida plena.
- Viver a Eucaristia na alegria do encontro com Cristo e os irmãos.
- Tomar consciência do próprio contributo para a edificação da comunidade eucarística.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Esta catequese tem uma estrutura diferente da maioria das outras. Todo o tema é dado logo no primeiro encontro. No segundo é preparada a celebração eucarística em que irá ser integrada a Festa da Vida.

Começa com uma reflexão sobre o significado de toda a festa, como arranque para a festa da Eucaristia. Nesse sentido o catequista começa por afixar a palavra FESTA. Ao concluir o diálogo junta a palavra VIDA. As duas palavras constituem uma espécie de título da catequese.

Para a descoberta dos elementos constitutivos duma festa que sejam um verdadeiro contributo para a vida, propõem-se duas alternativas. A primeira consiste numa simples chuva de ideias para completar a frase "Numa festa existe sempre...". As respostas podem ir sendo escritas por debaixo das palavras FESTA e VIDA. Na segunda alternativa, são distribuídas, por quatro grupos, as frases do Doc. 1, depois de cortadas pelas palavras que as compõem. Procure-se que as palavras duma frase não sejam misturadas com as de outra. Para isso, cada frase, depois de cortada, deve ser imediatamente metida num envelope. No final, também as frases reconstituídas podem ser afixadas por debaixo das palavras FESTA e VIDA.

Destas dinâmicas, parte-se para a descoberta do lugar central da Eucaristia na vida do cristão. Sendo, por um lado, fundamental à vida, a Eucaristia deve ser sempre uma festa. Por outro lado, toda a festa cristã tem de ter Eucaristia, para que seja um contributo para a vida, no seu sentido pleno. Para visualizar esta ideia, propõe-se que, ao fundo do quadro/placar, se afixe ou escreva a palavra EUCARISTIA.

Segue-se uma reflexão sobre o efeito vivificante da Eucaristia obtido pela participação no acontecimento salvífico nela celebrado: a morte e ressurreição de Cristo. A concluir propõe-se a afixação do seguinte dístico: "Comunhão dos filhos de Deus com o Senhor Jesus Cristo". A frase pode envolver todos os outros dísticos, do seguinte modo: do lado esquerdo e em sentido ascendente, coloca-se "Comunhão dos filhos de Deus", a ligar EUCARISTIA com FESTA VIDA; do lado direito e em sentido descendente, coloca-se "com o Senhor Jesus Cristo", a ligar FESTA VIDA com EUCARISTIA.

Depois disto, reflecte-se sobre esses efeitos na vida dos cristãos, chamando-se a atenção para os pontos referidos no centro do quadro.

Só no final se completa todo o quadro com o vocábulo "DA" a unir FESTA com VIDA.

## **MATERIAL**

- Palavras "FESTA" "DA" "VIDA" "EUCARISTIA", em letras maiúsculas e escritas separadamente. Irão sendo afixadas no decurso do encontro;
- Dístico: "Comunhão dos filhos de Deus com o Senhor Jesus Cristo";
- Cópias do Doc. 1;
- Caneta ou lápis.

## MÚSICAS

- "Jesus, és o alimento";
- "Disposto a partilhar".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### 1º Encontro – COMO É BOM ESTARMOS JUNTOS

No final do último encontro, prometeram contribuir mais para a vida em comunidade. Quem é que de vós fez alguma coisa nesse sentido? (*Ouvir os adolescentes*)

(*Se sim:*) Ainda bem. Além do mais, foi um bom exercício para esta catequese. Vai ser uma catequese para preparar uma festa, em que têm de participar.

(*O catequista afixa a palavra FESTA*)

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Alguns de vós já estão de certeza a pensar: "Isso das festas é cá connosco". Ou seja, nem é preciso perguntar se apreciam festas. Ou há alguém que não aprecie? (*Ouvir os adolescentes*)

Se houvesse (ou há) alguém que não dê nada pela festa, então teríamos (temos) de o convencer. De quê? De que as festas, além de boas, são mesmo necessárias. Isto é, são boas, por termos necessidade delas.

A pergunta que vos faço é esta: por que razões precisamos das festas? Em que é que elas contribuem para a nossa vida?

(*Ouvir os adolescentes. Depois de 3-4 minutos sintetizar:*)

- As festas são tempo de **descanso**: fundamental para recuperar as forças.
  - São ocasião de **convívio**: o ser humano é, por natureza, social.
  - Proporcionam **descontracção**: para não sucumbirmos ao stress e nervosismo.
  - Concluindo: sem festas, dificilmente há vida humana.
2. Estão de acordo? Nesse caso, temos de juntar à palavra festa uma outra: a palavra VIDA. (*O catequista escreve ou afixa a palavra a seguir a FESTA*).

Falta saber uma coisa: que é necessário para que haja festa?

1ª  
Alternativa

Por isso, proponho que façamos uma chuva não de água, mas de luzes? Ou seja, cada palavra que chover é como que uma luz, que ilumina, e contribui para a festa. Vamos fazer uma **chuva de ideias**, para completarmos a frase que vou afixar (ou escrever) por baixo das duas palavras já escritas. A frase é esta:

**Numa festa existe sempre...**

Atenção: Não bastam nem interessam tanto as coisas materiais. Além disso, tem de ser algo que as pessoas tenham no seu interior e exprimam durante a festa. Então vamos lá: em 5 minutos temos de compor a festa. Venham de lá as luzes, as ideias (*Ouvir os adolescentes*).

*(O catequista ou um dos adolescentes vai registando no placar. Se faltar alguma importante, juntem-se as que vêm no Doc. 1. Seja como for, as frases deste documento podem servir de síntese final.)*

2ª  
Alternativa

Para descobrirem vão dividir-se em quatro grupos. Cada grupo recebe um envelope em que estão uma série de palavras, mas separadas umas das outras. O trabalho de cada grupo consiste em juntá-las de modo a **formar uma frase com sentido e que tenha a ver com as palavras "Festa" e "Vida"**. Vamos ver qual é o grupo que consegue mais depressa.

*(Enquanto os grupos trabalham com o Doc. 1, o catequista afixa ou escreve por debaixo das palavras FESTA VIDA, a frase:)*

**"Numa festa existe sempre..."**

*(As frases reconstituídas pelos grupos vão sendo sucessivamente afixadas por baixo da frase referida, que assim será completada. No final, o catequista pode perguntar aos adolescentes se têm mais alguma coisa a juntar. Devem pelo menos concretizar as frases com alguns exemplos: acontecimentos que são motivo de festa, ou o que é necessário para haver comunicação e alegria.)*

3. *(Seja qual for a alternativa, o encontro continua como segue:)*

Neste trabalho, de certo modo já estamos em festa. Já estamos a sentir e a viver entre nós algumas das coisas necessárias para a festa: a alegria, a comunicação, a proximidade.

Mas, ainda há mais que fazer. Por exemplo ligar as duas palavras: FESTA e VIDA. Como as podemos ligar? Com um "E"? (*Ouvir os adolescentes*).

De facto podia ser: onde há festa, há vida; e uma vida em que, de vez em quando, não se faça festa, corre perigo de enfraquecer.

Por isso é que habitualmente festejamos acontecimentos que contribuem muito para a nossa vida ou a vida da nossa família, amigos ou conterrâneos.

## II. PALAVRA

1. Para nós cristãos, há um acontecimento único, o acontecimento que mais contribui para a vida de mais pessoas em todo o mundo. Qual é? (*Ouvir os adolescentes*)

A morte e a ressurreição de Cristo. O acontecimento que mais festejamos. Quando? (*Ouvir os adolescentes*). Sim, é na festa da Páscoa, que se prolonga por mais de 50 dias. Mas esse acontecimento é celebrado muito mais vezes durante o ano. Pensem lá um pouco!... (*Mesmo que os adolescentes acertem, o catequista, sem nada dizer, afixa ou escreve na parte inferior do placar a palavra: EUCARISTIA*)

2. A Eucaristia, ou missa, é a festa em que mais comemoramos a morte e ressurreição de Jesus. Tanto, que esse acontecimento se torna presente na própria celebração. Na Eucaristia podemos receber a vida de Cristo Ressuscitado.

Haverá algo na celebração que nos mostre isso mesmo?

Vejamos o que nos diz a parte central de uma das orações eucarísticas. O texto vem no catecismo. (*Leitura por dois adolescentes: um para narrador e outro para as palavras de Jesus; ou: um para as palavras sobre o pão e outro para as palavras sobre o cálice*).

“Quando chegou a hora  
em que ia ser glorificado por Vós, Pai Santo,  
tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.  
E durante a Ceia, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o  
e deu-o aos seus discípulos, dizendo:  
TOMAI, TODOS, E COMEI:  
ISTO É O MEU CORPO  
QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.

De igual modo,  
tomou o cálice com vinho,  
e, dando graças, deu-o aos seus discípulos, dizendo:  
TOMAI, TODOS, E BEBEI:

ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE,  
O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA,  
QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS,  
PARA REMISSÃO DOS PECADOS. FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.

*(da Anáfora IV)*

Vejam, então como é que por esta oração se torna presente o acontecimento salvífico da morte e ressurreição de Jesus. São pelo menos quatro os elementos que contribuem para isso:

1) **Primeiro, as palavras de Jesus.** Leiam-nas outra vez. *(Depois da leitura individual)*

“Corpo entregue por vós e sangue derramado por vós e por todos” – Onde é que Ele realmente realizou isto? *(Ouvir os adolescentes)*

Em plenitude foi na sua morte. E como é que classificam um acto destes, de total entrega da vida? Vejam o princípio do relato. *(Ouvir os adolescentes)*

É um acto de **amor** “até ao fim”, até ao **extremo** do dom da vida.

E por quem dá Ele a vida? *(Ouvir os adolescentes)*

**Por nós.** Sim, Jesus, na Eucaristia, dirige-se a nós.

E qual é o resultado desta oferta de amor? Vejam as palavras sobre o cálice... *(Ouvir os adolescentes)*

A remissão dos pecados. O amor gera amor: o amor de Cristo leva-nos a vencer o que nos separa de Deus e dos outros. Isto é maravilhoso, único! Como reagir perante uma tão grande oferta de amor, de vida? Como se reage na celebração? *(Ouvir os adolescentes)*

O sacerdote exclama: “Mistério da Fé!”. Só pela fé se entra neste mistério insondável de amor. E que respondemos nós?

Porque não cantarmos (ou recitarmos) esta exclamação?

Então olhem com os olhos do coração, para essas palavras de Jesus.

*(Depois de um breve momento de concentração pessoal, o catequista proclama, se possível, cantando:)*

- “Mistério da Fé!”
- Anunciamos Senhor a vossa morte!  
Proclamamos a vossa ressurreição!  
Vinde Senhor Jesus!

2) Segundo, o pão e o vinho. Porquê? *(Ouvir os adolescentes)*

Porque o pão e o vinho faziam e fazem parte duma refeição.

E não há festa, sem uma boa refeição.

E para que serve a refeição numa festa? *(Ouvir os adolescentes)*

Para unir os convivas: E porque é que a refeição **gera comunhão**?

*(Ouvir os adolescentes)*

Porque o alimento é fruto do trabalho de quem o produz. Quantas pessoas gastam a sua vida para obter o alimento! Por isso, **Jesus se serviu da refeição como expressão do amor com que deu a vida.**

E não foi uma refeição qualquer. Em que altura celebrou Ele a Última Ceia? *(Ouvir os adolescentes)*

**Na festa da Páscoa** em que deu a vida. Se, na refeição pascal, os judeus celebravam a libertação do Egipto, a partir de agora, com as palavras de Jesus, os cristãos passam a celebrar a libertação do pecado, obtida pela morte e ressurreição de Jesus.

**Jesus passa a ser o alimento que temos de comer**, para podermos viver.

Há um **cântico** em que dizemos isso mesmo. Vamos cantá-lo?

*(Depois de um breve silêncio de concentração:)*

"Jesus és alimento" (1ª estrofe e refrão).

3) O ministro da celebração. Por que razão só pode ser um sacerdote?

*(Ouvir os adolescentes)*

Porque Ele, pelo sacramento da Ordem, foi **consagrado** para isso. **Jesus passa a agir por meio dele**: das suas palavras e dos seus gestos.

Como fizeram os Apóstolos depois da morte e ressurreição de Jesus, os mesmos que com Ele haviam celebrado a Última Ceia. Agora são seus sucessores, os Bispos, que transmitem o mesmo poder aos sacerdotes.

Que missão maravilhosa! São os sacerdotes, ou melhor, Jesus através deles que nos **faz cantar**:

"És tu quem dá a vida,  
que não pode morrer:  
quem come a tua carne  
p'ra sempre há-de viver".

*(2ª estrofe de "Jesus, és o alimento").*

Falta saber de que modo tudo isto acontece.

4) **A acção de graças.** Encontram sinais disso no texto? (*Ouvir os adolescentes*)

**Jesus** "abençoou" o pão, e "deu graças" pelo vinho. É a mesma coisa, por palavras diferentes: "abençoar" significa "dizer bem". Isto é, diz-se bem de Deus pelo bem que Ele concede.

E quem lhe diz bem ou dá graças, confia-se a Ele. Jesus confiou-se totalmente a Deus na sua morte. Por isso Deus o ressuscitou.

Na celebração eucarística os cristãos dão graças a Deus pela graça tão maravilhosa do dom da vida de seu Filho Jesus Cristo. E na medida em que dão graças, estão em condições de receber tão grande graça.

Sabem como se diz acção de graças em grego, a língua em que foi escrito o Novo Testamento? (*Ouvir os adolescentes*)

**Eucaristia.** Tão importante é a acção de graças que acabou por ser um dos nomes mais usados para a celebração deste sacramento.

3. Visto isto, podemos completar o nosso quadro. Falta ligar a palavra FESTA à palavra VIDA. Para isso, temos primeiro que ligar a palavra EUCARISTIA às palavras FESTA e VIDA. Ligar com quê? Com palavras que resumam o que acabámos de reflectir. (*O catequista afixa do lado esquerdo e em sentido ascendente "Comunhão dos filhos de Deus"; do lado direito e em sentido descendente: "com o Senhor Jesus Cristo". Deixar contemplar e continuar:*)

Olhem agora para o que está escrito no meio, sobre o que é necessário para que a festa contribua para a nossa vida... De tudo o que lá está escrito, o que é que a Eucaristia mais nos dá, ou realiza em nós? (*Ouvir os adolescentes*)

Eu destacaria sobretudo os "**laços**" que unem as pessoas que festejam e a "**comunicação**" e "**alegria**". Sem comunicação, isto é, **comunhão**, não há verdadeira vida.

Ora bem, haverá maior fonte de comunhão do que aquela que Deus nos oferece por Seu Filho Jesus Cristo? É a comunhão com Deus que nos leva à comunhão de uns com os outros, a começar por aqueles que participam na mesma celebração.

Aliás, isso é posto em prática através dum gesto muito significativo. Qual é? (*Ouvir os adolescentes*).

É o **gesto da paz**: o gesto em que pomos em prática, uns com os outros, o que recebemos de Deus por meio de Jesus Cristo.

4. Finalmente podemos completar o quadro: unir FESTA com VIDA.

Tratando-se da EUCARISTIA, só pode ser a partícula DA (*o catequista escreve DA*). A Eucaristia é a maior festa da vida. Por isso todo o verdadeiro cristão tem de participar regularmente na Eucaristia. Participar e não apenas assistir. Não é só o padre que celebra. São todos. E quanto mais forem, mais viva e festiva é a celebração.



### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *(Se as condições o permitirem, aconselha-se a realizar a expressão de fé numa igreja: de preferência diante do sacrário; à falta deste, diante ou em volta do altar).*

**Cântico: "Jesus, és o alimento" (1ª estrofe)**

Corpo de Cristo,

gerado para nós, por Maria:

**Todos: A Ti louvor e glória para sempre.**

Corpo de Cristo,

sacrificado sobre a cruz:

**Todos: A Ti louvor e glória para sempre.**

Corpo de Cristo,

ressuscitado do sepulcro:

**Todos: A Ti louvor e glória para sempre.**

Corpo de Cristo,

oferecido por nós na Eucaristia:

**Todos: A Ti louvor e glória para sempre.**

**Cântico: "Jesus, és o alimento" (2ª estrofe)**

Sangue de Cristo,

preço da nossa libertação:

**Todos: A Ti louvor e glória para sempre.**

Sangue de Cristo,

selo da nova aliança:

**Todos: A Ti louvor e glória para sempre.**

Sangue de Cristo,

Bebida da vida eterna:

**Todos: A Ti louvor e glória para sempre.**

Sangue de Cristo,

Oferecido por nós na Eucaristia:

**Todos: A Ti louvor e glória para sempre.**

**Cântico: "Jesus, és o alimento" (5ª e 6ª estrofes)**

***Para guardar na memória e no coração***

**"Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós"**

**(Jo 6,53).**

2. Vem aí uma festa em que vamos estar directa e totalmente envolvidos. Não é por acaso que lhe chamamos "A Festa da Vida": é que ela vai ser celebrada dentro da Eucaristia.

Se a festa é nossa, temos de ser nós a prepará-la e depois a animá-la. Podem pedir a colaboração de outras pessoas. Eu sugiro os vossos pais, as pessoas que mais têm contribuído para a vossa vida. Para isso eles, ou algum deles, têm de vir ao próximo encontro. É nele que vamos preparar a celebração.

E não se esqueçam de ir já pensando nisso durante a semana. Quanto mais numerosas e mais interessantes forem as ideias, melhor será a festa.

### III – DOCUMENTOS

#### DOCUMENTO 1

*O catequista fotocopia este documento e deve recortar as palavras para as distribuir aos grupos. Ter cuidado para que as palavras das frases não se baralhem.*

**Um acontecimento que nos toca e queremos celebrar.**

**Um grupo de pessoas, unidas por laços de família, amizade, proximidade.**

**Gestos, acções, objectos que são significativos para o grupo.**

**Um ambiente em que haja e cresça a comunicação e a alegria.**

## **2º Encontro – EUCARISTIA FONTE DE VIDA E DE COMUNHÃO CELEBRAÇÃO DA FESTA DA VIDA**

### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Nesta altura e depois do último encontro, os adolescentes já têm uma noção do significado e da estrutura da celebração eucarística. A partir daí, devem ser estimulados a planear o que fazer, quem faz o quê, a quem consultar e com quem dialogar (sobretudo o presidente da celebração), para que, na celebração, não surjam imprevistos e nervosismo.

Embora se proponha aqui um guião, é de todo o interesse que seja o próprio grupo a criar o seu ou a adaptar este à sua realidade. Deste modo os adolescentes estarão muito mais empenhados, porque será fruto do seu trabalho. O ideal será que, na medida do possível, os pais colaborem na preparação e realização da celebração.

Ao catequista, como sempre, compete acompanhar o grupo, ir dando sugestões, dada a facilidade com que os adolescentes se distraem ou até desmotivam.

Para o início da celebração são propostas duas alternativas: ou optam por uma delas, ou então criam uma nova. Tenham porém o cuidado de respeitar o sentido, o ritmo e os objectivos da celebração.

### **MATERIAL**

Todo aquele que for combinado neste encontro. Para não haver falhas, aconselha-se a que o grupo chegue ao lugar da celebração algum tempo antes do início, para confirmar todos os pormenores.

### **CÂNTICOS**

Os cânticos também devem ser escolhidos pelo grupo, com a ajuda e as sugestões do grupo coral, se o houver, e do pároco ou presidente da celebração. É que nem todos os cânticos se adaptam às partes e ao tema dominante da celebração.

### **INÍCIO DA CELEBRAÇÃO DA FESTA DA VIDA**



*Antes de o Presidente fazer o sinal da cruz, a seguir ao beijo do altar, podem ser colocadas pelos adolescentes, nos quatro lados da cruz, as cruzes que lhes irão ser entregues. Ou então, a cruz poderá ser construída diante do povo, vindo quatro adolescentes com os quatro lados da cruz que serão encaixados progressivamente em quatro momentos diferentes.*

**P.** - Se fazes o sinal da cruz, fá-lo bem feito. Não seja um gesto acanhado e feito à pressa, cujo significado ninguém sabe interpretar. Mas seja uma autêntica cruz, lenta e ampla, da testa ao peito, dum ombro ao outro. Sentes como ela te envolve todo?

— *Colocar cruces na parte inferior da cruz (ou colocar a parte inferior da cruz)*

**Cântico:** "O Senhor ressuscitou verdadeiramente" (*só durante o tempo necessário para a realização do gesto indicado*)

**P.** - Recolhe-te bem. Concentra no teu sinal da cruz todos os teus pensamentos e afectos, à medida que o vais traçando da testa ao peito e dum ombro ao outro. Senti-la-ás então a penetrar-te todo, corpo e alma, a apoderar-se de ti, a consagrar-te, a santificar-te.

— *Colocar cruces na parte superior da cruz (ou colocar a parte superior da cruz)*

**Cântico:** "O Senhor, ressuscitou verdadeiramente" (*como atrás*)

**P.** - A Cruz é o sinal do Todo, o sinal da Redenção. Nosso Senhor remiu todos os homens na Sua cruz. Pela cruz, Ele santifica o homem todo até à última fibra do seu ser.

— *Colocar cruces no braço esquerdo da cruz (ou colocar o braço esquerdo da cruz)*

**Cântico:** "O Senhor, ressuscitou verdadeiramente" (*como atrás*)

**P.** - Fazemos o sinal da cruz antes da oração, para que nos prepare, recolha, e fixe em Deus o nosso pensamento, coração e vontade. Fazemos o sinal da cruz depois da oração, para que nos fortaleça e nos proteja, no perigo. Fazemos o sinal da cruz ao benzer-nos, para que a plenitude da vida divina penetre na alma, fecunde e consagre quanto nela há.

— *Colocar cruces na parte direita da cruz (ou encaixar o braço direito da cruz)*

**Cântico:** "O Senhor, ressuscitou verdadeiramente" (*como atrás*)

**P.** - Pensa nisto, sempre que fazes o sinal da cruz. É o sinal mais santo que existe. Fá-lo bem. Deixa-te envolver todo por ele, e tudo em ti ficará fortalecido, assinalado pela virtude de Cristo, em nome de Deus uno e trino.

*Inspirado em Romano Guardini,  
Sinais Sagrados, Ed. Franciscana, 21-22*

**P** – Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

**R.** Amen.

**P-** *Saudação Inicial*

**Admonição Inicial (Mãe):**

Que bela é a Cruz!

Do alto da Cruz, podemos contemplar a beleza do Amor de Deus, que nos amou e se entregou por nós.

Do Alto da Cruz, vemos brotar, do lado aberto de Jesus, água e sangue, as fontes da vida: o batismo, princípio de vida nova, e a Eucaristia, penhor de vida eterna.

Do alto da Cruz, vemos o Bom Pastor, que deu a vida por nós! Ele chama-nos a dar a vida pelos nossos irmãos.

**2ª**  
**Alternativa**

**Admonição de entrada** – (*Um ou dois adolescentes*)

Para termos vida, Cristo nasceu!

Para termos vida em abundância, Ele morreu!

E para acreditarmos na vida, Ele ressuscitou!

Senhor, há muito tempo que tento definir a vida.

Descobri que fica bem definida, se faço viver os meus irmãos.

Vida é alegria, é trabalho, é fé, esforço e caminho.

Vida é oásis e deserto, bonanças e tempestades.

Vida é encontro, és Tu, bom Jesus.

Viver é crescer e procurar crescer,

é encontrar-me Contigo, que dizes:

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”;

“quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á”.

Estamos nesta celebração para crescermos Contigo e em Ti, para celebrarmos a **FESTA DA VIDA**.

**Cântico de entrada:**

**Cortejo de entrada**

*A partir do fundo da igreja, à frente um catequista (ou acólito) conduz a cruz; segue outro com o Leccionário ou a Bíblia; depois, os adolescentes com velas próprias nas mãos, acesas e ligeiramente levantadas; por fim, o sacerdote, ladeado por dois acólitos.*

*Chegados ao cimo da igreja, os adolescentes formam um semicírculo em volta da cruz que fica ao centro, voltada para a assembleia. Permanecem nessa posição até ao hino do Glória. Durante o canto deste hino, a cruz é colocada em lugar de destaque, e os adolescentes pousam as velas em volta da cruz, retirando-se para os seus lugares, nos bancos da frente.*

**Qualquer que seja a alternativa, a celebração continua segundo o esquema normal.**

### **LITURGIA DA PALAVRA** (própria do dia)

1ª Leitura:

Salmo Responsorial:

2ª Leitura:

Aclamação ao Evangelho:

Evangelho:

Homilia

### **Bênção dos crucifixos**

*Um casal de pais traz a bandeja com os crucifixos para serem benzidos e coloca-se diante do celebrante.*

### **Sacerdote:**

Irmãos, ao procedermos à bênção solene destes crucifixos, veneremos com fé o eterno desígnio de Deus que fez do mistério da cruz o sinal admirável da misericórdia divina.

Sempre que olharmos para a cruz, recordemos que nela se consumou o mistério de amor com que Cristo amou a sua Igreja. Cristo suprimiu com o seu sangue toda a divisão entre os homens, unindo-nos num só povo: o Povo de Deus.

Sempre que veneramos a cruz, tomemos consciência de que somos e nos declaramos discípulos de Cristo e, tomando cada um a sua própria cruz, sigamo-Lo fiel e generosamente. Brilhe, pois, para nós o mistério da cruz com novo fulgor, e possamos assim sentir mais eficazmente o seu poder vivificante.

*Momento de silêncio.*

**Sacerdote:**

Oremos: Senhor, Pai Santo, que fizestes da Cruz do Vosso Filho a fonte de todas as bênçãos e a origem de todas as graças, olhai benignamente para nós, vossos servos, que apresentamos estes crucifixos, como sinal da nossa fé, e concedei-nos que, vivendo na terra sempre unidos ao mistério da paixão de Cristo, alcancemos no Céu as alegrias eternas da ressurreição.

Por Cristo Nosso Senhor.

R: Amen.

*O casal de pais coloca os crucifixos em lugar de destaque junto da cruz e das velas.*

**Credo:**

**Oração Universal** (*Propõe-se que seja construída pelo grupo. À falta dela, pode usar-se a seguinte:*)

**Sacerdote:** Irmãos, nesta Festa da Vida, apresentemos a Cristo, que por nós morreu e ressuscitou, as nossas súplicas por todos os homens, para que todos tenham a vida e a tenham em abundância, dizendo:

**Senhor, Vós sois a Vida!**

**Adolescente** - Pela Igreja universal,  
para que seja, em toda a parte, serva da Humanidade,  
Senhor, vós que sois a fonte da vida, nós Vos rezamos. R/...

**Adolescente** - Pelo Santo Padre, pelos nossos Bispos e pelos sacerdotes,  
para que não desfaleçam na sua missão  
de transmitir aos homens o Evangelho da salvação e da vida,  
Senhor, vós que sois a salvação e a Vida, nós Vos pedimos. R/...

**Adolescente** - Pelas pessoas que sofrem os horrores da violência e da guerra,  
pelas que são vítimas da fome e da injustiça,  
pelas que vivem sem eira nem beira,  
Senhor, vós que sois a luz da vida, nós Vos rezamos. R/...

**Adolescente** - Pela nossa Paróquia,  
para que seja cada vez mais uma comunidade viva,  
a testemunhar a fé, a viver o amor recíproco  
e a construir o Reino da fraternidade universal, no serviço dos irmãos,  
Senhor, vós que sois o pão da Vida, nós Vos rezamos. R/...

**Adolescente** - Pelas crianças e os adolescentes,  
que hoje celebramos a Festa da Vida,  
para que nos libertemos de todo o egoísmo  
e aprendamos que a vida só tem sentido quando nos dispusermos a amar,  
Senhor, vós que sois o caminho, a verdade e a Vida, nós Vos rezamos. R/...

**Adolescente** - Pelos nossos pais e irmãos, professores e catequistas,  
e por todos os que nos têm ajudado a descobrir o verdadeiro sentido da vida,  
para que Deus abençoe tanta generosidade, dedicação e espírito de serviço,  
Senhor, vós que sois a ressurreição e a vida, nós Vos rezamos. R/...

**Sacerdote:** Atendei, ó Pai, as preces que, como vossos filhos, com grande confiança, Vos dirigimos. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

### **Cortejo de Apresentação dos Dons**

*Caso seja oportuno, pode fazer-se a apresentação dos dons como segue. É aconselhável que esta proposta, ou outra construída pelo grupo, seja apresentada antecipadamente ao sacerdote que preside à celebração, para obter a sua aprovação e evitar desagradáveis desentendimentos na sua realização. Aconselha-se também que os dons sejam reduzidos e tenham a ver com a caminhada catequética do ano. Não se esqueça que o verdadeiro ofertório é feito durante a oração eucarística.*

### **Cântico de Ofertório:**

#### **CATECISMO**

Trazemos Senhor o catecismo que nos ajudou a compreender a vossa Palavra e a descobrir a grandeza e a beleza do vosso amor.

#### **CRUZ**

Trazemos Senhor a cruz que nós próprios construímos, em reconhecimento pelo vosso infinito amor por nós e em sinal de que queremos seguir pelos vossos caminhos, num serviço incondicional aos outros.

#### **PÃO e VINHO**

Trazemos Senhor o pão e o vinho, fruto do trabalho, nomeadamente dos nossos pais, para que se convertam para nós em fonte da Vida sem fim, que só em vós encontramos.

### **LITURGIA EUCARÍSTICA**

Prefácio: da S. Cruz



**Santo:**

Anáfora: a 4ª ou a 1ª das missas da reconciliação

**Cordeiro de Deus:**

**Cântico de Comunhão:** Eu sou o Caminho a Verdade e a Vida (AV 225)

**Acção de graças**

**Cântico:** "És, Senhor, minha força" (refrão e 1ª estrofe)

**Oração** (*por um adolescente*):

Obrigado, Senhor,  
Por me teres dado a vida  
E me teres ensinado e chamado a usá-la  
Como Tu fizeste com a tua  
Chamas-me todos os dias  
A ser Tua testemunha  
Na Igreja a que pertenço  
E no mundo em que vivo.  
Chamas-me todos os dias  
A viver com os outros e para os outros  
Na mesma entrega incondicional  
Em que Tu viveste e deste a vida por todos.  
Chamas-me todos os dias  
A ser mensageiro da tua Ressurreição,  
Nomeadamente para aqueles  
Que correm perigo de sucumbir  
Sob o peso doloroso da sua cruz.  
Tu, que vês a minha vida  
E conheces todo o meu ser,  
Ajuda-me a descobrir  
E a viver plenamente  
A minha vocação,  
Seguindo pelos teus caminhos, Senhor.

**Cântico:** És, Senhor, minha força (refrão e 2ª estrofe)

**Entrega dos Crucifixos**

*(Um catequista faz a chamada individual dos adolescentes. Estes, ao chegar junto do crucifixo, fazem uma inclinação em sinal de veneração.)*

**Sacerdote:** Recebe esta cruz, fonte de vida nova, e sê testemunha do amor ilimitado que Deus nos oferece em seu Filho, Jesus Cristo.

**Cada adolescente:** Cristo Vive! ALELUIA!

*Os adolescentes vão-se colocando em redor do altar, após receberem a cruz. No final, proclamam, em coro, o seu compromisso de vida.*

**COMPROMISSO** *(de preferência a redigir pelo grupo. À falta dele pode usar-se todo ou parte do texto seguinte:)*

Só vale a pena celebrar a Vida,  
quando lhe descobrimos os segredos.  
Vale a pena celebrar a Vida,  
quando fazemos mais do que existir.  
Esse é o grande perigo,  
o fracasso do coração humano:  
existir, sem viver!  
Como ser gaivota e não voar, ou cotovia e não cantar.

Vale a pena celebrar a Vida,  
quando sabemos que viver é renascer,  
viver é ter-se nas mãos e fazer-se sem descansos.  
Vale a pena celebrar a Vida,  
quando a saboreamos como dom a acolher  
de mangas arregaçadas, pés ao caminho e coração sorridente.  
Vale a pena celebrar a Vida,  
quando estamos dispostos a não lhe virar a cara,  
quando descobrimos que não se aprende sem sofrer  
e que a Vida é uma história que se constrói na perseverança do Amor  
que faz com que as dores de hoje sejam os partos de amanhã.

Vale a pena celebrar a Vida,  
quando o Deus da Vida não lhe é alheio,  
quando os dias que despertam e adormecem  
caminham de olhos erguidos para o Hoje Eterno de Deus,  
quando a certeza da Plenitude anima a luta da construção.

Vale a pena celebrar a Vida,  
porque cada vez que o fazemos,  
Deus faz festa connosco!  
Como fez com Jesus Cristo, seu Filho,  
que, na cruz da vida e na vida da cruz,  
Nos alcançou a verdadeira vida,  
a vida que celebramos e queremos viver.  
Para isso, nos confiamos a Ele  
com a cruz da nossa vida  
Para alcançarmos a vida sem fim.

**Bênção:** da Paixão do Senhor

**Cântico final:** "Vitória, Tu reinarás"

## “FAZEI VÓS TAMBÉM...”

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Um mundo à procura de redenção

Hoje em dia, para desgraça da nossa sociedade, a importância da pessoa mede-se ainda, não tanto pelo que é, como principalmente pelo que tem: pela categoria da sua casa, pela marca do carro, pelo saldo da conta bancária. Às vezes, o nosso mundo ocidental dá a impressão de ser um gigante em ciências, em técnicas e bens materiais, e um anão em maturidade humana, em valores éticos e qualidade moral. O que mais interessa a este tipo de sociedade, são: a eficácia técnica e o poder económico. O homem que a sociedade de consumo produz, vive tão obcecado pelo ter possessivo, que se torna um ser mais organizado e escravizante do que livre e libertador.

Felizmente, e em parte devido às desgraças e frustrações causadas por esse modo de viver, vai crescendo o número de pessoas à procura de novos caminhos. São sinais disso:

- a promoção de uma ética que respeita todos os valores necessários à vida;
- a sensibilidade cada vez mais viva pelos direitos humanos, pela dignidade da pessoa, pelos valores da liberdade e da justiça;
- o apreço pelos valores ecológicos, na defesa do ambiente;
- o desejo de paz e o empenho activo na sua construção.

Mas, não necessita o homem que procura esses caminhos, de um esteio que ultrapasse as suas capacidades meramente humanas? Não necessita ele de se abrir ao Transcendente, para encontrar e obter a verdadeira vida? Que podem e devem fazer os cristãos nesse sentido?

##### 2. A Missão da Igreja

João Paulo II sintetiza assim a missão da Igreja: “Ao anunciar e ao acolher o Evangelho na força do Espírito, a Igreja torna-se comunidade evangelizada e evangelizadora e,

precisamente por isso, faz-se serva dos homens" (ChL 36). Fazer-se serva dos homens, significa pôr-se ao seu serviço, a fim de neles promover a verdade integral.

Nesse sentido, vale a pena contemplar a cena do lava-pés que S. João situa na última Ceia de Jesus (Jo 13, 1-17). A introdução (vv. 1-3) leva-nos à véspera da Páscoa, a festa que permitia aos judeus participar na sua libertação do Egito, completada pela aliança no Sinai. Uma participação que os levava a lutar por uma libertação definitiva das opressões que sofria. Com a passagem deste mundo para o Pai e com o amor extremo que nela nos revela, Jesus realiza para sempre essa libertação e estabelece uma nova e eterna aliança. Tudo isso, porque o amor que o anima é o que Ele, como Filho, comunga com o Pai. E porque se sabe em comunhão com Deus, enfrenta essa hora única e decisiva com a serenidade e determinação próprias de quem ama: livremente. É esta liberdade que faz dele o libertador daquilo que mais oprime o homem: o pecado que o separa do Deus da vida.

Na lavagem dos pés, que se segue nos vv. 4-5, dá expressão simbólica a esse amor extremo e à sua eficácia libertadora. Lavar os pés, especialmente antes das refeições, era um rito habitual entre os judeus. Mas, só um escravo de origem pagã era obrigado a rebaixar-se assim. Da parte duma pessoa livre, e para mais Mestre e Senhor, era simplesmente impensável. Daí o choque que provoca, as interrogações que levanta, a explicação que pede.

Pedro rompe o silêncio e desencadeia a explicação da parte de Jesus: o gesto tem um significado, ao mesmo tempo, salvífico (vv. 7-11) e exemplar (vv. 12-15). O primeiro está na base do segundo.

Segundo os vv. 7-11, a purificação simbolizada com a lavagem dos pés, realiza-se realmente pela morte a que Jesus vai sujeitar-se: a morte na cruz, destinada também ela a escravos; a morte em que Ele, rebaixando-se assim, leva ao extremo o Seu amor e liberta do pecado quem se deixa conquistar e transformar por Ele. Hoje, fá-lo na sua Igreja, pelo banho baptismal e a reconciliação penitencial.

A transformação tem as consequências práticas expostas nos vv. 12-17: o que Jesus nos fez, é para se repetir entre nós. Só assim a Igreja vive aquilo que é: a comunidade cristã que nasceu da lavagem dos pés, do amor de Jesus na cruz. Um amor que exclui os critérios de precedência hierárquica, vigentes nas sociedades humanas. Aquele que, entre nós, é Mestre e Senhor, fez-Se nosso escravo pelo amor que nos tem.

É assim que a Igreja vive d'Ele e Ele vive nela. Damos do que recebemos, vivemos do que damos. Sim, só podemos viver, dando-nos como ele Se deu. E quanto mais damos, mais recebemos. Como Ele e com Ele. Um mistério de fé e de amor! O segredo da vida. Se é deste mistério da vida que a Igreja vive, não pode deixar de o transmitir e anunciar. E anuncia o Evangelho na medida em que vive dele: no amor de Deus em Jesus Cristo. Sempre foi assim, mas hoje muito mais. O anúncio do Evangelho é muito mais eficaz,

convicente, quando experimentado ao vivo, na vida de quem o anuncia, nas relações entre os cristãos. O Evangelho conquista na medida em que aparece encarnado na vida da Igreja. "Vede como eles se amam" – dizia-se dos cristãos no tempo de Tertuliano. Queira Deus que hoje aconteça o mesmo. Ele quer. O que talvez nos falta é escutá-l'O, contemplá-l'O, para que Ele tome posse de nós. Como aconteceu com seu Filho Jesus Cristo, sobretudo na hora em que, pelo dom da vida, passou a viver para sempre: em Deus e na Igreja, que somos nós.

### 3. Servidores da humanidade

O amor de Deus de que vivem os cristãos, não pode ficar encerrado nos limites da Igreja. Os seus membros devem amar-se uns aos outros, para se tornarem testemunhas desse amor no mundo: testemunhas pela prática. Falar de amor na medida em que o praticam, de serviço, na medida em que o realizam. Um amor sem fronteiras. Estabelecer fronteiras ao amor de Deus, seria limitar o próprio Deus. E um Deus limitado é um Deus excluído. Daí a universalidade da missão evangelizadora da Igreja. Cristo deu a vida por todos. A Igreja, em que Ele vive, está ao serviço de todos.

E a sociedade precisa desse serviço, desse Evangelho. É quase uma questão de vida ou de morte. Precisa urgentemente do valor da **partilha**, contra uma mentalidade materialista de tantos que se ajoelham diante dos ídolos mortíferos do dinheiro, do poder e da comodidade. Precisa do valor da **criatividade**, que desperte tanta gente da monotonia e da rotina em que vai adormecendo. Precisa do valor da **alegria**, para tantos desiludidos e tristes, sem força nem rumo para viver. Precisa do valor da **paz**, para que a violência, a tantos níveis, dê lugar à justiça, liberdade e fraternidade. Precisa do valor da **gratuidade**, que neutralize de vez o utilitarismo que tanto mina as relações humanas. E precisa sobretudo de **Deus**, para que tenha discernimento e coragem para optar por esses e tantos outros valores essenciais à vida. Só Ele, o Deus de Jesus Cristo, pode abrir o homem à dimensão do infinito, por que tanto aspira. Só n'Ele o homem será verdadeiramente homem.

### OBJECTIVOS

- Descobrir que a Igreja tem por vocação servir a humanidade.
- Reconhecer a presença activa de Cristo no serviço da Igreja.
- Em união com Cristo, viver ao serviço dos irmãos.

### OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Sendo a última catequese deste ano, propõe-se uma avaliação de todo o ano, na perspectiva do futuro cristão dos adolescentes, tendo em conta de que estão na fase da vida em que, a todos os níveis, se preocupam já com esse futuro. O importante é que a mensagem cristã que recebem, se manifesta ao vivo nas suas vidas. Participam assim na missão da Igreja: o serviço generoso e gratuito aos outros, como um dos modos mais eficazes de evangelização. Se Cristo veio para servir, a Igreja só vive d'Ele na medida em que serve. E é neste serviço

que os cristãos se sentem mais realizados, que a sua vida se torna vida naqueles a quem a dão.

No primeiro encontro, começa-se com uma avaliação da Festa da Vida, o ponto alto deste ano de catequese, e, a partir dela, é avaliado todo o percurso anterior. Segue-se um alargamento dos seus conhecimentos e experiências catequéticas à experiência de outros cristãos, que, a partir da sua fé em Cristo, se dedicaram ou dedicam ao serviço dos outros. Propõem-se duas alternativas. Na primeira é analisada a vida e obra de S. Vicente de Paulo (ver Doc.1). Pode escolher-se outra personagem com uma vida e acção semelhantes. O importante é que sejam cristãos, para que se torne claro que o cristão e a Igreja só mantêm a sua identidade, na medida em que neles actua Cristo. Na segunda alternativa, são convidados cristãos que tenham estado ou estejam envolvidos em actividades de serviço generoso e gratuito aos outros, de preferência a todos, mesmo a não cristãos: um jovem que tenha feito uma experiência missionária em países da missão; um visitador voluntário de presos ou doentes; um membro da conferência de S. Vicente de Paulo; um colaborador na ajuda aos sem-abrigo; um colaborador na reabilitação dos tóxico-dependentes, etc. Quer uma alternativa quer a outra devem abrir o caminho para Cristo, o maior servidor da humanidade, como enviado por Deus.

O segundo encontro apresenta o fundamento cristológico e teológico da missão de servir, própria da Igreja. Leva-se à contemplação da cena do Lava-Pés, que, no Evangelho de S. João, introduz o testamento de Jesus: simboliza a entrega da sua vida na cruz, o acontecimento que está na origem e base da missão da Igreja. Daí que ela não possa deixar de servir, alimentada pelo amor de Jesus.

Apresenta-se depois um exemplo significativo desse serviço generoso e gratuito: Paulo, no anúncio gratuito ao Evangelho. Porque o fundamento é Cristo é imprescindível a união permanente com Ele, nomeadamente através da oração. Por isso, no final, os adolescentes são convidados a rezar a oração de S. Francisco.

#### **MATERIAL**

- Cópias do Doc. 1 (1ª alternativa);
- Leitor de CD ou de cassetes;
- Pagelas com a Oração de S. Francisco, uma para cada adolescente (2º encontro);
- Cruzes recebidas na Festa da Vida (a trazer pelos adolescentes para o 2º encontro).

#### **MÚSICAS**

- "Deus precisa das tuas mãos";
- "Sereis minhas testemunhas" (Ir. Maria Amélia).

### 1º Encontro – UMA CAMINHADA AO SERVIÇO DOS OUTROS

Provavelmente já estão à espera do que vou propor: que façamos uma avaliação da Festa da Vida. Estiveram todos tão envolvidos, que não podemos passar sem falar nela. De acordo?

Então digam lá o que mais apreciaram e alguma coisa que vos parece ter sido menos boa.

*(Ouvir os adolescentes)*

E agora contem como reagiram as outras pessoas. *(Ouvir os adolescentes)*

Eu acho que valeu a pena: o esforço que fizeram na preparação e as vossas intervenções na celebração. Todos saíram de lá com mais vida: nós e as outras pessoas que lá estiveram. Vamos a ver quais os resultados para o vosso futuro. Sim, também é por esses resultados que se vai saber se a celebração foi mesmo uma Festa da Vida.

#### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. E o que fizemos sobre a Festa da Vida, podemos estender a todo este ano da catequese. Numa breve avaliação, digam rapidamente, o que vos pareceu melhor: quais os temas que mais vos agradaram e as actividades em que participaram com mais entusiasmo? *(Ouvir os adolescentes)*

Também aqui se põe a mesma pergunta: qual vai ser o resultado de tudo o que aprenderam e viveram para o vosso futuro? Eu sei que não podem responder. O futuro ainda está para vir. E tudo pode acontecer. A única coisa que podemos saber é aquilo que vós desejais que venha a acontecer. Mas, sobre isso, podemos falar mais tarde.

2. Antes, acho que será interessante sabermos o que se passou com outras pessoas que fizeram uma caminhada catequética semelhante à vossa. Talvez por essas pessoas possamos imaginar e até orientar-nos sobre o futuro da vossa vida, como cristãos.

1ª

**Alternativa**

Tem havido, ao longo da história do cristianismo, muitas pessoas que servem para nós de modelo: pelo bem que fizeram aos outros e pela felicidade que sentiram em fazê-lo. Muitas já as conhecem. Talvez daqui a pouco possam falar delas.

Agora, proponho que falemos de uma que viveu, vai para quatro séculos, mas que ainda hoje, continua a fazer muito bem.



Trata-se de **S. Vicente de Paulo**. Já ouviram falar dele? Se sim, o que é que sabem dele? (*Ouvir adolescentes*)

Ouçamos um resumo da história da sua vida.

(*Distribuir cópias do Doc. 1. Um adolescente pode fazer a leitura para os outros, que a seguem pela cópia que têm.*)

– Antes de mais, digam o que mais vos impressiona na vida deste homem. (*Ouvir adolescentes*)

– Ainda se lembram de quantos anos viveu ele? Podem consultar a sua biografia. (*Ouvir adolescentes*)

– Mas, vendo bem o que ele fez, parece-vos que só viveu 79 anos? (*Ouvir os adolescentes*)

De facto, ainda hoje, ele continua a fazer o que fez na parte mais importante da sua vida.

– Conhecem outras pessoas cuja vida foi tão grande, que continuam em acção depois da sua morte? De algumas até falámos durante este ano. Lembram-se? (*Ouvir os adolescentes*)

*Se parecer mais conveniente, pode subdividir-se o grupo em pequenos ou em binas. Neste caso, as três perguntas serão formuladas no documento com o texto:*

- *Que mais vos impressiona na vida deste homem? Porquê?*
- *A sua vida teve apenas a duração dos 79 anos que viveu neste mundo?*
- *Conhecem outros casos de pessoas que, no passado e no presente da história do cristianismo, se dedicaram ao serviço dos outros? Que fizeram concretamente?*

## 2º

### Alternativa

Para isso, convidei (*o nome da pessoa que vem dar testemunho*). Não só por aquilo que ele/ela vai contar, mas também por se disponibilizar a vir aqui, merece toda a nossa gratidão.

Para que a gente não se perca, proponho que a nossa conversa decorra do seguinte modo:

- Primeiro vamos ouvir o que (*nome*) tem feito e nos quer contar. (*Procure-se que o testemunho seja de acções e factos muito concretos*). Depois de ela falar, podem pedir-lhe esclarecimento sobre alguma coisa que não tenham entendido ou da qual queiram saber mais.

- Depois disso, podem perguntar quais os resultados da sua actividade, como é que encontra tempo para isso, que remuneração recebe, como é que surgiu a ideia e a vontade de fazer o que vai contar.
- E guardamos para o fim esta pergunta: o que é que o que ele/ela faz (ou fez) tem a ver com a sua condição de cristão. Mesmo que já antes tenha falado nisso, proponho que no fim repita e aprofunde o que disse.

*(No final, continua o diálogo com os adolescentes, na presença do convidado:)*

- Conhecem outros cristãos que se dedicam a actividades de serviço generoso e gratuito aos outros? Cristãos de hoje e do passado. De alguns até falámos em catequeses anteriores. *(Ouvir os adolescentes)*
- *(No caso de personagens do passado:)* E essas pessoas, parece-vos que elas continuam presentes no mundo de hoje? Pensem bem. Muitas delas não influenciaram outras pessoas a fazer o mesmo até hoje? *(Ouvir os adolescentes)*

3. *Qualquer que seja a alternativa escolhida, o encontro deve continuar do seguinte modo:*  
Ainda bem que conhecem muitos casos de cristãos que se dedicaram de alma e coração ao serviço generoso dos outros.

E não os conhecem todos, nem de longe. São humanamente incontáveis. Como são quase incontáveis os campos em que exercem o seu serviço. Tantas são as necessidades das pessoas.

Mas sabem por que vos perguntei se conheciéis outros casos? Por causa de duas outras perguntas que tenho para vos fazer.

- A primeira é esta: parece-vos possível alguém ser verdadeiramente cristão, sem se dedicar, de algum modo, ao serviço dos outros?
- A outra é esta: Este serviço de dedicação ao bem dos outros, terá ele a ver com o Evangelho da morte e ressurreição de Jesus Cristo?

Que vos parece? *(Repetir as perguntas e ouvir os adolescentes)*

Estão à espera que eu diga se as vossas respostas estão certas? Guardo a minha opinião para o próximo encontro. Mas deixo-vos uma dica. Vai neste cântico:

**“Deus precisa das tuas mãos”.** Ao cantá-lo reparem bem na letra.

#### **PARA INTERIORIZAR**

Deus precisa das tuas mãos

Deus precisa do teu olhar

Deus precisa da tua boca

Do teu coração para amar

Deus precisa de ti, amigo  
Deixa sonhos e ilusões  
Deixa as redes, vem comigo  
Pescador de corações

São muitas as mãos que não dão e maltratam  
Deus precisa das tuas mãos para repartir  
São muitas as mãos que separam e que matam  
Deus precisa das tuas para abençoar e unir

Há quem nada vê e há olhos chorando  
Deus precisa também dos teus olhos para guiar  
Há muitos olhares de ódio matando  
É preciso que os teus olhos saibam sorrir e brilhar.

Há tantas palavras que não são verdade  
É preciso que teus lábios queimem falando de Deus  
Há lábios amargos levando veneno e maldade  
Para bendizer e sorrir, Deus precisa do teus.

*(No final:)*

Sugiro-vos que o cantem muitas vezes durante a semana.

Ainda sugiro mais: cantem-no ao pé da cruz que recebestes na Festa da Vida.

E tragam as duas coisas para o próximo encontro: o cântico bem sabido e a cruz que cada um de vós recebeu.

Não se esqueçam: vamos precisar dessa cruz no próximo encontro.

*(Para que os adolescentes se não esqueçam, sugere-se que o catequista lhes mande uma mensagem durante a semana: ou por SMS ou, de preferência, por e-mail. Com este meio, além de lhes escrever sobre a cruz, pode enviar-lhes também as duas últimas perguntas sobre as quais reflectiram.)*

## **2º Encontro – A IGREJA SERVA DA HUMANIDADE**

*O encontro começa com o cântico: “Deus precisa das tuas mãos”.*

1. *(Se for o caso:)* Vejo que não se esqueceram do cântico. É sinal de que ele vos interessa. Não apenas a música, mas também a mensagem.  
A esse propósito: A quem é que o cântico é dirigido? Quem é esse “ti”? *(Ouvir os adolescentes)*

Então quer dizer que cada um de nós joga, com este cântico, dois papéis: o de quem diz e o de quem escuta. Isto é, escuta dos outros aquilo que diz, e diz a cada um dos outros aquilo que escuta. E ninguém fica de fora. A não ser que não cante. Bom, neste caso, pelo menos escuta. Mas, se depois não diz pode ser sinal de que não escuta. Espero que todos digam aquilo que escutam.

## II. PALAVRA

Com isto, já estamos a entrar nas duas questões que vos coloquei no final do último encontro: 1º - Se alguém é verdadeiramente cristão, sem se dedicar, de algum modo, ao serviço dos outros? 2º - Se o serviço aos outros tem a ver com o Evangelho da morte e ressurreição de Cristo?

Prometi que hoje diria a minha opinião sobre as vossas respostas. Aqui está ela. Vamos escutá-la directamente do próprio Jesus.

2. É dada por Ele durante a Última Ceia com os discípulos, depois de um gesto muito significativo. Já o conheceis, mas faz bem escutá-lo de novo. Até porque, sendo na Última Ceia, tem um valor acrescido: o de um testamento que todos nós, seus discípulos, temos de respeitar e cumprir. Vamos ouvir.

Podem abrir as vossas Bíblias em **Jo 13, 1-17**. Sugiro que ponham a vossa cruz na página ao lado daquela que vai ser lida. Vão ver que isso pode ajudar a compreender melhor a mensagem do texto. *(A leitura pode ser feita por três: narrador, Jesus e Pedro)*

“Antes da Festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seres que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo.

O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Escariotes, a decisão de o entregar.

Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.

Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?» Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois.» Disse-lhe Pedro: «Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!» Replicou-lhe Jesus: «Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo.» Disse-lhe, então, Simão Pedro: «Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!» Respondeu-lhe Jesus: «Quem tomou banho não precisa de lavar senão os pés, pois está todo limpo. E vós estais limpos, mas não todos.» Ele bem sabia quem o ia entregar; por isso é que lhe disse: ‘Nem todos estais limpos’.

Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes: «Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me 'o Mestre' e 'o Senhor', e dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia. Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática».

(Jo 13, 1-17)

Começemos por reflectir sobre o gesto da lavagem dos pés aos discípulos. Por que razão é que eles ficaram tão surpreendidos e até chocados? De tal maneira que S. Pedro queria impedir Jesus? (*Ouvir os adolescentes*)

De facto, era um trabalho humilhante. Entre os judeus, só escravos pagãos eram obrigados a lavar os pés aos patrões. Outras pessoas só por um grande amor. Sendo um superior para com um inferior, então era um **amor que ultrapassava todos os limites**: de alguém que tudo faz pela pessoa que ama.

Seria o caso de Jesus? Leiam o versículo 1 (*Ouvir os adolescentes*) Sim, logo no princípio: **Jesus amou os seus até ao extremo**. Para verem que extremo era esse leiam a resposta de Jesus a Pedro. Primeiro no versículo 7... Quando será esse "depois". Agora no versículo 8. Porque diz Jesus "terás", no futuro? (*Ouvir os adolescentes*)

De facto, Jesus refere-se à **sua morte na cruz**. Também ela estava reservada sobretudo para escravos. Jesus morreu como um escravo: na morte tornou-se propriedade daqueles pelos quais deu a vida. A maior prova de amor. Foi aí que Ele amou até ao extremo. Quem se deixa conquistar por tão grande amor, nesse dá-se uma autêntica lavagem: a de tudo o que mais suja e corrompe: o pecado, que nos separa de Deus e dos outros. **Jesus morreu pelos pecados da humanidade**. Em dois sentidos: foi vítima dos pecados, da maldade dos homens, e deu a vida para os libertar dessa maldade, dos seus pecados.

**É o amor que mais poder tem para mudar as pessoas**. Quem se deixa conquistar por ele, passa a viver dele e nele. Por isso é que Jesus diz a Pedro: "Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo". Na medida em que Pedro se deixa transformar pelo amor de Jesus, é que ele passa a pertencer-Lhe definitivamente.

E que acontece com aqueles que ficam a pertencer-Lhe? Leiam a partir do versículo 12. Quem quer ler? (*Deixar ler e ouvir os adolescentes*)

Devemos lavar os pés uns aos outros. **Devemos amar-nos uns aos outros à medida de Jesus**. Só assim somos seus discípulos. O cristão que não ame os outros, num

serviço generoso sacrificando-se por eles, está a fazer o contrário daquilo que o faz cristão.

E que acontece com aqueles que de facto se dedicam aos outros? Ou então, voltando à pergunta que vos fiz: que tem o serviço desprendido aos outros a ver com o anúncio do Evangelho da morte e ressurreição de Cristo?

3. Vejamos um caso concreto: o da uma pessoa que foi totalmente conquistada e transformada pelo amor extremo de Jesus. Foi **S. Paulo**. A partir da sua conversão dedicou-se totalmente a anunciar que Jesus morreu por todos e ressuscitou para uma vida sem fim. É a maior Boa Nova que se pode ouvir. O interessante era o modo como o fazia. Ou melhor, um dos modos.

Para vermos, podemos abrir a Bíblia no capítulo em 1 Cor 9, 15-23. Antes desses versículos, fala do direito que tinha em ser remunerado pelo seu trabalho missionário. Só que ele renuncia radicalmente a esse direito. Nada quer receber de recompensa pelo anúncio do Evangelho. Por que razão? Vamos então ler 1 Cor 9, 15-23.

*(Um adolescente lê em alta voz, os outros acompanham pelas suas Bíblias)*

“Eu, porém, não me aproveitei de nenhum desses direitos, nem tão pouco estou a escrever para os reclamar. Preferiria antes morrer do que... Ninguém me poderá privar deste título de glória. Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar! Se o fizesse por iniciativa própria, mereceria recompensa; mas, não sendo de maneira espontânea, é um encargo que me está confiado. Qual é, portanto, a minha recompensa? É que, pregando o Evangelho, eu faço-o gratuitamente, sem me fazer valer dos direitos que o seu anúncio me confere.

De facto, embora livre em relação a todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número. Fiz-me judeu com os judeus, para ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse sujeito à Lei – embora não estivesse sob a Lei – para ganhar os que estão sujeitos à Lei; com os que vivem sem a Lei, fiz-me como um sem Lei – embora eu não viva sem a lei de Deus, porque tenho a lei de Cristo – para ganhar os que vivem sem a Lei. Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo. E tudo faço por causa do Evangelho, para dele me tornar participante.”

(1 Cor 9, 15-23)

Então qual é a razão que leva S. Paulo a renunciar a qualquer recompensa material pelo anúncio do Evangelho? A resposta é dada em primeiro lugar nos **versículos 15-18**. (*Ouvir os adolescentes*)

**O anúncio do Evangelho é para ele uma necessidade** tão grande, que não depende da recompensa que poderia receber. Isto é, depois de conhecer Jesus Cristo Ressuscitado ficou tão possuído por Ele que não podia deixar de O anunciar.

É como, por exemplo, um pai que ama o filho. O seu amor não está dependente de qualquer recompensa do filho. O amor faz parte de ser pai. **Se não amar, na prática, deixa de ser pai.** Assim Paulo: ficou de tal modo dominado por Jesus, que se não o anunciasse, deixaria de ser Apóstolo, perderia a sua razão de viver. Daí que Ele O anuncie gratuitamente.

Mas ele junta uma segunda razão nos **versículos 19-23**. Leiam-nos outra vez.

**Paulo anuncia o maior acto de amor de Jesus:** o amor com que se deu todo por aqueles que ama. Ora bem, se é este acontecimento de amor, que Paulo anuncia, tem de o fazer **em conformidade com o que anuncia**. Isto é, também ele faz tudo por todos: entrega-se com o mesmo amor de Jesus. Ou melhor ainda, é Jesus que nele, o seu Apóstolo, se entrega. Assim, **o Evangelho aparece ao vivo na vida do Apóstolo**. No modo como o faz, está a participar no Evangelho.

Portanto, o serviço gratuito aos outros tem o seu fundamento n'Aquele que é anunciado no Evangelho. E isso significa que **um dos modos mais convincentes e eficazes de anunciar o Evangelho é servir os outros**. Em muitos casos, vale mais do que as palavras que se dizem. Ou, ao contrário: quando se prega, e se vive de modo contrário àquilo que se prega, então o modo como se vive é uma negação do que se diz. Conhecem casos em que isso aconteceu? (*Ouvir os adolescentes*).

Desejo que isso não aconteça convosco. Para vosso bem.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Só há um caminho para que este amor de Cristo se apodere de nós e se manifeste no serviço generoso e gratuito aos outros.

Foi o caminho seguido por tantos cristãos, ao longo da história do cristianismo, e é o mesmo ainda hoje. É de Cristo que eles recebem a coragem para servir pela escuta e acolhimento da sua Palavra, pela celebração do seu amor. Também nós temos procurado fazer o mesmo durante este ano da catequese que culminou com a Festa da Vida. A cruz que então recebeste e hoje tendes convosco é um sinal visível do amor de Cristo. O amor que vós certamente quereis viver. Senão, não teríeis aceitado a cruz.

Vamos pegar, cada um, na sua cruz. E, com ela numa das mãos, proponho que lhe rezemos a oração que está numa pagela que vou distribuir por cada um de vós.

*(Depois de distribuir a pagela com a oração de S. Francisco:)*

Rezemos essa bela oração.

Antes de começarmos, voltemos a cantar o cântico **“Deus precisa das tuas mãos”**.

### **Oração de S. Francisco**

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver ofensa que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;

Onde houver dúvida, que eu leve a fé;

Onde houver erro, que eu leve a verdade;

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei com que eu procure mais  
consolar, que ser consolado;

Compreender, que ser compreendido;

Amar, que ser amado.

Pois é dando, que se recebe;

É perdoando, que se é perdoado;

E é morrendo, que se vive  
para a vida eterna.

*(A concluir a oração pode cantar-se: “Sereis minhas testemunhas”)*

### *Para guardar na memória e no coração*

**“Não há nada de mais belo do que ser abençoado, surpreendido pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar aos outros a amizade com Ele” (Bento XVI, SC 84).**

2. Têm a oração numa pagela, para a levarem para casa e a rezarem muitas vezes. Podem colocá-la, lá em vossa casa, num lugar de relevo, para se não esquecerem de a rezar. Talvez junto à cruz.

Rezem-na, para que sejam todos os dias servidores. Para fazerem a todos o que Ele nos fez e continua a fazer. Assim, sereis felizes e fareis felizes muita gente: pessoas que, através de vós, do bem que lhes fazeis, hão-de descobrir Cristo e a beleza do serviço aos outros.



## DOCUMENTO 1

## S. VICENTE DE PAULO

A Igreja sempre procurou estar atenta aos pobres e humildes do povo. Nesta sua missão, destaca-se a figura de S. Vicente de Paulo. Vicente nasceu numa humilde família cristã de Poni, na Gasconha (França), em 1581. Por ser tão pobre, teve de trabalhar, como pastor, até aos 15 anos. Foi então que conseguiu partir para Dax e depois para Toulouse, onde fez os seus estudos.

No ano de 1600 é ordenado sacerdote e sonha para si, com muita ambição, uma carreira brilhante. Depois dos primeiros trabalhos, em 1607 é-lhe entregue um serviço de diplomacia e, em 1612, é nomeado pároco de Clichy, com o encargo de preceptor dos filhos da família Gondi, um general das galés, antigos barcos movidos a remos.

Foi então que Vicente descobriu a grande miséria material e espiritual que existia, não só entre os condenados às galés, mas também em grande número de famílias e nas muitas crianças que, abandonadas, vagueavam pelas ruas. Isso leva-o a uma mudança radical na sua vida: passa a dedicar pouquíssimo tempo aos livros e entrega-se completamente ao acompanhamento e assistência dos condenados a remar nas galés e ao serviço dos pobres, criando para isso as chamadas "confrarias da caridade". Isto é, começou a envolver outras pessoas no mesmo serviço. Ainda com o mesmo objectivo, fundou em 1625 a Sociedade dos Padres da Missão, mais conhecidos por Lazaristas, e em 1633, as "Filhas da Caridade", comumente chamadas "Irmãs de S. Vicente de Paulo". A sua missão é servir Jesus na pessoa dos pobres.

Pelo que fez e levou a fazer, é um magnífico exemplo de amor aos irmãos mais pobres: pela fundação de hospitais, de seminários para missionários, de orfanatos, de obras de assistência aos países devastados pelas guerras e aos condenados à prisão.

Vicente de Paulo morre em 1660, mas o seu testemunho continua tão actual como então, fascinando cristãos e não cristãos. A sua obra continua viva: disso são testemunhas quer os Padres Lazaristas e as Filhas da Caridade, quer os muitos membros das Conferências de S. Vicente de Paulo, hoje espalhadas por todo o mundo.

# REUNIÕES DE PAIS E FAMILIARES

(PROPOSTA)

## 1. Acolhimento:

- A sala deve estar preparada;
- É bom que haja alguns catequistas a receber os familiares, logo à chegada;
- Pode cantar-se uma canção, distribuindo a letra ou projectando-a.

## 2. Introdução à reunião:

- Saudação inicial;
- Para que estamos aqui? (Objectivos)
- Como vamos organizar a reunião?
- Apresentação dos participantes (se for oportuna).

## 3. Apresentação do tema:

- Com recurso a audiovisual ou a um esquema fotocopiado;
- Diálogo sobre o tema ou trabalho de grupos;
- Plenário ou resumo com as principais conclusões.

## 4. Encontro com os catequistas:

- Se necessário, fazer a apresentação de cada um;
- Dialogar sobre o grupo (como é que se pode ajudar no crescimento da fé);
- Se houver casos delicados, falar em particular (ex. no final).

## 5. Conclusões

Se for o caso, pode-se ainda voltar ao grande grupo:

- Agradecer a presença;
- Avaliar a reunião, pode ser com esquema (ficha);
- Avisar a próxima, se for o caso;
- Terminar com uma oração ou um cântico.

## MÚSICAS

### Catequese 1: O diálogo - condição de relação

#### **DEIXA DEUS ENTRAR**

*Letra e Música: Ir. M<sup>a</sup> Amélia*

**Deixa Deus entrar na tua própria casa  
Deixa-te tocar pela Sua graça  
Dentro em segredo reza-lhe sem medo:  
Senhor, senhor, que queres que eu faça?**

Só no fundo do ser eu vou encontrar  
As razões de viver, as razões de amar  
É bem dentro de nós que está a raiz  
Que nos faz amar e ser feliz

#### **Refrão**

Tanta coisa me impede de O escutar  
Me desvia da meta que me propus  
Vou ter a recompensa de O deixar entrar  
Vou seguir o clarão da sua luz

#### **Refrão**

Vou consentir que o seu olhar de amor  
Se fixe em mim e eu me deixe olhar  
Eu vou-me abrir num acto livre ao Senhor  
**Eu vou ser de Deus, vou deixá-LO entrar**

#### **SOU QUEM ÉS**

*Letra: Jorge Castela*

*Música: Tozé Silva, Curi, Banda Jota*

**Vou, contigo vou  
Sem Ti não sei quem sou  
Quem és?  
Sou, contigo sou quem sou  
Não vês?**

Se eu sou a Luz, a Verdade e a Vida  
Porque é que tu temes seguir o meu caminho?  
Se perdes tempo a olhar como se estivesses sozinho no mundo,  
perdido, sem sentido  
força, aguenta, e de seguida pensa em Mim, no que somos  
no que Sou, quem és

Se eu sou o Sal, a luz de todo o mundo  
Se sou a salvação, ressurreição,  
sai desse poço sem fundo  
Acredita, espera, não desespera  
A vida é uma quimera  
Vamos juntos, dá-Me a mão  
Pensa em Mim, no que somos,  
no que Sou, quem és  
Sou conTigo sou  
Em Ti eu sei quem sou  
Não vês?  
É, conTigo, sou quem és.

## **Catequese 2: Eu e a criação**

### **DEUS É CRIADOR**

*Letra e música: Vítor Pereira*

Quem criou a vida e o universo?  
Quem criou o cosmos e as galáxias?  
Quem criou os dias e as noites?  
Quem criou a terra e o mar?  
É impossível não O ver...

Quem criou os prados e as sementes?  
Quem criou o sol e a lua?  
Quem criou todas as estrelas?  
Quem criou toda a criatura?  
É impossível não O ver...

**Mas eu tenho a certeza que Deus é o Criador (bis)  
E que revela aos homens seu amor**

Quem criou os pássaros e os bosques?  
Quem criou os peixes do mar?  
Quem criou os répteis e as feras?  
E todos os restantes animais?  
É impossível não O ver...

Quem criou o homem e a mulher  
e os fez à sua imagem e semelhança?  
Quem os abençoou e os fez fecundos?  
Quem lhe deu o poder de amar?  
É impossível não O ver...

### **LOUVADO SEJAS**

*Letra e música: Domenico Macchetta*

#### **Louvado sejas, ó meu Senhor! (4 vezes)**

Nós queremos louvar-te em todo o tempo  
Pela lua, o sol e as estrelas  
E por todas as tuas criaturas  
que há no mundo e são tão belas.

Pela terra que a todos nos sustenta  
Pelos frutos, as árvores e as flores  
Pelo dia, com sol ou em tormenta  
Nós cantamos os teus louvores.

Pelos lares que vivem tão unidos  
E são fonte fecunda do teu povo  
Pelos jovens que lutam com pujança  
Para termos um mundo novo.

Por aqueles que sofrem a injustiça  
Na certeza de que haja liberdade  
Pelos homens lançados na aventura  
de semearem felicidade.

E por todos os homens que há na terra  
Por aqueles que nascem cada dia  
Por aqueles que morrem na esperança  
De viverem a tua alegria.

#### **Catequese 3: Recebeste, dá!**

### **CRISTO QUER A TUA AJUDA PARA AMAR**

*Letra e música: C. Gabarain*

Cristo quer a tua ajuda para amar, para amar  
Cristo quer a tua ajuda para amar

**Não te importes da raça nem da cor da pele,  
Ama a todos como irmão e faz o bem. (bis)**

Ao que sofre e ao triste dá-lhe amor, dá-lhe amor  
Ao humilde e ao pobre dá-lhe amor.

Ao que vive a teu lado dá-lhe amor, dá-lhe amor  
Ao que vem de outra terra dá-lhe amor.

Ao que fala outra língua dá-lhe amor, dá-lhe amor  
Ao que pensa diferente dá-lhe amor.

Ao amigo de sempre dá-lhe amor, dá-lhe amor  
E ao que não te saúda dá-lhe amor.

### **NÃO SOU DIGNO**

*Letra e música: Glenda Hernández*

**Não sou digno de que entres na minha casa. (4x)**

Basta uma palavra Tua e eu serei salvo. (4x)  
Basta o Teu sopro de amor e eu terei vida (4 x).

**Não sou digno de que entres na minha casa. (4x)**

Lança-me o teu olhar e eu poderei ver ...(4x)  
Dá-me um sorriso teu e eu farei rir ... (4x)

**Não sou digno de que entres na minha casa. (4x)**

Dá-me apenas uma carícia e eu acariciarei. (4x)

Senhor tu conheces-me, tu conheces a minha vida, tu sabes q não mereço q venhas a mim,  
mas diz-me apenas uma palavra e eu serei salva!

**Não sou digno de que entres na minha casa. (4x)**

Diz-me apenas uma palavra e isso bastará (4x)

### **Catequese 4: Jesus, salvador da Humanidade**

#### **JUNTOS PARA SONHAR**

*Letra e Música: Araguês*

**Juntos para sonhar novas imensidades,  
Juntos para cantar ritmos de um novo amor.**

Juntos olhamos a vida,  
juntos ao amanhecer  
juntos formamos a espiga do novo dia que vai nascer.

Juntos erguemos a taça, cheia até ao cimo  
juntos bebemos estrelas  
com novos brindes à juventude.

Juntos marchamos unidos, como esquadrão de amor  
juntos construímos na forja  
a paz de um mundo novo e melhor.

Juntos lançamos o olhar sobre o espelho de Deus  
juntos sentimos a terra,  
enquanto canta: "Deus é amor!"

### **PAI NOSSO**

*Letra: Liturgia*

*Música: Tarcizio Moraes*

Pai-Nosso que estais nos céus  
Santificado seja o vosso nome  
Venha a nós o vosso reino  
Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu  
O pão nosso de cada dia nos dai hoje, nos dai hoje  
Perdoai-nos as nossas ofensas  
Assim como nós perdoamos  
A quem nos tenha ofendido  
E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.  
Ámen.

### **Catequese 5: Natal: relação e partilha**

#### **PREPARAI O CAMINHO DO SENHOR**

*Letra e música: Teodoro Sousa*

Jesus vem, nascerá pr'a todos nós  
Preparai o caminho do Senhor  
Para sempre connosco vai ficar  
Preparai o caminho do Senhor

**Vem, Senhor, vem até nós  
Faz-nos ouvir a Tua voz**

Em Belém, numa gruta muito pobre  
Preparai o Caminho do Senhor  
Vai nascer quem é rico de amor  
Preparai o caminho do Senhor

Nossa vida precisa de mudar  
Preparai o caminho do Senhor

Não sabemos amar como Jesus  
Preparai o caminho do Senhor

João Baptista, Maria e José  
Preparai o caminho do Senhor  
Todo o povo esperou Jesus  
Preparai o caminho do Senhor

Nós também esperamos o Senhor  
Preparai o caminho do Senhor  
A alegria e a paz ele nos vem dar  
Preparai o caminho do Senhor

### **VINDE, SENHOR, NÃO TARDEIS**

*Letra e música: F. Borda*

**Vinde, Senhor, não tardeis  
E dai-nos a vossa luz.  
Deus conosco, Rei de Paz, Oh! Vinde, Senhor Jesus**

Eis a voz que proclama no deserto:  
Preparai os caminhos do Senhor  
Levantai a cabeça que está perto  
De Israel e Judá o Salvador  
Brotará de Jessé um ramo novo  
De Sião o Senhor virá reinar  
Ele vem pr'a salvar a todo o povo  
Despertaí, que o seu dia está a chegar.

Despertemos do sono, que o Messias  
Como orvalho das nuvens vai descer  
Anunciam de sempre as Profecias  
Que da Virgem Maria irá nascer.

### **HINO DIOCESANO JMJ**

*Letra: Tolentino Mendonça Música: Nuno Figueiredo*

Queres saber de que cor  
São os sonhos de Deus  
Volta a olhar o mundo  
Pela primeira vez

**Pois o verbo de Deus  
Acampou entre nós (bis)**

Queres saber o lugar  
Da morada de Deus



Volta a olhar o Homem  
Pela primeira vez

Queres saber o segredo  
Do coração de Deus  
Volta a olhar o amor  
Pela Primeira vez

### **ALELUIA – JÁ NASCEU**

*Letra: Desconhecido*

*Música: Mendelsohn*

Aleluia, já nasceu  
Jesus da Virgem Maria  
Exultemos de alegria  
ante o prodígio do Céu

**Glória a Deus o Salvador  
Aos homens se manifesta  
Tudo se inunda de festa  
Ante o prodígio de amor.**

Cumpriram-se as profecias  
dos inspirados videntes  
vamos todos reverentes  
ao presépio do Messias

Está Jesus em Belém  
numas palhinhas deitado  
Vela o menino adorado  
a terna e cândida Mãe.

### **Catequese 6: Jesus Cristo: luz do mundo**

#### **SOMOS CIDADÃOS DO MUNDO**

*Letra e Música: Desconhecido*

Somos cidadãos do mundo  
Que necessita do voo de uma pomba  
Que necessita de corações abertos  
Que está sedento de uma água nova!

**Por isso estamos aqui  
Comigo podes contar  
Deixarei as minhas malas ao lado  
Para poder ter abertas as mãos  
E o coração cheio de sol!**

Somos cidadãos do mundo  
Que clama dia e noite liberdade  
Que permanece envolvido nas trevas  
Da fome, do ódio e da guerra

Somos cidadãos do mundo  
Que foi criado como casa de todos  
Como lar de uma grande família  
Onde todos vivamos em paz

### **ÉS ESPERANÇA**

*Letra e música: Félix Jiménez Marques*

Talvez penses  
É demais, isto não é para mim  
Mas há gente que está a lutar  
e que confia em ti  
Não os defraudes, és uma esperança  
és o fermento na massa  
Foste chamado a viver em liberdade  
libertado para amar

**O mundo espera profetas  
Testemunhas da verdade  
Que sejam luz para os homens  
E construtores de paz  
Não temas que não estás só  
E quem te chama está em ti  
Caminha sempre ao teu lado  
Por isso lança-te a viver**

Nunca duvides  
é preciso coragem, acreditar  
perde o medo passa p'rá outra margem para ser fiel  
não fiques parado a olhar o céu  
tu és o sal da terra  
Ele te convoca a partilhar um ideal  
entrega a vida aos irmãos

### **Catequese 7: Jesus (só?) de Nazaré**

#### **É JESUS**

*Letra e música: DR – J. Rocha Monteiro*

É Jesus  
a caminhar sobre o mar  
Ele dá-me a mão, não me deixa pecar

É Jesus

Que mandou lançar as redes:  
Meu Senhor n'Ele viverei!

É Jesus

A dar vista aos que não vêem  
A abrir meus olhos  
Aos caminhos da fé  
É Jesus a curar o paralítico:  
Meu Senhor n'Ele viverei!

É Jesus

A pregar sobre a montanha  
Feliz serei

Se viver o amor

É Jesus

Enviado pelo Pai:  
Meu Senhor, n'Ele viverei!

É Jesus

Que só procurou servir  
E me mostrou

O caminho a seguir

É Jesus

A luz que ilumina o mundo:  
Meu Senhor, n'Ele viverei!

É Jesus

Rei da Vida e da Morte

É a minha herança,

Minha glória é servi-LO.

É Jesus

O pastor que me conduz:

Meu Senhor, n'Ele viverei!

### **CREIO EM JESUS**

*Letra e Música: C. Erdozain*

Creio em Jesus, creio em Jesus

É meu amigo, minha alegria

É meu amor!

Creio em Jesus, creio em Jesus,

é o meu salvador!

Ajudou o doente

e trouxe-lhe a felicidade;

Defendeu o humilde

combateu a mentira e o mal.

Dia e noite – Creio em Jesus!  
Está a meu lado – Creio em Jesus!  
Creio na Palavra – Creio em Jesus!  
Dou por Ele a vida – Creio em Jesus!  
É MEU SALVADOR!

Ensinou o Zaqueu  
a partir os seus bens com os pobres  
Louvou a viúva, porque deu quanto podia dar.  
Aleluia - Creio em Jesus!  
Ele é o Messias – Creio em Jesus!  
É a minha esperança - Creio em Jesus!  
Vive sempre – Creio em Jesus!  
É MEU SALVADOR!

### **TORNAR DEUS VISÍVELL**

*Letra e Música: Paulo Costa*

Conhecemos o Salvador  
Porque a Palavra foi semente  
Que guiada pela Fé  
Nunca deixou de crescer

Aprendemos a Sua história  
Porque alguém O anunciou  
Inspirado pelo Espírito  
Proclamou o que ouviu

Como poderá Deus ser visto  
Se não o tornamos visível?  
Como poderá ser ouvido  
Se não O fizermos ouvir?  
Vivamos com alegria  
Aquilo em que acreditamos  
Cantemos a uma só voz  
A Sua bondade infinita  
Levemos a toda a gente  
A Sua mensagem de Amor

Tantos são os que não sabem  
Deste Deus que é redentor  
Como poderão acreditar  
Se não formos ao seu encontro?

Sejamos agora nós profetas  
Da Palavra que é caminho  
Cristo é quem nos envia  
E nos chama a partir.

## Catequese 8: A opção de Jesus

### **DEUS É FIEL**

*Letra e música: Miguel Horácio*

Fiel  
Deus é fiel  
Para cumprir o que prometeu (bis)

Suas palavras são verdade  
Não te deixes enganar  
Meus Deus é fiel, sempre fiel

Fiel, sempre fiel.

## Catequese 9: Senhor, ensina-nos a rezar

### **O AUXÍLIO VIRÁ DO SENHOR**

*Letra e Música: Taizé*

O auxílio virá do Senhor,  
Do Senhor, o nosso Deus  
Que fez o Céu e a terra,  
O céu e a terra.

### **O SENHOR É A MINHA FORÇA**

*Letra e Música: Taizé*

O Senhor é a minha força  
Ao Senhor o meu canto  
Ele é o nosso salvador  
N'Ele confio e nada temo  
N'Ele confio e nada temo

Confiarei e não temerei  
Porque a minha força  
E o meu canto é o Senhor  
Ele é o meu Salvador

Tirareis água com alegria  
Das fontes da Salvação  
Dai graças ao Senhor,  
Invocai o Seu nome.

Eu te amo, Senhor, minha força  
Minha fortaleza.  
És minha rocha, abrigo refúgio,  
Meu Salvador.

## **Catequese 10: Dá-te e viverás**

### **O SENHOR É A MINHA FORÇA**

*(ver Catequese 9)*

### **NÓS TE SEGUIREMOS**

*J. R. Monteiro*

*Música para a Catequese 8º (Edições Salesianas)*

O Senhor te chama:  
Tempo de saudade.  
Na sua barca grande  
Voga a humanidade.  
Vou remar conTigo  
Vou remar ConTigo!  
Nós Te seguiremos, Jesus de Nazaré.  
ConTigo iremos, conTigo iremos.  
Longe na outra margem  
Há jovens que acenam,  
Jovens que não sonham,  
Sua fé perderam.  
No rio da vida  
Nossa barca avança.  
Cresce a vocação  
Num sonho de esperança!

## **Catequese 11: Páscoa: da morte à vida**

### **VOU FALAR-TE DE UM AMIGO**

Letra e música: Ir. M<sup>a</sup> Amélia

**Tu que gostas que te falem sem palavras com a vida  
Uma vida que é de facto aquilo que mais seduz  
Vou falar-te de um amigo que é também teu amigo  
Jovem lindo como tu e é Jesus!**

Precisou de trinta anos pr'a preparar a missão  
e seu dia foi viver como filho, como irmão  
e ao fim de todo este tempo partiu qual aventureiro  
proclamando a liberdade foi a paz do mundo inteiro.

Se quisesse tinha feito tudo só, porque podia  
De homens simples precisou, livremente os escolhia  
Foi bem longe Sua entrega e amor para contigo  
E foi sempre o "mais pobre" o cativou como amigo.

Se afinardes o ouvido, uma coisa escutais:  
"Todos irão conhecer que sois meus se vos amais."  
Dos mais débeis e mais fracos Ele foi o defensor  
Os "perdidos" junto d'Ele encontraram o amor!

### **Catequese 12: Cristo, nossa esperança**

#### **VEM, SENHOR JESUS**

*Letra e Música: Glenda Hernández*

Vem Senhor Jesus, porque sem Ti já não há paisagem!  
Vem Senhor Jesus, porque sem Ti não há melodias.  
Vem Senhor Jesus, porque sem Ti não encontro paz em nada,  
sem Ti os meus olhos não brilham...  
A vida é coisa pouca, sem Ti, sem Ti, sem Ti, sem Ti, a vida é coisa pouca!  
Vem Senhor Jesus, depressa à minha vida, depressa Senhor, depressa!  
Porque sem Ti eu não quero a vida, já não canto com alma,  
já minhas mãos não servem, e nem escuto quem sofre,  
não abraço com força, o meu coração não se abre, meu sorriso não é pleno!  
Tudo sem Ti nada vale a pena, porque sem Ti já nada me preenche,  
porque sem Ti tudo soa vazio, sem Ti tudo me deixa tristeza!  
Porque sem Ti já não respiro fundo, porque sem Ti tudo me cansa,  
porque sem Ti me falta tudo e me sobra tudo, tudo sem Ti, sem Ti...  
Vem Senhor Jesus, depressa à minha vida, depressa Senhor, depressa!  
Porque sem Ti não me importa o irmão, não me importa o que sofre,  
porque sem Ti, meu coração é de pedra, a quem tudo resvala,  
acostumado aos pobres, acomodado em casa, sem apostar na vida, sem gastá-la por nada,  
sem gastá-la por nada...  
Vem Senhor Jesus, depressa à minha vida, depressa Senhor, depressa...!  
Uh! Uh! Uh! Uh!

#### **É TEMPO DE SER ESPERANÇA**

*Letra e música: Pe. Zezinho*

Sou apenas mais um cidadão  
Que acredita no amor,  
E quem crê, por favor,  
Não disfarce a esperança que tem.  
Quem não crê  
Tem a minha amizade e respeito também,  
Eu, porém, acredito em Jesus  
A quem chamo Senhor.

**É tempo de ser esperança,  
É tempo de comunicar,  
É tempo de ser testemunha de Deus,  
Neste mundo que não sabe amar.**

Neste mundo que faz da matéria  
Seu Deus e seu fim,  
Quem tem fé, por favor, não se omita  
Fingindo não ter.  
Quem não tem, por favor,  
Nunca deixe a matéria vencer,  
Eu, porém, acredito que o Reino de Deus  
Vive em mim.

### **UM RASGO DE LUZ**

*Letra e música: Paulo Costa*

Tanta gente ainda sofre  
Gente que não pode viver  
Esquecida pr'a sempre  
Pr'a mundo que vive a correr

Gente que vive com medo  
Sozinha na sua dor  
Que não tem ninguém  
Que não conhece o Amor

Mas há um rasgo de luz, na palavra do Senhor  
Há o homem novo, que um dia nos disse assim:

Vós sois o sal da terra  
Essência que purifica  
Sóis o sol que brilha  
Nova luz para um novo mundo

E tanta gente indiferente  
Ao homem que passa cansado  
Ele precisa de ajuda  
Mas ninguém fica a seu lado

Gente que perdeu sua alma  
No enredo da ambição  
Que perdeu um amigo  
Pr'a ganhar um tostão

### **Catequese 13: Ele está no meio de nós**

#### **TU ÉS A ÁGUA VIVA**

*CD – Água Viva (Edições Salesianas)*

Manifesta a Tua Santidade em mim,  
toma-me de entre a minha dispersão!



Recolhe-me de onde me perdi  
e enche-me de novo o coração!

TU ÉS A ÁGUA VIVA! TU ÉS A ÁGUA PURA!  
INUNDA-ME, INUNDA-ME  
E TUDO SE TRANSFORMARÁ EM MIM! (bis)

A minha terra se abrirá à Tua chuva,  
as minhas pedras não farão mal a ninguém,  
meus montes serão caminho para todos.  
Meu pasto abundante cura será,  
Para todo o que coma de mim,  
e eu serei a terra que emana leite e mel.

*Refrão*

Dar-me-ás umas entranhas novas, as minhas pedras não  
farão mal a ninguém, só acariciarão!...  
Infunde o Teu Espírito em mim, Senhor,  
e faz que se apaixone por mim!  
Que queira fazer morada em mim e assim eu tenha sabor a, Ti...  
Então habitarei a terra que é minha,  
e eu serei o T eu Povo e tu serás meu Deus!

*Refrão*

**Catequese 14: Eucaristia: festa da vida**

**DISPOSTO A PARTILHAR**

*Letra: Pe. José Fernando*

*Música: Pe . Marcos Alvim*

Neste encontro contigo  
Minha vida Te ofereço  
Como semente de trigo  
Frágil e vacilante  
mas pronta a renovar

Hoje, Senhor, ao pé de Ti  
Não quero mais senão  
Entregar-Te a minha vida (bis)

Uma caminho eu percorro  
Buscando Tua verdade  
Como videira a germinar  
Ousada e aventureira  
Disposta a partilhar

## Catequese 15: Fazei vós também

### **DEUS PRECISA DAS TUAS MÃOS**

Deus precisa das tuas mãos  
Deus precisa do teu olhar  
Deus precisa da tua boca  
Do teu coração para amar  
Deus precisa de ti, amigo  
Deixa sonhos e ilusões  
Deixa as redes, vem comigo  
Pescador de corações

São muitas as mãos que não dão e maltratam  
Deus precisa das tuas mãos para repartir  
São muitas as mãos que separam e que matam  
Deus precisa das tuas para abençoar e unir

Há quem nada vê e há olhos chorando  
Deus precisa também dos teus olhos para guiar  
Há muitos olhares de ódio matando  
É preciso que os teus olhos saibam sorrir e brilhar.

Há tantas palavras que não são verdade  
É preciso que teus lábios queimem falando de Deus  
Há lábios amargos levando veneno e maldade  
Para bendizer e sorrir, Deus precisa do teus.

### **SEREIS MINHAS TESTEMUNHAS**

*Letra e Música: Ir. Maria Amélia*

**Sede minhas testemunhas e parti  
Espalhai a boa nova com ardor  
Acolhei de mãos dadas construí  
A civilização do amor**

Vede como os meus irmãos estão morrendo

De sede mesmo à beira da fonte  
Dizei-lhes que Eu sou a sua vida  
Parti para que o seu dia desponte!

Vede como está sofrendo o meu povo  
Da matéria fez seu Deus e Senhor  
Dizei-lhes que eu sou o seu caminho  
Parti, chamai todos ao amor!

Vede como impera o medo, o vazio  
Como urge o homem novo renascer  
Dizei ao mundo que Eu sou a verdade  
Parti, dai sentido ao seu viver!

Se partes sentirás que Eu estou contigo  
Pousando sobre ti o meu olhar  
Serei a tua força o teu abrigo  
E o mundo que Eu sonhei vai começar!

## INDICE

	PÁG.
Siglas .....	3
Apresentação .....	5
Itinerário de Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência .....	7
Introdução .....	9
Catequese 1 – <b>O diálogo - condição de relação</b> .....	31
Catequese 2 – <b>Eu e a criação</b> .....	45
Catequese 3 – <b>Recebeste, dá!</b> .....	57
Catequese 4 – <b>Jesus, salvador da humanidade</b> .....	71
Catequese 5 – <b>Natal: relação e partilha</b> .....	87
Catequese 6 – <b>Jesus Cristo: luz do mundo</b> .....	103
Catequese 7 – <b>Jesus (só?) de Nazaré</b> .....	117
Catequese 8 – <b>A opção de Jesus</b> .....	135
Catequese 9 – <b>Senhor, ensina-nos a rezar</b> .....	153
Catequese 10 – <b>Dá-te e viverás</b> .....	169
Catequese 11 – <b>Páscoa: da morte à vida</b> .....	185
Catequese 12 – <b>Cristo: nossa esperança</b> .....	209
Catequese 13 – <b>Ele está no meio de nós</b> .....	223
Catequese 14 – <b>A Eucaristia: festa da vida</b> .....	239
Catequese 15 – <b>“Fazei vós também...”</b> .....	259
Sugestões para reuniões de Pais .....	273
Músicas .....	275